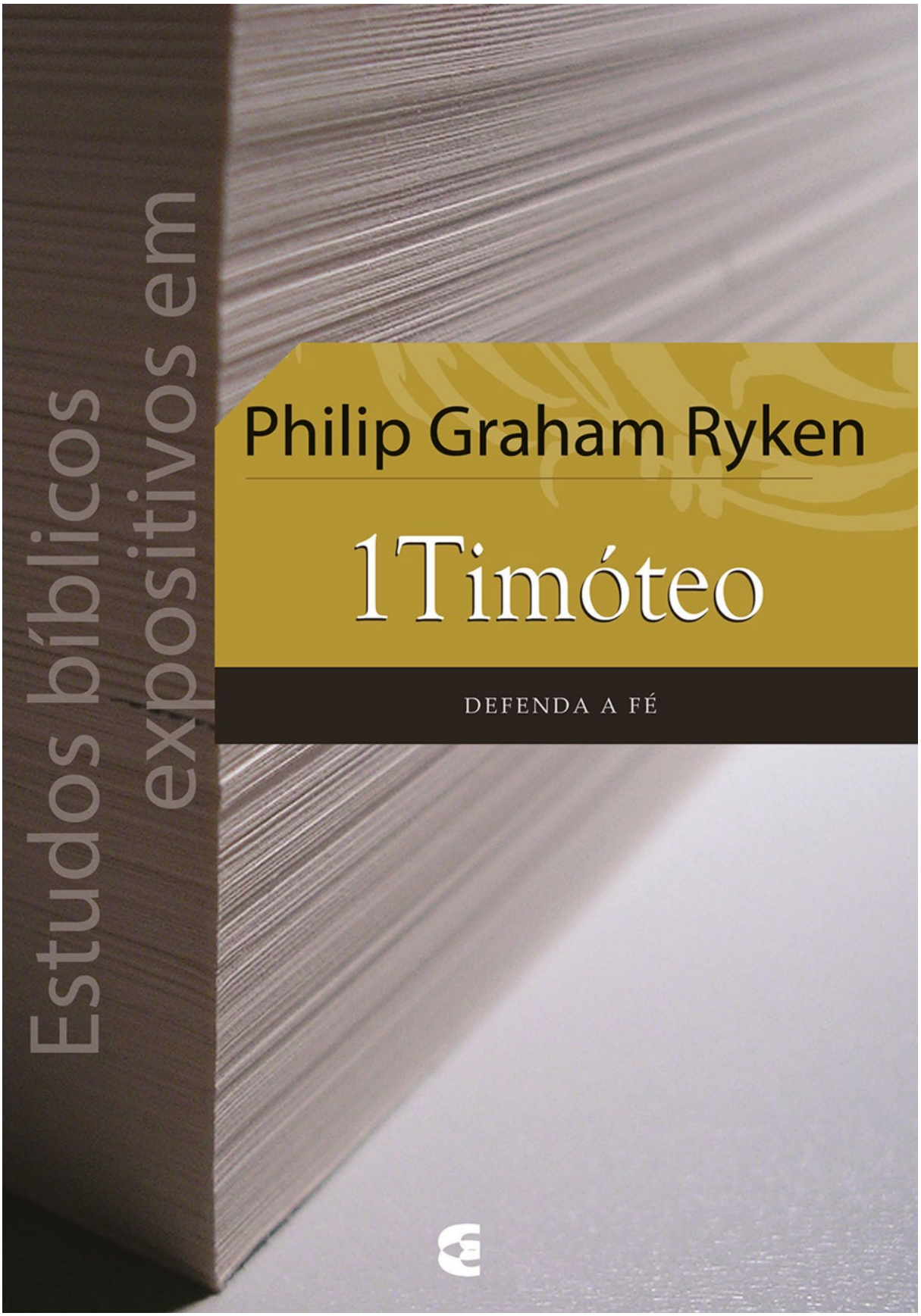
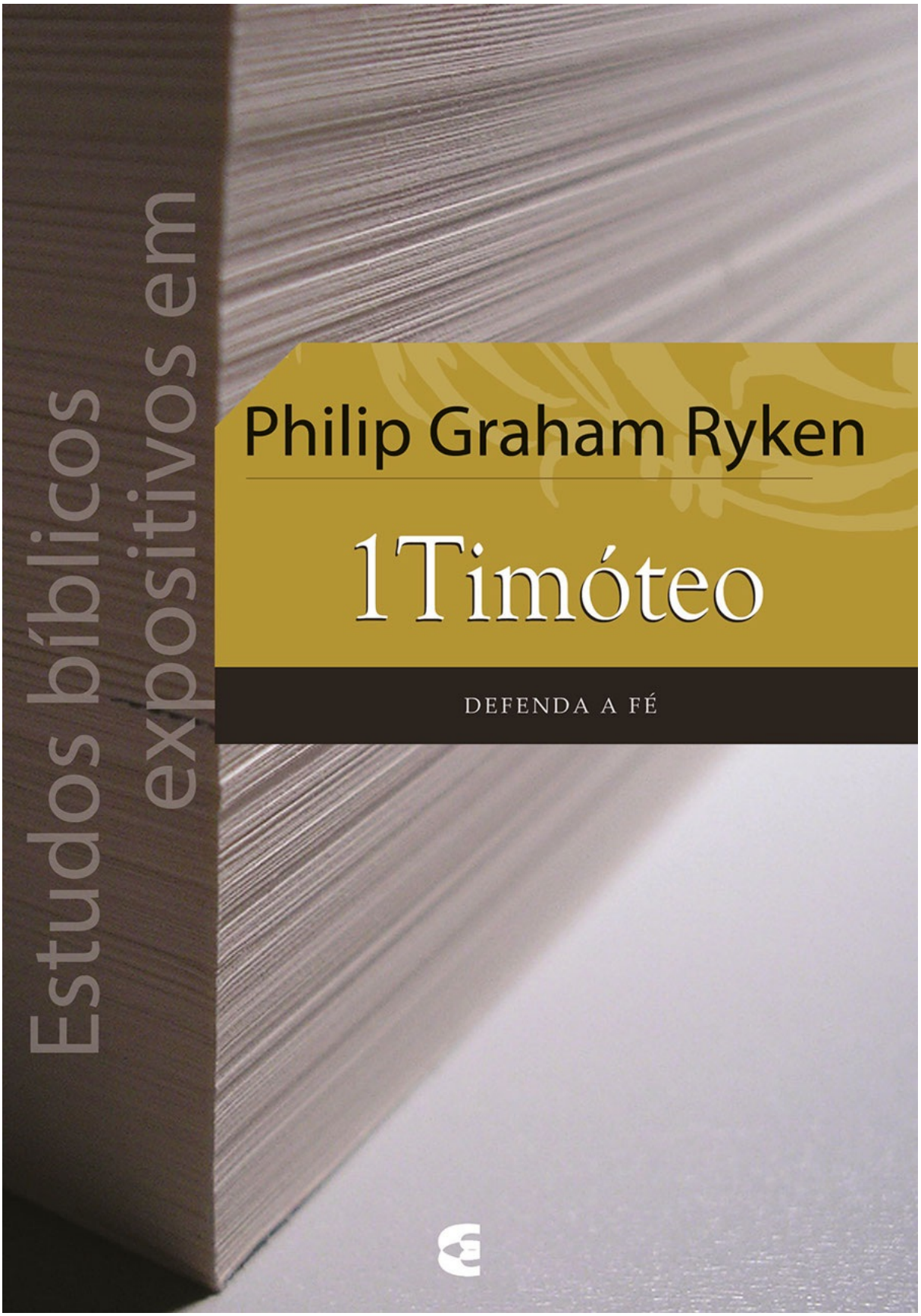
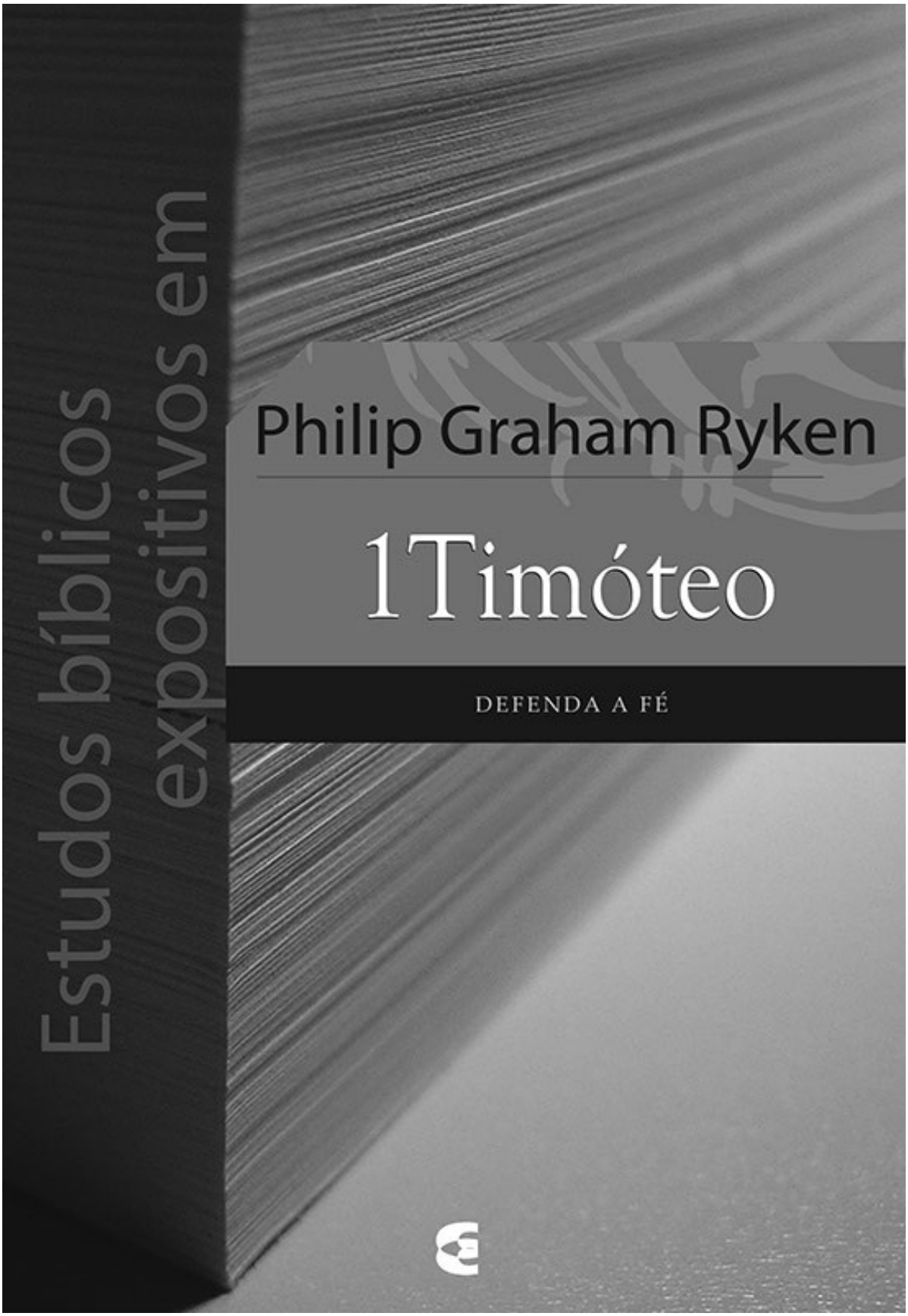

Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
1Timóteo
DEFENDA A FÉ


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
1Timóteo
DEFENDA A FÉ


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
1Timóteo
DEFENDA A FÉ

Estudos bíblicos expositivos em 1Timóteo, de Philip Graham Ryken © 2022 Editora Cultura Cristã. Publicado originalmente com o título Reformed expository commentary – 1Timothy © 2007 by Philip Graham Ryken. Todos os direitos são reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, estocada para recuperação posterior ou transmitida de qualquer forma ou meio que seja – eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outro modo – exceto breves citações para fins de resenha ou comentário, sem o prévio consentimento de P&R Publishing Company, P.O.Box 817, Phillipsburg, New Jersey 08865-0817.

1ª edição 2022

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de Mede

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

R993e

Ryken, Philip Graham

Estudos bíblicos expositivos em 1Timóteo / Philip Graham Ryken; tradução Vanderlei Ortigoza. –- São Paulo: Cultura Cristã, 2022.

Recurso eletrônico (ePub)

Título original: Reformed expository commentary – 1Timothy

ISBN 978-65-5989-116-0

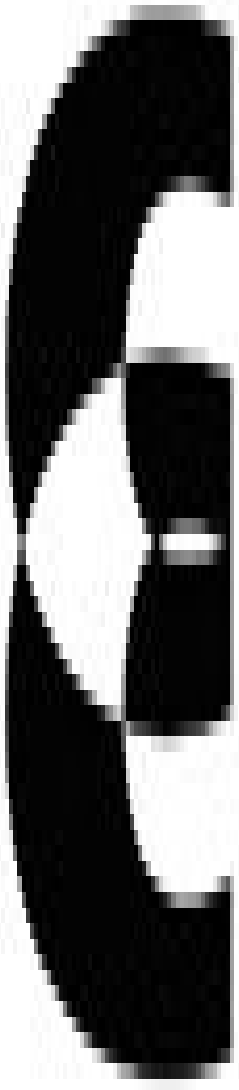
1. Exposição bíblica. 2. Vida cristã. I. Ortigoza, Vanderlei. II. Título.

CDU 227.5

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação

confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.


Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

A Dick Lucas,

que é digno de honra dobrada pelos seus esforços de pregação e ensino, e ao Rei eterno, imortal, invisível, o único Deus, honra e glória

pelos séculos dos séculos. Amém.

Sumário

Prefácio

Um verdadeiro filho na fé (1.1-11)

Misericórdia para o pior dos pecadores (1.12-16)

Imortal, invisível, Deus único (1.17)

Combatendo o bom combate (1.18-20)

A grande intercessão (2.1-7)

Homens e mulheres em oração (2.8-10)

O que Paulo verdadeiramente disse a respeito da mulher na igreja (2.11-15)

Qualificações para os presbíteros (3.1-7)

Qualificações para diáconos (3.8-13)

O grande mistério da piedade (3.14-16)

A origem da teologia incorreta (4.1-5)

Pastor em treinamento (4.6-10)

Um retrato do ministro quando jovem (4.11-16)

Regras da casa (5.1-8)

Religião pura e sem mácula (5.9-16)

O que as ovelhas devem aos seus pastores (5.17-25)

Sim, senhor! (6.1-2)

O cristão e o dinheiro (6.3-10)

Regras de engajamento (6.11-16)

O melhor investimento (6.17-21)

Prefácio

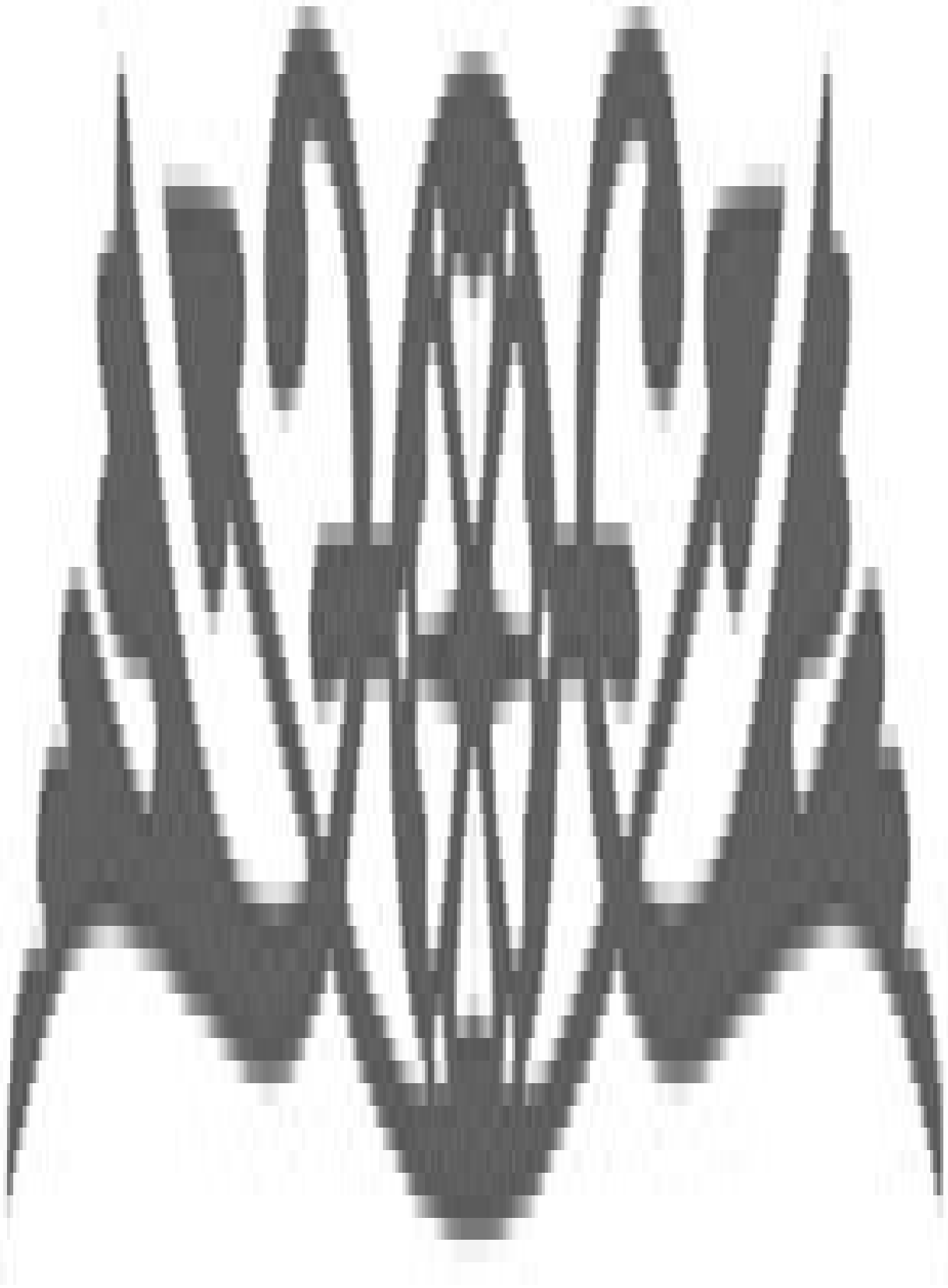
A exposição bíblica que deu ensejo a este livro foi originalmente pregada durante os cultos de domingo à noite ao longo dos primeiros anos do meu ministério pastoral na Tenth Presbyterian Church da Filadélfia. Pregar com base em 1Timóteo foi útil tanto para mim quanto para os meus ouvintes. A exemplo de Timóteo, por meio da leitura e pregação das Escrituras eu dava os primeiros passos no meu aprendizado de pastorear a igreja, da defesa da sã doutrina, de uma liderança piedosa e de atenção espiritual a todos os membros da casa de Deus. O estudo desta carta me fez sentir como se estivesse ao lado de Timóteo enquanto ele estagiava junto ao melhor de todos os mestres, o apóstolo Paulo.

Sou grato a Deus pela oportunidade de retornar a 1Timóteo e, por meio da presente obra, contribuir para esta coleção. O rascunho original foi consideravelmente aprimorado pelas sugestões de Rick Phillips, Iain Duguid e Dan Doriani, que se esforçaram muito para assegurarem-se de que minha exegese estivesse em conformidade com a melhor e mais recente erudição. Também sou especialmente grato ao Conselho e à congregação da Tenth Church pelas orações, pelo apoio e pelo período de licença concedido para que eu pudesse terminar a revisão final do manuscrito; à equipe da P&R Publishing pela publicação deste livro; e à Lisa e aos nossos filhos, pela fé resoluta e amor fiel. Somos todos membros da casa de Deus, e juntos confessamos o “mistério da piedade” (1Tm 3.16).

Ainda resta um débito especial de gratidão. Ao longo do último ano do meu doutorado na Universidade de Oxford, viajei a Londres todas as segundas-feiras para ouvir as aulas de pregação de Dick Lucas no Cornhill Training Institute. Por décadas, o reverendo Lucas tem desenvolvido um influente ministério de pregação na igreja Saint Helen, em Bishopsgate, centro do distrito financeiro de Londres, e ainda mais longe, incluindo evangélicos da Inglaterra e da América do Norte. Pela graça de Deus, seu ministério tem sido modelo de excelência na exposição da Escritura. Estudar semanalmente com ele foi uma parte importante da última etapa da minha preparação para o ministério. O reverendo Lucas também é famoso pela sua generosidade para com jovens ministros – exemplo vívido da instrução de Paulo a Timóteo para tratar os mais jovens “como a irmãos” (1Tm 5.1). Sua disposição para ler e comentar minha exposição de

1Timóteo é um exemplo típico de sua bondade e compromisso para com a pregação expositiva. Tanto para mim quanto para muitos outros, ele foi um verdadeiro pai na fé.

1Timóteo

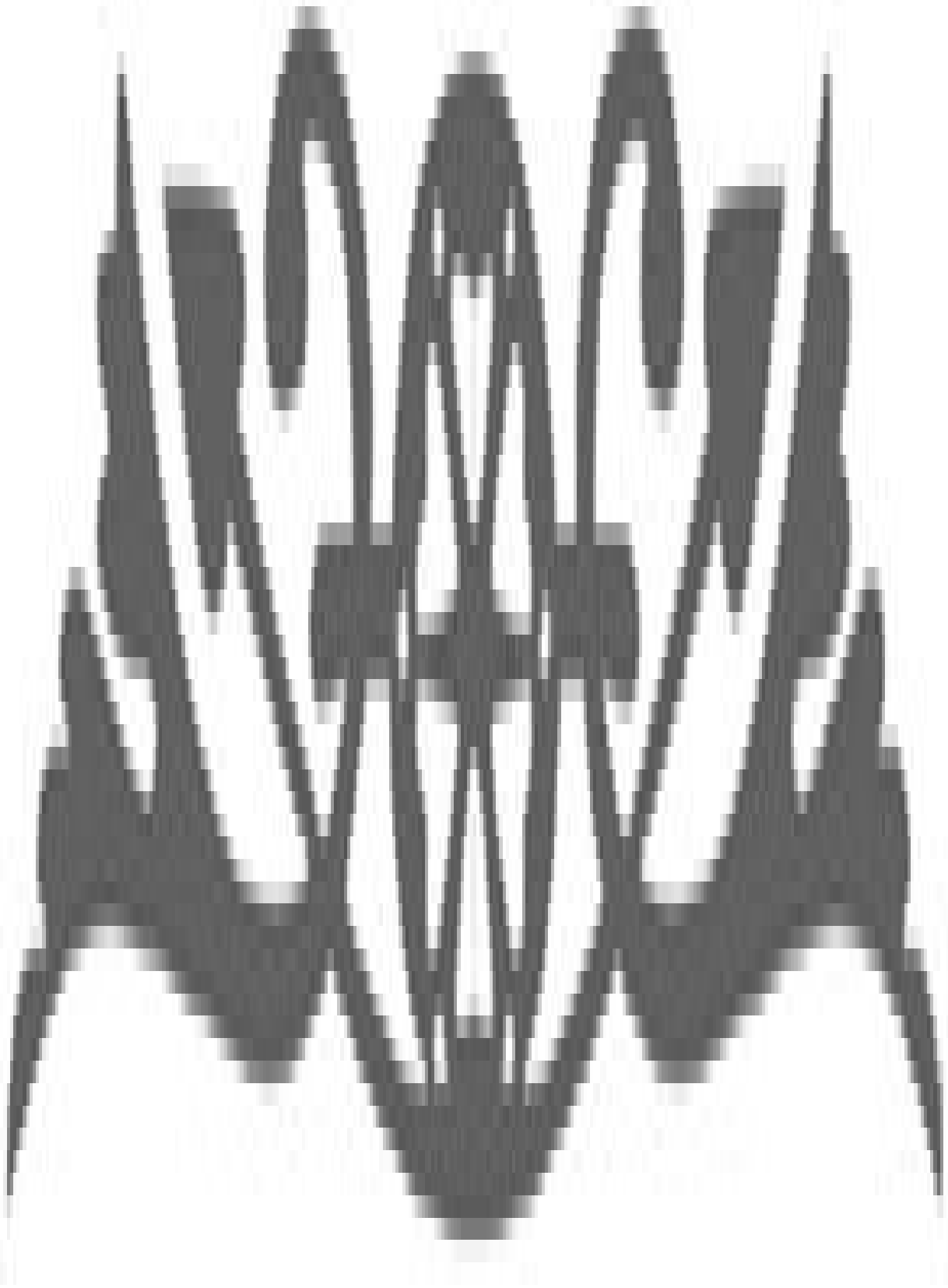


Defenda a fé

1

Um verdadeiro filho na fé

1Timóteo 1.1-11



Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, pelo mandato de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança, a Timóteo, verdadeiro filho na fé, graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor. (1Tm 1.1-2)

Quando comecei a faculdade, meu pai me presenteou com um exemplar do Manual de doutrina cristã, de Louis Berkhof, um pequeno clássico da tradição da teologia reformada. “Para Philip, na esperança de que sua teologia continue reformada durante a faculdade”, meu pai escreveu na dedicatória. Era seu desejo que eu permanecesse fiel às doutrinas bíblicas e evangélicas defendidas na Reforma Protestante como, por exemplo, a autoridade da Escritura e a justificação somente pela fé. Em outras palavras, desejava que eu permanecesse um verdadeiro filho na fé.

Um verdadeiro filho

Paulo desejava o mesmo para Timóteo. Considerando-se como pai espiritual do jovem ministro, endereçou sua primeira carta pastoral “a Timóteo, verdadeiro filho na fé” (1Tm 1.2). Na ocasião em que escreveu essa carta, Paulo se aproximava do fim de um ministério que havia transformado o mundo. Ele havia atuado como o grande missionário do Novo Testamento, evangelista de Deus para os gentios (At 9.15) e como apóstolo, isto é, mensageiro ou embaixador de Deus. Como testemunha do Cristo ressurreto (At 9.3-6), Paulo foi escolhido para ensinar o povo de Deus com autoridade divina.

Paulo não foi um apóstolo autodeclarado nem ordenado pela igreja, mas escolhido, chamado e ordenado diretamente por Jesus Cristo. Portanto, seu apostolado lhe foi entregue por “mandato de Deus, nosso Salvador, e de Cristo Jesus, nossa esperança” (1Tm 1.1). Trata-se não somente de uma poderosa afirmação da autoridade de Paulo como também de uma sólida afirmação da divindade de Jesus Cristo. O mandamento do Pai também é referido como mandamento do Filho, e vice-versa. Consequentemente, o Filho tem o mesmo poder e autoridade que o Pai. Jesus é Deus.

Percebe-se de início que a carta contém muitos ensinamentos profundos a respeito dos atributos e das ações de Deus: “Deus, nosso Salvador”, remonta à salvação que Deus realizou por meio de Cristo; “Cristo Jesus, nossa esperança”, antecipa o dia em que Cristo retornará em poder e glória. Consequentemente, como comentou John Stott: “Paulo situa seu apostolado num contexto histórico cujo início foi a obra salvadora de Deus, nosso Salvador pelo nascimento, morte e ressurreição de Jesus, e cuja culminação será Cristo Jesus, nossa esperança, seu retorno pessoal e glorioso, que é o objeto da nossa esperança cristã, ocasião em que as cortinas do processo histórico se fecharão”.1 Nada mau como introdução do remetente. O parágrafo inicial de Paulo menciona praticamente tudo o que Deus realizou e realizará para salvar seu povo.

Assim como a introdução, a saudação de Paulo também está impregnada de densa teologia. Paulo deseja a Timóteo “graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor” (1Tm 1.2). O apóstolo inicia com a tradicional saudação grega de graça (charis), encerra com a tradicional saudação judaica de paz (shalom) e acrescenta misericórdia (eleos) para tornar a bênção distintamente cristã.2 Por isso, desde o início sua carta está repleta de Cristo: repleta da esperança de que Cristo retornará em glória; da graça que Cristo oferece aos pecadores; da misericórdia que Cristo concede aos necessitados; da paz que Cristo estabeleceu com Deus por meio da sua morte na cruz. A carta oferece a graça, a misericórdia e a paz de Cristo para Timóteo, filho espiritual de Paulo.

Em vários aspectos, Timóteo era um verdadeiro filho na fé. Paulo encontrou esse jovem pela primeira vez em Listra durante sua segunda viagem missionária. Talvez o apóstolo já tivesse levado Timóteo a Cristo antes disso. Em todo o caso, Paulo soube da excelente reputação de Timóteo e o convidou para se juntar à sua equipe missionária (At 16.1-3). Timóteo iniciou seu ministério sob a tutela do apóstolo. Ele era como um filho por ser relativamente jovem. É por essa razão que Timóteo é um ótimo modelo para jovens pastores. É provável que estivesse com trinta e poucos anos de idade quando recebeu a carta. Apesar disso, Paulo o instrui a não se deixar menosprezar pelos outros em razão de sua idade (1Tm 4.12; cf. 2Tm 2.22).

Paulo também considerava Timóteo como filho em virtude do relacionamento de proximidade entre eles. Ambos viajaram juntos à Tessalônica (1Ts 3.2), a Corinto (1Co 4.17) e a Jerusalém (At 20.4). Timóteo permaneceu ao lado de Paulo por ocasião do encarceramento do apóstolo em Roma (Fp 2.19) e ambos

trabalharam juntos em seis cartas do Novo Testamento. As cartas de 2Coríntios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2Tessalonicenses e Filemom são de Paulo e Timóteo, obviamente com Paulo como autor principal. Além disso, Timóteo atuou como representante pastoral de Paulo, nomeado como líder para a igreja que o apóstolo havia estabelecido em Éfeso.

Depois de tudo pelo que passaram, não é de admirar que Paulo considerasse Timóteo seu filho espiritual. Ele utiliza um termo de afeição, teknon, que significa "filho querido". Ele demonstrou o mesmo sentimento paternal quando escreveu aos coríntios, referindo-se a Timóteo como "meu filho amado e fiel no Senhor" (1Co 4.17). Mais tarde, na prisão, comentou que "a ninguém tenho de igual sentimento [...] E conheceis o seu caráter provado, pois serviu ao evangelho, junto comigo, como filho ao pai" (Fp 2.20,22).

Uma fé verdadeira

O propósito de Paulo em 1Timóteo é auxiliar seu filho espiritual a permanecer fiel à verdade. Nos seus versículos introdutórios, Paulo exorta Timóteo a permanecer firme na verdadeira fé (1Tm 1.2), a lutar pela verdadeira doutrina (1Tm 1.3-4), a defender o uso verdadeiro da lei (1Tm 1.6-11) e a nutrir um amor verdadeiro (1Tm 1.5).

Então, em primeiro lugar, Timóteo tinha uma fé verdadeira. A coisa mais importante a seu respeito não era o fato de ser filho de Paulo, mas sim o de ser filho de Deus. Ele era um verdadeiro filho na fé. Portanto, o relacionamento entre os dois era tanto pessoal quanto espiritual. O vínculo de parentesco estava associado à fé em Cristo que ambos partilhavam. Timóteo era um verdadeiro filho de Paulo por ser um verdadeiro filho de Deus.

É possível que o propósito de Paulo ao se referir a Deus como "Pai" no início da carta fosse chamar a atenção de Timóteo para sua condição de filho querido de Deus. Esse é o grande privilégio de todo cristão. Como o apóstolo João exultou: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus" (1Jo 3.1). Todo aquele que nasceu de novo por meio do Espírito de Deus é um filho de Deus, com direito a desfrutar de toda proteção e afeição paternal de Deus. A expressão utilizada por Paulo para "verdadeiro filho" (gnēsio teknō) refere-se a um filho natural. Para os

judeus ortodoxos, o fato de Timóteo ser filho de mãe judia e de pai grego (At 16.1) o tornava um filho ilegítimo. Apesar disso, Timóteo era um cristão verdadeiramente nascido do Espírito e, portanto, legítimo herdeiro espiritual de Paulo.

Timóteo aprendeu a respeito da verdadeira fé com sua mãe. Na sua segunda carta a Timóteo, Paulo escreveu: “Pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti” (2Tm 1.5). Timóteo era verdadeiro filho na fé não apenas de Paulo, mas também da sua própria mãe cristã.

Os verdadeiros filhos ou filhas cristãos com frequência aprendem a respeito da fé com a mãe. Agostinho mencionou as orações incessantes da sua mãe, Mônica, pela sua salvação. Em suas Confissões, Agostinho testemunhou a respeito da fidelidade de sua mãe:

Minha mãe, tua serva fiel, chorava por mim diante de ti, chorando mais que uma mãe que chora a morte física de um filho. Pois ela, por meio da fé e do espírito que recebeu de ti, viu a morte em que eu me encontrava, e tu, Senhor, ouviste a oração dela. Tu ouviste e não desprezaste as lágrimas que dela se derramavam e encharcavam o chão sob seus olhos em todo lugar que orava; verdadeiramente tu a ouviste.3

Ou considere J. Gresham Machen, o defensor da ortodoxia cristã nos seminários de Princeton e Westminster durante as primeiras décadas do século 20. Foi sua mãe, Mary Gresham Machen, que o instruiu na fé por meio da Bíblia, do Breve Catecismo de Westminster e de O peregrino.*4

A influência da mãe é um fato, tanto para os grandes heróis da fé como para cristãos comuns. Penso na minha própria mãe, que considerava a maternidade a melhor porção do seu projeto de vida. Embora nem sempre considerasse fácil ficar em casa e cuidar dos filhos, pedia a Deus que abençoasse o investimento espiritual que dedicava a eles. Nesse sentido, ela frequentemente tomava para si a oração de Moisés: “Seja sobre nós a graça do Senhor, nosso Deus; confirma sobre nós as obras das nossas mãos, sim, confirma a obra das nossas mãos” (Sl

90.17). Mães que dedicam sua maternidade ao Senhor geralmente são abençoadas, no final, com filhos e filhas semelhantes a Timóteo: verdadeiros filhos na fé.

A verdadeira doutrina

Os verdadeiros filhos que se tornam ministros devem ensinar a verdadeira doutrina. Essa é a primeira coisa que Paulo comenta no corpo da sua carta:

Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia, te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina, nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que, antes, promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé. (1Tm 1.3-4; cf. 2Tm 2.14,16, 23)

Essa ordem ajuda a situar toda a carta em contexto. Timóteo estava em Éfeso, cidade visitada pelo menos duas vezes por Paulo, sendo que a primeira foi muito brevemente (At 18.19-21) e a segunda se estendeu por mais de dois anos de muito ensino (At 19.10). É possível que Paulo tenha escrito 1Timóteo pouco depois da sua segunda visita, embora seja mais provável que tenha escrito algum tempo depois de ter sido liberto da prisão em Roma. Em todo caso, Timóteo se encontrava em Éfeso, centro da estratégia de Paulo para o estabelecimento de igrejas na Ásia Menor.

Sendo assim, a primeira carta de Paulo a Timóteo foi de fato sua segunda carta aos efésios. Não se tratava de correspondência particular, uma vez que a bênção ao final do capítulo 6 está no plural (1Tm 6.21), indicando, a exemplo das demais cartas de Paulo, ter sido endereçada a toda a igreja. Isso quer dizer que 1Timóteo pode e deve ser lida em vários níveis: como comunicação pessoal de um apóstolo a um ministro encarregado de liderar uma igreja local; como carta pastoral de um plantador de igrejas a uma congregação amada com instruções para seu desenvolvimento; como declaração geral de princípios para a vida, o ministério e a adoração da família da fé. Paulo declara o propósito da carta no

capítulo 3: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.14-15).

Timóteo deveria permanecer em Éfeso com o propósito de admoestar “certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1Tm 1.3). O termo utilizado para “outra doutrina” bem pode ter sido inventado por Paulo: heterodidaskalein (cf. 1Tm 6.3). Em suas cartas, com frequência Paulo condena todo aquele que prega um Jesus, um Espírito ou um evangelho diferentes (2Co 11.4; cf. Gl 1.6). Toda doutrina diferente da doutrina verdadeira é uma doutrina falsa. Há somente uma teologia correta; as demais são incorretas. Há somente uma ortodoxia; o restante é heterodoxia (embora obviamente a igreja deva fornecer respostas a questionamentos e desafios que surgirem em cada geração). Calvino colocou isso de modo apropriado: “Portanto, nós ensinamos que a partir de agora o ministro fiel não está autorizado a cunhar nenhuma nova doutrina, mas somente a aderir à doutrina que Deus sujeitou os homens, sem exceção”.5

Quem eram os mestres heterodoxos da igreja de Éfeso? Paulo não cita nomes. Antes, refere-se ameaçadoramente a eles como “certas pessoas”. Não há dúvida de que Timóteo sabia exatamente a quem o apóstolo estava se referindo. É possível imaginar os olhares denunciadores que os líderes da igreja teriam lançado sobre essas pessoas.

O que esses mestres ensinavam? Eles eram obcecados por fábulas e genealogias sem fim. “Fábulas” parece ser uma referência às histórias ou filosofias gnósticas dos antigos gregos. Platão, por exemplo, utilizava o termo para se referir a lendas e mitos da Antiguidade.6 No entanto, ainda que a igreja sofresse alguma influência grega (especialmente em razão de Éfeso ser o lar da deusa Diana), é mais provável que “fábulas e genealogias sem fim” refira-se aos ensinamentos de alguns rabinos judeus (cf. Tt 1.14; “fábulas judaicas”). Nesse caso, é digno de nota que os falsos mestres de Éfeso almejassem ser “mestres da lei” (1Tm 1.7).

Dois textos judaicos antigos ajudam a esclarecer o que Paulo quis dizer. São eles O livro do jubileu, escrito por volta de 125 a.C. O outro foi escrito depois de 70 d.C. e é chamado As antiguidades bíblicas de Filo. Essas obras relatam a história do Antigo Testamento de um ponto de vista farisaico e incluem extensas genealogias. Além disso, vão além das Escrituras, especulando a respeito da biografia dos santos bíblicos. John Stott refere-se a elas como “revisões tendenciosas de uma porção histórica do Antigo Testamento. Ambas salientam a

indestrutibilidade de Israel e da lei. E ambas adornam sua história com acréscimos fantasiosos".7 Aparentemente, os teólogos heterodoxos de Éfeso seguiam o mesmo raciocínio, tomando a Bíblia como ponto de partida e inventando o restante conforme a necessidade. Seus ensinamentos não passavam de conjecturas, produto de imaginação fértil. Então, como hoje, suas teorias especulativas provavelmente despertassem o interesse de ouvintes fracos ou doutrinariamente deficientes.

A presença desses falsos mestres não era surpresa para Paulo. Quando ele se despediu dos presbíteros de Éfeso, com um discurso marcado pela emoção, advertiu-os quanto a essa possibilidade: "Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles" (At 20.29-30). Observe a preocupação de Paulo: que os falsos mestres desviassem o povo de Deus da verdade do evangelho.

A igreja contemporânea enfrenta o mesmo perigo. As fábulas e genealogias sem fim são os textos extrabíblicos tratados como Escritura. Nessa categoria se encaixam documentos considerados sagrados por muitas seitas, como o Livro de Mórmon. Da mesma forma os apócrifos (quando considerados Escritura Sagrada), porquanto tais textos antigos foram rejeitados pelos judeus como não pertencentes à Palavra de Deus. Outro exemplo é o Evangelho de Tomé, que o Jesus Seminar** e outros grupos heréticos tentaram tornar famoso. Essa obra, compilada no Egito em algum momento entre 150 e 350 d.C., afirma conter mais 120 "ditos secretos de Jesus em vida". Embora alguns ensinamentos se assemelhem aos Evangelhos bíblicos, o restante não passa de fábulas.

Outra fábula é a tentativa de encontrar conhecimento oculto na Bíblia. Um exemplo notório é o The Bible code, obra que rearranja as letras do livro de Gênesis e alega decifrá-las com o propósito de predizer acontecimentos futuros. De acordo com o autor, episódios como a Guerra do Golfo e o assassinato de Yitzhak Rabin foram profetizados por esse "Código da Bíblia".8 Há muitos problemas sérios com detalhes específicos de The Bible code.9 Porém, toda a abordagem é equivocada: ela negligencia o sentido óbvio da Escritura a fim de especular a respeito de questões meramente contemporâneas. De modo semelhante, o romance O código Da Vinci, de Dan Brown, propõe-se a fornecer conhecimentos secretos a respeito de Jesus, mas esse conhecimento é fundamentado numa miscelânea duvidosa e desacreditada de "Evangelhos" e especulações históricas.10

Muitas discussões evangélicas a respeito do fim dos tempos também se encaixam nessa categoria. Mesmo que não sejam fábulas ou genealogias, são no mínimo “sem fim”. Algumas pessoas parecem correr para consultar livros de profecias bíblicas a cada acontecimento no Oriente Médio, desejosas de estabelecer o ponto em que nos encontramos na linha do tempo para a eternidade. Porém, de modo geral, elas estão fazendo as perguntas erradas e obtendo as respostas erradas. Uma porção considerável dos dogmas do catolicismo romano também pode ser tida como fábulas. Doutrinas católicas fundamentais como o purgatório, a veneração dos santos e a adoração a Maria vieram da tradição. Trata-se de especulações que vão além do ensinamento bíblico, exatamente o tipo de “outra doutrina” condenada pela Bíblia.

Os verdadeiros filhos na fé não devem propagar esse tipo de coisas por duas razões. Primeira, porque “antes, promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé” (1Tm 1.4; cf. 6.4 e 2Tm 2.14). Nem toda discussão religiosa é benéfica, como os efésios estavam começando a perceber. Alguns temas acabam gerando discussões a respeito de textos religiosos antigos, do final dos tempos, de dogmas heréticos ou outras questões não tratadas pela Bíblia.

A outra razão para não ensinar falsas doutrinas é simplesmente por se tratar de total perda de tempo: “Desviando-se algumas pessoas destas coisas, perderam-se em loquacidade frívola” (1Tm 1.6; cf. 2Tm 2.16). Ou seja, desorientaram-se teologicamente. Elas se desviaram, que é a maneira como a maioria das pessoas abandona a ortodoxia cristã: um passo de cada vez. Quanto mais se desviavam, mais tediosas e tendenciosas se tornavam suas doutrinas. Em outras passagens do Novo Testamento (Gálatas, por exemplo), Paulo atacou os falsos ensinamentos em razão do perigo que representam para o evangelho. Aqui, o problema não é tanto o evangelho que está em jogo, mas a questão da mordomia. A heterodoxia é uma perda de tempo.

Atualmente, um local comum para discussões sem sentido é a internet, repleta de pessoas que se envolvem em discussões teológicas enfadonhas e improdutivas. O mesmo ocorre em seminários e faculdades de teologia, nos quais os estudiosos estão o tempo todo atrás de novidades. No entanto, alguns temas religiosos sequer são dignos de discussão. Há aqui uma troca equilibrada entre falar e fazer. Ambos podem promover controvérsias ou podem exercer boa mordomia ao pensar sobre teologia. A salvação em Cristo é a obra mais importante que Deus planejou ou realizou pelo seu povo. Portanto, é a mensagem mais importante para estudarmos, ensinarmos e vivermos. Nada deve distrair o cristão dessa

mensagem, menos ainda especulações inúteis que se estendem para além das Escrituras. Por que perder tempo quando há tanto trabalho para ser feito?

Essa é uma advertência para não supervalorizar o que não é importante. Quem almeja ser dogmático, deve se certificar de que seu dogma está correto. Paulo diz que os falsos mestres de Éfeso eram pessoas convictas. Segundo o apóstolo, os ensinamentos deles estavam repletos de "ousadas asseverações", apesar de sequer compreenderem o que diziam (1Tm 1.7). Arrogância e ignorância formam uma combinação perigosa aqui. O erro pode ser ensinado com a mesma convicção com que se ensina o que é certo. De fato, quanto mais a pessoa se mostra propensa a discussões teológicas, mais provavelmente se encontre espiritualmente desequilibrada. Philip Towner aplica a lição espiritual óbvia: "Essas características compõem o retrato eterno do falso mestre. Sutilezas doutrinárias, interpretações especiais, reivindicações ilegítimas de autoridade, controvérsia e dogmatismo devem fazer o povo de Deus desconfiado. Ao mesmo tempo, evidências dessas mesmas tendências na nossa própria vida devem fazer soar o alarme".11

O verdadeiro uso da lei

A razão pela qual os falsos mestres eram incongruentes em Éfeso tinha a ver com a lei de Deus. O desejo deles de serem "mestres da lei" (1Tm 1.7) sugere que reivindicavam o direito de interpretar a lei de Moisés contida no Antigo Testamento. Os falsos mestres queriam ser como os doutores da lei, o que chamou a atenção de Paulo para um terceiro aspecto que todo verdadeiro filho na fé deve demonstrar: um verdadeiro entendimento da lei.

Paulo não se opunha à lei em si, mas aos autoproclamados mestres da lei de Éfeso. Então, ele rapidamente continua para dizer: "Sabemos, porém, que a lei é boa, se alguém dela se utiliza de modo legítimo" (1Tm 1.8; cf. Rm 7.12). Há uma óbvia ênfase aqui, que a versão em inglês New English Bible traduz como: "Todos sabemos que a lei é algo excelente, desde que a tratemos como lei".

Qual é o modo correto de utilizar a lei? Os cristãos reformados têm ensinado que há três usos corretos da lei bíblica. Primeiro, o uso espiritual com o propósito de revelar pecados. Como Martinho Lutero escreveu no seu Lectures on Galatians [Sermões sobre o livro de Gálatas] a lei revela o pecado para os pecadores, "para

que, por meio da admissão do pecado, eles possam se humilhar, se espantar e se aviltar e, por meio disso, desejar a graça".12 Segundo, o uso civil da lei com o propósito de reprimir malfeitores. Nesse caso, a lei é útil para a sociedade; ela mantém os criminosos no devido lugar deles. Calvino acrescentou "um terceiro e principal uso" da lei, ou seja, ensinar a vontade de Deus para a nossa vida. É desse modo que os cristãos utilizam a lei. À medida que meditamos nela, somos "despertados para a obediência [...] e puxados do caminho escorregadio da transgressão".13 Esses três usos da lei podem ser referidos como uso pedagógico, uso político e uso piedoso.

Que uso Paulo tinha em mente quando escreveu: "tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores"? (1Tm 1.9). Obviamente, o apóstolo não está se referindo ao terceiro uso da lei, ou seja, à obediência do cristão à lei de Cristo. Em vez disso, ele está se referindo a um uso da lei que não se aplica a cidadãos obedientes que já sabem como se comportar. Portanto, tem em vista principalmente o segundo uso: o poder da lei de refrear, na sociedade, aquelas pessoas que vivem de acordo com suas próprias leis. A lei humana não é para os santos, mas para pecadores. Alguns comentaristas usam esse versículo para ressaltar que ninguém é justo; todos são transgressores da lei. Isso é verdadeiro, mas não é esse o ponto principal da passagem. Embora Paulo não negue que a lei tem outros usos, sua preocupação aqui é principalmente o uso civil da lei.

O segundo uso da lei está implícito na lista de pecados apresentada pelo apóstolo: "tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina" (1Tm 1.9-10). Aqui Paulo menciona as formas mais extremadas de rebeldia e insubordinação. Ele não condena o furto, mas o sequestro, não a lascívia, mas a perversão sexual, não a "mentirinha inofensiva", mas o perjúrio, e assim por diante. De fato, ele escolhe os tipos de pecado repulsivos geralmente proibidos pela lei civil. De acordo com a lei romana, a maior parte desses pecados era punível com a pena de morte. A lei tem o propósito importante de reprimir comportamentos perversos. "Essa, diz Paulo, é a razão de Deus ter dado sua Lei, não para especulações inúteis e discussões sem sentido."14

A lista em 1Timóteo também parece ecoar quase todos os Dez Mandamentos.15 Uma maneira de perceber isso é começar com "parricidas e matricidas" e seguir

de trás para frente. Trata-se de violência doméstica que transgride o quinto mandamento: honrar pai e mãe. A palavra “profanos” descreve de modo apropriado aqueles que transgridem o quarto mandamento ao profanar o Dia do Senhor. “Ímpios” é uma descrição que se aplica bem àqueles que não santificam o nome de Deus, dessa maneira transgredindo o terceiro mandamento. “Irreverentes” e “pecadores” talvez sejam referências àqueles que transgridem o primeiro e o segundo mandamentos. Todavia, ainda que Paulo não tivesse em mente os dois primeiros mandamentos, fez referência explícita aos mandamentos sexto ao nono. “Homicidas” transgridem o sexto mandamento; “impuros” e “sodomitas”, o sétimo. Em seguida, “raptores de homens”.*** Algumas vezes o Novo Testamento é criticado por promover a escravidão, mas Paulo condena o tráfico de escravos como transgressão grave do oitavo mandamento. Por fim, condena também “mentirosos” e “perjuros” que transgridem o nono mandamento, a saber, não prestar falso testemunho. Talvez o décimo mandamento, que proíbe a cobiça, tenha sido omitido em razão de se referir a uma atitude pecaminosa não punível pela lei civil.

Depois de rememorar os mandamentos de Deus, o comentário final de Paulo a respeito da lei vem como uma surpresa: a lei é “para tudo quanto se opõe à sã doutrina, segundo o evangelho da glória do Deus bendito, do qual fui encarregado” (1Tm 1.10-11). Os terríveis pecados que acabaram de ser mencionados são o resultado de uma doutrina defeituosa. Não apenas eles são contrários à lei, mas não estão de acordo com a “sã doutrina, segundo o evangelho da glória do Deus bendito”. Assim, o evangelho exige a mesma conduta que a elei exige – não como um modo de merecer a graça, mas como a correta reação de gratidão.

É algumas vezes argumentado que o evangelho tornou a lei obsoleta. É verdade que o evangelho suprime a lei como base para a justificação. Assim, a diferença entre lei e evangelho é que a lei não tem poder para salvar. Como Paulo explicou em outra passagem: “por obras da lei, ninguém será justificado” (Gl 2.16). Somente o evangelho – no qual a justiça de Cristo é oferecida a nós pela fé – é capaz de justificar. No entanto, o evangelho não rebaixa os padrões legais de Deus. A lei permanece útil para levar pecadores a Cristo (uso pedagógico), reprimir o pecado (uso político) e ensinar o cristão a viver para Cristo (uso piedoso). Consequentemente, como explica George Knight: “quando a lei é aplicada corretamente como repressão ética contra o pecado, está em total concordância com a norma ética fornecida no evangelho como padrão para a vida redimida”.16

Além de não estar em conformidade com o evangelho, transgredir a lei é uma atitude contrária à sã doutrina. A palavra para “sã” (hygiainousē) é um termo médico com o sentido de “saudável” ou “íntegro”. Não é possível separar a vida da doutrina. Teologia defeituosa produz comportamento incorreto, e uma vida incorreta sempre demonstra uma doutrina defeituosa. Em última análise, todo pecado vem de a pessoa não crer corretamente em Deus.

É significativo que o texto grego de 1Timóteo refira-se ao ensino correto como “a sã doutrina” (1Tm 1.10). Não uma doutrina sã, mas a sã doutrina, conceito que se repete ao longo das cartas pastorais: a fé, a verdade, o ensino e assim por diante. A Bíblia insiste num único padrão de teologia cristã. Esse padrão é o ensino de Cristo e dos seus apóstolos conforme registrado nas páginas do Novo Testamento e em total concordância com o testemunho profético do Antigo Testamento.

A ênfase de Paulo na sã doutrina é um corretivo valioso para nossa época pluralista, em que as pessoas dizem: “Sua teologia é apenas sua opinião. O cristianismo pode ser verdade para você, mas não para mim”. Um exemplo notável desse tipo de pensamento pode ser percebido em Man Friday, um filme de 1975 baseado no romance Robinson Crusoé. Embora a história original, de autoria de Daniel DeFoe, seja uma obra profundamente cristã, o filme apresenta Friday (Sexta-feira, amigo de Crusoé) como um defensor do pluralismo religioso: “Adore do jeito que quiser”, diz Friday. “Contanto que seja sincero, Deus não vai se importar.”17

No entanto, a verdade é que Deus de fato se importa. Há somente uma teologia correta; todas as demais são falsas. Aqui está como John Stott aplicou a ênfase de Paulo à verdade da sã doutrina na vida do cristão contemporâneo:

A pertinência desse tema neste final do século 20 é evidente. Isso porque a cultura contemporânea está sendo engolida e tragada pelo espírito do pós-modernismo. [...] A mente pós-moderna [...] afirma não haver nenhuma verdade objetiva ou universal; que toda chamada “verdade” é puramente subjetiva, sendo culturalmente condicionada; e que, portanto, cada um tem sua própria verdade, com o mesmo direito ao respeito que qualquer outra. O pluralismo é um produto do pós-modernismo; ele afirma a legitimidade de todo tipo de fé e ideologia, e exige, com grande eloquência, que abandonemos a incrível arrogância de tentar

converter alguém (que dirá o mundo inteiro) às nossas opiniões. Em contraste com essa relativização da verdade, é maravilhosamente interessante ler o firme compromisso de Paulo com ela.18

Quando Calvino dedicou seu Comentário ao Duque de Somerset, ele referiu-se a 1Timóteo como “fortemente relevante para a nossa época”.19 Cinco séculos depois, a carta se mostra ainda mais relevante. Hoje, como no passado, Deus deseja que seus verdadeiros filhos e filhas na fé conheçam e defendam a ortodoxia porque ela é a verdadeira doutrina.

O verdadeiro amor

Que conotações são trazidas à mente pela palavra “doutrina”? Para muitas pessoas, o termo evoca algo rígido, inflexível, nada prático e, provavelmente, tedioso. A última pessoa que a maioria das pessoas quer encontrar é a que se propõe a corrigir a sua teologia. Não obstante, é exatamente o que Paulo instruiu Timóteo a fazer: “admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1Tm 1.3). Nesse sentido, uma admoestação é uma ordem militar. Portanto, a Bíblia concede ao ministro autoridade para opor-se à falsa doutrina. No entanto, observe que a defesa da verdadeira doutrina tem como objetivo produzir amor verdadeiro: “Ora, o intuito da presente admoestação visa ao amor que procede de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia” (1Tm 1.5). O verdadeiro filho na fé deve estar imbuído de amor verdadeiro, o qual, de acordo com as Escrituras, flui naturalmente a partir do amor pela doutrina.

A falsa doutrina faz exatamente o oposto. O problema da heterodoxia não é simplesmente o fato de ser um ensino heterodoxo, mas também o fato de dar ensejo a controvérsias. Falsas doutrinas perturbam a vida e o amor da igreja. Em seu livro The cruelty of heresy, C. F. Allison argumenta que a heresia é a maior de todas as crueldades.20 Isso porque o herege não ama suficientemente as pessoas para adverti-las do julgamento vindouro nem insiste que Jesus é o único caminho para a salvação. Ao final, toda teologia falsa é um assassinato da alma. Espalhar heterodoxia talvez seja a coisa mais hedionda que existe. Haverá pecado maior do que assassinar uma alma?

Somente a verdadeira doutrina ensina as pessoas a amar a Deus e aos outros. A verdadeira doutrina produz amor que provém de um “coração puro” (1Tm 1.5). O coração é o centro da vida espiritual interior. Coração puro ou limpo é um coração que ama, porquanto não busca os próprios interesses, não está contaminado por motivações dúbias. Sua única aspiração é colocar o outro em primeiro lugar. O verdadeiro amor também provém de uma “consciência boa” (1Tm 1.5). A consciência é o centro da vida moral. Uma consciência culpada produz ódio contra o próximo, cria distanciamento e até animosidade no relacionamento. Em contrapartida, a consciência transformada pela graça de Deus nada tem a esconder. Aproxima as pessoas umas das outras num relacionamento íntimo. Por fim, o verdadeiro amor provém de uma “fé sem hipocrisia” (1Tm 1.5). O hipócrita ama mais a si que ama o próximo. Sua maior preocupação é com o que os outros pensam dele, enquanto o verdadeiro amor é abnegado.

Este tipo de amor – o amor verdadeiro, que procede de um coração puro, uma consciência boa e uma fé sincera – é a melhor propaganda da verdadeira doutrina e a melhor demonstração da nossa teologia, porquanto o verdadeiro amor e a verdadeira doutrina caminham lado a lado. A teologia liberal quer amor sem doutrina. Está disposta a tolerar todo tipo de erro doutrinário, desde que isso não cause discussões entre as pessoas. Em contrapartida, algumas igrejas reformadas estão dispostas a colocar o amor de lado, desde que possam preservar a sã doutrina. Ora, nem um nem outro é amor verdadeiro ou doutrina verdadeira. Se há doutrina pura, o amor deve ser sublime.

Você pratica a doutrina do amor na mesma medida que ama sua doutrina? Quanto mais compreendemos a graça de Deus em Cristo, mais nossa vida transbordará de zelo pelo perdido, de amor pela igreja e de compaixão pelo necessitado. Se não praticamos fervorosamente o amor, há algo errado com nosso amor, com nossa doutrina, ou com ambos.

A Bíblia não informa se Timóteo permaneceu um verdadeiro filho na fé. Presumivelmente, ele o fez. Infelizmente, porém, a Bíblia relata que sua congregação acabou se desviando do Senhor. O Novo Testamento registra outra carta enviada aos efésios. A breve carta à igreja de Éfeso em Apocalipse 2 elogia calorosamente a congregação por ter defendido a verdadeira doutrina: “puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos” (Ap 2.2). Não obstante, ao longo do caminho os efésios acabaram perdendo o verdadeiro amor: “Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu

primeiro amor” (Ap 2.4). Amaram a doutrina, mas se esqueceram da doutrina do amor.

Esse é um lembrete de que os verdadeiros filhos de Deus também devem ter um amor verdadeiro bem como uma fé e uma doutrina verdadeiras. Quem é apto para isso? Quem é capaz de defender a verdade da Palavra de Deus e ao mesmo tempo praticar o amor do evangelho? Isso é possível somente por meio da obra salvadora de Jesus Cristo e da obra transformadora do Espírito. Por meio de esforço próprio somente podemos defender a verdade sem amor ou viver em amor sem defender a verdade, não as duas coisas. Sem o amor de Deus, nos tornamos inevitavelmente ríspidos, condenadores e legalistas em defesa da verdade; sem a verdade de Deus, nosso amor se torna uma desculpa para fazer concessões no que diz respeito à teologia. Infelizmente, é o que em geral se observa nas igrejas: verdade sem amor ou amor sem verdade, raramente as duas coisas juntas. No entanto, quando encontramos amor e verdade caminhando juntos, estamos diante de uma obra graciosa realizada somente pelo único e verdadeiro Deus,21 que se utilizará dessa união do amor com a verdade para salvar pecadores que estão rumando para a morte.

Notas

* Clássico cristão da autoria de John Bunyan. (N. do R.)

** “Jesus Seminar” é um encontro acadêmico periódico no qual eruditos apresentam estudos que supostamente contribuem para a “reconstrução” do “verdadeiro” Jesus. Trata-se da roupagem contemporânea que a erudição em Novo Testamento deu à “busca pelo Jesus histórico”. Embora algumas pesquisas apresentadas no Jesus Seminar eventualmente representem colaborações reais para a interpretação bíblica, o fato é que a iniciativa de per si se fundamenta em pressuposições modernistas que questionam a credibilidade da Escritura como resgistro histórico. Consequentemente, a maior parte da produção acadêmica do Jesus Seminar não tem um compromisso com as doutrinas da inerrância e da inspiração da Escritura (N. do R.).

*** Traduzido como “escravizadores” por algumas versões em inglês; em português: “roubadores de homens” (ARC e ARF); “exploradores de homens” (A21); “sequestradores” (NVI e NTLH). (N. do T.)

1 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove: InterVarsity, 1996), p. 39.

2 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper’s New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 41.

3 Agostinho. The confessions of St. Augustine, trad. Rex Warner (Nova York: Penguin, 1963), 3:11.

4 D. G. Hart. Defending the faith: J. Gresham Machen and the crisis of conservative Protestantism in modern America (Baltimore: Johns Hopkins, 1994), p. 13.

5 João Calvino. Institutes of the Christian religion, trad. Ford Lewis Battles, 2 vols., Library of Christian classics 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), 4.8.9.

6 Platão. The Republic of Plato, trad. Francis MacDonald Cornford (Nova York: Oxford University Press, 1945), 330 D.

7 Stott. Guard the truth, p. 44.

8 Michael Drosnin. The Bible code (Nova York: Simon and Schuster, 1996).

9 Veja Benjamin Wittes. “Of Bible codes and idols”, First things 78 (dez./1997): 12-14.

10 Dan Brown. The Da Vinci code (Nova York: Doubleday, 2003).

11 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 49.

12 Martinho Lutero. Luther’s works, org. Jaroslav Pelikan (St. Louis: Concordia, 1963), 26:327.

13 Calvino. Institutes, 2.7.12.

14 Gordon D. Fee. 1 and 2Timothy, Titus, New International Biblical Commentary (Peabody: Hendrickson, 1988), p. 46.

15 Veja George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 83-85.

16 Knight. Pastoral Epistles, p. 91.

17 Philip Zaleski. “The strange shipwreck of Robinson Crusoe”, First things 53 (mai./1995): 41.

18 Stott. Guard the truth, p. 10.

19 João Calvino. The Epistles of Paul to Timothy and Titus (1548-1550; Edimburgo: Oliver and Boyd, 1964), p. 182.

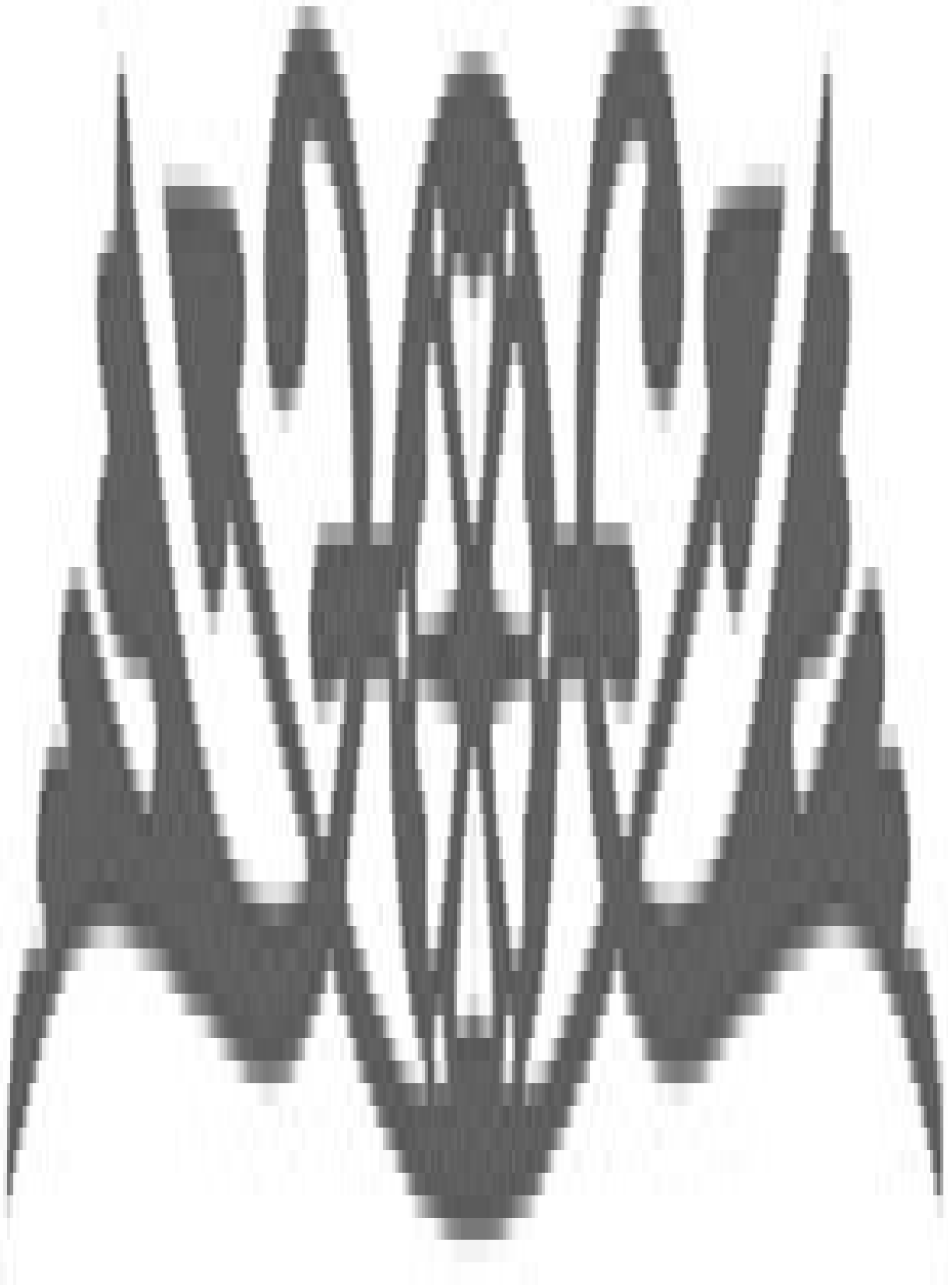
20 C. FitzSimons Allison. The cruelty of heresy: An affirmation of Christian orthodoxy (Londres: SPCK, 1994).

21 Francis Schaeffer argumenta de maneira semelhante sobre o amor e a pureza em The church at the end of the twentieth century (Downers Grove: InterVarsity, 1970), p. 98. [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, com o título A igreja no século 21, 2010. Esta é uma edição especial que inclui The church at the end of the twentieth century [A igreja no final do século 20], The Church Before the Watching World [A igreja diante do mundo que a observa], A Christian Manifesto [Um manifesto cristão] e The Great Evangelical Disaster [O grande desastre evangélico] (N. do E.).

2

Misericórdia para o pior dos pecadores

1Timóteo 1.12-16



[...] a mim, que, noutro tempo, era blasfemo, e perseguidor, e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade. Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus. (1Tm 1.13-14)

Aparentemente, nos nossos dias os cristãos cantam cada vez menos hinos. Quando cantam, algumas vezes alteram a letra. Observe esta alteração num hino singelo de John Newton: “Maravilhosa graça! Quão doce é para mim! Que me salvou e me fortaleceu!” [“Amazing grace! How sweet the sound! That saved and strengthened me!”].

Há uma graça que fortalece, como veremos adiante; porém, Newton se referiu a uma graça que traz mais que fortalecimento: ele estava louvando a Deus pela graça que salva. Portanto, no original, identificou-se com o pior dos pecadores: “Maravilhosa graça! Quão doce é para mim! Que salvou um miserável [wretch] como eu!” Brian Abel Ragen comenta: “Embora Newton acreditasse que os seres humanos fossem miseráveis, desesperadamente necessitados de um Salvador, os adaptadores do século 20 claramente percebem a si mesmos, incluindo as congregações que cantam seus hinos, como pessoas perfeitamente boas. [...] Não são pessoas más; de modo algum miseráveis; elas simplesmente desviaram-se do caminho. Não são perversas; simplesmente têm uma deficiência (uma disfunção) da qual esperam se recuperar”.1

Minimizar a depravação inevitavelmente leva à minimização da maravilhosa graça de Deus. Como concluiu Ragen: “A graça é maravilhosa porque salva miseráveis, não porque dá o retoque final em pessoas agradáveis. [...] Você não pode ser salvo se não está perdido [...] Você não pode ser liberto se não está escravizado”.2

Feliz por ajudar

O apóstolo Paulo vivenciou tanto a graça salvadora de Deus como a graça fortalecedora, então conhecia a diferença. Para o seu ministério, o cristão

necessita da graça fortalecedora de Deus, a mesma que o apóstolo recebeu: “Sou grato para com aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério” (1Tm 1.12).

Em se tratando de servir ao Senhor, o cristão necessita de capacitação divina, que Paulo também recebeu. A eficácia do apóstolo como missionário não dependia de talentos naturais, de uma instrução de alto nível ou de seguir a última tendência das novidades cristãs. Em vez disso, Paulo foi espiritualmente empoderado. Como ele disse aos filipenses, aprendeu a realizar tudo por meio do Deus que o fortalecia (veja Fp 4.13): primeiro, Cristo o designou para servir como apóstolo; depois, Cristo o fortaleceu para servir. O Deus que fortaleceu Paulo é o mesmo Deus que inicialmente o chamou para o serviço.

O que sempre deixava Paulo admirado era o fato de Deus lhe ter confiado esse ministério. Ela já tinha mencionado a Timóteo como Deus lhe havia confiado o evangelho da glória (1Tm 1.11). Então, ele louva o Senhor por ter sido considerado digno dessa confiança. Paulo foi considerado “fiel” (piston) de ser “encarregado” (episteuthēn) do evangelho. Isso pode se referir ao período de preparação entre sua conversão e sua ordenação, isto é, da época em que se tornou cristão até se tornar apóstolo. Deus estava convicto de que Paulo se tornaria um ministro confiável.

No entanto, isso não quer dizer que Paulo havia provado ser fiel. Quem pode ser considerado digno do apostolado? A questão central da passagem é que Paulo era indigno de receber a graça de Deus. Portanto, ao confiar o evangelho a Paulo, Deus também o tornou digno dessa confiança. Calvino parafraseia o testemunho de Paulo da seguinte maneira: “Não deveria haver em mim nada que me capacitasse para esse ofício de testemunhar do evangelho, mas toda a minha capacidade, todo o meu valor, provêm simplesmente da graça de nosso Senhor Jesus Cristo”.3

O que desponta claramente nesse versículo é a gratidão de Paulo a Deus pelo privilégio de servir como apóstolo. Esse é um exemplo para todo cristão. Você louva a Deus pelo ministério que recebeu em sua família, sua igreja ou no mundo? Sempre que estiver dobrando sua roupa lavada, preparando o boletim dominical, conduzindo um veículo escolar ou em qualquer outra atividade, agradeça a Deus pelo grande privilégio de poder servir em nome dele.

Algumas vezes nos comportamos com ingratidão por estarmos cansados do

ministério. Reclamamos da obrigação de servir ao Senhor em vez de agradecer pela oportunidade de fazer isso. Outras vezes, o orgulho nos impede de agradecer. Somos tentados a pensar que Deus é quem deveria nos agradecer pelo nosso esforço espiritual. Para nos ajudar a evitar essas tentações, Nancy DeMoss elaborou uma lista de diferenças entre "espíritos orgulhosos e corações humildes". Pessoas orgulhosas, não quebrantadas, têm "desejo de se promover". São indivíduos que "anseiam por reconhecimento e valorização". Eles dizem: "é o ministério que tem o privilégio de ter a mim". Em contrapartida, pessoas quebrantadas demonstram "percepção de desmerecimento". São indivíduos que se "espantam diante do fato de serem usados de alguma maneira, desejosos de que outros recebam o crédito". Ao refletir sobre seu envolvimento com a igreja, dizem: "Não mereço servir nesse ministério".4

Paulo tinha um coração humilde. Embora não usasse de modéstia a respeito de suas credenciais de apóstolo, e em muitas ocasiões insistisse no seu direito apostólico de pregar a Palavra de Deus, nunca perdeu sua percepção de indignidade pessoal em relação ao ministério, ou sua profunda gratidão pelo privilégio de servir a Deus. Era grato a Deus por lhe conceder a força para servir.

Graça abundante

Antes de tornar-se apóstolo, Paulo teve de se tornar cristão, e para isso não precisou ser fortalecido; ele precisou ser salvo. Somente a maravilhosa graça de Deus poderia salvar um miserável como ele. Em 1Timóteo Paulo dá um breve testemunho da sua conversão à fé em Jesus Cristo, a transformação que o retirou da sua pecaminosidade passada e o levou para o ministério que ele exercia.

O apóstolo inicia com seu passado miserável, descrevendo a si mesmo como "blasfemo, e perseguidor, e insolente" (1Tm 1.13). Ele não estava exagerando quando disse isso. Paulo (que era então conhecido como Saulo) presenciou o apedrejamento de Estêvão e aprovou a execução dele (At 7.58–8.1). Ele também liderou a terrível perseguição que eclodiu depois desse episódio: "Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (At 8.3; cf. 22.19). Então, "respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor" (At 9.1), viajou a Damasco para efetuar ainda mais prisões. Além de blasfemar, Paulo buscava forçar os cristãos a fazer o mesmo (At 26.11).

Resumindo, antes de crer em Cristo, Paulo era uma pessoa totalmente desprezível. O fato de ter cometido crimes em nome de Deus tornavam suas transgressões mais ultrajantes. Segundo sua perspectiva naquela época, uma das melhores maneiras de servir a Deus era por meio da erradicação da igreja. Como explicou mais tarde no seu testemunho perante o rei Agripa:

Na verdade, a mim me parecia que muitas coisas devia eu praticar contra o nome de Jesus, o Nazareno; e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam. Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia. (At 26.9-11; cf. 22.4-5,19)

Assim era a vida violenta, blasfema e miserável que Paulo vivia na época em que estava perseguindo a igreja.

E então Paulo foi a Cristo. O testemunho cristão é a história da graça de Deus superando o pecado humano. Nesse sentido, Paulo relata o “antes” e o “depois”. “Obtive misericórdia”, comentou ele (1Tm 1.13), ou como expressou Thomas Goodwin em bom inglês puritano: “Fui bemercied”.5 Misericórdia (mercy) refere-se especialmente ao perdão de pecados, e Paulo recebeu essa misericórdia quando encontrou Jesus Cristo a caminho de Damasco, ocasião em que Deus o perdoou de toda violência, blasfêmia e perseguições. Por meio da graça de Deus, o inimigo se tornou amigo.

Por que Paulo recebeu essa misericórdia? O apóstolo dá o que parece ser uma explicação parcial: “pois o fiz na ignorância, na incredulidade” (1Tm 1.13). Antes de se tornar cristão, Paulo não tinha consciência do que estava fazendo. De fato, ficou tão surpreso quando encontrou Jesus a caminho de Damasco, que disse: “Quem és tu, Senhor?” (At 9.5). Ele estava perseguindo Cristo de uma maneira quase inconsciente.

Isso não quer dizer que, de algum modo, sua ignorância e sua descrença o qualificavam para ser salvo ou tornavam suas ações menos pecaminosas. Paulo ainda era culpado. Deus nunca desculpa o pecado por causa de circunstâncias

mitigantes. No entanto, teve compaixão da desesperadora situação espiritual de Paulo – sua ignorância e sua descrença. Paulo recebeu misericórdia porque Deus é misericordioso. Como Paulo explicou em outra ocasião, Deus não nos salva "por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia" (Tt 3.5). Foi apenas pela graça de Deus que Paulo foi encontrado quando estava perdido, e capacitado a ver quando estava cego.

Deus tem grande misericórdia por aqueles que ainda não receberam a mensagem da salvação. Certamente essas pessoas são ainda responsáveis pelos seus pecados, mas Deus se compadece da ignorância espiritual delas. John Bunyan, autor do famoso romance cristão O peregrino, depois de vivenciar essa misericórdia, escreveu: "embora eu fosse um tremendo pecador antes da conversão, Deus nunca cobrou de mim a culpa pelos meus pecados em ignorância; ele simplesmente me mostrou que eu estaria perdido sem Cristo, porquanto era pecador".6

Quando Paulo foi convertido, ele recebeu não apenas misericórdia, mas também graça. Graça é o favor imerecido de Deus que Paulo recebeu em superabundância: "Transbordou, porém, a graça de nosso Senhor com a fé e o amor que há em Cristo Jesus" (1Tm 1.14). Essa é a passagem que Bunyan tinha em mente quando intitulou sua autobiografia espiritual Grace abounding to the chief of sinners [Graça abundante para o pior dos pecadores].

Graça abundante é graça que transborda. É uma torrente poderosa de generosidade divina que não pode ser contida. É o tipo de graça descrita num hino de Julia Johnston:

Maravilhosa graça do nosso amoroso Senhor,

Graça que excede nosso pecado e nossa culpa,

Graça que no monte Calvário transbordou

Lá onde o sangue do Cordeiro se derramou.

Graça, graça, graça de Deus,

Graça que perdoa e purifica o interior,

Graça, graça, graça de Deus,

Graça maior que todo o nosso pecado.

O hino de Johnston nos lembra de que a graça abundante de Deus foi derramada no sangue da vida de Jesus Cristo. A graça que transborda flui da sua cruz.

No entanto, graça não foi a única coisa que Paulo recebeu em abundância. Seu testemunho é que, com ela vieram “a fé e o amor que há em Cristo Jesus” (1Tm 1.14). Aqui Paulo está se referindo à fé em Cristo e ao amor por Deus. Antes disso, ele havia condenado os falsos mestres por terem se desviado da fé e do amor (1Tm 1.5-6); em contraste, ele mesmo recebeu fé e amor quando se entregou a Cristo. Esse contraste revela o verdadeiro evangelho em oposição ao falso evangelho dos falsos mestres.

Os vários benefícios da salvação em Cristo não podem ser separados, pois com Jesus é tudo ou nada. Todo aquele que conhece Cristo tem graça, fé, amor e tudo o mais que Cristo tem para oferecer. Todo aquele que não o conhece não tem sua graça, sua fé e seu amor. Toda bênção espiritual tem origem em Jesus e com Jesus Cristo. Até mesmo a fé provém de Deus. Embora o Senhor ofereça gratuitamente o dom da vida eterna, somos pecaminosos de mais para recebê-la. Temos os punhos cerrados em rebeldia e revolta. Portanto, Deus nos segura firmemente pelo pulso, estende nossos dedos, pressiona sua graça na palma da nossa mão e torna a fechá-la. Recebemos a vida eterna com a mão da fé, mas é Deus que abre essa mão.

Paulo é o exemplo perfeito. Depois de contemplar a glória do Cristo ressurreto na estrada para Damasco, ele ficou cego por três dias, período em que jejuou e orou enquanto aguardava que Deus viesse salvá-lo. Mais tarde, Ananias, em nome de Jesus, colocou as mãos sobre Paulo, restaurando sua visão e enchendo-o com o Espírito Santo (At 9.17). Foi tudo obra graciosa de Deus, do início ao fim. E assim Paulo dependeu dessa graça pelo restante da sua vida.

O maior dos pecadores

Na sua dinâmica espiritual de pecado e graça, a autobiografia de Paulo – seu testemunho pessoal da abundante e maravilhosa graça de Deus por um miserável pecador – é fundamentalmente a mesma para todos os cristãos. Paulo não está numa categoria especial, é apenas mais um numa fila enorme de pecadores desenganados que foram transformados em servos produtivos no reino de Deus. Verdade seja dita, seus pecados foram piores que os da maioria, especialmente em razão de ter perseguido a igreja de Jesus Cristo (cf. 1Co 15.9). Apesar disso, todos os cristãos receberam o mesmo que Paulo: misericórdia e graça abundante por meio da fé.

Portanto, o apóstolo toma a sua experiência pessoal e a aplica a todos os cristãos: "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1Tm 1.15). Isso soa como um slogan da igreja primitiva, possivelmente emprestado de algum hino, credo ou catecismo. Quase podemos imaginar essas palavras impressas em cartazes e adesivos espalhados em livrarias cristãs pela Ásia Menor. Aqui Paulo confirma que o ditado popular é verdadeiro (cf. 1Tm 3.1; 4.9; 2Tm 2.11; Tt 3.8): de fato, Jesus Cristo veio ao mundo para salvar pecadores.

Essa proposição merece ser aceita de maneira irrestrita por todas as pessoas, porquanto representa o evangelho inteiro, da encarnação à expiação. "Cristo Jesus veio ao mundo" – isso fala do fato da encarnação, de Deus tornando-se homem. O próprio Filho de Deus deixando para trás sua glória celestial para tornar-se humano, e tudo isso por esta razão: "salvar os pecadores" – ou seja, libertá-los do pecado e da morte. Essa declaração se refere à expiação, isto é, à morte de Cristo na cruz pelos pecadores. Pecador é toda pessoa que esteja separada de Deus pela desobediência. Mas a própria razão pela qual Cristo veio ao mundo era libertar seu povo do pecado. Jesus expiou o pecado por meio do seu sangue derramado na cruz. "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores": isso é o evangelho, da encarnação à expiação.

Em seguida, Paulo acrescenta uma frase para tornar pessoal esse evangelho confiável: "pecadores, dos quais eu sou o principal". Nessa frase o apóstolo se identifica, literalmente, como o "primeiro" (prōtos) dos pecadores, isto é, o "pior", "principal" ou "superior" dentre todos. Mas ele nos conclama a nos colocarmos no lugar dele, como se dissesse: "Repita comigo: 'Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal'".

Jesus Cristo não veio simplesmente salvar pecadores em geral; veio para salvar

especificamente a mim. Tornar-se cristão significa comprometer-se pessoalmente com Cristo e confessar pecados pessoais. A primeira frase, “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”, é uma verdade universal. A segunda, “dos quais eu sou o principal”, é a verdade universal aplicada à minha situação. Como diz John Stott: “Uma coisa é a oferta universal; outra coisa é a aceitação pessoal”.7

Certa mulher, desejosa de ser batizada na igreja, foi indagada pelos presbíteros a respeito de seu testemunho pessoal de fé em Jesus Cristo. Depois de fornecer uma descrição exata de quem era Jesus e o que ele havia realizado, ainda parecia faltar alguma coisa. Seu testemunho era por demais impessoal. Em vista disso, um dos presbíteros perguntou: “Você crê que Jesus, em sua morte na cruz, pagou o preço dos seus pecados?” Depois de um longo silêncio, ela respondeu: “Nunca pensei nisso por esse ângulo”. Depois de muito aconselhamento, ela se comprometeu pessoalmente com o Senhor Jesus Cristo, confiante de que ele havia morrido na cruz pelos seus pecados pessoais. Era necessário que ela desse esse passo. Não podemos receber a graça de Deus até nos enxergarmos como pecadores, porquanto Jesus Cristo veio para salvar pecadores. Como ele mesmo afirmou: “não vim chamar justos, e sim pecadores ao arrependimento” (Mt 9.13; cf. Lc 19.10). Você acredita que está entre os piores pecadores?

Nesse caso é importante empregar o tempo presente, uma vez que Paulo se exprimiu desse modo. Em seu testemunho, ele não disse que havia sido o principal dos pecadores, mas que ele era o principal dos pecadores, então redimido. Nossa necessidade do evangelho não cessa depois que inicialmente o recebemos. Em razão de continuarmos pecadores, é necessário retornarmos todos os dias à boa-nova da misericórdia de Deus. De modo que volto a perguntar: você acredita que é o pior dos pecadores?

Assim como certa vez ele disse que era “o menor dos apóstolos” (1Co 15.9) e “o menor de todos os santos” (Ef 3.8), do mesmo modo então ele diz que é o pior dos pecadores. A consciência que Paulo tinha da sua depravação tornava-se cada vez mais profunda ao mesmo tempo em que ele crescia em graça e serviço a Deus. Paul Tournier explicou essa dinâmica de pecado e graça na vida do cristão em amadurecimento da seguinte maneira:

Os cristãos mais desesperados a respeito da sua situação são aqueles que

exprimem com maior vigor sua confiança na graça. [...] Os mais pessimistas a respeito dos seres humanos são os mais otimistas a respeito de Deus; os mais rigorosos a respeito de si mesmos são os que demonstram maior confiança tranquila no perdão divino. [...] Os níveis da consciência quanto ao nosso pecado e do amor de Deus aumentam proporcionalmente.8

Há quem se oponha ao ensinamento apostólico a respeito do pecado por entender que o ser humano não deve menosprezar a si mesmo. Esse entendimento remete imediatamente ao doutor Robert Schuller, guru da autoestima que escreveu: "Acredito que nada mais foi feito no nome de Cristo e sob a égide do cristianismo que tenha se provado ser mais destrutivo à personalidade humana e, portanto, contraproducente à empreitada evangelística, que a estratégia anticristã e insólita de tentar tornar as pessoas conscientes da sua condição de perdidas e pecaminosas".9 Paulo discordaria veementemente, uma vez que um dos principais objetivos do seu ministério era auxiliar as pessoas a enxergarem sua condição pecaminosa e, desse modo, perceberem a necessidade que tinham de um Salvador.

Verdade seja dita, alguns agradecem a Deus por não serem o pior dos pecadores. Porém, a pessoa que pensa dessa maneira não é cristã. Observe a parábola na qual Jesus ensinou "alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos":

Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um, fariseu, e o outro, publicano. O fariseu, posto em pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho. O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lc 18.10-14).

Dificilmente Jesus poderia expressar isso de maneira mais clara: pessoas que

confiam em sua própria justiça não estão justificadas. A não ser que o indivíduo se considere o pior dos pecadores – sabendo que as atitudes pecaminosas do seu coração, sejam quais forem, são totalmente indignas de um Deus perfeitamente santo – ainda não entendeu o que significa ser cristão, porque o verdadeiro cristão é aquele firmemente convencido da miséria dos seus pecados.

O que o publicano disse é significativo. Literalmente, ele disse: “Deus, sê propício a mim, o pecador”. Estava tão dolorosamente ciente do seu pecado a ponto de se considerar o único pecador da terra. Tudo o que ele precisava fazer era identificar-se como o pecador e Deus imediatamente saberia quem estava falando. O apóstolo Paulo via a si mesmo da mesma maneira:

É claro que ele não investigou a ficha criminal e pecaminosa dos habitantes da terra, comparando-as cuidadosamente com a sua e concluindo que a dele era a pior de todas. Em vez disso, a verdade é que, quando somos convencidos do pecado pelo Espírito Santo, o resultado imediato é desistir de toda comparação. Paulo tinha vívida consciência dos seus próprios pecados a ponto de não acreditar que pudesse haver alguém pior. Essa é a linguagem de todo pecador cuja consciência foi despertada e perturbada pelo Espírito Santo.10

É algo promissor saber que somos pecadores porque “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores” (1Tm 1.15). Esse versículo informa a única qualificação necessária para ser salvo por Cristo. Se por vezes você chega a duvidar de sua salvação, console-se com esse versículo. Sua única contribuição para sua salvação é o pecado do qual Cristo veio para salvar você.

O cristianismo é a única religião no mundo que é para pessoas más. De um modo ou outro, as demais religiões afirmam que o ser humano é capaz, por si mesmo, de se tornar suficientemente bom para Deus. Porém, e se não formos bons o suficiente? O que fazer? E se formos verdadeiramente o pior dos pecadores? Nesse caso, o cristianismo é a única religião que oferece esperança real. Se somos pecadores miseráveis, então o cristianismo é a nossa única opção. Jesus Cristo é o único que pode nos salvar e irá nos salvar, porque ele veio ao mundo para salvar pecadores.

Há uma poderosa história sobre um pecador que foi à fé em Cristo por meio

desse versículo. Ela vem dos primeiros dias da Reforma inglesa, quando o erudito de Cambridge Thomas Bilney leu pela primeira vez o Novo Testamento em grego:

Finalmente [...] ouvi falar de Jesus, exatamente quando o Novo Testamento foi publicado pela primeira vez por Erasmo [...] e na primeira leitura (como bem me lembro) aconteceu de eu me deparar com esta passagem de Paulo (Ó passagem doce e consoladora para minha alma!) em 1Timóteo 1. “O dito é verdadeiro e digno de ser aceito por todos os homens, que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar pecadores, dos quais eu sou o principal e o maior”. Essa única sentença, por meio da instrução e da obra interior de Deus, que na época não percebi, tanto me alegrou o coração, anteriormente ferido pela culpa dos meus pecados e estando quase em desespero, que imediatamente pareceu-me sentir no meu interior um sentimento maravilhoso de consolo e descanso.11

Esse consolo sustentou Bilney até o final de sua vida, quando foi queimado numa estaca por causa da sua fé em Jesus Cristo.

O convertido prototípico

O pior dos pecadores encontra misericórdia e graça em Jesus Cristo. Caso houvesse necessidade de estímulo adicional para crer em Cristo, Paulo utiliza a si mesmo como exemplo: “Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna” (1Tm 1.16).

Mais uma vez o apóstolo declara ter recebido misericórdia. Mais uma vez ele se identifica como o pior dos pecadores. Seu objetivo aqui é muito simples: se Deus pode transformar o pior dos pecadores em apóstolo, o poder da graça de Deus não tem limite. Até valentões, assassinos e inimigos declarados de Cristo podem se tornar servos de Deus. Se Deus pode salvar Paulo, sem dúvida pode salvar qualquer pessoa.

Nesse sentido, o apóstolo serve como uma ilustração para os outros – figurativamente, um “protótipo”. Todo cristão é capaz de se identificar com a conversão de Paulo, ainda que o caso dele seja único em muitos aspectos. É claro que nem todo convertido entra no reino de Deus por meio de uma luz ofuscante e da presença visível e audível do Cristo ressurreto. Nem todo testemunho é idêntico ao de Paulo, nem deveria. No entanto, sua experiência de conversão na estrada para Damasco traz esperança para todos, uma vez que demonstra a grande paciência de Deus. Deus não se apressa em seu julgamento, desse modo concedendo tempo para que os pecadores se arrependam. Em sua graça, Deus está disposto a aturar muitas coisas, como aconteceu a Paulo.

Os primeiros cristãos obtiveram grande encorajamento da paciência de Deus para com Paulo e para com os demais apóstolos. Em A epístola de Barnabé, que foi escrita em Alexandria por volta de 100 d.C., lemos que quando Cristo “escolheu seus próprios apóstolos que foram destinados a pregar seu evangelho”, escolheu homens “que eram pecadores além de toda medida para que pudesse demonstrar que ‘não veio chamar justos, mas pecadores’”.12

Com todo esse encorajamento, há apenas uma coisa a fazer: crer em Jesus Cristo. Paulo é o protótipo para aquele que “crê nele para a vida eterna”. Não é suficiente acreditar que você é um pecador, a menos que receba Cristo como Salvador. Todo aquele que nele crê recebe vida eterna.

Linhas atrás citei as palavras do hino “Maravilhosa graça” [“Amazing grace”]. Esse hino foi escrito com base numa experiência pessoal, porque Newton estava entre os piores pecadores. Vivendo no mar desde os 11 anos de idade, Newton passou por muitas aventuras: recrutado à força para se alistar na marinha, fugiu e foi capturado e açoitado por deserção; entrou em desespero e quase cometeu suicídio. Por fim, tornou-se traficante de escravos e transformou-se num homem grosseiro e desprezível. Apesar disso, recebeu misericórdia. Temendo por sua vida em mares tempestuosos, atirou-se na graça de Deus e a recebeu em abundância. Posteriormente, testemunhou: “Quão maravilhoso é o amor de Deus em conceder seu Filho para morrer por pessoas tão miseráveis!”13

Mesmo depois de salvo, Newton continuou a confessar sua necessidade da graça maravilhosa de Deus. Numa das suas cartas, ele escreveu: “Contrário ao meu entendimento e desejo, observo em mim algo que aprecia, que se apega àquelas maldades das quais devo fugir em disparada, como o faria se colocassem um sapo ou uma serpente no meu alimento ou na minha cama. Ó, quão vil é o

coração (pelo menos o meu)”. Apesar disso, Newton não se desesperou. Antes de encerrar a carta, citou as palavras de Paulo a Timóteo: “Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores”.14

Todo cristão sabe como completar a citação de Newton na quietude de um coração crente: “dos quais eu sou o pior”.

Notas

1 Brian Abel Ragen. America (29 jan.1994), citado in Michael S. Horton. “The justification of the guilty, not the righteous”, Modern Reformation 6.6 (nov./dez. de 1997): 4.

2 Idem.

3 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 67.

4 Nancy DeMoss, citada in Dale Schlafer. A revival primer (Denver: Promise Keepers, 1997), p. 55-58.

5 Thomas Goodwin. Citado in John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove: InterVarsity, 1996), p. 51.

6 John Bunyan. Grace abounding to the chief of sinners (Nova York: Penguin, 1987), p. 24.

7 Stott. Guard the truth, p. 52.

8 Paul Tournier. Guilt and grace (Nova York: Harper and Row, 1959), p. 159-60.

9 Robert Schuller. Self-esteem: The new Reformation (Waco: Word, 1982), p. 98.

10 Stott. Guard the truth, p. 53.

11 Thomas Bilney. Citado in The acts and monuments of John Foxe, 8 vols. (Londres, 1837), 4:635.

12 The epistle of Barnabas, 5.9, in The Apostolic Fathers, 2ª ed., trad. J. B. Lightfoot e J. R. Harmer, org. Michael W. Holmes (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 167.

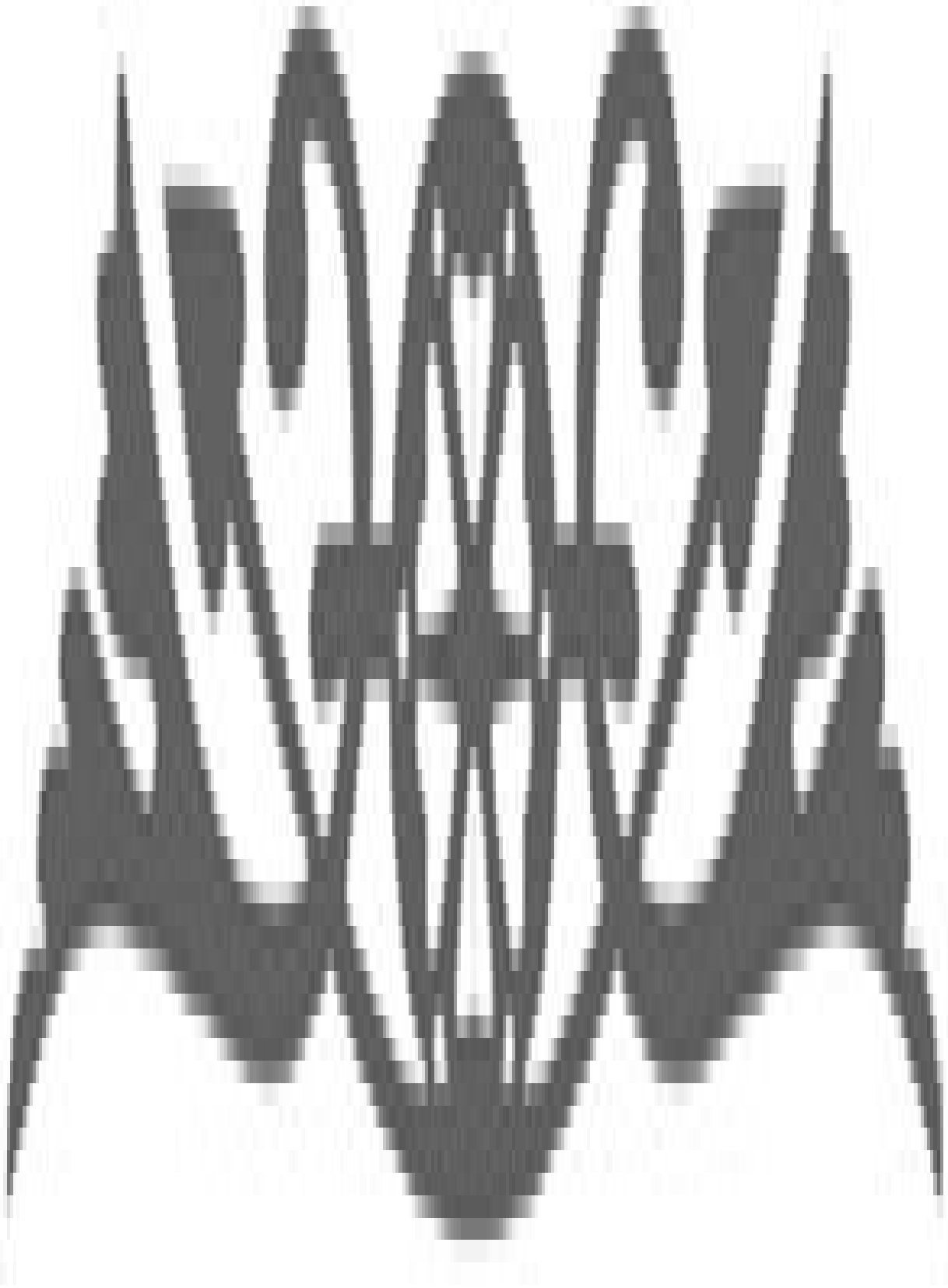
13 John Newton. Letters of John Newton (Edimburgo: Banner of Truth, 1960), p. 111.

14 Newton. Letters, p. 129-30.

3

Imortal, invisível, Deus único

1Timóteo 1.17



Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém! (1Tm 1.17)

Demétrio tinha um bom motivo para se preocupar. Esse ourives de Éfeso que fabricava relicários para a deusa Diana (Ártemis) não conseguia dormir à noite, preocupado com seus negócios em razão da rápida expansão do cristianismo na sua cidade.

Em Éfeso havia um comércio de prata muito lucrativo até aparecer um missionário chamado Paulo. A adoração a Diana "dava muito lucro aos artífices" (At 19.24). Porém, a chegada do cristianismo significava o fim da idolatria, desse modo ameaçando o ganha-pão deles. Então, Demétrio reuniu-se com os artífices e disse:

Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade e estais vendo e ouvindo que não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas. Não somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado em nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram. (At 19.25-27)

Os que trabalhavam com prata queriam defender a honra e a majestade de sua rainha. Porém, mais importante, queriam garantir seus empregos. "Ouvindo isto, encheram-se de furor e clamavam: Grande é a Diana dos efésios! Foi a cidade tomada de confusão" (At 18.28-29). Uma multidão se reuniu em protesto no enorme teatro de Éfeso. Por duas horas seguidas, 20 mil pessoas gritaram: "Grande é a Diana dos efésios!" (At 19.34).

Por fim, o escrivão da cidade conseguiu acalmar a multidão, dizendo: "Senhores efésios: quem, porventura, não sabe que a cidade de Éfeso é a guardiã do templo da grande Diana e da imagem que caiu de Júpiter?" (At 19.35). Sim, o mundo

inteiro sabia, uma vez que o templo de Diana era uma das sete maravilhas da Antiguidade: o edifício, que demorou dois séculos para ser concluído, media aproximadamente 125 metros de comprimento por 65 metros de largura e era sustentado por 127 colunas de mármore branco com quase 20 metros de altura cada. Edwin Yamauchi se refere a esse templo como “a maior estrutura do mundo helenístico e o primeiro de proporções monumentais a ser construído totalmente em mármore”.1 Dentro dessa estrutura se encontrava a antiga e gigantesca estátua da própria Diana.

Embora a deusa parecesse imortal, Demétrio tinha um bom motivo para se preocupar. A chegada de Cristo significava o fim de Diana. Ela agora está jogada na pilha de refugos da História. Com exceção de poucas colunas espalhadas numa campina nos arredores da antiga Éfeso, os últimos artefatos do seu templo – um punhado de moedas e algumas colunas quebradas – atualmente se encontram em exibição no porão do Museu Britânico, em Londres.

Um hino de triunfo

A morte de Diana transformou a doxologia de Paulo num hino de triunfo: “Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!” (1Tm 1.17). Paulo escreveu essas palavras para Timóteo, o líder da igreja de Éfeso, cidade guardiã de Diana. O contraste entre Deus e a deusa não poderia ser mais absoluto: Deus é Rei, Diana era rainha; Deus é imortal, Diana demonstrou ser mortal; Deus é invisível, Diana era uma estátua; Deus é único, Diana era fabricada em série; Deus será honrado e glorificado para sempre, porém o louvor e adoração a Diana cessaram.

Há muito tempo os cristãos vêm cantando esse versículo como hino de louvor a Deus e ao seu triunfo sobre todos os falsos deuses. Ele forma a base para a estrofe inicial de um hino famoso de Walter Chalmers Smith:

Imortal, invisível, Deus único,

Oculto aos nossos olhos em luz inacessível,

Muitíssimo abençoado, glorioso Ancião de Dias,

Todo-Poderoso, triunfante, teu grande nome exaltamos.

É possível que Paulo tenha cantado quase as mesmas palavras, porém com entonação diferente, uma vez que sua doxologia parece um trecho de um hino cristão. Considerando que a linguagem é judaica, talvez fosse um cântico que a igreja primitiva trouxe da sinagoga.

Mas por que Paulo canta essa doxologia aqui? O apóstolo acabou de dar seu testemunho, testificando a respeito de como Deus o resgatou de uma vida de violência e blasfêmia e lhe concedeu graça, fé e amor que estão em Jesus Cristo (1Tm 1.13-14). Também confessou que Cristo Jesus veio para salvar pecadores (1Tm 1.15) e explicou como Deus teve misericórdia dele, o principal dos pecadores (1Tm 1.16).

No entanto, é fácil um testemunho pessoal tornar-se autocentrado, de modo que Paulo encerra sua autobiografia espiritual dando glória a Deus. Tendo explicado o verdadeiro evangelho, adorou o único e verdadeiro Deus. De acordo com Calvino, ao agir assim o apóstolo “admoesta-nos, com seu exemplo, a que nunca devemos pensar sobre a graça demonstrada no chamado de Deus sem estarmos absortos em maravilhamento e admiração. Seu sublime louvor à graça de Deus tragou toda a memória da sua vida anterior. Quão grande e profunda é a glória de Deus!”2 Em outras palavras, chega o momento em que devemos colocar de lado nosso louvor a Deus pelo que ele realizou na nossa vida e simplesmente adorá-lo por quem ele é.

Ao Rei eterno

Quem é este Deus que adoramos? Por que devemos adorá-lo e por quanto tempo?

A Escritura inicia com a realeza de Deus: “ao Rei eterno”. Antes de tudo, Deus é louvado pelo seu governo soberano sobre o universo. Aqui, o título de “Rei” foi concedido a Deus o Pai, não a Deus o Filho. Alguns estudiosos consideraram

isso um tanto confuso, uma vez que o Novo Testamento costuma aplicar o título de Rei a Jesus Cristo. De fato, Jesus é Rei, uma vez que entrou em Jerusalém em pompa real antes de inaugurar o reino de Deus e foi referido como “Senhor dos senhores e o Rei dos reis” (Ap 17.14). Contudo, Paulo conhecia passagens do Antigo Testamento em que Deus o Pai também é identificado como Rei: “O Senhor é rei eterno” (Sl 10.16); “o Senhor é verdadeiramente Deus; ele é o Deus vivo e o Rei eterno” (Jr 10.10), e assim por diante.

É correto falarmos tanto sobre reinado de Deus quanto do reinado de Cristo, uma vez que Pai e Filho exercem corregência: “O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11.15). O Pai e o Filho reinam juntos. Não há nenhuma rivalidade entre eles. Essa corregência de Pai e Filho fez com que Paulo transitasse naturalmente do louvor a Cristo para o louvor a Deus o Rei. Crisóstomo pregava que “o Pai é ainda mais glorificado quando o Filho realiza grandes feitos, porquanto a glória do Filho é refletida de volta para ele”.3A obra do Filho é glorificar o Pai; dar glória ao Filho é dar glória ao Pai.

Nesse caso, Paulo enfatiza especialmente a duração do reinado de Deus: Deus é “Rei eterno”. Esse título não é encontrado em outros trechos da Escritura, embora apareça na literatura judaica antiga. Refere-se não tanto a Deus propriamente, mas ao seu governo: o reinado de Deus é eterno, seu reino jamais terá fim.

Deus é o Rei das eras passadas. Ele governava sobre o abismo quando ele era sem forma e vazio. Governava as galáxias quando elas foram criadas. Foi o Rei dos dinossauros quando estes andavam pela terra. Foi o Deus e Rei de Abraão, Isaque, Jacó, Moisés e todos os profetas. Ele foi o Rei de todos os reis de Israel.

Deus também é Rei da era atual, que começou com o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Deus é soberano sobre a igreja, nesta era do evangelho. Ele governa a expansão mundial do seu reino até o dia de hoje.

Deus é Rei tanto desta era quanto do porvir. Ele governará sobre todas as eras subsequentes da história humana, não importa sua duração. Em resumo, “Deus é o rei supremo que governa todas as eras desde a criação do mundo, incluindo a era do Messias, até o final dos tempos”.4 Então, na segunda vinda de Cristo, ele será entronizado sobre o novo céu e na nova terra e governará para sempre. Deus era o Rei, ele é o Rei, e será o Rei eternamente.

Que outro rei é capaz de fazer a mesma reivindicação? Todos os monarcas terrenos são transitórios: nascem, sobem ao trono, reinam e, por fim, morrem. Até poderosas dinastias reais chegam ao fim: os Faraós, os césares de Roma e os imperadores da China. O mesmo acontecerá com todos os presidentes, chefes de governo e primeiros-ministros atualmente no cargo. Porém, Deus é o Rei eterno. Jamais haverá interrupção no reinado do Deus todo-poderoso. Ele foi o Rei e será o futuro Rei. Reinou no passado, governa no presente e governará para sempre.

Isso dá origem à mais prática de todas as perguntas espirituais. Você deixará Deus ser Rei? Você se submeterá ao seu governo na sua própria vida e coração?

“DEUS É O MEU COPILOTO”, diz uma frase popular de para-choque. Esse é o tipo de relacionamento que muitos cristãos desejam com Deus. Eles querem permanecer no banco do motorista. Estão dispostos a entregar o controle somente quando houver uma emergência. Porém, a pessoa que relega Deus à função de copiloto enfrentará turbulências pelo caminho. É muito mais seguro entregar os controles a ele, deixar a cabine de uma vez e procurar um lugar para se sentar na classe econômica. Deus é Rei, não um copiloto.

Você permitirá que Deus governe sua vida? Permitirá que governe seu comportamento moral? Que controle sua carreira? Sua família? Suas finanças? Sua conduta e suas crises estarão mais seguras se deixadas nas mãos de Deus. Isso é o que significa ser servo do Rei. Um rei verdadeiro não recebe ordens; ele manda. Deus é Rei eterno, portanto devemos confiar nele e obedecer a ele.

O Rei imortal

Deus é também imortal. Na doxologia de Paulo, eternidade refere-se ao reinado de Deus, enquanto imortalidade refere-se ao próprio Deus, isto é, seu ser e essência. A melhor tradução para “imortal” (aphthartos) talvez seja incorruptível. Isso significa que Deus, ao contrário do leite na geladeira, não tem data de vencimento. Ele é imperecível. Não se deteriora.

Isso torna Deus diferente de tudo o mais neste mundo. O mundo natural é mutável, corruptível. Pinheiros se infiltram na floresta e expulsam os álamos. Rios alteram seu curso. Montanhas erodem. Galáxias inteiras colidem com

outras galáxias e estrelas colapsam em buracos negros. Se os cientistas estiverem corretos, o próprio cosmos se encontra em estado de gradual declínio. Isso é explicado por meio de um princípio científico conhecido como entropia. Segundo o Dicionário Oxford, entropia é uma “medida de desorganização ou degradação do universo”. As coisas estão desacelerando, esfriando e retornando a um vazio sem forma. A termodinâmica ensina que a entropia está sempre aumentando. Em outras palavras, o universo inteiro está desacelerando.

O mesmo ocorre com nossos corpos. Os cientistas estão ainda buscando um modo de imortalizar a humanidade, mas o corpo humano é corruptível. Os seres humanos envelhecem e morrem. A única coisa capaz de interromper o processo de envelhecimento é a própria morte. Quanto mais se envelhece, mais rugas, dores e desconfortos aparecem, e menos cabelo. O processo de envelhecimento está sempre ativo no corpo. As células replicam-se repetidamente ao longo da vida da pessoa. Porém, num dado momento os cromossomos se degradam além de sua capacidade de reparo. É um pouco como ter um cadarço de sapato que aos poucos vai se rompendo e encurtando, até não ser mais possível amarrar uma ponta na outra. Igualmente, as pontas dos cromossomos vão se deteriorando, até que finalmente a célula inteira se desfaz.

A deterioração é um fato cotidiano da existência humana. Aparelhos param de funcionar; roupas se rasgam e mancham; automóveis quebram; lojas e indústrias vão à falência; populações se deslocam; densidades demográficas aumentam ou diminuem; cidades entram em declínio. Na verdade, civilizações inteiras se deterioram, fato que se tornou uma das principais lições do século 20. Ao final da Primeira Guerra Mundial, William Butler Yeats escreveu um poema famoso intitulado “The second coming” tratando da corruptibilidade da raça humana.

Girando cada vez mais em círculo crescente

Não consegue o falcão ouvir ao falcoeiro;

Tudo se desfaz; o centro não consegue se manter;

Mera anarquia corre solta pelo mundo,

A maré de sangue turvo é libertada, e por toda parte

A cerimônia da inocência se afoga;

O melhor carece de toda convicção, enquanto o pior

Está cheio de intensidade apaixonada.5

Tudo se desintegra: pessoas, famílias, cidades, nações, impérios, civilizações – tudo deteriora. Porém, Deus não. Deus não está se desgastando, esfriando ou se decompondo. Não está envelhecendo nem ficando enrugado. Seus cromossomos não se encurtam. Ele não está se desfazendo. Ao contrário de tudo o que criou, Deus é imortal. Além de viver para sempre, todos os seus atributos divinos permanecerão intactos por toda a eternidade. Deus não se torna menos poderoso, menos amoroso, menos justo ou menos santo com a passagem do tempo. Antes, permanece integralmente poderoso, amoroso, justo e santo como sempre foi e sempre será.

A natureza incorruptível de Deus está belamente representada na arte de Mako Fujimura, artista cristão que atualmente mora e trabalha na cidade de Nova York. Fujimura enaltece sua herança étnica por meio da tradição japonesa do uso de pigmentos minerais, cada um dos quais tem significado simbólico. Nas suas pinturas, Deus é representado pelo ouro. Independentemente de onde apareça, o ouro é símbolo das coisas eternas. Em contraste, a humanidade é representada pela prata. Em parte, isso demonstra o valor dos seres humanos, mas também sua corrupção, uma vez que a prata embaça e enegrece com o tempo. Com o passar dos anos, as pinturas vão se tornando testemunho visual da incorruptibilidade de Deus: enquanto a prata mortal enegrece, o ouro da imortalidade continua brilhando.

A imortalidade de Deus é retratada perfeitamente na ressurreição de Jesus Cristo. O rei Davi fez esta predição a respeito do Messias: “Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção” (Sl 16.10). Trata-se de uma profecia a respeito de Jesus de Nazaré. Ele morreu e foi sepultado, mas não se deteriorou na cova. Antes, foi ressuscitado no terceiro dia num corpo incorruptível.

Ao ressuscitar Jesus de entre os mortos, Deus deu imortalidade aos mortais. Jesus Cristo foi o primeiro a ser ressuscitado com um corpo imortal, mas apenas o primeiro. Parte da sua obra é dar ao seu povo um corpo imortal, incorruptível.

Como afirma a Escritura: “Semeia-se o corpo na corrupção, ressuscita na incorrupção. [...] Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade” (1Co 15.42, 53). Por ser imortal, Deus é capaz de assegurar vida eterna à carne mortal (cf. 1Tm 1.16).

O Rei invisível

O Deus eterno e imortal não pode ser visto. Deus é invisível. Esse aspecto é reafirmado mais uma vez no capítulo 6, no qual lemos que Deus, o Rei imortal, “habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver” (1Tm 6.16).

E quanto a Moisés? Não viu ele a Deus? Não, não em sua essência divina:

Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória. Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do

Senhor

; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. E acrescentou: Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o

Senhor

: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá. (Êx 33.18-23)

Eliseu viu “carros de Israel e seus cavaleiros” (2Rs 2.11-12), mas não viu o Deus de Israel. Isaías viu “o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono” (Is 6.1), mas provavelmente viu uma teofania do Cristo pré-encarnado, como confirma o

apóstolo João (veja Jo 1.2-4), porquanto a Escritura afirma enfaticamente que ninguém jamais viu Deus – querendo dizer Deus o Pai – nem é capaz de vê-lo. O máximo que foi visto é a luz gloriosa em que Deus se oculta, isto é, a refulgência externa da sua majestade interior.

A invisibilidade de Deus é algumas vezes considerada uma desvantagem. “Se Deus é real, por que não consigo vê-lo?”, perguntam os céticos. “Ora, se somente descesse do céu e se revelasse para mim, sem dúvida eu creria nele. Onde ele está?” A resposta é que Deus é invisível. Essa é uma das primeiras lições que nossos pequeninos aprendem no Catecismo para crianças (P&R 11): “Podeis ver a Deus? Eu não posso ver a Deus, mas ele sempre me vê”. Pela sua própria natureza, Deus é invisível. Não é possível vê-lo diretamente, assim como não é possível ver a gravidade.

No entanto, o fato de ser invisível não significa que Deus não possa ser conhecido. A exemplo da gravidade, não faltam evidências para a existência de Deus, o qual revelou algo a seu respeito em tudo o que criou: “Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Rm 1.20). Ao vermos as coisas que Deus criou, nosso pensamento e desejo se movem das coisas visíveis para as invisíveis. A criação visível nos leva a adorar o Deus invisível.

Para outros, a invisibilidade de Deus traz uma sensação de desapontamento. O ser humano é uma criatura naturalmente curiosa. Queremos descobrir o que está escondido e observar o que está oculto. Porém, não podemos levantar a cortina que esconde Deus. A invisibilidade é da essência da sua divindade.

Portanto, Deus deve ser louvado pela sua invisibilidade. Esse talvez seja um dos atributos mais subestimados de Deus. Ora, quem seria mais digno de louvor: um Deus visível ou um Deus invisível? O fato de não ser possível vê-lo sugere a existência de características divinas que não estão sujeitas ao nosso escrutínio. Deus não tem limites nem divisas. Ele não pode ser sondado e dissecado. Devemos aceitar que existem mistérios divinos os quais a mente humana não é capaz de penetrar. Existem coisas a respeito de Deus – como sua invisibilidade – que são tão formidáveis e distantes do nosso entendimento que elas são conhecidas apenas por Deus. Do contrário, ele não seria Deus.

Contudo, há algo que podemos ver, que é o Filho encarnado de Deus. Ele se fez

visível em Jesus Cristo, que é tanto humano quanto divino. Jesus é Deus em forma humana. Por isso, em Cristo o Deus invisível pode ser visto pelos olhos humanos. Esse é o sentido da passagem que afirma que Jesus “é a imagem do Deus invisível” (Cl 1.15).

Deus sabe que sua invisibilidade o torna inacessível, de modo que ele se fez visível por meio de Jesus Cristo. O apóstolo João sabia que quando via Deus Filho estava vendo Deus Pai: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. [...] Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (Jo 1.14, 18). Ver Jesus em toda sua majestade é ver a glória de Deus. Como ensinou Calvino: “Deus não pode ser conhecido de nenhuma outra maneira, exceto por meio do nosso Senhor Jesus Cristo”.6

A esperança de todo cristão é ver Jesus face a face e, ao ver Jesus, ver a imagem do Deus invisível. O rei Davi ansiava desesperadamente contemplar a bela face do Messias. Ele escreveu: “Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na Casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo” (Sl 27.4). Essa beleza do Senhor era o que Moisés desejava ver quando pediu que Deus lhe mostrasse sua bondade (Êx 33.18).

Jó queria o mesmo. Mesmo depois de ter perdido tudo, ele nunca abandonou a esperança de ver o Salvador face a face: “Porque eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele, em minha carne verei a Deus. Vê-lo-ei por mim mesmo, os meus olhos o verão, e não outros; de saudade me desfalece o coração dentro de mim” (Jó 19.25-27). Jó mal podia esperar. Por meio da fé, a ressurreição era tão certa para ele quanto a morte, e a perspectiva de ver o Deus invisível o enchia de uma alegria inexprimível.

Com frequência os puritanos escreveram a respeito de estudar a divindade por meio da face de Jesus Cristo. Na Nova Inglaterra, em muitas lápides antigas há gravuras de uma face humana comum e com olhos sem pálpebras bem abertos. O objetivo dessas gravuras era mostrar que o cristão estava pronto para contemplar o Cristo ressurreto no dia da ressurreição. Como orou certa vez o poeta puritano Edward Taylor: “Ó Corpo Glorioso! Abre minhas pálpebras. Senhor, faze meus olhos vivazes tua Glória revigorante contemplarem”.7

Todos esses santos terão seu desejo atendido: “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é” (1Jo 3.2). O Deus invisível se tornará visível na beleza da face de Jesus Cristo. Caso você já conheça Deus por meio da fé em Jesus Cristo, um dia também o verá por si mesmo. “Bem-aventurados os limpos de coração”, prometeu Jesus, “porque verão a Deus” (Mt 5.8).

O Rei único

Deus não é apenas imortal e invisível, mas ele é também incomparável. O último atributo divino mencionado por Paulo é a singularidade de Deus: Ele é “Deus único” (a versão King James é conhecida por chamá-lo de “o único Deus sábio”, mas a palavra para “sábio” não é encontrada nos melhores e mais antigos manuscritos). Deus não tem rivais. Não existe outro ser no universo que compartilhe dos seus atributos. Somente ele é Rei eterno. Embora tenha nos concedido vida eterna, somente ele é imortal em sua própria essência. E somente ele é invisível.

O fato de ser eterno, imortal, invisível e “único” (1Tm 1.17) revela o mistério da Trindade. É algumas vezes ressaltado, especialmente pelos Mórmons e Testemunhas de Jeová, que o termo “Trindade” não aparece na Bíblia. Com base nisso, defendem a existência de apenas uma pessoa na Divindade, não três.

A verdade é que a doutrina da Trindade encontra abundante apoio ao longo do Novo Testamento. A primeira carta de Paulo a Timóteo é uma dentre muitas passagens nas quais a doutrina deve ser verdadeira para que a passagem bíblica faça sentido. A passagem em questão apresenta claramente dois membros da Trindade: Deus o Filho, que veio salvar pecadores (1Tm 1.15), e Deus o Pai, imortal e invisível (1Tm 1.17). Apesar disso, também tem uma forte afirmação monoteísta: há somente um Deus. Haveria outra explicação para isso, exceto o fato de o Deus único existir em mais de uma pessoa?

Desde os primeiros dias da igreja, os cristãos têm feito essa confissão. Como escreveu Agostinho no seu famoso tratado Sobre a Trindade:

O Pai, o Filho e o Espírito Santo compartilham uma unidade divina de substância única e de igualdade indivisível; logo, não são três Deuses, mas um Deus: embora o Pai tenha gerado o Filho, portanto o Pai não é o Filho; e o filho seja gerado do Pai, por isso o Filho não é o Pai; e o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas o Espírito do Pai e do Filho, coigual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade.8

O Credo de Atanásio afirma a mesma doutrina de uma maneira mais simples: "O Pai é Deus, o Filho é Deus e o Espírito Santo é Deus; apesar disso, não são três Deuses, mas um Deus". Essa definição da Trindade representa o que cristãos em toda parte sempre creram a respeito do Deus trino.

É verdade que a doutrina da Trindade é mais fácil de ser afirmada do que explicada, como todo pai cristão bem sabe. Immanuel Kant, filósofo do Iluminismo alemão, reclamou que "a doutrina da Trindade, caso interpretada literalmente, não tem absolutamente nenhuma relevância prática, ainda que pensemos compreendê-la; e é ainda mais irrelevante quando percebemos que transcende todos os nossos conceitos".9 No entanto, a verdade é que a doutrina da Trindade tem muita relevância. Ela é relevante para a nossa salvação, uma vez que cada pessoa da Trindade desempenha uma parte na redenção: o Pai administra a redenção, o Filho realiza a redenção e o Espírito Santo aplica a redenção. É em nome deste Deus trino que os cristãos são batizados. Contudo, mesmo deixando de lado o plano da salvação, o entendimento de que o Deus único existe em três pessoas é relevante para nossa adoração, o que já a torna suficientemente relevante. Deus ordenou nos dirigirmos a ele como Pai, Filho e Espírito Santo. Ainda que jamais desvendemos todos os mistérios da Trindade, podemos louvar a Deus pelo mistério em si.

Muitos dos hinos cristãos mais profundos louvam a Deus pelo seu ser trino. O hino "Santo, santo, santo" ecoa a Trindade. O Deus triplamente santo é o Deus triplamente pessoal: "Deus Jeová triúno, és um só Deus". O nome trino de Deus é mencionado no início do Gloria Patri ("Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo"), no final da doxologia ("A Deus o Filho, a Deus o Pai, a Deus Espírito, glória dai") e na estrofe final de um hino em latim datado do século 7º ("Louvor e honra ao Pai, louvor e honra ao Filho, louvor e honra ao Espírito, eternamente aos três e ao único, único em poder e único em glória, pelos séculos sem fim"). Deus é maximamente glorificado quando nos dirigimos a ele e o adoramos como

Deus único em três pessoas, seja em adoração pública ou particular.

A verdadeira adoração cristã é sempre uma adoração trinitária. Adorar a Deus em sua Trindade é desfrutar da alegria que o grande teólogo do século 4º, Gregório de Nazianzo, exprimiu:

Não consigo pensar no Único sem imediatamente perceber-me rodeado do esplendor dos Três, nem discernir os Três sem imediatamente retornar ao Único. [...] Quando penso em um dos Três, nele penso como um todo, e tal visão me consome, e grande parte do que concebo me escapa. Não me é possível compreender a grandeza do Único para, a partir disso, tentar atribuir maior grandeza aos demais. Quando contemplo os três em conjunto, observo apenas um luminar, e não me é possível dividir ou mensurar essa luz indivisa.10

Honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!

Resta apenas louvar a Deus, dando-lhe "honra e glória pelos séculos dos séculos" (1Tm 1.17). Mais que listar atributos de Deus, o apóstolo Paulo o louva por esses atributos, dando a ele honra e glória por sua realeza, eternidade, imortalidade, invisibilidade e singularidade.

Dar "honra" é dar a Deus o que lhe é devido. É demonstrar a ele o respeito e a reverência que sua realeza merece. "Glória" refere-se à manifestação radiante e luminosa do ser majestoso de Deus. Dar glória a Deus é simplesmente reconhecer que ele é glorioso. A palavra na nossa língua "doxologia" é derivada de uma palavra grega para "glória" (doxa). Nosso louvor não pode acrescentar nada à glória de Deus porque ele já é totalmente glorioso em si. Porém, no mínimo podemos reconhecer o esplendor e a majestade de Deus pelo que são.

Esse reconhecimento é feito com cânticos e louvores. E também com nossa vida. Crisóstomo sugeriu que "honra e glória não são meras palavras; e uma vez que ele nos honrou não apenas em palavras, mas pelo que realizou a nosso favor, honremo-lo com obras e ações".11 E devemos fazer isso para sempre. Se Deus é Rei eterno, merece ser louvado por toda a eternidade. O destino de cada filho de Deus é viver em adoração por toda a eternidade.

Diante disso, resta somente dizer “amém”, como faz Paulo. “Amém” não é uma reflexão posterior; é uma palavra de concordância e afirmação. Amém significa “verdadeiramente”, “assim seja”, “é isso mesmo”. Quando os cristãos dizem “amém” ao final de um hino ou oração, eles estão tomando para si esse hino ou essa oração. De fato, eles estão dizendo: “Sim, Senhor, a ti dedico, de coração, todo o louvor que acabei de exprimir com meus lábios”.

Esse “amém” ao final da doxologia de Paulo é um convite a uma resposta pessoal. Quando Timóteo leu pela primeira vez essa carta em voz alta na igreja de Éfeso, sem dúvida ele fez uma pausa ao chegar ao fim desse versículo, de modo que todos pudessem dizer “amém!”.

Ao longo dos séculos, muitos cristãos têm acrescentado seu próprio “amém” à doxologia de Paulo. Em seu “Personal narrative”, Jonathan Edwards registrou sua experiência transformadora de vida na juventude por meio da leitura de 1Timóteo 1.17: “A primeira vez que me recordo desse tipo de satisfação íntima e agradável em Deus e nas coisas divinas, as quais muito venho apreciando desde então, foi durante a leitura das palavras ‘Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos’” (1Tm 1.17). O maior dos teólogos americanos prosseguiu para descrever a impressão que tais palavras causaram na sua alma:

À medida que lia as palavras, em minha alma surgiu, como que se espalhando dentro de mim, uma percepção da glória do Ser Divino; uma nova percepção, muito diferente de qualquer outra que havia vivenciado até então. Nunca quaisquer palavras da Escritura tinham me impressionado tanto quanto essas. Pensei, que Ser excelente era aquele, e que felicidade seria se pudesse desfrutar desse Deus, e de ser arrebatado ao céu e viver, como se nele engolido, para sempre! Fiquei a repeti-las, como que cantando para mim mesmo essas palavras da Escritura; e orei a Deus para que pudesse me alegrar nele, e orei de uma maneira muito diferente da qual estava acostumado; com um novo tipo de sentimento. [...] Uma percepção íntima e agradável dessas coisas me vinha ao coração algumas vezes; e minha alma se perdia em visões e contemplações aprazíveis. E minha mente muito se empenhou em gastar tempo em leitura e meditação a respeito de Cristo, a respeito da beleza e da excelência do seu ser e do adorável caminho da salvação por meio da graça gratuita nele.12

As palavras de Paulo causam impressão semelhante em todos aqueles que creem no Deus a quem louvam: “Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos”. Todo aquele que crê nessa doxologia desejará acrescentar sua própria expressão pessoal de confirmação e, por meio disso, uma confissão pessoal de fé no único e verdadeiro Deus da Bíblia: “amém!”.

Notas

1 E. M. Yamauchi. New Testament cities in Western Asia Minor (Grand Rapids: Baker, 1980), p. 103.

2 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail, Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 199.

3 João Crisóstomo. "Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon", trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:421.

4 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 56.

5 William Butler Yeats. "The second coming", in The Norton anthology of English literature, 3ª. ed., org. M. H. Abrams, et al. (Nova York: Norton, 1962), p. 1.925.

6 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 93.

7 Edward Taylor. Meditations, 2:74.

8 Agostinho. On the Trinity, 1.4.7, citado in Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (1886; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 3:20.

9 Immanuel Kant. The conflict of the faculties, trad. Mary J. Gregor (Nova York: Abaris, 1979), p. 65.

10 Citado por Christopher Hall. “Adding up the Trinity”, Christianity today (28 de abr./1997), p. 28.

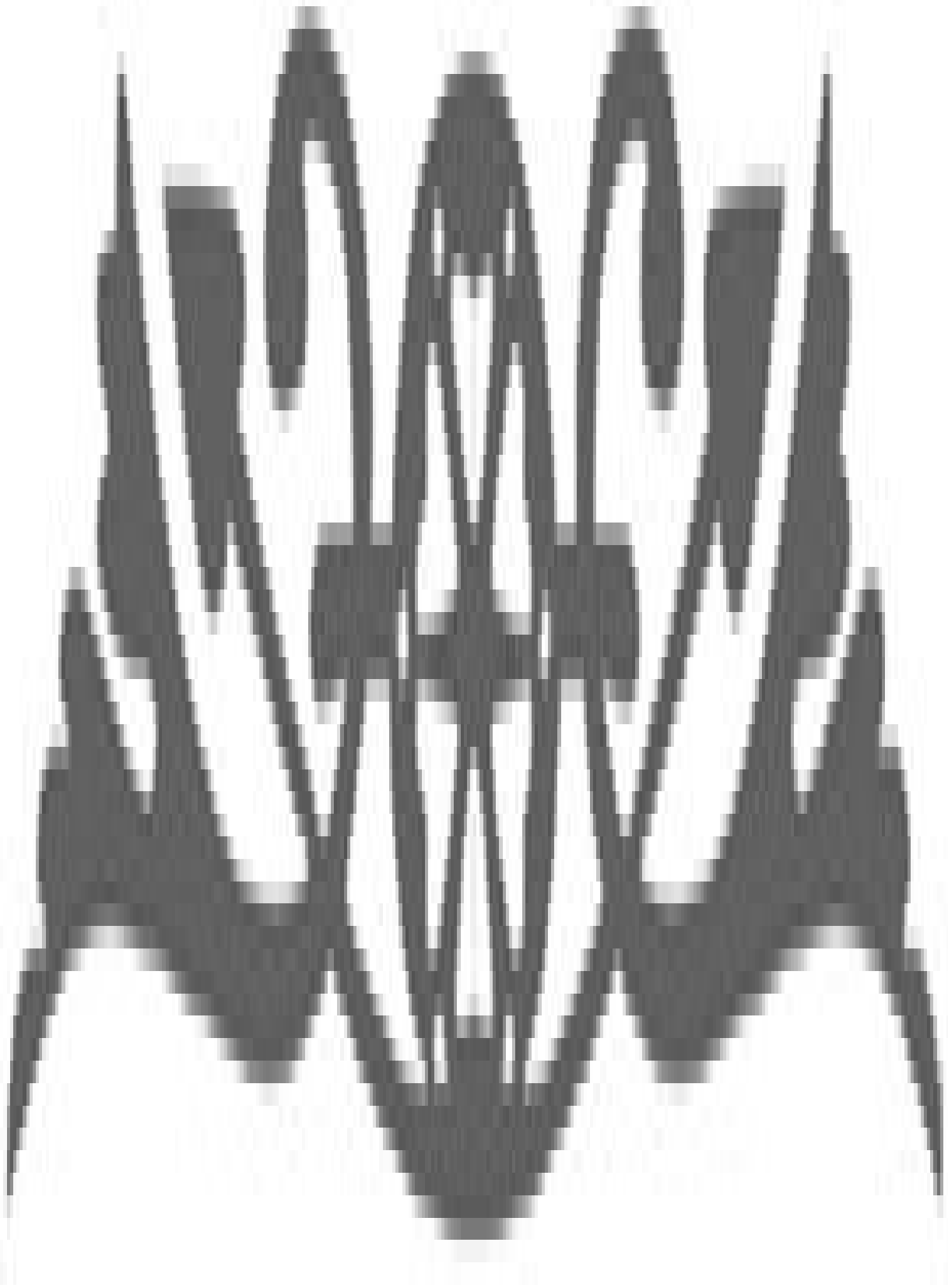
11 Crisóstomo. “Homilies”, 13:421.

12 Jonathan Edwards. A personal narrative, citado in Sam Storms. “Jonathan Edwards’ personal narrative”, Enjoying God ministries (25 de jun. de 2005).

4

Combatendo o bom combate

1Timóteo 1.18-20



Este é o dever de que te encarrego, ó filho Timóteo, segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto: combate, firmado nelas, o bom combate. (1Tm 1.18)

Em caso de guerra, é necessário estar preparado para o combate. Essa lição foi aprendida durante a primeira batalha de Manassas (ou batalha de Bull Run), o primeiro grande confronto da Guerra Civil Americana.

Rumores de guerra corriam há meses desde o ataque da Carolina do Sul ao Forte Sumter no início de abril de 1861. Tanto o norte quanto o Sul apressaram preparativos para o conflito e, no início de julho, ambos os lados já estavam prontos para o confronto e convictos de uma vitória fácil. À véspera da batalha, Irwin McDowell, general do Norte, comentou, no seu discurso perante as tropas, que seu único medo era que o inimigo não estivesse à altura do combate.

Os primeiros disparos ocorreram no norte da Virgínia em 8 de julho. Notícias do confronto chegaram a Washington ao anoitecer. Em razão de a vitória nortista parecer inevitável, o confronto foi tratado como um evento social de verão. Na manhã seguinte, madames e cavalheiros da alta sociedade carregaram suas carruagens com cestos de piquenique e partiram em direção a Bull Run.

Porém, aquele dia foi tudo menos festivo. Em campo, o cenário era de caos e horrores inimagináveis. Os comandantes não estavam acostumados a confrontos em tão grande escala. Os exércitos não se enfrentaram; eles colidiram. Seguiu-se uma luta feroz que terminou com o general Stonewall Jackson liderando os sulistas num ataque de baioneta. O exército nortista teve de abandonar o campo de batalha, deixando para trás três mil soldados mortos ou sangrando. A elite de Washington teve de correr para se salvar, o seu exército derrotado porque não estava preparado para a luta.1

No exército do Senhor

O apóstolo Paulo não queria que Timóteo fosse para a batalha despreparado.

Paulo sabia que a guerra invisível entre Deus e Satanás não é nenhum piquenique, mas uma luta até a morte. Então, ordenou ao seu jovem assistente que se preparasse para o combate espiritual: “combate [...] o bom combate” (1Tm 1.18).

Paulo fala a Timóteo como pai na fé, mas especialmente como um general: “Este é o dever de que te encarrego” (1Tm 1.18). Trata-se de uma ordem transmitida pelo General de Exército de Deus (Paulo), que por sua vez a recebeu do Comandante-em-chefe do Exército de Cristo, que é o próprio Deus.

Em sentido espiritual, Timóteo já não era mais um civil, mas um soldado do exército de Deus pronto para a batalha. Ele poderia cantar a antiga canção infantil da Escola dominical: “Posso nunca marchar na infantaria, cavalgar na cavalaria, atirar na artilharia; posso nunca voar sobre o inimigo, mas estou no exército do Senhor, sim, senhor!” Aqui, no final do versículo 1 é dito para Timóteo apresentar-se para o serviço. E, uma vez que ele é um ministro do evangelho, não é um soldado qualquer, mas um porta-bandeira.

Suas ordens militares eram “segundo as profecias de que antecipadamente foste objeto” (1Tm 1.18). Esse comentário pessoal desperta a nossa curiosidade. O que havia sido profetizado a respeito de Timóteo? Isso pode se referir aos relatos que Paulo ouviu a respeito de Timóteo em Listra e que levou o jovem a se juntar à equipe missionária do apóstolo (At 16.1-3). Mais provavelmente, Paulo estivesse se referindo a algo que havia acontecido na ordenação de Timóteo, um evento mencionado pelo apóstolo mais de uma vez. Mais adiante veremos que Timóteo, na sua ordenação, recebeu um dom espiritual “mediante profecia” (1Tm 4.14; cf. At 13.1-4; 2Tm 1.6). Não temos necessidade de saber o conteúdo dessa mensagem profética; do contrário, a Bíblia o teria mencionado. Tudo o que sabemos é que o chamado de Timóteo para o ministério foi confirmado por meio de uma palavra profética. Timóteo desfrutava da confiança de Paulo, do apoio da igreja e da confirmação do Espírito Santo.

Não combata o mau combate

Ao atender ao chamado para o ministério, Timóteo recebeu ordens de combater “o bom combate” (1Tm 1.18), o que dá origem a uma pergunta óbvia: “O que é esse bom combate?”

Em si a expressão sugere que há alguns combates que não são bons. Timóteo é advertido várias vezes ao longo da carta a respeito do perigo de lutar desnecessariamente. Ele deveria se afastar de questões que promovem controvérsias (1Tm 1.4). Como presbítero da igreja, ele deveria ser “inimigo de contendas” (1Tm 3.3; cf. 2Tm 2.23-24). De fato, quem “tem mania por questões e contendas de palavras” (1Tm 6.4) é um falso mestre.

As Escrituras advertem contra essas disputas porque a maioria das disputas cristãs é de combates incorretos. Contendas e controvérsias sempre trazem perigos para a igreja. A maioria dos combates que acontem na igreja é de guerras civis; e a maioria das mortes é causada por fogo amigo. Isso nos faz lembrar da Guerra do Golfo, em 1991, quando quase todas as vítimas fatais no exército norte-americano foi resultado de fogo amigo.

De modo geral, são ruins as guerras a respeito de doutrinas não essenciais para a fé cristã. Toda verdade bíblica precisa ser ensinada, discutida, crida e praticada. No entanto, nem toda verdade bíblica precisa ser defendida o tempo todo, e nenhuma verdade bíblica deve ser defendida com um espírito de discórdia.

Brigar por tradições da igreja também é ruim, incluindo assuntos práticos de pouca consequência espiritual. Craig Barnes, ex-pastor da Igreja Presbiteriana Nacional em Washington, D.C., certa vez envolveu-se numa discussão dolorosa por causa de uma mesinha de centro:

Na primavera passada, o comitê de hospitalidade instalou uma mesinha de centro na antessala do templo. No dia seguinte, o diácono que há 25 anos era responsável pela recepção, renunciou em protesto, afirmando tratar-se de um sacrilégio contra o santuário da igreja. Todos os outros introdutores/recepcionistas se revoltaram igualmente.

Tendo em vista o fato de a mesinha ter sido colocada ali por um comitê, o assunto foi levado ao Conselho. Decidiu-se criar uma força tarefa para ouvir, por oito semanas, os introdutores/recepcionistas e o comitê de hospitalidade.

Houve um domingo em que vários introdutores/recepcionistas optaram por não comparecer em razão de seu líder não ter sido reinstituído. Por causa disso, os presbíteros emitiram uma repreensão contra todos eles.

Em meio a tudo isso, estou sem falar de Jesus a ninguém, sem visitar os enfermos e sem consolar os aflitos. Estou tentando decidir se devemos servir café na entrada do templo.2

Alguns combates não valem a pena ser travados. Algumas guerras não valem a pena ser lutadas. Algumas batalhas não valem a pena ser lutadas. Com frequência demais, as ovelhas do Senhor acabam feridas e cobertas de sangue por terem sido atacadas por membros do próprio rebanho.

Como diferenciar o mau combate do bom combate? Fazendo perguntas como estas: Esta questão fará alguma diferença daqui a um ano? Se a resposta é "não", provavelmente não fará diferença nenhuma agora também. Estou gostando desta discussão por algum motivo perverso? Se a resposta for "sim", talvez você esteja discutindo pelos motivos errados. Estou lutando por mim mesmo ou pelos outros? Uma coisa é defender o interesse espiritual dos outros e a glória de Deus; outra muito diferente é defender os próprios interesses. Estou tentando justificar minhas atitudes para mim mesmo ou para os outros? Algo verdadeiramente digno de ser defendido é óbvio demais para requerer muita explicação.

Combater o bom combate

Há um grande número de combates inúteis, porém há apenas um bom combate, razão pela qual Paulo se refere a este último como o bom combate (1Tm 1.18). E o combate que Paulo tem em mente é a defesa das doutrinas centrais da fé cristã.

Algumas vezes, ao se referir à guerra espiritual, a Bíblia quer dizer a Grande Guerra entre o céu e o inferno. Quando Paulo disse aos efésios para se revestirem "de toda a armadura de Deus" é para que eles pudessem "ficar firmes contra as ciladas do diabo" (Ef 6.11). No entanto, em meio a essa Grande Guerra entre os que amam a Deus e os agentes de Satanás – o que Donald Grey Barnhouse corretamente chamou de Guerra Invisível,3 – há uma luta pela verdade.

Essa carta inicia com Paulo insistindo que Timóteo se oponha às falsas doutrinas. Então Paulo faz uma digressão para louvar a Deus pela sua salvação

(embora mesmo isso seja pertinente, porquanto esclarece a verdadeira doutrina de Deus e do evangelho). Então, o apóstolo retorna à questão de que está tratando, que é o problema da heresia na igreja. De fato, o texto flui suavemente do versículo 7 até o versículo 18 com pouca interrupção no pensamento. Quando Paulo se refere ao "dever" no versículo 18, ele tem em mente a incumbência qua já havia dado a Timóteo no versículo 3 para que ele se opusesse aos falsos mestres. Portanto, ele retorna à "responsabilidade de Timóteo de extirpar a heresia e estabelecer a sã doutrina".4

O bom combate é a batalha pela teologia correta. Então, quando Paulo prossegue para falar sobre "mantendo fé e boa consciência" (1Tm 1.19), ele traça um contraste explícito com os falsos mestres que descreveu no versículo 5, como tendo abandonado a "consciência boa [...] e [...] fé sem hipocrisia". Quando menciona os adversários de Timóteo, Paulo diz que eles naufragaram "na fé" (1Tm 1.19). Ele irá retornar a esse tema no final da carta quando repete as ordens de marcha de Timóteo: "Combate o bom combate da fé" (1Tm 6.12).

O bom combate é a luta em defesa daquelas doutrinas que são essenciais à fé cristã. Isso inclui doutrinas como a realidade da Trindade, a divindade de Jesus, a necessidade de expiação pelo pecado, a suficiência da morte de Cristo na cruz, a eficácia da fé, e somente ela, para a justificação e a infalibilidade da Escritura Sagrada. Essas verdades profundamente teológicas são dignas de serem defendidas.

A ordem de Paulo é um lembrete para que não tomemos a são doutrina como algo garantido. O povo de Deus nunca conseguiu simplesmente descansar na fé; sempre teve de lutar por ela. Esse bom combate começou no Antigo Testamento. Quando Moisés desceu do monte, o povo de Israel já estava adorando o bezerro de ouro (Êx 32); Josué precisou confrontar os israelitas quanto a quem serviriam, a Deus ou aos deuses (Js 24); Elias teve de enfrentar sozinho 450 profetas de Baal (1Rs 18). Embora nem todos os profetas tivessem de encarar desafios semelhantes, todos enfrentaram o mesmo inimigo. Como Ezequiel, tiveram de se opor aos "profetas que têm visões falsas e que adivinham mentiras" (Ez 13.9).

Esse bom combate foi retomado no Novo Testamento. A maior parte dos ensinamentos de Jesus foi para confrontar a falsa teologia dos fariseus. Todas as cartas do Novo Testamento dizem respeito à sã doutrina. Ao que parece, havia dentro da igreja tantos inimigos quanto no lado de fora. Até mesmo a minúscula carta de Judas insiste com a igreja para batalhar "diligentemente pela fé que uma

vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3).

A história subsequente da igreja é, em grande parte, uma história de confrontação doutrinária. Primeiro, a igreja teve de defender a doutrina da Trindade, estabelecida no Concílio de Niceia (325 d.C.). Mais tarde, defendeu a soberania da graça de Deus, em oposição às doutrinas de Pelágio, centradas no ser humano (Concílio de Éfeso, 431). Entrementes, transcorria uma batalha a respeito da divindade de Jesus Cristo, reconhecida e afirmada gradualmente nos concílios de Constantinopla (381), Éfeso (431) e Calcedônia (451).

Na Idade Média, o caminho da salvação tornou-se o foco do ataque. Com o tempo, erros doutrinários tornaram necessário que o Espírito Santo reformasse a igreja. A Escritura teve de ser defendida como padrão único de fé e prática (sola Scriptura). Cristo teve de ser defendido como único mediador entre Deus e os seres humanos (solus Christus). A fé teve de ser defendida como único instrumento de justificação (sola fide). A graça teve de ser defendida como único instrumento da salvação de Deus (sola gratia). Todas essas doutrinas tiveram de ser defendidas com o propósito de promover a glória maior de Deus, o único digno de adoração (soli Deo gloria).

O bom combate prosseguiu ao longo do século 20. Houve o bom combate entre fundamentalismo e modernismo, protagonizado por J. Gresham Machen e outros. Essa foi uma luta entre aqueles que afirmavam ser o cristianismo uma religião sobrenatural e aqueles que o minimizavam como uma mera experiência humana. Mais tarde, esse se tornaria o conflito entre evangelicalismo e liberalismo, com Billy Graham, Carl F. H. Henry e outros lutando em meados do século e daí para frente.

O objetivo desse esboço de história da igreja é mostrar que nunca houve uma época na qual o povo de Deus não corresse o perigo de cair em erro. A história da igreja confirma a necessidade das instruções de combate que Paulo transmitiu a Timóteo. Até que Cristo retorne, o povo de Deus viverá uma guerra perpétua contra a falsa doutrina. A fé cristã sempre necessitará de ser defendida, não apenas do paganismo, mas especialmente da heresia. Ao contrário das perseguições, que geralmente contribuem para que a igreja dissemine o evangelho, a heresia prejudica a igreja e danifica seu ministério.

Os cristãos anseiam por paz na igreja, e fazem bem ao fazê-lo. Nosso Senhor Jesus orou para que seu povo fosse unido a ele e ao Pai, bem como uns com os

outros (ver Jo 17). No entanto, acreditar que a união doutrinária possa ser alcançada sem luta revela falta de entendimento a respeito da história da igreja e dos ensinamentos da Escritura. Não é suficiente dizer: “Por que simplesmente não cremos em Jesus?” Assim que uma pessoa diz isso, ela precisa explicar quem Jesus é, o que ele fez, que diferença isso faz, e como ele é recebido.

O realismo bíblico adverte os cristãos contra ecumenismo ingênuo. Há uma guerra inevitável e perpétua entre verdade e falsidade. Uma vez que todo ministro é um guerreiro, Timóteo deveria se preparar para a guerra. Nós também. Portanto, qual é o nosso bom combate?

Primeiro, é uma luta pela inerrância bíblica. Embora a igreja evangélica tenha vencido a batalha a favor da Bíblia, que James Boice, Francis Schaeffer e outros guerreiros lutaram nas décadas de 1970 e 1980, é possível que esteja perdendo a guerra. A inerrância ainda é considerada uma afirmação cardeal. Membros da Evangelical Theological Society afirmam todos os anos que “somente a Bíblia, e a Bíblia em sua totalidade, é a palavra escrita de Deus e, portanto, inerrante nos autógrafos”.* No entanto, muitos estudantes e professores de alguns seminários e igrejas evangélicas não se mostram firmemente apegados à doutrina ortodoxa da Escritura, em alguns casos propondo uma falsa distinção entre infalibilidade e inerrância ou defendendo interpretações que questionam a autoridade da Bíblia. Consequentemente, ainda persiste a necessidade de ensinar e defender a verdade de que a Bíblia é a palavra escrita de Deus.

Segundo, há a luta pela salvação apenas por meio de Cristo. Aqueles que se denominam evangélicos pós-conservadores se mostram cada vez mais abertos à ideia de que Jesus Cristo não é o único caminho para a salvação. Ele é um caminho, mas não o caminho. Entrementes, alguns líderes da assim chamada igreja emergente vêm tentando afastar a ênfase no sangue expiatório de Jesus Cristo. Portanto, os evangélicos ortodoxos devem continuar a defender a verdade que Paulo ensinou no próximo capítulo: “Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Tm 2.5).

Terceiro, o bom combate é uma luta em favor da justificação pela graça somente por meio da fé. A Bíblia ensina que o pecador é declarado justo diante de Deus exclusivamente com base na justiça de Jesus Cristo, imputada a ele pela fé. Na década de 1990, houve várias tentativas de unir evangélicos e católicos em torno da doutrina da justificação. Esses debates colocaram a igreja evangélica em risco de negar a doutrina bíblica da justificação. O ponto em que os documentos

evangélico-católicos erraram era no entendimento que tinham do próprio evangelho. D. A. Carson, que participou dos debates, concluiu que a Igreja Católica Romana não havia dado um único passo em direção à doutrina bíblica da justificação. Ele escreveu: “O ensino oficial da Igreja [romana] é que estamos tão separados quanto a essa doutrina quanto os protestantes e os católicos estavam na época de Trento – não obstante as concordâncias formais que podem ser forjadas por um grupo de estudiosos dos dois lados que se reuniram em Nova York”.5

Resumindo, os combates que a igreja deve travar no século 21 são os mesmos de sempre. Eles concentram-se em perguntas como: “O que é a Palavra de Deus?”, “Quem é Jesus Cristo?”, “Qual é o caminho da salvação?”. Os inimigos da sã doutrina não simplismente fugirão. Eles precisam ser afugentados. O bom combate da fé cristã deve ser travado o tempo todo.

A razão pela qual o cristão deve lutar está no fato de que temos um inimigo. Esse inimigo já recebeu seu golpe mortal, mas ele não será derrotado até a segunda vinda. Assim, Calvino advertiu quanto à sã teologia:

o diabo resiste tanto quanto pode, porque a doutrina da salvação que é pregada para nós pelo evangelho é como se fosse a alma da igreja, o reino de nosso Senhor Jesus Cristo, a bem-aventurança dos homens. Portanto [...] o evangelho nunca pode deixar de ser pregado, mas o diabo, enraivecido como está, procura interromper o avanço do evangelho. [...]. Aqueles que têm de pregar o evangelho enganam a si mesmos se pensam que podem exercer seu ofício tranquilamente [...] e fazer nada mais que explicar a Escritura. E isso por quê? Porque o diabo não tolera que preguem a Palavra de Deus desimpedidamente, mas resistirá a ela. [...]. Por isso, devemos estar preparados para lutar.6

Uma boa consciência

O bom combate não é mera questão de fé; é também uma questão de prática. Paulo ordena a Timóteo que se apegue à “fé e boa consciência” (1Tm 1.19). Tendo em vista o contexto militar, Timóteo deve “munir-se” de fé e boa consciência. Considerando-se que a boa consciência tem origem numa vida

justa, era necessário que Timóteo praticasse o que pregava. A vida cristã é tão importante quanto a fé cristã, e a defesa da sã doutrina diz respeito tanto à crença quanto à prática.

Estas duas virtudes – fé e boa consciência – aparecem juntas três vezes em 1Timóteo (1.5; 1.19; 3.9). Uma complementa a outra. Se uma molécula de água perde seu átomo de oxigênio, ou átomo de hidrogênio, ela não é mais água. Do mesmo modo, se um cristão perde a fé ou a consciência, ele não está mais vivendo como cristão.

Fé e consciência caminham juntas de várias maneiras. Obviamente, a falsa doutrina leva a deficiência moral; visões incorretas a respeito da Palavra de Deus levam a práticas incorretas. Contudo, o contrário também é verdadeiro: uma má consciência com frequência leva à má doutrina. Calvino chegou a dizer que “má consciência é a mãe de todas as heresias”.7

Com frequência, as pessoas tentam justificar seus pecados, e quando o fazem, seu mau comportamento leva a falsas doutrinas. O historiador britânico Paul Johnson revelou como isso acontece no mundo das ideias. Seu livro The intellectuals, revela o comportamento totalmente imoral que muitos pensadores contemporâneos exibiram em sua vida particular. Em parte, as filosofias de Karl Marx, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre e outros representaram tentativas de justificar seu próprio comportamento pecaminoso.8

Fé e consciência andam sempre juntas, especialmente na vida do pastor. Nada destrói um ministério mais completamente que a imoralidade. Assim, o teólogo escocês John Willison dá este conselho aos pastores:

“Se quisermos promover o bom nome da igreja e evitar seu descrédito, devemos ser cuidadosos em pregar ao nosso povo tanto por meio dos lábios quanto por meio de nossa vida, de modo que a doutrina que pregamos de púlpito esteja em conformidade com nossas conversas do dia a dia. Tenhamos em mente que uma maneira de viver licenciosa em pouco tempo irá demolir o que foi construído pela maneira mais vigorosa de pregar; isso porque nosso povo tem olhos para ver como nos comportamos, e ouvidos para ouvir o que dizemos.”9

Isso tudo para dizer que a fé cristã não deve ser simplesmente defendida, mas também vivida.

Naufrágio!

O que acontece quando o cristão abandona a fé ou a prática? Paulo encerra sua exortação com uma instrução específica e dois exemplos trágicos de homens que naufragaram na fé por causa da imoralidade.

Os homens que ele tem em mente eram conhecidos da igreja efésia: Himeneu e Alexandre. Himeneu é mencionado na segunda carta de Paulo a Timóteo, em que ele diz: “Himeneu e Fileto [...] se desviaram da verdade, asseverando que a ressurreição já se realizou, e estão pervertendo a fé a alguns” (2Tm 2.17-18). Alexandre pode ter sido mencionado em outro escrito, porque Paulo reclama que “Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras. Tu, guarda-te também dele, porque resistiu fortemente às nossas palavras” (2Tm 4.14-15; talvez esse Alexandre seja o judeu de mesmo nome que tentou falar à multidão durante o protesto em favor de Diana em Éfeso; ver At 19.33-34).

O que Paulo diz sobre esses dois homens é que, ao rejeitar a fé e a boa consciência, eles “vieram a naufragar na fé”, e que por essa razão ele os entregou “a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem” (1Tm 1.19-20). Ao denominar a posição teológica desses dois de “rejeição”, a Bíblia deixa claro que ambos tomaram uma decisão consciente e deliberada de repudiar a fé cristã.

O resultado foi um naufrágio. Himeneu e Alexandre se lançaram contra os icebergs da falsa doutrina. O testemunho deles transformou-se num Titanic. Com o decorrer do tempo, seus próprios ensinamentos tornaram-se blasfemos (1Tm 1.20) e eles tornaram-se culpados de difamar o caráter de Deus. A lição é que os mestres cristãos devem ser tanto bons marinheiros quanto bons soldados.10

Entregues a Satanás

O naufrágio desses homens é por vezes considerado uma dificuldade para o calvinismo. Himeneu e Alexandre parecem ter perdido a fé. O que isso diz sobre a doutrina da perseverança dos santos? Se eles perderam a fé, como uma pessoa pode ter certeza da salvação?

Uma boa maneira de lidar com essa dificuldade é ressaltar que Himeneu e Alexandre não naufragaram “em sua fé”, mas “na fé”* (tēn pistin). Em primeiro lugar, a Escritura não afirma que esses homens tinham fé salvífica. Se eles não tinham, não é de admirar que eles tenham colidido com um iceberg em algum ponto ao longo do caminho. Então, talvez o exemplo deles mostre quão longe uma pessoa parece avançar na fé cristã sem nunca ter confiado em Cristo em primeiro lugar (cf. 1Jo 2.19).

Talvez uma maneira melhor de lidar com a dificuldade é reconhecer que ainda havia esperança para Himeneu e Alexandre. Paulo sabia (mais que ninguém), que era possível sobreviver a um naufrágio. Embora estar perdido no mar seja sempre perigoso, algumas vezes é possível salvar-se nadando, como aconteceu com o próprio Paulo em pelo menos três ocasiões (ver 2Co 11.25; cf. At 27). Também é importante observar que o pecado que esses homens cometeram – a saber, a blasfêmia – era um dos pecados que o apóstolo havia cometido (ver 1Tm 1.13). Paulo sabia que era possível ser perdoado pela blasfêmia bem como ser salvo de um naufrágio.

Tudo isso ajuda a explicar por que Paulo entregou Himeneu e Alexandre “a Satanás” (1Tm 1.20). Essa expressão, que se refere à disciplina eclesiástica, também ocorre em 1Coríntios 5.5. Ela foi trazida da sinagoga judaica, e refere-se à correção do pecado.

A disciplina eclesiástica inclui tudo o que Jesus descreveu em Mateus 18.15-20. Caso um membro da igreja caia em pecado escandaloso, um irmão ou irmã em Cristo deve corrigi-lo a sós: “Se teu irmão pecar contra ti, vai argui-lo entre ti e ele só” (Mt 18.15). Era esperado que isso resolvesse o problema: “Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão” (Mt 18.15). O problema é solucionado e a igreja reconciliada. No entanto, caso o membro se recusar a ouvir, é necessário enviar dois irmãos para tentar fazê-lo desviar-se do pecado: “Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça” (Mt 18.16). Somente se esses dois procedimentos não forem bem-sucedidos a questão deve ser levada aos líderes: “E, se ele não os atender, dize-o à igreja” (Mt 18.17).

Por fim, um membro da igreja que se recuse a se arrepender deveria ser excluído da igreja: “e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano” (Mt 18.17). A decisão de remover um membro da comunhão da igreja é às vezes referida como “excomunhão”. Significa impedir o membro

excluído de receber o sacramento da comunhão. Isso também o afasta do cuidado de Deus. Entregar alguém a Satanás “não significa que a pessoa simplesmente deixa a congregação cristã e volta a viver tranquilamente na sociedade pagã; era crido que essa pessoa estava de fato exposta à maldade do Maligno, e algum desastre era efetivamente previsto”.11

Essa é uma advertência a respeito do perigo de ser pego fora da igreja de Jesus Cristo. É instrutivo lembrar-nos de quanto Jó sofreu quando ele foi entregue nas mãos de Satanás, ou dos coríntios que adoeceram porque estavam abusando da Ceia do Senhor (1Co 11.30). Himeneu e Alexandre ficaram expostos a perigos semelhantes quando foram entregues a Satanás. Embora o texto não forneça detalhes, presume-se que Paulo tenha seguido o procedimento bíblico: ambos foram excluídos da comunhão cristã; não podiam mais ser considerados membros da igreja de Jesus Cristo. Para que retornassem à comunhão com Cristo e sua igreja, era necessário que fossem outra vez evangelizados.

Tudo isso foi feito para o benefício espiritual dos próprios Himeneu e Alexandre. Como observou Agostinho, Paulo estava tentando “corrigir homens maus por meio do Maligno”.12 Eles foram excomungados “para que aprendam a não blasfemar” (1Tm 1.20, ARC). “Aprendam” (paideuthōsin) traz uma conotação positiva com o sentido de instruir, treinar e corrigir. Embora ele pareça mais pessimista na ocasião em que escreveu 2Timóteo, aqui Paulo ainda tinha esperança de que Himeneu e Alexandre retornassem sãos e salvos. Como Towner ressaltou: “Algumas pessoas só percebem as vantagens de permanecer a bordo depois de serem lançadas ao mar”.13 Paulo desejava ardentemente que Deus trouxesse Himeneu e Alexandre de volta.

A intenção da disciplina não é simplesmente punir pelo pecado, mas restaurar o pecador. Martinho Lutero ressaltou que ela possui propósitos medicinais.14 Não tem a intenção de prejudicar, mas curar. Quando é utilizada corretamente, a disciplina eclesiástica “preserva a glória de Deus, a pureza de sua igreja e a manutenção e recuperação de pecadores desobedientes”.15 De acordo com o Book of Church order of the Presbyterian Church in America, o objetivo final da disciplina é “repreender transgressões, remover escândalos, vindicar a honra de Cristo, promover a pureza e a edificação geral da igreja e o bem espiritual dos próprios transgressores”.16

Sempre há o perigo de alguém abusar da autoridade espiritual. Podemos nos lembrar, por exemplo, dos antigos presbíteros escoceses que saíam a percorrer

vilarejos no momento do culto a fim de encontrar transgressores do sábado para excomungá-los.17 Porém, a igreja contemporânea tem errado na direção oposta. Temerosos de ofender, os cristãos raramente advertem as pessoas do pecado. A disciplina eclesiástica precisa ser restaurada ao seu lugar de direito e utilidade na igreja. Não se trata de um conceito humano, mas divino. Calvino explicou muito bem o funcionamento da disciplina: “Tendo em vista que Cristo governa seu reino a partir da Igreja, fora dela nada resta senão domínio de Satanás. Portanto, todo aquele excluído da igreja deve, necessariamente, ser submetido, por um período, à tirania de Satanás, até reconciliar-se com a Igreja e retornar para Cristo”.18

O descanso do guerreiro

É importante entender que a obra pastoral algumas vezes envolve afastar pecadores para longe da proteção de Deus para que possam ser salvos. Não é fácil pastorear. Porém, guerrear não é mesmo fácil. Nunca o cristão deve se esquecer de que é um soldado.

Paulo permaneceu no exército até o fim da sua vida. Quando escreveu a segunda carta a Timóteo, já era veterano de muitas batalhas. Em suas últimas palavras ao seu oficial imediato, o apóstolo escreve:

Quanto a mim, estou sendo já oferecido por libação, e o tempo da minha partida é chegado. Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda (2Tm 4.6-8).

Palavras magníficas para serem repetidas ao final do ministério ou da vida: Combati o bom combate. Mas seria melhor ainda receber os espólios da batalha, porque Cristo há de ganhar a guerra e todos os seus soldados usarão a coroa da vitória. William Walsham How escreveu um hino maravilhoso dedicado aos soldados que já se aposentaram da batalha pelo evangelho. Embora famoso por sua primeira linha (“For all the saints”), o refrão diz:

Que vós, leais soldados, em verdade e bravura,

Lutem como os nobres santos de outrora,

E com eles ganhem a coroa de ouro da vitória.

O entardecer dourado já brilha no Ocidente;

Muito em breve descansará todo guerreiro persistente;

Na calmaria aprazível do paraíso florescente.

Notas

* No original, “a fé”. (N. do R.)

1 Consulte o relato completo da batalha de Manassas in Shelby Foote. The Civil War: A narrative, 3 vols. (Nova York: Random House, 1958), 1:56-72.

2 M. Craig Barnes. “Finding the eye of the storm”, Leadership (inverno de 1998), p. 20-21.

3 Donald Grey Barnhouse. The invisible war (Grand Rapids: Zondervan, 1965).

4 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper’s New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 56-57.

5 D. A. Carson. “Reflections on salvation and justification in the New Testament”, Journal of the Evangelical theological society 40.4 (dez./1997): 581-608 (p. 606).

6 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 100-101.

7 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and

the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 202.

8 Paul Johnson. The intellectuals (Nova York: Harper and Row, 1988).

9 John Willison. The practical works of the Rev. John Willison, org. W. M. Hetherington (Glasgow, 852), p. 837.

10 Walter Lock. A critical and exegetical commentary on the Pastoral Epistles (I & II Timothy and Titus), International critical commentary (Edimburgo: T & T Clark, 1924), p. 19.

11 Kelly. Pastoral Epistles, p. 58.

12 Agostinho. Letters, p. 93.7; The confessions and letters of Augustine, trad. Philip Schaff, Nicene and Post-Nicene Fathers, First series (1886; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 1:384.

13 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 59-60.

14 Martinho Lutero. Luther's works, org. Jaroslav Pelikan (Saint Louis: Concordia, 1973), 28:255.

15 The Book of Church order of the Presbyterian Church in America, 5ª. ed. (Atlanta: Committee for Christian education and publications, 1997), p. 27-3.

16 Book of Church Order, 27–3. [Esse mesmo objetivo é identificado no Código de Disciplina da Igreja Presbiteriana do Brasil, conforme o capítulo 1, Art. 2, Parágrafo único (N. do E.).]

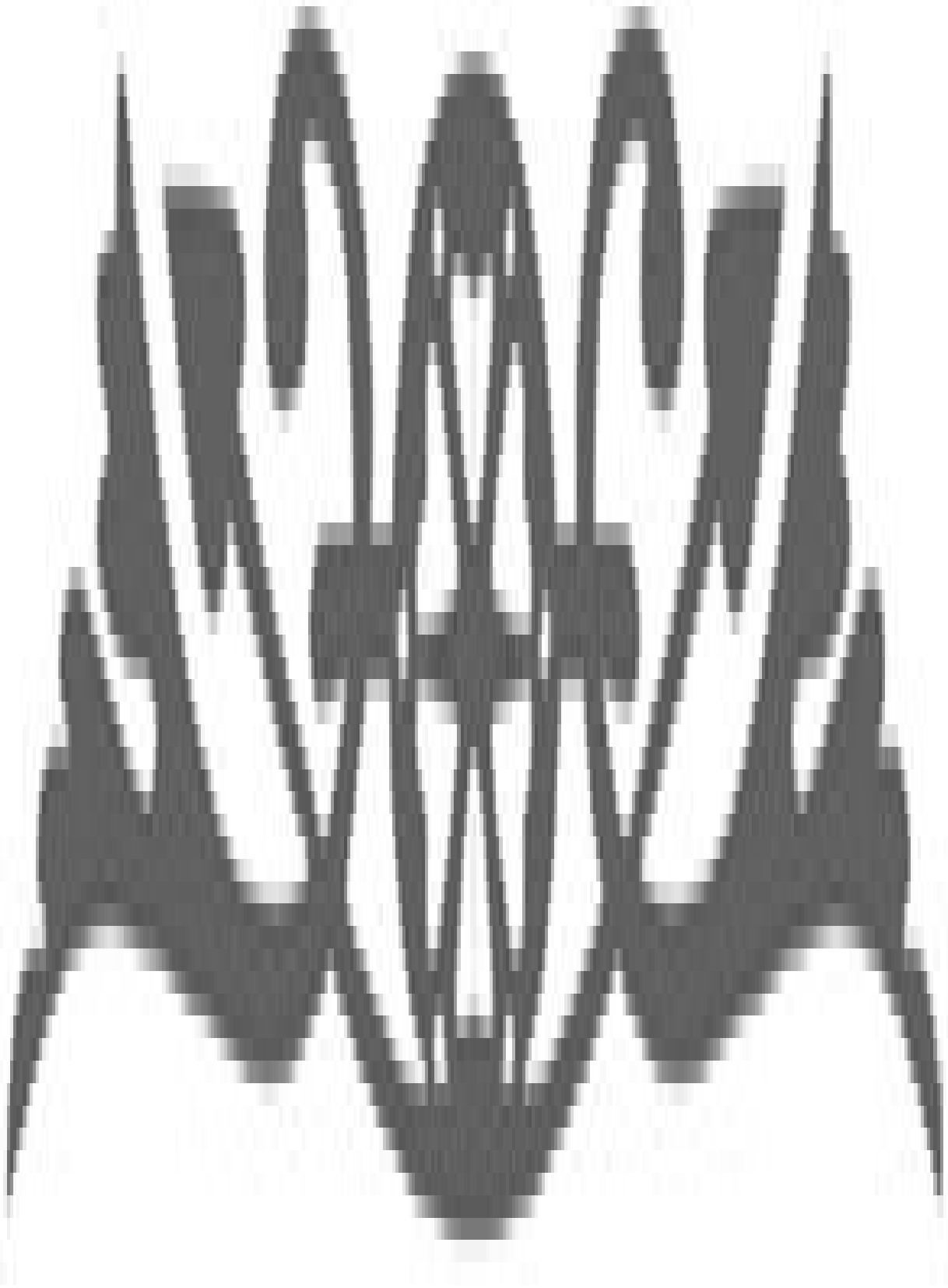
17 Gerald R. Cragg. The church and the age of reason, 1648-1789, ed. rev., Penguin History of the church 4 (Baltimore: Penguin, 1970), p. 85.

18 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 203.

5

A grande intercessão

1Timóteo 2.1-7



Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade, para que vivamos vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito. (1Tm 2.1-2)

Joanne Shetler passou vinte anos traduzindo a Bíblia entre os Balangao, tribo situada nas montanhas das Filipinas. Por se tratar de um trabalho difícil, estava muito desanimada quando retornou aos Estados Unidos para desfrutar seu primeiro sabático: "Estava muito frustrada quando retornei para casa na minha primeira licença. Depois de cinco anos de trabalho duro, somente duas pessoas creram. Resultado pífio, não? Sem saber o que fazer, descarreguei tudo em minha igreja – e descobri uma coisa interessante: não é possível realizar todo o trabalho sozinha. É necessário ter pessoas orando por você".1 Joanne Shetler aprendeu uma lição valiosa a respeito do ministério cristão: a obra espiritual não é realizada por meio de força, habilidade ou técnica, mas da oração.

Ore por todas as pessoas

Orar é a coisa mais importante que o povo de Deus faz. É por essa razão que o apóstolo Paulo, depois de encarregar Timóteo de defender a fé, coloca a intercessão como a mais alta prioridade da adoração pública: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens" (1Tm 2.1; cf. Fp 4.6).

Há muito os estudiosos procuram distinguir entre esses tipos de oração. Orígenes, escrevendo em algum momento no século 3º., utilizou-as como fundamento da sua clássica análise da oração endereçada a Ambrósio. Mais recentemente, George Knight definiu os termos gregos da seguinte maneira: "deēseis, fazer pedidos por necessidades específicas; proseuchas, apresentar pessoas específicas diante de Deus; enteuxeis, suplicar corajosamente em favor dessas pessoas; e eucharistias, expressar gratidão por elas".2 Essa é uma explicação tão boa quanto qualquer outra, mas o ponto importante é a necessidade de orarmos de todas as maneiras possíveis por todos os tipos de

pessoa. Os cristãos devem fazer todo tipo de oração por todas as pessoas.

O tipo de oração que o apóstolo Paulo tinha especificamente em mente era a oração evangelística. É a intercessão pela salvação das almas. Isso fica claro a partir do restante da passagem, que trata do plano de Deus para a salvação do mundo. Cristãos oram por todas as pessoas (1Tm 2.1-2): primeiro, porque Deus deseja que todos sejam salvos (1Tm 2.3-4); segundo, porque Cristo é o Salvador para todos (1Tm 2.5-6); e terceiro, porque o evangelho é pregado para todos (1Tm 2.7).

As orações públicas da igreja devem ter uma perspectiva global. Muitas igrejas evangélicas têm encurtado a oração pastoral ou até mesmo eliminado-a completamente. O apóstolo Paulo ficaria chocado com essa tendência, pois considerava a oração prioridade máxima no culto público a Deus.

E mesmo nos casos em que ainda se ora, algumas vezes essas orações congregacionais se mostram autocentradas, sem ir muito além de pedidos diários ou do problema dos rins da tia Edna. Orações pastorais precisam ser amplas, extensas e diversificadas. Devem incluir as nações do mundo e questões importantes dos nossos dias. Temos de interceder por renovação, reavivamento e reforma da igreja. Orar por missionários, evangelistas e plantadores de igrejas. Os sofrimentos dos cristãos perseguidos e a angústia dos perdidos devem ser colocados semanalmente perante o trono da graça.

O Deus que governa o mundo quer que seu povo ore em favor do mundo. Portanto, todas as igrejas deveriam posicionar-se no centro de algo que Deus está realizando ao redor do mundo. A Grande Comissão (Mt 28.18-20) caminha de mãos dadas com a Grande Intercessão. Em sua obra Thoughts on public prayer, Samuel Miller, ex-teólogo de Princeton, escreveu:

Uma oração pública correta deve sempre incluir uma menção firme e marcante à expansão do evangelho, além de petições sinceras pelo êxito dos recursos utilizados pela igreja para esse propósito. Grande parte da obrigação da igreja é divulgar a notícia do caminho da salvação a todos ao seu redor e enviá-la, com o máximo de empenho, a todos os que dela se encontram destituídos; portanto, a igreja nunca deve se reunir sem o reconhecimento dessa obrigação e sem orações fervorosas pedindo graça e força para realizá-la.3

Algumas das mais memoráveis reuniões de oração de que participei ocorreram na Gilcomston South Church, em Aberdeen, Escócia, na época pastoreada por William Still. Todo sábado (!) à noite a congregação se reunia, por duas horas, em intercessão a favor da expansão global do evangelho. À frente do salão de oração havia um grande quadro com listas de nomes e locais de pastores e missionários enviados pela igreja. Os membros começavam orando pela cidade de Aberdeen e em seguida pela Escócia e pelas Ilhas Britânicas. Pouco depois, alguém mencionava um continente e a partir daí a oração prosseguia nação por nação até envolver quase o mundo inteiro em orações. Além de um encontro de oração, era também uma aula de geografia. A igreja de Gilcomston estava comprometida a orar pelo mundo inteiro, como toda igreja evangelística deve estar.

Incluindo as autoridades

Ao conclamar a igreja a orar por todos, Paulo quis dizer isso mesmo. Orar pelo mundo inteiro, incluindo orações "em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade" (1Tm 2.2). É possível que tenha havido burburinhos de surpresa quando Timóteo leu essa instrução para os efésios. As orações tradicionais na sinagoga judaica não incluíam intercessão pelas autoridades, especialmente gentias. Além disso, naquela época não havia nenhum rei cristão, mas apenas pagãos (como o imperador Nero, que atirava cristãos aos leões e os usava como tochas para iluminar seu jardim). João Calvino, depois de investigar os governantes daquela época, concluiu que eram todos "inimigos do evangelho, assassinos, perversos e perseguidores de cristãos".4 Apesar disso, a Bíblia ordena interceder (e com ações de graças!) "em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade".

A igreja primitiva assumiu essa responsabilidade com muita seriedade. Considere como Clemente de Roma, no início do século 2º, orava pelos líderes e governantes da terra: "Senhor, concede a eles saúde, paz, harmonia e estabilidade, para que possam administrar o governo que tu lhes concedeste de um modo irrepreensível. [...] Senhor, dirige os planos deles de acordo com o que é bom e agradável a ti, para que, administrando de maneira piedosa, pacífica e bondosa a autoridade que tu lhes concedeste, possam experimentar a tua

misericórdia”.5

A menção que Clemente faz à paz e estabilidade está de pleno acordo com as instruções de Paulo. Oramos em favor dos nossos líderes com o propósito de levarmos uma “vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito” (1Tm 2.2; cf. 1Ts 4.11-12). Seguindo o exemplo dos cativos na Babilônia (ver Jr 29.7), os cristãos devem orar pedindo paz e prosperidade para seus governantes, mesmo quando eles estão vivendo entre pagãos.

Nem sempre os cristãos são conhecidos como pacificadores. Isso já era verdadeiro nos dias de Paulo, quando os cristãos foram acusados de incendiar Roma. Foi também verdadeiro durante a Reforma. Calvino escreveu suas Institutas (1536) para mostrar que os reformadores não estavam tentando desestabilizar a ordem social.6 A reputação da igreja necessita de defesa quase contínua, uma vez que o envolvimento do cristão na vida pública é frequentemente encarado com ceticismo e até hostilidade. Em parte, isso se deve à natureza radical do evangelho, que transforma cristãos em potenciais revolucionários. Apesar disso, Deus deseja que o cristão viva de maneira pacífica, mesmo diante de hostilidades, e que se comporte ordenadamente, dignamente e respeitosamente, vivendo com toda a tranquilidade e mansidão. Nas palavras da NEB (New English Bible), os cristãos devem manter “total observância da religião e elevados padrões de moralidade”. Eles devem ser respeitosos e respeitáveis.

A razão pela qual Paulo insiste em bom comportamento é que ele é essencial para o testemunho da igreja. Cristãos que não oram por líderes políticos tendem a tumultuar a paz. Agem com cinismo diante dos seus adversários políticos e se alegram quando estes caem em desgraça. Uma vez que hoje o cinismo em relação ao governo é tão prevalecente na igreja evangélica, podemos concluir que os cristãos não estão orando com diligência em favor das autoridades. Como muito bem declarou Crisóstomo: “ninguém tem ódio da pessoa pela qual está orando”.7 A oração substitui a hostilidade pela compaixão.

Uma boa razão para orar pelo governo é que uma sociedade pacífica é uma boa sociedade. Esses versículos mostram o relacionamento correto entre a igreja e o Estado: não uma separação, mas parceria. John Stott oferece esta perspectiva equilibrada:

O Estado tem o dever de manter a paz, proteger seus cidadãos de tudo o que possa perturbar essa paz, preservar a lei e a ordem, punir a maldade e promover o bem a fim de que, numa sociedade estável, a igreja seja livre para adorar a Deus, obedecer às suas leis e propagar seu evangelho. Reciprocamente, a igreja tem o dever de orar em favor do Estado, para que seus líderes apliquem justiça e instaurem a paz, e acrescentar às suas intercessões ações de graças, especialmente pela bênção de um bom governo como uma dádiva da graça comum de Deus.8

Quando o Estado protege a igreja e a igreja ora pelo Estado, todos vivem em paz. Embora num país como os Estados Unidos, por exemplo, o cristianismo não mais desfrute dos benefícios de outrora, os cristãos ainda podem louvar a Deus pela sua liberdade religiosa e orar para que permaneça assim. Por sua vez, a paz promove a propagação do evangelho pelo mundo inteiro. Isso aconteceu na época da Pax Romana, do Império Romano, período em que a segurança nas estradas do Império Romano permitia deslocamentos mais rápidos dos primeiros missionários em suas viagens. Aconteceu também durante o Império Britânico, período em que missionários ingleses se espalharam pelo mundo. Foi verdadeiro ao longo do Século Americano, período em que missionários saíram dos EUA para traduzir a Bíblia, evangelizar etnias ainda não alcançadas e plantar igrejas em todas as nações. A obra missionária em períodos de paz é parte do plano de Deus para a salvação do mundo. Portanto, oremos pela paz.

Todos estão convidados

Como regra geral, as melhores orações são aquelas que emergem de uma teologia sã. Sempre que Deus for abordado com base no seu plano, sua obra ou seu caráter, ele ouvirá e atenderá. Paulo, ao lançar o fundamento da sua teologia para a Grande Intercessão, sua palavra-chave foi “todos” (pantōn): há oração por todos (1Tm 2.1-2) porque o convite é para todos (1Tm 2.4) e um resgate para todos (1Tm 2.6).

Os cristãos devem orar por todos porque, primeiramente, Deus deseja que todos sejam salvos. Isso é bom – em outras palavras, é bom que os cristãos se preocupem e orem pelo mundo – e “é bom e aceitável diante de Deus, nosso

Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1Tm 2.3-4). Aqui está um forte incentivo para orarmos pela obra mundial do evangelho; essas orações são agradáveis a Deus. E aqui há também o maior incentivo para nos tornarmos parte ativa em missões: as preocupações de Deus não são paroquiais, mas globais.

"Cheguem ao pleno conhecimento da verdade" é outro modo de se referir à conversão a Cristo. O cristianismo está baseado no que é verdadeiro. Ser salvo é conhecer a verdade a respeito de Jesus Cristo – que ele veio para libertar seu povo do pecado e da morte. Deus quer que você saiba disso. Ele quer que todos saibam disso. Portanto, ele convida todos para irem a ele por meio de Jesus Cristo.

O Deus que quer que todos sejam salvos é também o Deus que salva. Ele é "Deus, nosso Salvador". Esse é um título um tanto incomum no Novo Testamento, no qual "Salvador" é geralmente um título empregado em relação a Deus o Filho. Mas a salvação também é obra do Pai e do Espírito, tanto quanto do Filho. Paulo utiliza o título para chamar a atenção para uma passagem importante do Antigo Testamento: "Pois não há outro Deus, senão eu, Deus justo e Salvador não há além de mim. Olhai para mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra; porque eu sou Deus, e não há outro" (Is 45.21-22). Aqui a Escritura ensina a oferta universal do evangelho. O Deus único, o Deus que salva, convida todos a recebê-lo.

Na época de Timóteo houve várias tentativas de limitar a salvação a um grupo seleto. Alguns cristãos judeus acreditavam que os gentios deveriam se tornar judeus culturais antes de se tornarem cristãos. Outro grupo que se considerava à parte eram os pagãos gnósticos, segundo os quais a salvação não era para todos, mas somente para pessoas que tinham conhecimentos especiais.

Atualmente, algumas igrejas caem nessa mesma armadilha sempre que tratam o evangelho como propriedade exclusiva, como se pertencesse a determinada classe ou raça. Um dos principais erros da teologia da libertação é a crença de que Deus tem uma "opção preferencial pelos pobres". Em contrapartida, uma grande falha do evangelicalismo americano é sua mentalidade de classe média. Porém, o evangelho é para todos. Ele é para os trabalhadores rurais, bem como para os magnatas; para os gênios, bem como para pessoas com Q.I. abaixo da média; para as nações do terceiro mundo, bem como para as nações mais desenvolvidas.

A oferta universal do evangelho tem implicações globais para o evangelismo. De acordo com João Calvino, tendo em vista que Deus “pretende que o benefício da sua morte esteja disponível para todos, aqueles que [...] excluem qualquer pessoa da esperança da salvação o insultam”.9 Pelo contrário, todo não cristão deve ser convidado a receber Jesus, porque Cristo está disponível para todos. O cristão tem esta esperança para levar ao mundo inteiro: “Deus quer que você seja salvo e conheça a verdade”.

A oferta universal do evangelho também tem implicações para a oração. A razão de a igreja orar por todos se deve ao fato de Deus convidar todas as pessoas. Os cristãos não têm de adivinhar quem Deus pretende salvar. A oração evangelística não deve ser limitada por nenhuma discriminação. Paulo até mesmo pediu que Timóteo orasse por César. Embora pareça inútil orar pelos neros do mundo, Deus quer que oremos por eles: “A verdade é que Deus ama o mundo inteiro e deseja que todos sejam salvos; portanto, ordena que preguemos o evangelho a todas as nações e oremos pela conversão delas”.10

Isso parece criar um problema teológico aqui. O que significa afirmar que Deus quer a salvação de todas as pessoas se a Escritura ensina claramente que nem todos serão salvos (ver, por exemplo, Mt 25.31-46)? Porventura Deus não obtém o que deseja? De que maneira isso se encaixa nas doutrinas da eleição e da soberania de Deus? Esses problemas parecem ser especialmente difíceis para os calvinistas. Como afirma A. T. Hanson: “Essa nobre declaração do amor universal de Deus colide frontalmente com a austera tradição cristã da predestinação que Agostinho defendeu tão enfaticamente e, onze séculos depois, Calvino reafirmou. Consequentemente, Agostinho e Calvino tiveram de evadir-se do sentido óbvio desses termos dizendo que Deus escolhe seus eleitos dentre todas as classes de homens”.11

Embora essas objeções nos arrastem para as profundezas do mistério da vontade de Deus, conhecida apenas por ele, elas também exigem respostas. Uma maneira de lidar com a dificuldade é estabelecer uma distinção entre vontade específica e vontade geral de Deus. O desejo de Deus (o que ele quer) é de algum modo menos forte que sua vontade. O apóstolo Pedro utilizou a mesma terminologia que Paulo ao escrever: “o Senhor [...] é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2Pe 3.9). Portanto, talvez haja uma diferença entre desejo de Deus e decreto de Deus, que “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Ef 1.11). Ou talvez possamos estabelecer uma distinção teológica entre vontade revelada de Deus

(que todos sejam salvos) e sua vontade secreta (que somente certas pessoas deverão ser salvas). Essas soluções são teologicamente possíveis, mas há uma solução exegética muito melhor, como veremos adiante.

O único

Paulo começou a elaborar a sua fundamentação teológica para a Grande Intercessão. A igreja deve orar por todas as pessoas porque Deus quer que todos sejam salvos. Então o apóstolo acrescenta outras duas razões para orarmos: "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1Tm 2.5). Devemos orar por todos porque há um Deus para todos e um mediador para todos.

Esse versículo fala primeiro da unidade de Deus. Há somente um Deus. Esse é o fundamento da teologia do Antigo Testamento: "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (Dt 6.4; cf. Is 45.5). A unidade de Deus também é essencial para a teologia do Novo Testamento (ver 1Co 8.6; Ef 4.6), especialmente em vista dos muitos deuses que os pagãos adoravam em cidades como Éfeso. No entanto, em si, a declaração de que há somente um Deus prova apenas o monoteísmo, não o cristianismo. Talvez haja apenas um Deus, porém mais de um meio de ser salvo, como argumentam alguns atualmente. John Stott formula a objeção da seguinte maneira: "Por que não deveria o Deus único, o qual deseja que todos sejam salvos, salvá-los de maneiras diferentes, uns por meio do hinduísmo ou do budismo, outros por meio do judaísmo ou do islamismo, outros ainda por meio da Nova Era ou outra seita contemporânea?"12

Jane Fonda em certa ocasião posicionou-se de modo semelhante numa conversa com o arcebispo da Cantuária. Quando o arcebispo disse: "Jesus é o Filho de Deus, você sabe", Fonda respondeu dizendo: "Talvez ele o seja para você, mas não para mim", ao que o arcebispo, muito corretamente, replicou: "Bem, ou ele é ou não é".13 Jane Fonda estava falando como uma religiosa pluralista (ou talvez uma "Fonda-mentalista"?). Ela estava dizendo que há muitos caminhos para se chegar ao Deus único, enquanto o arcebispo corretamente mantinha que há somente um caminho para Deus. Assim como há um único Deus, há um só caminho até ele por meio do único mediador entre Deus e os seres humanos.

O mediador é um intermediário. A razão para necessitarmos de um mediador é o

nosso pecado. Estamos alienados de Deus. Não podemos ir até ele diretamente. Ele é santo de mais para nós suportarmos, transcendente de mais. É o mesmo problema com o qual Jó se debatia quando disse:

Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda, vindo juntamente a juízo.

Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos.

Tire ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror;

então, falarei sem o temer; do contrário, não estaria em mim. (Jó 9.32-35)

O árbitro que Jó buscava é Jesus Cristo. Porque ele é o Deus-homem, Jesus faz a ligação entre o Criador e a criatura. Ele é totalmente Deus. Portanto, capaz de cumprir os padrões de Deus. Mas como "Cristo Jesus, homem", para citar as palavras de Paulo a Timóteo, ele é totalmente humano. Assim, capaz de cumprir nossa obrigação.

A razão pela qual Jesus é o único mediador é que ele é o único que tem tanto a natureza humana quanto a divina – e não os anjos, ou Maria, ou os santos, e nem mesmo o seu pastor local preferido, porque nenhum deles é divino. Para chegar a Deus, teremos de passar por essa pessoa divina. Jesus é o mediador.

Pelo fato de compreender intimamente ambas as partes, Jesus é capaz de representar e reconciliar o homem com Deus. Como membro da Trindade, ele tem comunhão com o Pai e com o Espírito. Como membro da raça humana, tem união conosco. Então, nas palavras de John Wesley, Jesus é capaz de "reconciliar o ser humano com Deus e negociar todo o processo da nossa salvação".14 Como os puritanos costumavam dizer, Jesus é capaz de estender as mãos o suficiente para alcançar ambos os lados da aliança da graça.

Aqui temos o cristianismo apresentado no seu sentido mais estrito e, ao mesmo tempo, no seu sentido mais amplo. O cristianismo é uma religião absolutamente exclusivista, porquanto prega um só Deus, um só Salvador e uma só salvação. Em contrapartida, também é amplamente inclusivista, porquanto é a existência

de um só Deus, é a razão de o único caminho para a salvação estar aberto para todos: “Nossa fé exclusivista (há somente um Deus e nenhum outro) necessariamente leva à nossa missão inclusivista (o Deus único deseja que todos os homens sejam salvos)”.15

Um resgate para todos

Depois de definir a pessoa do mediador, Paulo passa a descrever a obra desse mediador. Isso nos leva, como sempre deve ocorrer em todo debate a respeito da salvação, à cruz do Calvário. Lá Jesus Cristo “a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos” (1Tm 2.6). Esse é o ponto culminante do argumento que Paulo vem desenvolvendo até aqui. A igreja ora por todos porque há um só Deus para todos – um Deus que quer que todos sejam salvos – e um só mediador para todos – um mediador que a si mesmo se entregou como um resgate.

O fato de que Jesus “a si mesmo se deu” fala da natureza sacrificial da sua morte na cruz. Sua crucificação foi uma oferta voluntária, um sacrifício voluntário. Ninguém tirou sua vida; ele mesmo a entregou espontaneamente (Jo 10.18).

O fato de Jesus ter feito isso por outros fala da natureza substitutiva da sua morte. Jesus morreu em nosso lugar. Seu sangue foi uma expiação pelos nossos pecados. Em grande medida, essa doutrina da expiação substitutiva foi esquecida na igreja contemporânea. George Lindbeck, teólogo luterano e professor em Yale, lamenta que “até mesmo aqueles que se consideram fiéis conservadores da ortodoxia trinitariana e cristológica dos antigos credos, abandonaram em grande parte a tradicional linguagem ocidental da expiação, e, com isso, o tema da salvação por meio da morte de Cristo na cruz foi enfraquecido”.16 No entanto, a natureza substitutiva da morte de Cristo é ensinada claramente aqui e em outras passagens nas Escrituras.

A obra de Cristo na cruz é adicionalmente descrita como um “resgate”. Esse rico termo bíblico refere-se à libertação de um escravo por meio do pagamento de um preço. Quando Jesus morreu na cruz, ele estava fazendo uma troca pelo pecado. Esse preço não foi pago ao diabo (como ensinaram alguns dos primeiros Pais da igreja), mas para Deus, a fim de satisfazer a sua justiça. A razão pela qual Cristo poderia pagar esse preço pelos nossos pecados já foi mencionada: ele é o

mediador. Para poder pagar o resgate, era necessário que fosse tanto Deus quanto homem. Isso talvez seja mais bem explicado por Anselmo da Cantuária, que disse que a salvação “não poderia ser alcançada a menos que o homem pagasse o que ele devia a Deus pelo pecado. Porém, era uma dívida tão grande que, embora fosse devida apenas pelo homem, somente Deus era capaz de saldá-la, de modo que a mesma pessoa deveria ser tanto Deus quanto homem. Assim, era necessário que Deus assumisse a humanidade na unidade da sua pessoa, a fim de que aquele que em sua própria natureza deveria pagar e não era capaz de fazê-lo estivesse em uma pessoa que fosse capaz”.17 Isto foi o que Cristo realizou em sua morte na cruz: o pagamento de uma dívida devida apenas pelo homem, mas que apenas Deus seria capaz de pagar.

Jesus fez esse pagamento no momento oportuno. Esse parece ser o argumento na sua frase seguinte: “para servir de testemunho a seu tempo” (1Tm 2.6, ARC). A versão em inglês Revised English Bible coloca isso desta maneira: “revelando o propósito de Deus no tempo oportuno de Deus”. Exatamente no tempo correto (cf. Rm 5.6-8; Gl 4.4), Jesus morreu na cruz para revelar o amor de Deus a um mundo pecaminoso.

Os vários aspectos desse resgate são resumidos de um modo útil num sermão de Charles Spurgeon:

Quando um prisioneiro era levado cativo e transformado em escravo [...] era comum, antes de ser liberto, que fosse pago um preço de resgate. Ora [...] por ocasião da queda de Adão [...] estávamos, por meio do julgamento irrepreensível de Deus, entregues à vingança da lei; fomos entregues nas mãos da justiça; e a justiça nos declarou escravos para sempre, a menos que pudéssemos pagar um resgate, por meio do qual nossa alma pudesse ser redimida. [...] Éramos [...] “devedores falidos”; [...] tudo o que possuíamos foi vendido [...] e de modo nenhum nos era possível pagar o resgate; foi nesse momento que Cristo apareceu [...] e, [...] em lugar de todos os crentes, pagou o preço do resgate, para que pudéssemos, a partir daquele momento, ser libertos da maldição da lei e da vingança de Deus e sair limpos, libertos, justificados pelo seu sangue.18

Quando Paulo fala de Cristo como um resgate por todos os homens, surje outra

dificuldade teológica. Esse versículo parece ensinar uma expiação universal, que é a posição arminiana: Cristo morreu por todas as almas que já viveram. A dificuldade se dá pelo fato de outras passagens bíblicas ensinarem uma expiação mais definida. Esse é um dos “Cinco pontos do calvinismo”, normalmente simbolizados pelo acróstico “TULIP”*. Trata-se da letra “L”, que significa “expiação limitada”, que talvez seja mais bem expressa como “expiação definida”. Isso significa que quando Jesus pagou pelos nossos pecados, ele sabia pelo que e por quem estava pagando, e efetivamente pagou por isso. Ele não morreu simplesmente para tornar a salvação possível, mas para torná-la real para aqueles que o Pai havia dado a ele (cf. Mt 1.21; Jo 10.11, 14-15; 17.9; Ef 5.25).

A questão é esta: quando a Bíblia diz que Cristo morreu “por todos”, isso não significa que ele expiou pelos pecados de cada ser humano que já viveu? A resposta é “não”. Para entender isso, é útil perceber que “todos” nem sempre significa “todos sem exceção”. Algumas vezes, “todos” significa “todos os tipos”. Lucas, por exemplo, em seu relato da última semana do ministério terreno de Jesus, nos diz: “E todo o povo madrugava para ir ter com ele no templo, a fim de ouvi-lo” (Lc 21.38). Isso quer dizer então que todos os habitantes de Jerusalém, sem exceção, madrugavam para ouvir Jesus no templo, incluindo milhares de peregrinos que lá se encontravam para a Páscoa? É perfeitamente óbvio que a palavra “todos” foi empregada aqui em sentido indeterminado para se referir às pessoas em geral.

Esse parece ser o modo em que “todos” é utilizado em 1Timóteo 2. Essa palavra aparece não apenas nos versículos 4 (“que deseja que todos os homens sejam salvos”), 6 (“em resgate por todos”), mas também no versículo 1 (“em favor de todos os homens”). No caso do versículo 1, a Escritura não está ordenando que o cristão ore, nome por nome, em favor de cada habitante do planeta. Isso seria uma impossibilidade prática. Em vez disso, devemos orar por todo tipo de pessoas.

Isso também ajuda a entender o que Paulo quis dizer quando afirmou que Deus deseja que “todos os homens sejam salvos”. De acordo com Calvino, “nessa passagem, o apóstolo ensina simplesmente que nenhuma nação do mundo e nenhuma classe de pessoas estão excluídas da salvação, uma vez que é da vontade de Deus oferecer o evangelho para todos, sem exceção”.19 (Essa á a melhor solução prometida; ver a p. 66)

Do mesmo modo, Jesus pagou um resgate por todos os tipos de pessoa. Ele não

discrimina com base em raça, cor, gênero, etnia ou condição econômica. Como explicou Handriksen de maneira útil, Jesus não morreu “por absolutamente todos os indivíduos da raça humana, do passado, presente e futuro, incluindo Judas e o anticristo”. Em vez disso, morreu por “todas as pessoas independentemente de distinção social, nacional ou racial”.20 Não importa se você veio da favela ou de um bairro nobre, Cristo é o Salvador para você.

Referir-se a Jesus como redentor de todas as pessoas é semelhante a referir-se ao seu médico local como “o médico da cidade”. Numa cidade pequena, ele é o único médico que há. Quando o vê na rua, você diz: “Lá vai o nosso médico”. Isso não quer dizer necessariamente que estamos todos nos tratando com ele. Caso aconteça de ele ser nosso médico depende de se estamos doentes ou não, e se estamos dispostos a nos tratar com ele quando estivermos. Mas ele é ainda o médico da cidade.

Jesus é como esse médico. Ele é o salvador do mundo. Ele está disponível para todos. Ele prometeu salvar todos quantos vão a ele em fé e arrependimento. No entanto, o fato de sua morte servir de resgate não significa que nossos próprios pecados foram pagos. Se nos achegaremos a ele para sermos salvos ou não, depende se compreenderemos ou não nossa real necessidade de salvação, bem como da nossa disposição de nos entregarmos a ele a partir do momento em que percebermos essa necessidade. Contudo, independentemente de a pessoa ir ou não a ele, Jesus permanece Salvador do mundo, que “a si mesmo se deu em resgate por todos”.

Uma vez que entendamos que “todos” significa “todos os tipos” e não “todos sem exceção” podemos conciliar o que Paulo disse a Timóteo com o que Jesus disse aos seus discípulos: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). Paulo não está dizendo nada mais do que Jesus disse. Um resgate por muitos é um resgate para todos, “todos” no sentido de “todos os tipos”.

Um evangelho para todos

Caso ainda reste alguma dúvida a respeito do que Paulo está dizendo nessa passagem, o versículo seguinte a elimina totalmente: “Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na

verdade” (1Tm 2.7; cf. 2Tm 1.11). O resgate de Cristo a favor de todos os homens leva naturalmente à missão da igreja para todos os povos, tanto gentios quanto judeus.

Essa é a comissão que Deus deu a Paulo na sua conversão, designando-o para ser “testemunha diante de todos os homens” (At 22.15). Observem bem a expressão: “todos os homens”. Obviamente, Deus não intencionava que Paulo evangelizasse cada ser humano que já viveu. Em vez disso, quando Deus chamou Paulo para testemunhar a todos os homens, ele o tornou um missionário aos gentios (ver At 22.21), para que todas as pessoas em todos os lugares pudessem ouvir o evangelho. A salvação que primeiramente foi dada aos judeus é então estendida ao mundo inteiro. Há um só Deus, um só Salvador e um só resgate por todos; portanto, um só evangelho para todos.

Essa comissão não é apenas para Paulo; é para todos os cristãos. John Stott resume a primeira metade de 1Timóteo 2 da seguinte maneira: “É a unidade de Deus e a singularidade de Cristo que exigem a universalidade do evangelho. O desejo de Deus e a morte de Cristo dizem respeito a todas as pessoas; logo, o dever da igreja também diz respeito a todas as pessoas, as quais devemos alcançar em oração e testemunho urgente”.21 O único e verdadeiro evangelho deve ser proclamado da maneira como Paulo o proclamava: como um pregador que anunciava a vinda de Cristo, o Rei, e como um mestre explicava o caminho da salvação a partir das Escrituras. Paulo fez isso com fidelidade e sinceridade, como todo cristão deve fazer.

O apóstolo pregava o evangelho com oração. Ele entendia que o sucesso mundial do evangelho dependia da oração. Um pequeno grupo Tenth Presbyterian Church em Filadélfia aprendeu essa lição. Há mais de uma década, assumimos o compromisso de orar incessantemente (nome por nome, toda sexta-feira na hora do almoço) por pessoas que ainda não haviam sido salvas. Vários meses depois da formação do grupo, nossas orações começaram a ser atendidas. Homens, mulheres e crianças começaram a crer em Cristo: pais, irmãos, crianças, estudantes internacionais, colegas de trabalho, muçulmanos e judeus. Dificilmente uma semana se passava sem comemorarmos mais uma conversão, sem ouvir notícias da obra do Espírito Santo na vida de alguém ou sem tomar conhecimento de pessoas que precisavam de oração. Deus é capaz de salvar e está disposto a salvar. Ele apenas espera que lhe peçam. E uma vez que o convite é para todos, oramos por tantos quantos conseguirmos.

A igreja deve orar pelos seus missionários do mesmo modo. Comecei o capítulo com a história de Joanne Shetler, que aprendeu a depender das orações da sua congregação. Eis o que aconteceu quando seus apoiadores aceitaram a responsabilidade de orar pelo seu ministério: “Minha igreja deixou de orar ‘Querido Deus, por favor, abençoe a Jô onde quer que ela esteja e o que quer que estiver fazendo’. Eles tomaram o fardo para si. Depois de retornar do meu período de licença, as coisas começaram a acontecer”.22 Os bangalaos começaram a reagir ao evangelho a partir das genealogias bíblicas, que muito os impressionavam, pois eles queriam saber mais a respeito dos seus ancestrais. Começaram a perguntar como fazer para se tornarem filhos de Deus. Alguns creram em Cristo e perguntaram se poderiam falar a respeito dele para outras pessoas. Com o tempo, centenas de bangalaos colocaram sua fé em Jesus Cristo.

O plano de Deus é construir sua igreja por meio das orações do seu povo. Missionários por toda parte aguardam o Espírito Santo abençoar o fruto do seu labor no evangelho. O Espírito espera apenas as orações da igreja. Ele está, agora mesmo, convocando-nos à “prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens”.

Notas

* TULIP refere-se às iniciais dos pontos em inglês: Total depravity (depravação total); Unconditional election (eleição incondicional); Limited atonement (expiação limitada); Irresistible grace (graça ilimitada); Perseverance of the saints (perseverança dos santos). (N. do R.)

1 Joanne Shetler. “Faithful in obedience”, in Faithful witness: The Urbana ’84 compendium, org. James McLeish (Downers Grove: InterVarsity, 1985), p. 99-107 (p. 103).

2 George Knight. The Pastoral Epistles, New International Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 115.

3 Samuel Miller. Thoughts on public prayer (1849; reimpr. Harrisonburg, VA: Sprinkle, 1985), p. 239-40.

4 João Calvino, Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 129.

5 1Clement, 61, trad. J. B. Lightfoot e J. R. Harmer, org. Michael W. Holmes (Grand Rapids: Baker, 1989), p. 63.

6 Veja João Calvino, “Prefatory address to King Francis I of France”, I Institutes of the Christian religion, trad. Ford Lewis Battles, 2 vols., Library of Christian

classics 20-21 (Filadélfia: Westminster, 1960), 1:9-31.

7 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff, Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:426.

8 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 63.

9 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail, Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 210.

10 Stott. Guard the truth, p. 64.

11 A. T. Hanson. The Pastoral Epistles, New Century Bible commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 68.

12 Stott. Guard the truth, p. 68.

13 Trecho do programa televisivo de Dick Cavett, conforme citado em C. Stephen Evans. The quest for faith: Pointers to God (Leicester, UK: InterVarsity, 1986), p. 125.

14 John Wesley. Explanatory notes upon the New Testament (Londres: Epworth, 1954), p. 775.

15 Stott. Guard the truth, p. 67.

16 George Lindbeck. “Justification and atonement: An ecumenical trajectory”, artigo não publicado.

17 Anselmo de Cantuária. “Why God became man”, in A scholastic miscellany: Anselm to Ockham, org. e trad. Eugene R. Fairweather. Library of Christian classics 10 (Filadélfia: Westminster, 1956), p. 176.

18 Charles Haddon Spurgeon. “Justification by grace”, The New Park Street pulpit (Pasadena, TX: Pilgrim, 1975), 3:153-54.

19 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 208-9.

20 William Hendriksen. New Testament commentary: Pastoral Epistles (Grand Rapids: Baker, 1957), p. 100.

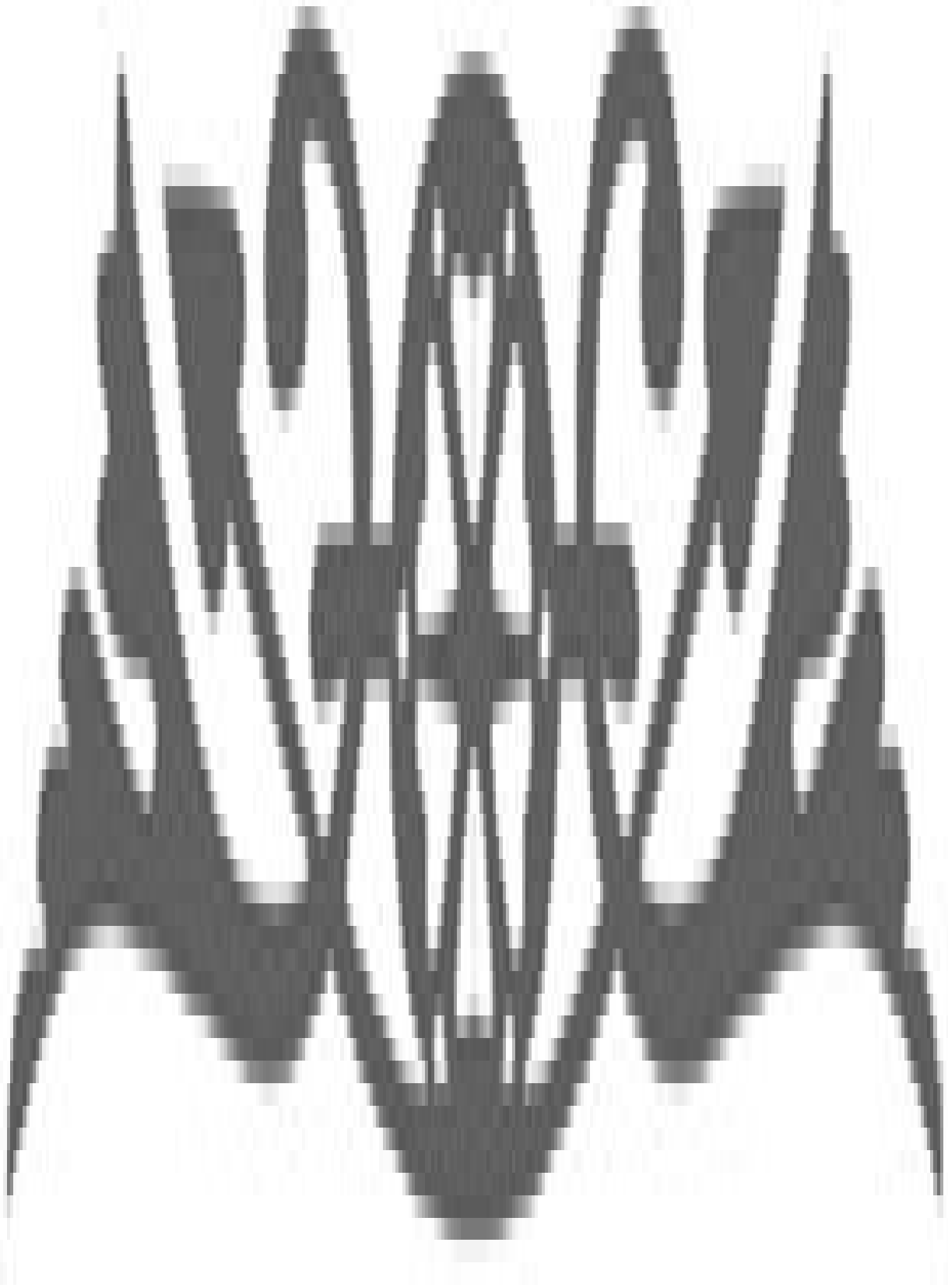
21 Stott. Guard the truth, p. 73.

22 Shetler. “Faithful in obedience”, p. 104.

6

Homens e mulheres em oração

1Timóteo 2.8-10



Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade. Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem com modéstia e bom-senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas). (1Tm 2.8-10)

As diferenças entre homem e mulher são fato ou ficção? Minha filha de 2 anos de idade me oferece uma presilha para o cabelo. Recuso gentilmente a oferta. "Isso é para meninas", respondo. "Meninos e papais não usam presilhas de cabelo." Será invenção minha ou se trata de uma diferença essencial entre os gêneros masculino e feminino?

Lorna Smedman acredita que o gênero é uma ficção. Todos os anos ela dá um curso chamado "Reimaginando o gênero", na Hunter College, Nova York, e inicia sua primeira aula com as seguintes palavras: "Meu pressuposto básico neste curso é que gênero é, em primeiro lugar, algo imaginário, ou seja, uma construção – uma ficção que todos vivemos e elaboramos com a nossa vida diária".1

Caso Smedman esteja certa, então a linha entre masculino e feminino pode ser apagada. Não haveria uma razão inerente para mulheres não se comportarem como homens, e vice-versa. Ao que parece, essa visão está se tornando cada vez mais predominante na cultura ocidental, fazendo com que mulheres não mais desejem ser mulheres, e homens não saibam mais o que significa ser homem.

Regras da casa

A Bíblia se opõe à androginia desses tempos pós-modernos. Ela insiste que gênero é um fato estabelecido por Deus. A Bíblia reconhece que a identidade de cada ser humano está associada a um gênero específico. Há diferenças essenciais entre os homens e as mulheres.

As diferenças entre masculino e feminino remontam ao sexto dia da criação, em

que Deus criou “o homem à sua imagem, à imagem de Deus os criou; homem e mulher os criou” (Gn 1.27). Desse modo, a criação estabelece verdadeira igualdade entre homem e mulher, uma vez que ambos, “homem” e “mulher”, foram criados à imagem de Deus. Ao mesmo tempo, as distinções entre homem e mulher foram divinamente ordenadas.

Portanto, não é de admirar que às vezes Deus dá instruções especiais para o homem e para a mulher, especialmente na igreja. A igreja é a casa de Deus, como o apóstolo irá enfatizar na sua declaração sobre o propósito dessa epístola (1Tm 3.15), e toda casa tem suas próprias regras. A Bíblia trata do homem e da mulher tanto separadamente quanto conjuntamente, para que haja ordem na casa.

Em se tratando do culto público, o Espírito Santo não hesita em afirmar que há diferenças entre homens e mulheres. Algumas instruções, conquanto não sejam aplicáveis às mulheres, são essenciais para os homens. Outras, embora tenham implicações práticas para os homens, são especialmente apropriadas para as mulheres.

O local de oração

Aos homens da igreja o apóstolo escreve: “Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade” (1Tm 2.8). Tenha em mente que essa não é simplesmente a opinião ou desejo pessoal de Paulo; ele está falando como um apóstolo de Jesus Cristo (ver 1Tm 2.7). A palavra “quero” (boulomai) é uma ordem que é dada com autoridade. Esse comando é dirigido aos homens da igreja, uma vez que “varões” (andras) refere-se aos homens em distinção das mulheres. Deus quer que seus filhos (homens) sejam homens de oração.

Paulo já esboçou o conteúdo da oração (1Tm 2.1-7); então, ele passa a tratar da conduta na oração. Primeiro, o local: deve-se orar em todo lugar, possivelmente referindo-se a toda casa de adoração. Deus tem uma regra universal para sua adoração, independentemente de onde seu povo esteja reunido. No entanto, a expressão “em todo lugar” também promete o sucesso mundial do evangelho. No Antigo Testamento, Deus era adorado no seu templo; em breve ele será adorado em toda parte. O Deus que quer oração em favor de todos os seres humanos (1Tm 2.1), que deseja que todos sejam salvos (1Tm 2.4), que ofereceu

seu Filho como resgate por todos (1Tm 2.6), será adorado em todos os lugares. Seu reino continuará a se expandir até que ele seja louvado em cada centímetro quadrado deste planeta.

Aqui o apóstolo parece estar aludindo ao profeta Malaquias: “Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações” (Ml 1.11). O Deus que governa o mundo merece adoração mundial. A ordem de Paulo para orarmos se encaixa na promessa de Malaquias a respeito de uma era futura em que o nome de Deus será exaltado entre as nações, do Oriente ao Ocidente. Nas palavras de um famoso hino de Isaac Watts:

Jesus reinará onde quer que

O sol faça suas sucessivas jornadas;

Seu reino se estende de costa a costa,

Até que as luas não mais aumentem e diminuam.

Em sua segunda estrofe, Watts explica como Deus amplia seu reino para expandir seu louvor:

A ele serão feitas infindáveis orações,

E multidões em louvor sua cabeça coroarão;

Como agradável perfume, seu nome se elevará

Com cada sacrifício matinal.

Não existe lugar em que o povo de Deus não possa orar; e, no final, não haverá

lugar em que eles não orarão.

A postura de oração

Ao orar em todo lugar, o povo de Deus deve levantar “mãos santas” (1Tm 2.8). Embora isso se refira principalmente à pureza da oração, tem também implicações para a postura. A Bíblia não exige nenhuma postura para orar. Às vezes, ela fala de abaixar a cabeça em oração, que é uma boa maneira de honrar e reverenciar um rei: “porém eu, pela riqueza da tua misericórdia, entrarei na tua casa e me prostrarei diante do teu santo templo” (Sl 5.7); “Vinde, adoremos e prostremo-nos; ajoelhemos diante do Senhor, que nos criou” (Sl 95.6).

A menção a “dobrar os joelhos” sugere outra postura apropriada para orar. Ajoelhar-se é sinal de humildade e absoluta dependência de Deus. Essa foi a posição que Daniel assumiu quando retirou-se para o seu aposento de oração: “três vezes por dia, se punha de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus” (Dn 6.10); foi assim que Estêvão orou durante seu martírio (At 7.60). O Senhor Jesus ajoelhou-se ao orar no jardim (Lc 22.41). Esses e outros exemplos levaram Samuel Miller, ex-teólogo de Princeton, a descrever o ato de ajoelhar-se como “uma postura importante e conveniente, transmitindo intensa expressão de humilhação, reverência e seriedade”.2

Outras orações são mais apropriadas se oferecidas em postura de prostração. Moisés muitas vezes se deitava com o rosto no chão na presença do Senhor (p. ex., Nm 16.22; 20.6), assim como Josué, seu sucessor (Js 5.14). Quando Jó entrou em angústia profunda, “lançou-se em terra e adorou” (Jó 1.20). Ezequiel se prostrou ao contemplar “a aparência da glória do Senhor” (Ez 1.28). Também assim é que os anjos e os anciãos oram a Deus diante do trono celestial; eles caem sobre o rosto e adoram (Ap 7.11). Quando uma pessoa é esmagada, seja pelos problemas da vida ou pelas glórias do Todo-Poderoso Deus, a coisa correta a fazer é cair prostrada no chão.

Para a adoração pública, orar de pé é com frequência a postura preferida. Na dedicação do templo, Salomão se ajoelhou para orar, porém o povo permaneceu de pé (2Cr 6.3, 13). De modo semelhante, pôs-se “Josafá em pé, na congregação de Judá e de Jerusalém, na Casa do Senhor” (2Cr 20.5; cf. Ne 9.5). Por causa disso, tornou-se costume ficar em pé para orar nas sinagogas judaicas. Na igreja

primitiva, era uma prática quase universal. Textos de Justino Mártir, Orígenes, Jerônimo e Agostinho revelam que os cristãos ficavam em pé durante a oração pública.3 Também era o modo como oravam os puritanos, incluindo quase todas as igrejas presbiterianas anteriores ao século 20. Ficar em pé é sinal de respeito: todos se levantam quando um juiz entra no tribunal. Do mesmo modo, em geral os cristãos se levantam para orar diante do grande Juiz de todo o mundo.

Seja ajoelhado, seja em pé, o cristão também pode levantar as mãos em oração. Essa era a maneira como costumavam fazer os sacerdotes que adoravam no templo: "Bendizei ao Senhor, vós todos, servos do Senhor, que assistis na Casa do Senhor, nas horas da noite; erguei as mãos para o santuário e bendizei ao Senhor" (Sl 134.1-2; cf. 28.2; 141.2). Levantar as mãos era comum na igreja primitiva, apesar de 1Timóteo 2 ser o único texto que menciona a prática no Novo Testamento. Tertuliano aludiu a essa prática quando disse: "Nós cristãos oramos por todos os imperadores, etc. olhando para o céu, com as mãos levantadas, porque inocentes; com a cabeça descoberta, porque não envergonhados".4

A prática de levantar as mãos é confirmada pelas primeiras obras de arte cristãs. Os murais nas catacumbas romanas apresentam cristãos levantando as mãos em louvor. C. K. Barrett revelou um sarcófago cristão lavrado em pedra, datado do século 3º., no qual foi esculpida uma figura humana com as mãos gentilmente levantadas em oração.5 Essa postura é especialmente apropriada para o ministro que conduz a oração pública. Quando ele fica de pé na presença do Senhor para oferecer orações em favor do povo de Deus, pode levantar as mãos para mostrar que as orações da igreja são oferecidas como um sacrifício de louvor.

Resumindo, a Escritura permite várias posturas para a oração. De modo geral, os episcopais se ajoelham, os presbiterianos se curvam e os carismáticos ficam de pé. No entanto, uma variedade de posturas é uma ajuda na devoção pessoal e é apropriada para o culto público a Deus.

A pureza da oração

Deus está mais interessado na pureza da oração do que na postura com que ela é feita. Em especial, ele quer que os homens levantem "mãos santas, sem ira e sem animosidade" (1Tm 2.8). A referência a mãos santas é uma alusão ao culto no

templo no período do Antigo Testamento, época em que o povo de Deus se consagrava por meio de lavar as mãos antes de orar. De fato, a limpeza era "próxima da santidade". Havia tanques com água ao redor de todo o monte do templo. À medida que o povo subia para adorar a Deus, exclamava: "Lavo as mãos na inocência e, assim, andarei, Senhor, ao redor do teu altar" (Sl 26.6; cf. Tg 4.8). Mãos limpas simbolizam um coração puro.

Ao mencionar o sinal exterior de levantar mãos santas, Paulo está falando sobre a realidade interior de uma vida santa. Em Éfeso, um tipo especial de profanidade vinha causando problemas à igreja: o pecado da dissensão. Em razão disso, Paulo advertiu à igreja que orasse "sem ira e sem animosidade". O problema em Éfeso era exatamente este: animosidade (ou contenda). Palavras raivosas estavam sendo trocadas. Era isso o que acontecia, porque esse tema é mencionado reiteradamente. O falso ensino estava criando controvérsias em vez de fazer a obra de Deus (1Tm 1.4). O resultado era "altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida" (1Tm 6.5).

Os pecados da ira e da discussão tinham relevância particular para os homens. É verdade que, às vezes, as mulheres perturbavam a paz da igreja. Pensamos no infame conflito entre Evódia e Síntique (ver Fp 4.2). No entanto, como regra geral os homens são os mais propensos a perturbar a igreja, especialmente em questões de doutrina. Trata-se de uma característica tipicamente masculina. Eles são críticos e competitivos. Eles tendem a argumentar primeiro e ouvir depois. Preferem ter razão a buscar reconciliação. Eles se enraivecem quando não conseguem o que querem. Então, a Bíblia lembra aos homens cristãos que eles não devem brigar.

Contendas podem prejudicar o corpo de Cristo de muitas maneiras, mas especialmente porque elas impedem as orações da igreja. Amargura e ressentimento produzem orações desagradáveis. De fato, Jesus ensinou que a pessoa envolvida em contenda só deve ir à igreja depois de resolver o assunto: "Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta" (Mt 5.23-24). Um homem pode levantar mãos santas em oração apenas se estiver num relacionamento correto com seus irmãos, não apenas na igreja local, mas também na comunidade cristã mais ampla (o mesmo princípio também é válido para as irmãs em Cristo).

A reconciliação é especialmente importante para a condução do culto público.

Ao se referir aos homens, Paulo não quis dizer que “somente o homem deve orar, mas que em toda parte haja, na igreja de Jesus Cristo, homens que orem”.6 Embora seja possível que as primeiras igrejas (que se reuniam em lares) conduzissem períodos de orações públicas, as orações congregacionais eram e ainda são conduzidas pelos presbíteros da igreja.

Todo ministro que representa o povo de Deus em oração deve ser um homem santo. O salmista pergunta: “Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?” (Sl 24.3). Em outras palavras: “Quem está qualificado para orar em favor do povo de Deus?”. A resposta é: “O que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à falsidade, nem jura dolosamente” (Sl 24.4). Há uma conexão espiritual direta entre piedade pessoal e oração pública. Somente a pessoa com mãos santas e um coração puro está apta para liderar o povo de Deus em oração. Samuel Miller escreveu:

Ninguém pode esperar alcançar excelência na graça e no dom da oração em assembleia pública a menos que transborde de devoção pessoal e santa comunhão com Deus em segredo. [...] Nesse caso, pode-se dizer que nenhum homem nunca alcançou elevado grau de excelência em oração pública que não tivesse antes cultivado intimidade especial com seu Deus de aliança em secreta devoção; que não ora de modo abundante no seu quarto; que não tenha seu coração treinado para mais do que uma familiaridade maior, e uma afeição pelas bênçãos da nova aliança. [...] A pessoa que negligencia isso ou que demonstra pouca inclinação para isso, pode também esperar que um milagre aconteça para ajudá-la toda vez que sobe ao púlpito.7

Essa conexão entre a vida espiritual e a vida de oração serve para toda pessoa que ora, não apenas para os presbíteros. Esse mistério é encontrado em outra passagem do Novo Testamento: “Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações” (1Pe 3.7). Um marido desatencioso é um intercessor ineficaz. O poder da oração está diretamente relacionado à pureza de quem ora. As orações de um ímpio não são atendidas, ao passo que as petições de um homem justo são capazes de mover

montanhas. Dentre todos os incentivos para levarmos uma vida santa, este está entre os mais atrativos: para que Deus atenda às nossas orações.

O pensamento de que a impureza obstrui a oração é sério, especialmente para os pastores. Como homens impuros ousariam levantar mãos santas em oração? Que ninguém aja como aquele fariseu que dirigia orações ao céu com mãos hipócritas. A única maneira sincera de orar é na qualidade de pecador confesso. Portanto, a exemplo do publicano, oremos: "Ó Deus, sê propício a mim, pecador!" (Lc 18.13). A única oração pura é a oração penitente.

Isso explica por que o cristão sempre ora em nome de Jesus. Ele é o único mediador entre Deus e o ser humano. Ele oferece purificação do pecado por meio do seu sangue vertido na cruz. Consequentemente, cristãos oram da seguinte maneira: "Senhor, sei que tu atendes somente a oração do justo, mas atende a minha também, não porque sou justo, mas porque Jesus Cristo é justo e porque seu sangue expiou pelo meu pecado". Sempre que oramos em nome de Jesus, Deus nos ouve, por mais injusto que sejamos porque "não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna" (Hb 4.15-16).

Fora de moda

O apóstolo Paulo também dá instruções para as orações das mulheres. Tendo em vista que suas instruções abordam questões de moda, é difícil abordar esse tema sem alguma apreensão. Thomas Oden afirma que "esse parágrafo da carta de Paulo a Timóteo não pode ser lido sem indignação e elevação da pressão sanguínea".8 Podemos assumir que ele quer dizer indignação por parte das mulheres, e elevação da pressão sanguínea por parte dos ministros.

A passagem muitas vezes tem levado os pastores a conflitos. Crisóstomo, bispo de Constantinopla, apelidado de "língua de ouro", era considerado o maior pregador da sua época – até começar a pregar contra o estilo de vida dos ricos e famosos. Então a imperatriz Eudóxia expulsou-o da cidade e mais tarde ele morreu no exílio. Em parte, o que Crisóstomo pregava eram as palavras do apóstolo Paulo: "Da mesma sorte, que as mulheres, em traje decente, se ataviem

com modéstia e bom-senso, não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso, porém com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)" (1Tm 2.9-10). Não é de admirar que Eudóxia tivesse ficado tão transtornada. Quase todas as palavras chocavam-se com seus valores mundanos. Modéstia? Bom-senso? Decência?

É desnecessário dizer que Paulo nunca seria ouvido nas agências de propaganda ou entre as estrelas do cinema e as pessoas que querem aparecer na mídia pelo seu estilo de vida. Abaixo os salões de beleza? Abaixo as joias caras? Abaixo os desfiles de moda? Se esse versículo parece desconectado da cultura contemporânea, maior a razão para se prestar atenção ao que ele diz. O que é mais provável: que a Bíblia está obsoleta ou que a cultura está fora dos eixos? A Palavra de Deus critica todas as culturas. Com frequência, quanto mais chocante e surpreendente (ou ofensivo e irritante) o texto bíblico, maior a necessidade que temos de atentar para ele.

"Da mesma sorte" é significativo porque estabelece o contexto. Paulo ainda está tratando do tema do culto público. Ele assume que as mulheres estarão presentes na congregação para louvar a Deus, e talvez até mesmo para orar em voz alta (ver 1Co 11.5). Seu argumento é que enquanto os homens devem orar sem discussão, as mulheres devem orar sem ostentação.

Nesse caso, é útil saber algo da sociedade helenista, que considerava cabelos elaboradamente penteados um sinal de luxo extravagante. A maneira como Paulo se expressa é significativa: "não com cabeleira frisada e com ouro, ou pérolas, ou vestuário dispendioso" (1Tm 2.9). James Hurley nos ajuda a entender o contexto social:

A escultura e a literatura do período deixam claro que as mulheres geralmente usavam os cabelos em penteados enormemente elaborados, com tranças e cachos entrelaçados ou amontados em formato de torre, decorados com joias e/ou ouro e/ou pérolas. As mulheres da corte adornavam seus cabelos com várias pequenas tranças com pingentes de ouro ou pérolas ou pedras preciosas a cada centímetro, fazendo dos seus cabelos uma exibição deslumbrante das suas tranças.9

A combinação de cabelos estilosos com joias caras era um sinal de vaidade.

Algumas mulheres passavam horas arrumando os cabelos e decorando seus penteados com pedras preciosas. Uma escultura antiga mostra uma senhora abastada no seu salão assistida com muito mimo por quatro atendentes.10 O escritor judeu Filo utilizou essa imagem ao descrever Prazer como uma mulher cujo cabelo “é adornado com curiosas e elaboradas tranças”. Ela está vestida com “roupas caras”, “braceletes e colares, e toda sorte de ornamento feminino fabricado em ouro e joias pende dela”.11

Tais refinamentos deviam ser uma tentação para as mulheres da igreja de Éfeso. No mínimo, havia algumas que eram ricas (ver 1Tm 6.17) e presumivelmente frequentadoras do famoso mercado de Éfeso. Mais adiante, Paulo advertirá essas mulheres a não se entregarem “aos prazeres” (1Tm 5.6). É provável que um estilo de vida luxuoso fosse encarado como algo especialmente impróprio numa comunidade em que havia cristãos pobres.

O excesso de adorno era uma característica não apenas das mulheres ricas, mas também das prostitutas. George Knight sugere que “a razão pela qual Paulo proibiu estilos de cabelos elaborados, joias ornamentais e roupas caríssimas torna-se clara quando lemos na literatura contemporânea a respeito da grande quantidade de tempo, recursos e esforços que tais joias e penteados complexos exigiam, não apenas por se tratar de ostentação de luxo, mas porque era a maneira como se vestiam as cortesãs e as meretrizes”.12 Lembremo-nos também que Éfeso era lar da deusa Diana. Os membros da igreja de Éfeso sabiam que prostitutas cultuais ofereciam seus préstimos perto das colunas do templo. Vestir-se como uma delas era equivalente a adultério conjugal.13 Porém, Deus quer que as mulheres cristãs se oponham a tudo o que estiver associado à imoralidade sexual e ao luxo material. Em Éfeso, a maneira como a mulher se vestia representava a diferença entre castidade e adultério.

Em parte, Paulo estava dizendo às mulheres para não irem à igreja vestidas como prostitutas. Isso era algo totalmente impróprio para uma reunião de oração. Porém, o apóstolo não estava simplesmente dizendo às mulheres o que não usar. Ele também estava dizendo o que usar e como usar. Palavras como “decente”, “modéstia” e “bom-senso” significam virtudes que deveriam ser buscadas.

“Decência” (kosmios) é uma forma de humildade, que é a atitude correta para a prática da oração. Reuniões de oração não são desfiles de moda. A mulher cristã não vai à igreja para se encontrar com pessoas, mas para se encontrar com Deus. Portanto, “arrumar-se para ir à igreja” é, antes de tudo, uma questão de preparar

o coração para orar. A mulher que ama ser notada deve lembrar-se de com quem ela está competindo. Deus é o único digno de receber toda nossa atenção e afeição em oração.

“Modéstia” (aidous) tem conotações sexuais. J. N. D. Kelly diz que a modéstia “envolve circunspecção feminina em questões de sexo”.14 Descreve uma mulher que é reservada e honrada. Implica que a mulher não deve se vestir de maneira sedutora ou insinuante. Isso se aplica não apenas à roupa, mas à conduta, isto é, à maneira como se comporta.

“Bom-senso” (sōphrosynē) é um conceito mais amplo. Trata-se de uma das quatro virtudes cardeais na filosofia platônica.15 Jouette Bassler define o termo como “prudência, temperança, discrição, julgamento criterioso e domínio próprio”.16 Significa agir com seriedade e exercer o autocontrole.

Ao usar esses termos, a Escritura não está dizendo que as mulheres devem sempre se vestir fora de moda. O que é proibido aqui não é ter um estilo de cabelo, ou usar joias ou vestir-se bem, mas usar essas coisas de uma maneira ousada ou indecente. Deus não quer que suas filhas se preocupem demasiadamente com a aparência. Um comentário de Calvino é especialmente útil neste caso:

O erro está na preocupação e avidez excessivas com o vestuário. O desejo de Paulo é que o estilo de se vestir deve ser regulamentado pela modéstia e moderação, uma vez que luxúria e extravagância provêm do desejo de se mostrar, que por sua vez se originam unicamente de vaidade e desregramento. [...] Paulo ataca, por nome, determinados tipos de exagero como cabelos cacheados, joias e anéis de ouro; não que joias e ouro estejam completamente proibidos, mas que, sempre que exibidos com ostentação, eles tendem a trazer todos os males [...] que brotam da lascívia ou da preocupação com os próprios interesses.17

Em termos práticos, o que a modéstia significa pode variar de cultura para cultura. No entanto, a vaidade e a imoralidade provêm do coração, e Deus bem sabe o que se passa no coração da mulher.

A verdadeira beleza

Por que a Bíblia dirige esses comentários às mulheres? Obviamente o homem cristão não tem permissão para se vestir de maneira indecente ou sem pudor. Nem porque se presume que os homens nunca adquirem gosto pela moda. Basta lembrarmo-nos de Acã, que roubou uma roupa luxuosa da cidade de Ai porque ele viu que tinha vindo da Babilônia (ver Js 7.21).

Não, a razão de a Bíblia advertir a mulher a respeito da ostentação é a mesma razão pela qual o homem é advertido quanto à discussão: em cada caso, a Bíblia trata de um pecado costumeiro. A mulher, especialmente, tem a tendência de dedicar mais atenção à aparência exterior. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era na época de Timóteo. Indústrias de moda, de cosméticos e de joias são sustentadas principalmente pelas mulheres. De fato, procurar por roupas nos shoppings centers é o principal meio de recreação para muitas mulheres americanas. Todavia, Deus pouco ou nada se importa com a aparência exterior. Lembre-se do que Deus disse a Samuel quando o profeta saiu para ungir o próximo rei de Israel: “o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração” (1Sm 16.7).

Portanto, o padrão de Deus para a beleza feminina é diametralmente oposto ao padrão da cultura moderna. Quantos comerciais de televisão mostram mulheres comuns? Quantas revistas de moda trazem sugestões de beleza interior? Para o mundo, a beleza não vai além da pele. Porém, Deus enxerga o interior. Ele diz que a beleza provém da vida espiritual da alma.

De um modo geral, os homens são parte do problema. Ao avaliar as mulheres principalmente pela aparência externa delas, eles as tornam escravas da aparência. É óbvio que deve haver atração sexual entre marido e esposa, porém o solteiro que busca principalmente beleza externa não está enxergando a mulher do ponto de vista de Deus. Homens que agem dessa maneira revelam uma estética ímpia.

Se uma mulher quer tornar-se bonita para Deus, deve seguir esta indicação de moda: adornar-se “com boas obras (como é próprio às mulheres que professam ser piedosas)” (1Tm 2.10). Algumas das boas obras que Paulo tinha em mente ele listou no capítulo 5: criação de filhos, hospitalidade, lavar os pés dos santos,

socorrer os atribulados e viver na prática zelosa de toda boa obra (1Tm 5.10). Essas são sugestões de beleza de Deus para as mulheres. Uma mulher que se ornamenta com boas obras está sempre bem vestida. O Espírito Santo reafirma isso em outra coluna de moda da Bíblia:

Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível trajo de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas ao seu próprio marido. (1Pe 3.3-5)

O modo para se tornar mais atraente é pela piedade, não pela ostentação. A mulher se torna bela pelo que ela faz, não pelo que ela veste. Isso significa que quanto mais envelhece, mais bela pode se tornar, pois o envelhecimento exterior não pode ser revertido (ver Pv 31.30); interiormente, a mulher piedosa está o tempo todo tornando-se mais linda (cf. 2Co 4.16).

A verdadeira beleza é resultado da nutrição da mulher interior. Pergunte a si mesma: quanto gasto com minha aparência (roupas, joias, cosméticos, tratamentos de beleza, etc.)? Esse valor é maior que minhas contribuições à obra do Senhor? Quanto tempo gasto na frente do espelho em comparação com o tempo que gasto de joelhos?

Quando uma mulher cristã se olha no espelho, ela deve procurar boas obras, que são as provas de uma fé verdadeira em Jesus Cristo. Como John Stott corretamente diz: “A igreja deve ser um autêntico salão de beleza, porque estimula a mulher cristã a se adornar com boas obras. A mulher deve se lembrar de que, caso a natureza lhe tenha concedido uma aparência simples, a graça pode torná-la bonita, e caso a tenha criado bonita, as boas obras podem incrementar sua beleza”.18

Boas obras são o que o homem deve procurar numa mulher. Quando um homem observa uma mulher que é dedicada ao Senhor, que dá bons conselhos, é íntegra em sua profissão, ama crianças, cuida dos doentes e alimenta os pobres, ele não deve pensar: “Em termos de beleza, não é lá essas coisas, porém ama o Senhor”.

Em vez disso, ele deve dizer: “Essa é uma mulher linda!” A mulher linda aos olhos de Deus deve também ser linda aos olhos do homem piedoso.

A autora de um antigo livro intitulado Sketches of the women of Christendom procurou mostrar “o que o cristianismo fez e pode fazer pela mulher por meio da história de vida de belíssimas mulheres cristãs, do dia em que Cristo, nosso Senhor, nasceu de uma mulher, aos dias de hoje”. Seu livro inicia com estas palavras:

Enquanto eu pensava sobre como apresentar o tema a você, um belo e abençoado grupo pareceu se erguer diante de mim. [...] Por um tempo, brilham em alguma obra de sacrifício e serviço e em seguida desaparecem novamente da vista, escondidas nos lares em que abençoam. [...] Dois belos grupos de boas mulheres se erguem radiantes diante de nós: primeiro, o de filhas, esposas, mães e irmãs que trilham o caminho universal do dever. [...] E, então, o glorioso exército de assistentes: casadas e solteiras, idosas e jovens, ricas e pobres, transbordando dos tesouros do coração feminino para socorrer doentes, sofredores e pecadores por todo o mundo [...] uma grande multidão que ninguém pode contar, derramando incessantemente bênçãos sobre o mundo.19

Toda mulher que queira se juntar às suas irmãs nesse maravilhoso grupo deve se adornar com o traje apropriado para mulheres que professam ser piedosas: as boas obras.

Notas

1 Lorna Smedman, conforme citação num boletim ministerial.

2 Samuel Miller. Thoughts on public prayer (Filadélfia, 1849; reimpr. Harrisonburg, VA: Sprinkle, 1985), p. 119.

3 Idem, p. 122-25.

4 Tertuliano. Apology, 30, citado in Miller. Public prayer, p. 63.

5 C. K. Barrett. The Pastoral Epistles (Oxford: Clarendon, 1963), p. 53.

6 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 91-92.

7 Miller. Public prayer, p. 260-68.

8 Oden. First and Second Timothy, p. 92.

9 James B. Hurley. Man and woman in Biblical perspective (Grand Rapids:

Zondervan, 1981), p. 199.

10 Barrett. Pastoral Epistles, p. 54.

11 Filo. De Sacrificiis, 21, trad. F. H. Colson e G. H. Whitaker. Loeb classical library (Nova York: Putnam, 1929), 2:107, 109.

12 George Knight. The Pastoral Epistles, New International Greek Testament commentary (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1992), p. 135.

13 Veja Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New International Biblical commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 71.

14 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 66.

15 Veja Platão. The Republic of Plato, trad. Francis MacDonald Cornford (Nova York: Oxford University Press, 1945), 4:430.

16 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 58.

17 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's

commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 216.

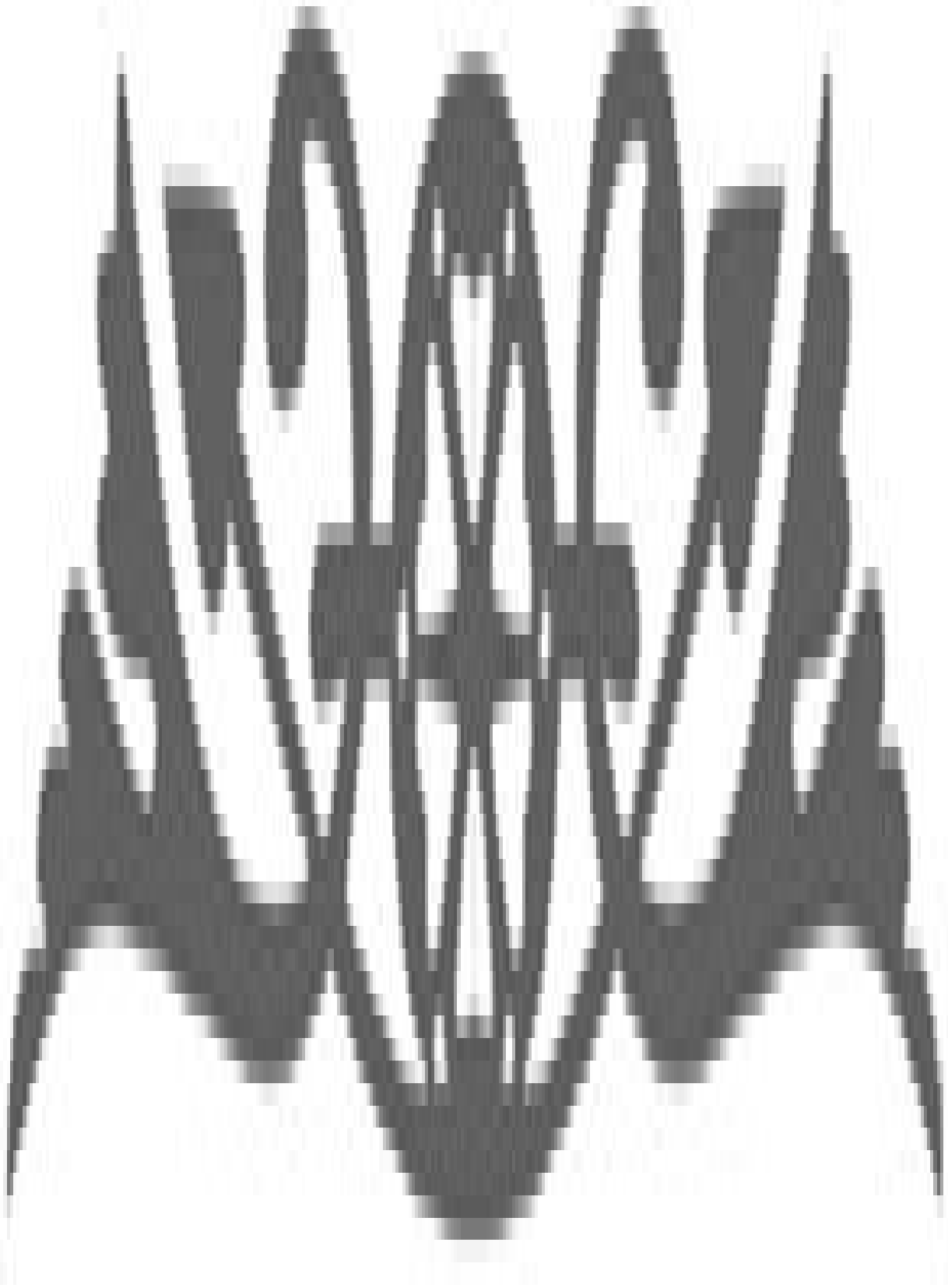
18 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 84.

19 In Susan Hunt. By design: God’s distinctive calling for women (Franklin, TN: Legacy, 1994), p. 2-3.

7

O que Paulo verdadeiramente disse a respeito da mulher na igreja

1Timóteo 2.11-15



A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão. E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio. (1Tm 2.11-12)

Quando se trata de entender o ensinamento bíblico a respeito do papel da mulher na igreja, parece haver perigo por todos os lados. Primeiro, há o perigo da controvérsia. Poucas questões causaram tantas divisões em anos recentes quanto a do papel da mulher na igreja. Denominações inteiras racharam ou passaram a existir por causa da questão da ordenação feminina.

Segundo, há o perigo de permitir que a cultura domine as Escrituras. Independentemente do modo como são entendidas, as instruções de Deus para as mulheres colidem com o pensamento predominante da sociedade contemporânea. Para ouvidos pós-modernos, 1Timóteo 2.11-12 soa como discriminação de gênero. A própria ideia de que a mulher está proibida de ensinar homens seria causa para escândalo nas salas de aula e no mercado de trabalho. Por que as coisas deveriam ser diferentes na igreja? A respeito dessa questão, talvez mais que qualquer outra, há grande pressão para submeter a verdade bíblica à interpretação cultural.

Terceiro, há o perigo de permitir que a história da igreja determine o modo como a Bíblia deve ser aplicada. Em debates a respeito do papel da mulher no ministério, muitas igrejas dizem: “Nunca fizemos isso desse modo”. Consequentemente, os dons espirituais da mulher são colocados à margem, para prejuízo da igreja.

Quarto, há o perigo de permitir que a nossa opinião distorça o nosso entendimento da Escritura. Um pastor passou por essa experiência ao longo de um período de conflitos a respeito do papel das mulheres na sua igreja: “O conflito começou quando um presbítero me disse: ‘Este ano quero presidir o Conselho de presbíteros e propor a mudança do nosso estatuto para permitir mulheres no presbiterato’. Em resposta, perguntei sobre sua interpretação de 1Timóteo 2.13, passagem em que Paulo, tratando do papel da mulher no ensino ou no exercício de autoridade sobre o homem, escreve: ‘Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva’. ‘Não gosto desse versículo’, respondeu o

presbítero”.1 Verdade seja dita, alguns versículos bíblicos são menos agradáveis do que outros. Apesar disso, revelam a mente do Espírito Santo, de modo que, gostando ou não, devem ser cridos e aplicados à vida diária.

Por fim, o texto em si apresenta dificuldades. O que significam os termos e expressões “em silêncio”, “submissão”, “ensine” e “exerça autoridade”? (1Tm 2.11-12)?. Cada um exige definição cuidadosa. Não bastasse isso, há outras considerações: qual é exatamente a relevância do engano de Eva? (1Tm 2.14). O que significa a frase “será preservada através de sua missão de mãe” (1Tm 2.15)?

A passagem não permite respostas simples. Em vista desses perigos e dificuldades, a única maneira de proceder é reconhecendo que temos nossas próprias pressuposições a respeito da passagem e pedindo ao Espírito Santo que corrija essas pressuposições conforme a necessidade e buscar o significado do texto do modo mais cuidadoso possível.

Aprenda...

A seção anterior da carta de Paulo a Timóteo (1Tm 2.9-10) encerrou-se com exortações a respeito da falta de modéstia. Então, o apóstolo adverte a respeito da insubordinação (1Tm 2.11-15) e inicia com um mandamento positivo: “A mulher aprenda em silêncio, com toda submissão” (1Tm 2.11).

Com essa declaração, Paulo destrói estereótipos tradicionais – não os modernos, mas os antigos. No mundo romano, as mulheres eram consideradas como sendo intelectualmente de segunda classe. Era amplamente aceito que as mulheres eram academicamente inferiores. Assim, o sistema educacional era projetado primariamente para os homens, não para as mulheres. Se possível, os rabinos judeus eram ainda mais chauvinistas. De acordo com o Talmude de Jerusalém: “Seria melhor que as palavras da Torá fossem queimadas que confiadas a uma mulher”.2 Em outras palavras, ensinar mulheres era um grande desperdício de tempo. Portanto, não é de admirar que as mulheres tivessem um papel muito pequeno na vida pública da sinagoga. O Talmude Babilônio esclarece a diferença entre homem e mulher durante o culto: “Os homens vêm para aprender, as mulheres para ouvir”.3

A palavra de Deus diz praticamente o oposto do que diziam judeus e romanos. Antes de emitir proibições, o apóstolo escreve palavras de libertação: “A mulher aprenda” (1Tm 2.11). Em razão de a mulher ter uma mente formada à sua imagem, Deus quer que ela aprenda. Ela tem a responsabilidade perante Deus de estudar as doutrinas bíblicas.

Isso mostra que a Bíblia não teme confrontar a cultura. Algumas vezes é dito que Paulo herdou uma visão negativa da mulher em razão do seu treinamento rabínico, ou que o Novo Testamento se tornou prisioneiro de atitudes patriarcais da Antiguidade com relação a questões de gênero. Aqui encontramos exatamente o contrário. O mesmo é verdadeiro ao longo do Novo Testamento, que está repleto de exemplos de mulheres envolvidas em ministérios essenciais, muitas delas amigas pessoais de Paulo. Não é exagero afirmar que uma das dificuldades de seu ministério era assegurar que os dons femininos fossem utilizados em sua máxima extensão.

Os cristãos deveriam se sentir muito encorajados à luz do que a verdade bíblica tem feito para elevar a posição da mulher. A igreja nem sempre esteve à altura do que a Bíblia ensina a respeito de gênero, mas quando esteve, a mulher foi grandemente abençoada. Um documento assinado pelo grupo “Women of renewal” declara: “Uma vez que a Bíblia é a força mais efetiva da História para impulsionar a situação da mulher a níveis mais elevados de respeito, dignidade e liberdade, juntamo-nos a uma sucessão histórica de mulheres cristãs cuja fé foi forjada a partir de verdades bíblicas e de uma vida moldada à imagem de Cristo na bigorna da obediência”.4 A igreja tem alguma razão para se envergonhar da maneira como tratou a mulher, mas nenhuma razão para se envergonhar do que Deus disse a respeito da mulher na sua Palavra.

Se uma mulher precisa aprender, como ela deve fazer isso? “A mulher aprenda em silêncio, com toda a submissão” (1Tm 2.11). A mesma palavra grega, hēsychia, é repetida no final do versículo 12, traduzida como “em silêncio”. Essa é uma tradução melhor do que a fornecida na NVI: “calada”. A palava não significa que a mulher deve ficar de boca fechada. Em vez disso, refere-se a uma atitude de comedimento, como escreveu Paulo no início do capítulo ao pedir que o cristão leve uma “vida tranquila e mansa” (1Tm 2.2; cf. 1Pe 3.4).

Um episódio notável na vida de Paulo nos ajuda a entender o que o apóstolo quer dizer com “em silêncio”. Em sua última viagem a Jerusalém, Paulo foi confrontado por uma multidão irada diante do quartel em que seria preso:

“Obtida a permissão, Paulo, em pé na escada, fez com a mão sinal ao povo. Fez-se grande silêncio, e ele falou em língua hebraica, dizendo: Irmãos e pais, ouvi, agora, a minha defesa perante vós. Quando ouviram que lhes falava em língua hebraica, guardaram ainda maior silêncio” (At 21.40–22.2). A passagem traz dois termos gregos diferentes para descrever o silêncio da multidão: primeiro, o povo fez grande “silêncio” (sigēs); em seguida, ficou em “silêncio” (hēsychia). Paulo utiliza este último em 1Timóteo 2.11-12 – não a palavra para manter-se calados, mas a palavra para exibir uma atitude respeitosa. Paulo está dizendo às mulheres que prestem atenção ao ministro, assim como a multidão prestou atenção a ele em Jerusalém.

Além disso, as mulheres devem aprender com toda a “submissão” (hypotagē). Submeter-se significa obedecer, sujeitar-se à autoridade. Nesse caso, significa respeitar a liderança e a autoridade que Deus concedeu aos presbíteros da igreja. Significa aprender em espírito de concordância apoiadora.

Quando estas duas palavras (“em silêncio” e “submissão”) são colocadas juntas, elas não descrevem um estilo de aprendizado atípico, apropriado apenas para as mulheres. Em vez disso, descrevem a única maneira que habilita uma pessoa a aprender efetivamente. Como todo professor sabe, é impossível ensinar pessoas que falam o tempo todo. Bons professores impõem ordem na sala de aula, porquanto para aprender bem é necessário ouvir bem. Aprender também exige um espírito ensinável, porque é impossível ensinar uma pessoa que pensa que já sabe todas as respostas. Aprender é submeter-se ao conhecimento e à autoridade de um professor. Bons estudantes aprendem em silêncio e atitude receptiva.

Maria, irmã de Marta e Lázaro, é um exemplo maravilhoso de aprendizado submisso. Jesus havia parado na casa deles para descansar. Enquanto ele estava ali, Marta “agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços” (Lc 10.40). Enquanto isso, Maria, sentada aos pés do Senhor, ouvia tudo o que ele dizia (Lc 10.39). Indignada com a ociosidade de Maria, porquanto havia muito trabalho a fazer, Marta finlmente reclamou com Jesus: “Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me” (Lc 10.40). Observe o que Jesus não fez em resposta. Ele não ordenou que Maria voltasse para a cozinha, como se ali fosse o lugar dela. Ele não a relegou ao assim chamado papel da mulher. Em vez disso, disse: “Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada” (Lc 10.42).

Essas palavras de Cristo confirmam a dignidade e a necessidade de a mulher

estudar a Bíblia. Elas também servem para repreender homens e mulheres que pensam que a teologia é principalmente para os homens. O que Maria estava aprendendo com Jesus era a palavra de Deus. Ela estava aprendendo a verdadeira doutrina e como aplicá-la na sua vida diária. Deus quer que as mulheres tenham conhecimento das Escrituras e sejam firmes na teologia.

Observe o modo como Maria aprendia: “assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos” (Lc 10.39). Maria aprendia no estilo rabínico. Ela sabia o seu lugar; estava ouvindo em vez de falar; e estava sentada aos pés de Jesus, que era o lugar de submissão à autoridade do professor. Em outras palavras, ela estava participando do seminário de Cristo, aprendendo “em silêncio, com toda a submissão”.

Esse é o modo como todo o povo de Deus aprende. Eles sentam-se aos pés do Mestre, mesmo quando ele está falando por meio dos seus ministros. É comum eu ter a oportunidade de ouvir outros homens pregando. Nesse caso, assumo o compromisso de aprender em silêncio e total submissão. Esforço-me para resistir à tentação de dizer: “Bem, essa não é exatamente a maneira em que eu trataria esse texto”. Em vez disso, é necessário que eu me submeta, não tanto ao outro ministro, mas ao próprio Senhor, que quer me ver a seus pés, a exemplo de Maria.

... com toda a submissão...

Submissão é cuidadosamente definido aqui como “com toda a submissão”. Em outras passagens, a Bíblia ensina quase a mesma coisa a respeito do casamento: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor . [...] Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido” (Ef 5.22, 24). Como se vê, a Bíblia não pede submissão parcial nem de má vontade, mas “com toda a submissão” ou “com toda a sujeição” (1Tm 2.11; ARC).

A Bíblia diz “toda” submissão porque a submissão total é o único tipo de submissão que existe. Qualquer coisa menos que submissão total não é submissão nenhuma. Submissão parcial reserva-se o direito de se rebelar; abre espaço para manipulação e controle. Submissão de má vontade reserva-se o direito de resmungar; abre espaço para ressentimento e amargura. Porém, a

verdadeira submissão é submissão total. É um coração rendido a Deus.

Submissão é um nome feio na nossa cultura contemporânea, especialmente para feministas. O termo se choca com tudo o que nossa época mais aprecia: liberdade, poder, independência. Submissão pode ser também uma palavra ameaçadora, porquanto muitas vezes ela é utilizada como desculpa para abusos. Segundo o relato escrito de uma mulher: “Cada uma das minhas amigas feministas foi abusada por homem que deveria protegê-la: um pai, um tio, um marido. [...] Seria alguma surpresa o fato de essas mulheres não confiarem em homens ou compararem ‘submissão’ a codependência, negligência total ou, pior, masoquismo?”5

O perigo real e presente desses padrões de relacionamento pecaminoso significa que os cristãos têm a responsabilidade de nunca permitir que a ideia de submissão se torne justificativa para abusos. Além disso, têm a responsabilidade de interpretar a submissão no seu verdadeiro sentido bíblico, que inclui resistir à tentação de pensar na submissão como algo negativo. Tenha em mente que o homem ao qual se pede que a mulher se submeta na igreja é o homem que se enquadra nas qualificações de presbítero fornecidas por Paulo no capítulo seguinte, isto é, gentis líderes-servos, não tiranos dominadores (cf. 1Tm 3.1-4). Além disso, a ideia de submissão no Novo Testamento (p. ex., Hb 12.9; Tg 4.7; Ef 1.22; 5.21-24) sempre vem acompanhada de conotações positivas. A Bíblia insiste que sujeitar-se à autoridade dada por Deus é uma atitude admirável. Certamente isso não é fácil, mas ainda assim admirável. Sei disso porque também tenho de me submeter à autoridade dos presbíteros da minha igreja. Nas raras ocasiões em que discordo de um dos meus pais no ministério a respeito do rumo da igreja, sou chamado a me submeter ao julgamento deles. Nesse caso, não se trata de uma afronta à minha dignidade. Ao contrário, me dá paz e alegria saber que honrei o Senhor e possibilitei, ao tirar minha desobediência do caminho, que sua obra prosseguisse livremente.

Não obstante, a melhor maneira de compreender a beleza da submissão é por meio do exemplo de Jesus Cristo. Entre Deus o Pai e Deus o Filho há a mais perfeita igualdade. O Filho tem todos os atributos do Pai; eles são iguais em poder e glória. No entanto, o Filho se submeteu à vontade do Pai, até mesmo na sua morte na cruz (cf. Mt 26.42; 1Co 15.28). Na cruz de Cristo percebemos que submissão não implica coerção. Ao contrário, trata-se de uma obediência voluntária e alegre à vontade de Deus, para a glória de Deus.

O relacionamento do Filho com o Pai é uma analogia útil para entendermos o relacionamento entre homens e mulheres na casa de Deus. A exemplo do Filho em seu relacionamento com o Pai, o homem e a mulher são iguais em sua essência. Tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem de Deus (Gn 1.27). Tanto o homem quanto a mulher são redimidos pelo sangue de Cristo (Gl 3.28). Eles são iguais na criação e iguais na redenção.

Ao mesmo tempo, Deus ordena à esposa, sem negar sua igualdade fundamental, que se submeta ao marido; e à mulher, que se submeta ao presbítero na igreja. Submeter-se dessa maneira é ser como Jesus Cristo. É por isso que na igreja a mulher nunca deve abandonar o mandamento divino de aprender em toda submissão. Sempre que pratica esse mandamento, a mulher demonstra o caráter de Jesus Cristo.

... Mas não ensine

Ao mesmo tempo em que ordena o aprendizado, a Bíblia proíbe o ensino, ou pelo menos um tipo específico de ensino. O mandamento vem acompanhado de uma proibição: “E não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem; esteja, porém, em silêncio” (1Tm 2.12). Os versículos 11 e 12 estão ligados por uma conjunção (a palavra grega de, mas). Em outras palavras, a mulher deve aprender, mas não ensinar.

Alguns cristãos interpretaram esse versículo como dizendo que a mulher nunca deve ensinar coisa alguma a nenhum homem (o que, de qualquer modo, é às vezes difícil de fazer!). Em algumas igrejas as mulheres são proibidas não apenas de pregar, mas de lecionar na escola dominical, participar de estudos bíblicos ou dar qualquer outro tipo de instrução. No entanto, esse entendimento confronta o que a Bíblia ensina a respeito da condição de profeta de todos os cristãos. Pedro, na sua pregação no Pentecostes, citou o profeta Joel: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão” (At 2.17-18).

De acordo com a profecia de Joel e a pregação de Pedro, todo filho e filha de Deus exerce um ministério profético. Isso não significa que todos estão

convocados para servir à igreja em cargos de ensino, mas que todos devem testemunhar do evangelho. Alinhado a esse princípio, o apóstolo Paulo escreveu a seguinte instrução, tanto para as mulheres como para os homens: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria” (Cl 3.16). Portanto, é evidente que alguns tipos de ensino devem ser praticados por todos na igreja.

Proibir as mulheres de ensinar os homens é contrário ao mandamento bíblico e até mesmo contrário ao exemplo bíblico. Lembremo-nos de Priscila que, com seu marido, convidou Apolo para vir a sua casa e “com mais exatidão, lhe expuseram o caminho de Deus” (At 18.26). E isso apesar de Apolo ser “homem eloquente e poderoso nas Escrituras” (At 18.24). Há locais e ocasiões em que há necessidade de o cristão ser ensinado por uma cristã.

Porém, há pelo menos uma ocasião em que não é apropriado que a mulher ensine: no contexto da proclamação autoritativa da Palavra de Deus durante o culto público na igreja. Aqui é importante que nos lembremos do contexto do mandamento de Paulo, que desde o início do capítulo vem fornecendo instruções a Timóteo a respeito do culto corporativo da igreja. As instruções do apóstolo não têm por objetivo reger o comportamento de homens e mulheres em todas as situações, mas especialmente nas ocasiões em que a igreja se reúne para ouvir a Palavra de Deus (cf. 1Co 14.34-35).

A palavra “ensinar” (didaskein), que significa instruir, tem um significado específico nas cartas pastorais, nas quais ela se refere à explicação das Escrituras por ocasião do ensino formal da sã doutrina – os fundamentos da fé (p. ex., 1Tm 4.11; 2Tm 2.2). Ensinar era o que Paulo fazia no seu papel oficial de apóstolo (1Tm 2.7). É também o que os presbíteros da igreja são ordenados a fazer (1Tm 3.2; 5.17), o que talvez explique por que na sequência Paulo passe a tratar do presbiterato. O que o Espírito Santo não permite que as mulheres façam é transmitir a doutrina apostólica de maneira pública e oficial. Para colocar isso de modo mais simples, a principal coisa que Deus proíbe que as mulheres façam é pregar (ou de exercer autoridade doutrinária e disciplinar, ambas associadas ao ministério de pregação).

Incidentalmente, essa proibição também se aplica à maioria dos homens. A passagem não autoriza todos os homens a ensinarem todas as mulheres. Também não diz que todas as mulheres devem se submeter a todos os homens. Em vez disso, esses versículos ensinam que todas as mulheres devem se submeter ao

ensino e à disciplina dos pastores da igreja. Quanto a isso, as mulheres não são diferentes dos cristãos leigos que não são presbíteros ordenados.

Um sinal de que Paulo e o Espírito Santo estão se referindo à pregação na passagem de 1Timóteo 2.12 é o fato de que ensino é coordenado com ter autoridade. “Ensinar” e “exercer autoridade” são termos estreitamente relacionados. A atividade que eles mais claramente sugerem é a pregação ou alguma outra forma de ensino doutrinário autoritativo na igreja. Resumindo: “a mulher não deve ensinar os fundamentos do evangelho na reunião da igreja”.6

A palavra grega para “exercer autoridade” (authentein) traz alguma dificuldade porque esse é o único texto em que ela aparece no Novo Testamento. Alguns igualitários argumentam que a palavra se refere a comportamento violento, mas esse argumento é baseado numa confusão entre authentein e authentēs, termos provenientes de raízes totalmente distintas.7 Outros argumentam que authentein significa “dominar” ou “usurpar autoridade” (KJV).8 Nessa interpretação, as mulheres não estão proibidas de exercer autoridade, mas apenas de abusar dessa autoridade. Adicionalmente é sugerido que o culto a Diana transformou Éfeso num antro de feministas, com muitas mulheres pagãs que acreditavam na superioridade inerente da mulher.9

Há vários problemas com essa interpretação. Um é que o abuso do poder é uma atitude repreensível tanto no homem quanto na mulher, de modo que seria surpreendente que Paulo limitasse essa instrução às mulheres. Além do mais, há pouca evidência de feminismo estridente em Éfeso, e nenhuma evidência que esse tipo de atitude tivesse obtido qualquer influência na igreja.10E ainda mais importante, a ligação gramatical entre os versículos 11 e 12 sugere fortemente que o verbo utilizado para se referir à autoridade (authentein) está sendo empregado num sentido positivo (“exercer autoridade”) em vez de negativo (“usurpar autoridade”). Assim como “A mulher aprenda em silêncio” no versículo 11 se contrapõe a “E não permito que a mulher ensine” no versículo 12, do mesmo modo “com toda a submissão” no versículo 11 está em oposição a “E não permito que a mulher [...] exerça autoridade de homem” no versículo 12. Aprender contrasta com ensinar; submeter-se à autoridade contrasta com exercer autoridade. Mas se “exercer autoridade” (authentein) significa “usurpar autoridade”, então o equilíbrio da estrutura gramatical é perturbado e o sentido da passagem é perdido.11

Há também uma ligação importante entre “ensinar” e “exercer autoridade” no

versículo 12. Isso porque na estrutura gramatical que é usada nesse versículo, a língua grega insiste em ter outras duas palavras de conotação positiva ou duas de conotação negativa e não uma de cada.12 Portanto, “exercer autoridade” deve ser tão positivo quanto “ensinar”, e deve ser interpretada no seu sentido-padrão. George Knight resume a questão desta maneira: “o uso do termo não revela nenhum sentido inerente negativo de usurpar, apegar-se à autoridade ou exercê-la de um modo rude ou autoritativo, mas simplesmente significa ‘ter ou exercer autoridade’”.13 Nesse caso Paulo não está falando do abuso de autoridade, mas sobre o seu uso legítimo pelos presbíteros da igreja.

Em que área essa autoridade é exercida na igreja? Sem dúvida, na formulação de credos e confissões que resumem a doutrina cristã, e também na formulação de diretrizes eclesiásticas que tratam de questões teológicas. A palavra authentein sugere que a disciplina da igreja também pode estar em vista. Essas são atribuições exclusivas dos presbíteros da igreja. O mesmo ocorre com a pregação, que é a proclamação da Escritura com autoridade. Não que a pregação seja infalível. De fato, os cristãos de Bereia foram elogiados por investigar as Escrituras a fim de verificar se a teologia de Paulo estava em conformidade com o texto bíblico (At 17.11). No entanto, pregar é exercer autoridade de ensino.

Dependendo de como o presbiterato é concebido numa igreja, algumas outras situações associadas ao ensino se encaixam na categoria de exercício de autoridade. O treinamento de presbíteros, por exemplo, ou cursos sobre doutrinas fundamentais da fé cristã. Entretanto, de modo algum é exigido dos presbíteros que se encarreguem de todo estudo bíblico e todas as aulas de escola dominical. Homens e mulheres que não são ordenados podem ensinar uma ampla variedade de temas bíblicos, históricos e práticos (embora não devam, em minha opinião, ensinar doutrina confessional). Os presbíteros são responsáveis perante Deus pelo que é ensinado nas aulas de escola dominical e nos grupos de estudos bíblicos da igreja, mas podem exercer supervisão espiritual sem a necessidade de pessoalmente se encarregarem de todo o ensino.

É também muito bom que os membros da igreja comuniquem ao pastor o que estão ensinando. Por exemplo, um estudante líder de uma célula universitária pode pedir ao pastor a recomendação de um comentário ou o esclarecimento de uma interpretação. Ou uma mulher que está se preparando para ensinar pode levar ao presbítero uma cópia do estudo que planeja utilizar e assim por diante. Pastores e presbíteros devem fazer o mesmo uns com os outros. A sã teologia é mais bem preservada pela sabedoria coletiva dos homens que Deus ordenou para

exercer ensino autoritativo na igreja.

Talvez este seja um bom texto para enfatizar que, exceto essa única restrição bíblica, a mulher está livre para utilizar ao máximo seus dons espirituais dentro da igreja. Eis um exemplo de como esse princípio pode ser aplicado à vida congregacional:

O Conselho desta igreja reafirma que todas as posições de liderança e serviço estão abertas à mulher, exceto o ensino autoritativo e o papel disciplinar que a Bíblia, em 1Timóteo 2.12-14, reserva para os homens. Segundo a forma de governo da Igreja Presbiteriana, esse papel é reservado exclusivamente ao Conselho, composto por presbíteros regentes e docentes. Exceto essa função, estimulamos a mulher a buscar toda oportunidade de liderança e serviço, incluindo ensino bíblico, liderança de pequenos grupos, participação em todos os comitês, reuniões e assistência à obra diaconal, e a exercer, de todas as maneiras possíveis, o máximo dos seus dons para o bem maior do corpo de Jesus Cristo.14

Algumas objeções

A explicação acima a respeito de 1Timóteo 2.11-12 (ou algo próximo disso) tem sido a interpretação quase universal da igreja cristã.15 Somente no final do século 20 essa interpretação passou a ser implacavelmente atacada.

A estratégia liberal tem sido negar a autoridade desses versículos. Alguns dizem que o versículo 12, particularmente, não passa de opinião pessoal de Paulo, o qual não fala aqui em nome de Deus, mas por si mesmo, como se dissesse: “Eu, pessoalmente, não permito que a mulher ensine ou reivindique excessiva autoridade”.16 Contra isso deve ser afirmado que o termo bíblico para permissão (boulomai) é uma palavra para um mandamento (cf. 1Co 14.37). Além disso, Paulo está falando com autoridade apostólica. Portanto, o versículo 12 deve ser entendido da seguinte maneira: “Eu”, isto é, Paulo, designado por Deus para ser arauto, apóstolo e mestre da verdadeira fé (1Tm 2.7), “não permito que a mulher ensine”. Não se trata de uma opinião pessoal, mas de um mandamento apostólico com autoridade permanente sobre a igreja.

Outros dizem que Paulo estava errado. Ele teria impedido a mulher de subir ao púlpito porque era um chauvinista, ou porque era limitado pelas atitudes judaica e grega a respeito do valor das mulheres. Dadas suas origens e sua educação, sua posição era tão inevitável quanto desastrosa.

Em resposta, precisamos lembrar que Paulo escreveu inspirado pelo Espírito Santo. Paulo não permite que as mulheres preguem porque Deus não permite. Nesse sentido, convém prestar atenção às palavras do apóstolo Pedro, para quem as cartas de Paulo contêm "certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras" (2Pe 3.16). Por se tratar de Escritura Sagrada, a igreja corre perigo quando ignora as cartas de Paulo. Também é necessário contestar a ideia de que o apóstolo ou o próprio Deus sejam chauvinistas. Quanto melhor esses versículos sejam entendidos, mais claro fica que de modo algum a mulher não está sendo rebaixada.

Enquanto a abordagem dos liberais é negar a autoridade desses versículos, a dos evangélicos feministas é limitar a aplicação deles com o argumento de que Paulo tratava de circunstâncias específicas de Éfeso. Por exemplo, há quem tenha apontado a baixa qualidade da instrução das mulheres naquela cidade.17 Outros, que a cultura helenista simplesmente não estava preparada para o ingresso de mulheres no ministério. É comum recorrer a Gálatas 3.28 como um manifesto para a ordenação de mulheres: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus". Com base nesses argumentos, muitas igrejas se sentiram à vontade para colocar de lado as restrições de 1Timóteo e ordenar mulheres para o ministério pastoral.

O argumento dos evangélicos feministas deveria suscitar imediata desconfiança, porque é sempre bom suspeitar de pessoas que, de uma hora para outra, decidem que determinado texto da Escritura não é mais aplicável. Além do mais, as instruções de Paulo não foram apenas para Éfeso. O Espírito Santo as forneceu para todos os cristãos de todos os lugares, e para todas as mulheres em todos os lugares, independentemente de nível de instrução (observe que uma das mulheres em Éfeso era Priscila, que era provavelmente uma mulher mais bem informada teologicamente do que qualquer outra pessoa na igreja; ver 2Tm 4.19): "Como em todas as igrejas dos santos, conservem-se as mulheres caladas nas igrejas, porque não lhes é permitido falar; mas estejam submissas como também a lei o determina" (1Co 14.33-34). Essa instrução explícita a respeito da submissão nos ajuda a colocar o texto de Gálatas 3.28 em perspectiva. A

igualdade de homens e mulheres aí refere-se à união deles em Jesus Cristo. Esse princípio de união espiritual de modo nenhum é contraditado pelo reconhecimento de que Deus concedeu ao homem e à mulher responsabilidades espirituais diferentes no lar e na igreja. Assim, é um erro usar o princípio geral de Gálatas 3.28 para rejeitar mandamentos específicos a respeito do papel da mulher em 1Timóteo 2 e outras passagens.18

A ordem criada

Há outro problema com o argumento de que as instruções de Paulo se aplicavam somente aos efésios. O fundamento lógico da Bíblia não está centrado na cultura helenista, no sistema escolar da Ásia Menor nem nas particularidades da igreja de Éfeso. Em vez disso, remonta à criação do mundo: "Porque, primeiro, foi formado Adão, depois, Eva. E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão" (1Tm 2.13-14).

Aqui eu quero fazer um comentário autobiográfico. No verão anterior à minha entrada no seminário, fui entrevistado para um cargo pastoral numa congregação presbiteriana liberal. Caso aceitasse o convite, seria supervisionado por uma mulher que atuava como ministra auxiliar. A situação forçou-me a investigar mais a fundo o ensino bíblico a respeito da participação da mulher no ministério. Naquela época, achei difícil aceitar que os dons espirituais não eram distribuídos igualmente dentro da igreja. Eu me perguntava por que o dom da pregação deveria ser limitado a alguns homens. Contudo, depois de cuidadosa avaliação de ambos os lados da questão, fiquei convencido de que o posicionamento histórico da igreja estava correto. Mais que qualquer outra coisa, persuadiu-me o fato de que a Bíblia baseia suas instruções para os homens e as mulheres na maneira como Deus os criou (cf. 1Co 11.8-9). Os papéis dos homens e das mulheres estão fundamentados na distinção feita por Deus entre o homem e a mulher.

Vemos esse modo de argumentação aqui em 1Timóteo 2, em que a primeira razão para dizer às mulheres para aprender, mas não pregar vem da ordem da criação: "primeiro, foi formado Adão, depois, Eva" (1Tm 2.13). Alguns comentaristas tomam isso como sendo uma declaração de superioridade,19 porém nada é dito aqui a respeito da superioridade dos homens, seja nesse versículo, ou em qualquer outro livro da Escritura. Em vez disso, o que Paulo diz

é semelhante à antiga lei bíblica da primogenitura, segundo a qual o primogênito ocupava posição de responsabilidade espiritual na família. Ele poderia não ser necessariamente o mais talentoso ou o mais querido entre seus irmãos. No entanto, o filho mais velho "herdava o controle dos recursos e a responsabilidade de liderança no lar e na adoração. Ele se tornava o 'cabeça' da família".20 Assim, do mesmo modo, Adão foi o primeiro filho criado por Deus. O fato de ter sido criado primeiro não foi um acidente cronológico, mas parte do grande plano de Deus para a humanidade. "Portanto, a proscrição a respeito de as mulheres ensinarem aos homens não tem origem na queda e não pode ser atribuída à maldição. Paulo apela à ordem criada, ao mundo bom e perfeito que Deus criou, para justificar a proibição de a mulher ensinar ao homem."21 O efeito desse apelo é olhar além da cultura para a criação.

A segunda linha de raciocínio de Paulo é mais complexa: "E Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão" (1Tm 2.14; cf. 2Co 11.3). Esse versículo, também, com frequência é mal interpretado. Numa primeira leitura, parece que Paulo culpa Eva pela queda. Então, alguns cristãos concluíram incorretamente que os homens devem pregar porque a mulher não é confiável. Guthrie fala da "maior capacidade do sexo mais frágil de se deixar desviar".22 Kelly diz que "uma vez que Eva foi uma vítima tão ingênua das artimanhas da serpente, claramente não se pode confiar nela para ensinar".23 Até mesmo Lutero caiu nesse modo de pensar: "Não foi Adão que se desviou. Logo, havia mais sabedoria em Adão que na mulher".24

O problema com essa interpretação é óbvio: os homens também não são confiáveis. De fato, a maioria dos problemas da igreja de Éfeso foi causada por homens que estavam ensinando falsas doutrinas. É verdadeiro que grande parte das doutrinas heréticas da história da igreja foi disseminada por homens. Paulo dificilmente quer dizer que os homens devem ensinar porque eles são menos vulneráveis à falsa teologia.

O verdadeiro sentido desse versículo está na sua ênfase na palavra "enganada" (apataō), que Paulo tomou de Gênesis 3.13: "Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi". O fato é que Adão não foi enganado. Ao contrário de Eva, sabia muito bem o que fazia quando comeu do fruto proibido. A mulher caiu, em parte, porque Satanás a cegou para a verdadeira natureza do pecado, mas o homem pecou plenamente consciente. James Hurley, portanto, conclui: "Eva não teve culpa. Ela foi enganada. Adão, em contrapartida, não foi enganado, mas, deliberadamente e com entendimento, escolheu pecar".25

A desobediência intencional de Adão dificilmente o recomenda para o ministério pastoral. Mas isso indica algo importante a respeito do plano de Deus para a humanidade: Deus considerou Adão como o principal responsável pela queda no pecado. Isso explica por que ele pediu a Adão, não a Eva, que explicasse o que havia acontecido no jardim (ver Gn 3.9). Evidentemente, Adão tentou jogar toda a culpa em Eva, mas Deus apareceu procurando pelo homem. O mesmo princípio de responsabilidade espiritual aparece em Romanos, na passagem em que Paulo explica que "reinou a morte desde Adão até Moisés" e "pela ofensa de um só, morreram muitos" (Rm 5.14-15). Eva parece ter sido totalmente esquecida, apesar de ter sido a primeira a pecar. A razão para isso está no fato de Adão ter sido nomeado nosso representante na aliança, o homem responsável pelo bem-estar espiritual de todo o lar da humanidade.

Então uma responsabilidade espiritual análoga foi dada aos homens ordenados para terem a autoridade de ensinar na igreja. A Bíblia não afirma que os homens devem pregar porque eles farão um trabalho melhor. É às vezes apresentado o argumento de que as mulheres devem participar do ministério pastoral porque os homens estão deixando a desejar quanto às suas obrigações pastorais, ou é ressaltado que algumas mulheres são tão talentosas para pregar quanto muitos ministros. Essas objeções não procedem, porque a Bíblia não baseia a proibição da pregação feminina em questões de mérito, mas na ordem estabelecida por Deus na criação.

A queda de Adão e Eva revela o que acontece quando essa ordem criada é invertida. Homens e mulheres que procuram reverter a ordem de Deus para a igreja são filhos e filhas de Eva. Como sua mãe, eles se tornam transgressores.

Preservada através de sua missão de mãe

No entanto, há esperança para os pecadores, e ela vem no versículo mais difícil de uma passagem difícil: "Todavia, será preservada através de sua missão de mãe, se ela permanecer em fé, e amor, e santificação, com bom-senso" (1Tm 2.15).

Não é difícil adivinhar por que Paulo introduz o parto na discussão. Essa é uma distinção entre homens e mulheres que ninguém pode negar que é fundamental. Uma cultura pode fazer tudo para eliminar a diferença entre homens e mulheres,

porém há uma coisa que jamais conseguirá: fazer o homem dar à luz. Gravidez e parto são exclusivos da mulher, um fato divinamente ordenado que indica que as diferenças entre homens e mulheres têm raízes na criação. Isso é evidente, porém ainda resta uma pergunta: o que significa ser “preservada através de sua missão de mãe”?*

Obviamente, o versículo não significa que uma mulher tem de dar à luz filhos para que seja salva, porque nem todas as mulheres dão à luz. Uma possibilidade, talvez, seja que as mulheres que dão à luz farão isso de modo seguro no parto. Aqui devemos ter em mente que, ao longo de grande parte da história humana, em muitos lugares do mundo o parto foi considerado como uma questão de vida ou morte tanto para a mãe quanto para a criança. Essa interpretação remonta à maldição em Gênesis 3.16: “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos”. Então, a salvação é entendida num sentido físico de preservação da vida. O parto é perigoso, mas a mulher cristã sobreviverá.

O primeiro problema com essa interpretação é que isso nem sempre é verdadeiro. Algumas mulheres piedosas – Raquel, por exemplo (ver Gn 35.16-20) –, morreram durante o trabalho de parto. Porém, um problema maior é que Paulo geralmente utiliza essa palavra para salvação (sōzō) no seu sentido espiritual de libertação do pecado. Nas cartas pastorais, “salvação” geralmente se refere à expiação do pecado por meio da crucificação e ressurreição de Jesus Cristo (ver 1Tm 2.4; 2Tm 1.9; 4.18; Tt 3.5). Quando Paulo quer falar sobre segurança física, ele usa um termo totalmente diferente (rhuomai; p. ex., 2Tm 3.11; 4.18).

Outro modo de interpretar esse versículo é expresso pela versão New English Bible: “as mulheres serão salvas pela maternidade”.** A criação de filhos é assim tomada para representar o chamado da mulher. É “o papel feminino par excellence”,26 e, portanto, serve como um tipo de abreviação para a vida da mulher no lar. O lugar onde uma mulher encontra sua verdadeira santificação não está no ofício de ensino autoritativo da igreja, mas na esfera doméstica. Sua vocação “não está na vida pública, mas na tarefa de ter e criar filhos”,27 diz Barrett. Obviamente, nem toda mulher é chamada para o papel de mãe, porém todas devem aceitar sua identidade feminina de geradoras de vida, que é biologicamente representada na sua capacidade de gerar filhos. Essa capacidade era especialmente importante no contexto de Éfeso, onde alguns estavam proibindo totalmente o casamento (ver 1Tm 4.3) e presumivelmente relegavam o

papel de mãe a um chamado feminino de baixa categoria. Embora a Bíblia não restrinja o papel da mulher ao lar, parece centralizar o chamado feminino na vida doméstica, especialmente para as mulheres casadas (ver Pv 31.10-31; 1Tm 5.14; Tt 2.4-5).

De acordo com essa interpretação, a mulher será “salva” (no sentido de “estar segura” ou “preservada”, como a palavra sōzō era com frequência usada nas conversas do dia a dia) de assumir papéis masculinos ao ficar em paz nas tranquilas responsabilidades do seu chamado feminino. A mulher não é salva tornando-se homem, mas por meio da aceitação do seu chamado divino para ser mulher. De fato, essa é uma dentre muitas maneiras em que ela desenvolve sua salvação.

Conquanto essa interpretação pareça se relacionar bem com o restante da passagem, ela tem algumas limitações. Além de não levar em conta o verbo para salvação (sōzō), no seu sentido tipicamente paulino, exige fazer duas inferências não totalmente certas: que “dar à luz filhos” (ou “missão de mãe”) resume o chamado de todas as mulheres (um modo de se expressar que não inclui, explicitamente, as circunstâncias de muitas mulheres, e que mulheres que não são mães podem ter dificuldade de aceitar); e “salva” (ou “preservada”) significa protegida de usurpar um chamado que Deus fez somente aos homens (uma vez que Paulo não especifica do que as mulheres são salvas, esse significado não é afirmado, mas, no melhor dos casos, está implícito).

Outra interpretação possível merece ser mencionada. Ela enfatiza que, no grego original, o termo traduzido como “parto” vem acompanhado de um artigo definido, ou seja, o parto, que é, no mínimo, sugestivo. Assim, o versículo diz: “As mulheres serão salvas por meio do parto de um filho”. Para ser mais específico, a Escritura pode se referir aqui ao nascimento de Jesus Cristo, ainda que esse seja um modo um tanto não convencional de referir-se a esse acontecimento milagroso. Walter Lock dispôs o versículo em estrofe poética e extraiu o seguinte sentido dessa interpretação: “Uma criança do ventre da mulher nascerá; / E salvação a todas as mulheres trará”.28 Essa interpretação faz um bom sentido em conexão com Gênesis 3.15, que fez a primeira promessa de que o descendente da mulher derrotaria Satanás. Obviamente, Jesus realizou isso principalmente em sua morte na cruz, mas ele teve de nascer antes que pudesse morrer, é nesse sentido que a salvação vem por meio do seu nascimento, não pelo seu nascimento.

Essa interpretação também faz bom sentido à luz do contexto imediato: o versículo 14 termina com a realidade do pecado. O que seria mais natural do que o versículo 15 iniciar com a esperança da salvação, no seu sentido comum de libertação do pecado, e associar essa salvação à submissão da mulher ao plano de Deus? Tais considerações levaram John Stott a concluir que, “ainda que determinadas funções não estejam disponíveis às mulheres, e ainda que tentadas a se ressentir de sua situação, elas e nós nunca devemos nos esquecer de que somos devedores a uma mulher. Caso Maria não tivesse dado à luz ao menino Jesus, não haveria salvação para ninguém. Nunca se concedeu honra maior à mulher que por meio do chamado de Maria para ser mãe do Salvador do mundo”.29 Assim, 1Timóteo 2 termina com a melhor de todas as consolações. Isso não quer dizer simplesmente dar vivas às mulheres porque elas não devem pregar. Em vez disso, quer dizer que isso dá esperança para todos nós, uma vez que Deus oferece salvação do pecado em Jesus Cristo.

A fé para se submeter

Caso a primeira parte do versículo 15 se refira de fato à vinda de Cristo, então o restante do versículo se encaixa perfeitamente. Como a salvação é recebida? Ela é recebida pela fé, obviamente. Na sequência, Paulo menciona algumas das virtudes que sempre acompanham a fé salvífica: amor, santidade e bom-senso. Essas características são a prova da fé verdadeira, e as mulheres devem permanecer nessas graças para perseverar na fé.

“Bom-senso” (ou “domínio próprio”, A21) é uma palavra perfeita para encerrar este capítulo. Ela descreve uma mulher prudente e discreta. No verso 9, refere-se à mulher que se veste com modéstia; aqui no versículo 15, o termo sugere restringir-se no tocante a procurar obter autoridade na igreja.

Um exemplo admirável desse tipo de bom-senso vem da biografia de Joanne Shetler, ex-missionária entre os filipinos. A primeira parte da sua história já foi contada no capítulo 5 deste livro. Em resultado do ministério de Shetler, muitos membros da tribo balangao receberam Jesus como Senhor e Salvador. No entanto, havia uma dificuldade. Os balangao não estavam dispostos a ensinar eles mesmos a Bíblia, e em vão Shetler tentou convencê-los a pregar nos seus cultos. Eles queriam que ela se encarregasse de todo o ensino porque ela sabia muito mais que eles. O problema só foi solucionado quando Shetler começou a

traduzir as cartas de Paulo a Timóteo. Ela escreve:

Continuei traduzindo Timóteo com meu pai [meu pai adotivo balangao] até chegarmos ao versículo em que Paulo diz a Timóteo: “E não permito que a mulher ensine”. Meu pai não esboçou nenhuma reação. Porém, naquela tarde, terminado o trabalho do dia, ele me disse: “O que vamos estudar este domingo?” Imaginei que fosse apenas curiosidade da parte dele. Eu não tinha a mínima ideia do que ele estava pensando, uma vez que pais não dão explicações aos filhos. Então eu lhe disse. Chegou a manhã de domingo, e antes que eu me levantasse para falar, ele se levantou e disse: “Minha filha sabe mais que eu sobre esse assunto, mas descobrimos na Bíblia que a mulher não pode ensinar ao homem. Portanto, acho que eu devo fazer isso”. Aquele momento marcou o fim da minha carreira e o início do ensino deles.30

Sem dúvida, alguns se sentiriam ofendidos com a atitude do pai de Shetler e talvez com a submissão de Shetler. Porém, Deus não se ofendeu. Ele foi glorificado, como sempre ocorre quando seus filhos e filhas confiam nas instruções da Escritura e se submetem à vontade dele para a igreja – os homens assumindo a liderança espiritual quando chamados a isso, e as mulheres, estimulando a liderança deles em submissão.

Notas

* Ou, como aparece em outras versões na nossa língua: “Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos”, ARC; “será salva dando à luz filhos”, A21; “será salva tendo filhos”, NTLH. (N. do T.)

** Esse mesmo sentido é encontrado na versão ARA, em português: “será preservada através de sua missão de mãe”. (N. do R.)

1 Timothy B. Bayly, Diretor Executivo, Council of Biblical manhood and womanhood, carta circular, 5 de dezembro de 1997.

2 In John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 85.

3 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 139.

4 “Women of renewal: A statement”, Ecumenical coalition of women and Society, Institute on religion and democracy, 1997.

5 Anônimo, citado in Susan Hunt. By design: God’s distinctive calling for women (Franklin, TN: Legacy, 1994), p. 68.

6 Dan Doriani. Women and ministry: What the Bible teaches (Wheaton, IL: Crossway, 2003), p. 91. [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, com o título Mulheres e ministério, 2010 (N. do E.).]

7 H. Scott Baldwin. “A difficult word: authenteō in 1 Timothy 2:12”, in Women in the church: A fresh analysis of 1 Timothy 2:9–15, org. Andreas J. Köstenberger et al. (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 65-80 (p. 76-77).

8 Veja, por exemplo, Linda L. Belleville. “Teaching and usurping authority”, in Discovering Biblical equality: Complementarity without hierarchy, orgs. Ronald W. Pierce, Rebecca Merrill Groothuis e Gordon D. Fee, 2 ed. (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2004), p. 209-17.

9 Veja Richard Clark Kroeger, Catherine Clark Kroeger. I suffer not a woman: Rethinking 1 Timothy 2:11–15 in light of ancient evidence (Grand Rapids: Baker, 1992), p. 54.

10 Veja Stephen M. Baugh. “A foreign world: Ephesus in the first century”, in Women in the church: A fresh analysis of 1 Timothy 2:9–15, org. Andreas J. Köstenberger et al. (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 13-52.

11 Doriani. Women and ministry, p. 177-78. [Publicado no Brasil pela Cultura Cristã, com o título Mulheres e ministério, 2010 (N. do E.).]

12 Andreas J. Kostenberger. “A complex sentence structure in 1 Timothy 2:12”, in Women in the church, p. 81-103.

13 Knight. Pastoral Epistles, 141. Veja também Albert Wolters. “A semantic study of authentēs and its derivatives”, Journal of Biblical manhood and womanhood, 11.1 (primavera de 2006): p. 45-65.

14 Adaptado a partir de “Leadership and service opportunities for women”, aprovada pelo Conselho da Tenth Presbyterian Church em Filadélfia, 22 de dezembro de 1992.

15 Veja Daniel Doriani. “A history of the interpretation of 1 Timothy 2”, in Women in the church: A fresh analysis of 1 Timothy 2:9–15, org. Andreas J. Köstenberger et al. (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 213-67.

16 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 97.

17 Aída Besançon Spencer. Beyond the curse: Women called to ministry (Peabody, MA: Hendrickson, 1985), p. 84.

18 Veja Richard Hove. Equality in Christ: Galatians 3:28 and the gender dispute (Wheaton, Il: Crossway, 1999).

19 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper’s New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 68.

20 James B. Hurley. Man and woman in Biblical perspective (Grand Rapids: Zondervan, 1981), p. 207.

21 Thomas R. Schreiner. “An interpretation of 1 Timothy 2:9-15: A dialogue with scholarship”, in Women in the church: A fresh analysis of 1 Timothy 2:9-15, org. Andreas J. Köstenberger et al. (Grand Rapids: Baker, 1995), p. 105-54 (p. 134).

22 Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, Il: InterVarsity, 1957), p. 77.

23 Kelly. Pastoral Epistles, p. 68.

24 Martinho Lutero. Lectures on 1 Timothy, trad. Richard Dinda. Luther’s works, org. Jaroslav Pelikan e Walther T. Lehman (St. Louis: Concordia, 1955-1972), 28:278.

25 Hurley. Man and woman, p. 215.

26 Doriani. Women and ministry, p. 97.

27 C. K. Barrett. The Pastoral Epistles (Oxford: Clarendon, 1963), p. 56.

28 Walter Lock. A critical and exegetical commentary on the Pastoral Epistles (I & II Timothy and Titus), International critical commentary (Edimburgo: T & T Clark, 1924), p. 29.

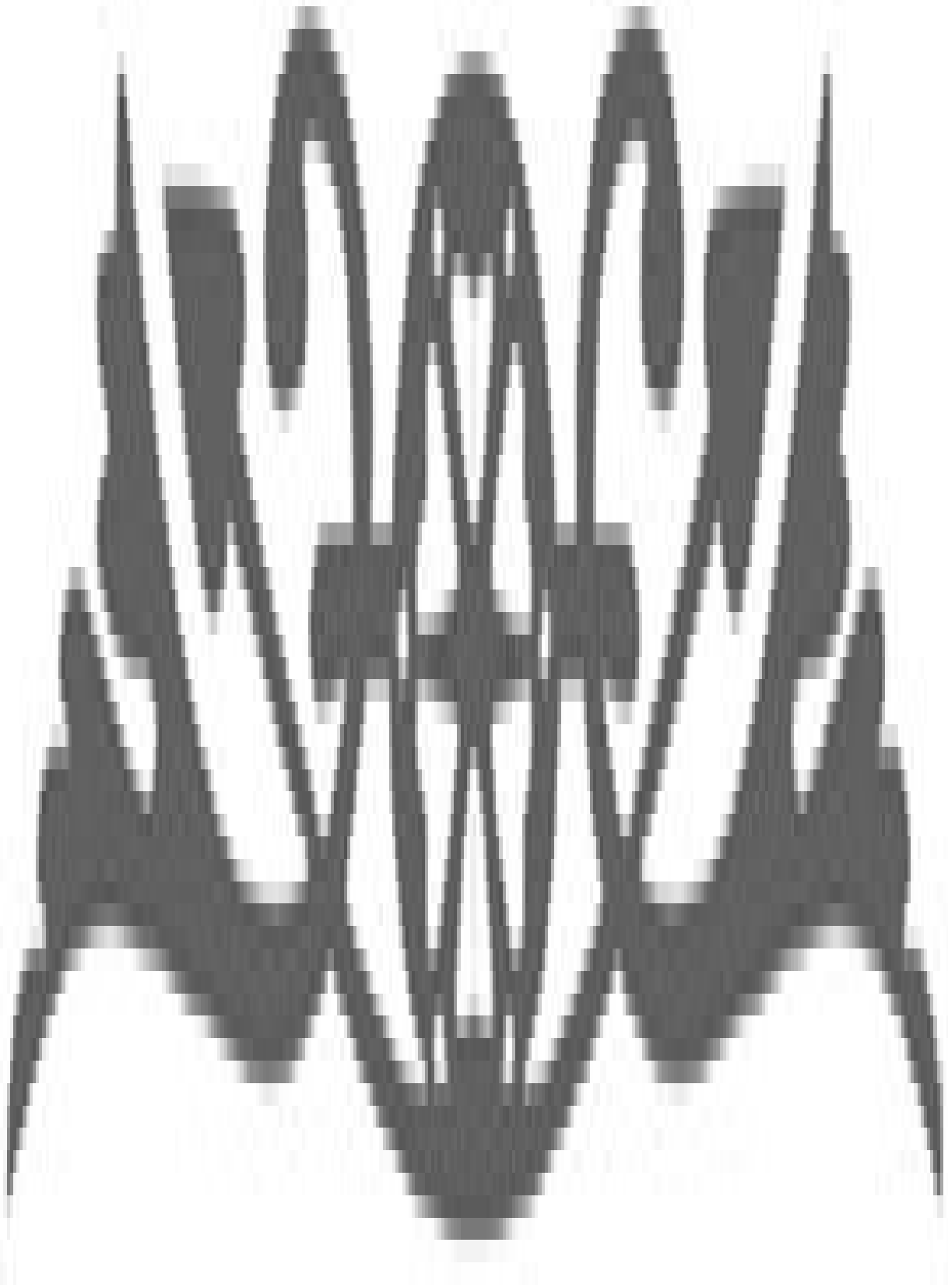
29 Stott. Guard the truth, p. 87-88.

30 Joanne Shetler. “Faithful in obedience”, in Faithful witness: The Urbana ’84 compendium, org. James McLeish (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1985), p. 99-107 (p. 105-6).

8

Qualificações para os presbíteros

1Timóteo 3.1-7



Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja. É necessário, portanto, que o bispo [...] governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?). (1Tm 3.1,4-5)

Um pastor, que certa vez pregou com base nessa passagem, deu à sua pregação o título de uma de suas expressões-chave. Seu sermão deveria se chamar "Irrepreensível: as qualificações do presbítero". No entanto, quando o boletim veio da gráfica, ele afirmava que o presbítero era "inacessível" em vez de "irrepreensível".

"Inacessível" reflete a maneira como o cristão algumas vezes percebe seus líderes espirituais. Poucas coisas parecem tão ameaçadoras quanto uma reunião com o Conselho da igreja. Lembro-me de como me senti, ainda jovem, enquanto aguardava para dar meu testemunho de fé diante do Conselho: sentado no corredor, secando mãos suadas na minha melhor calça, desesperadamente tentando lembrar meu versículo de salvação. Essas sensações retornaram com força dobrada na época em que me apresentei diante do meu presbitério para ser avaliado para minha ordenação ao ministério pastoral.

Os oficiais da igreja nem sempre causaram tanto nervosismo. David Dickson, um clérigo de Edimburgo no século 19, escreveu: "Nossos membros sabem muito bem da necessidade e da utilidade do ofício de presbítero. Em toda Escócia se verifica um preconceito venturoso a favor das visitas presbiterais. Nenhum presbítero seria capaz de afirmar que não é bem recebido nas visitas que faz. O lar e o coração dos membros estão sempre abertos àqueles chamados para esse ofício".1 É assim que os presbíteros devem ser tratados: com afeição.

Uma excelente obra

Os presbíteros também devem ser tratados com respeito, uma vez que a Bíblia os tem em elevada estima: "Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja" (1Tm 3.1). Essa é a segunda vez que o apóstolo toma um

ditado popular e o usa com aprovação divina. Walter Lock ofereceu uma paráfrase engenhosa para dar à frase uma qualidade de provérbio: “Ao que almeja a liderança como quinhão, / Nobre incumbência propôs no coração”.2

A palavra grega para “supervisor” é episkopos, que é algumas vezes traduzida como “bispo”. Episkopos é a palavra da qual se origina o nome da Igreja Episcopal. Essa palavra é um sinônimo do termo bíblico presbyteros, que significa “ancião” (ou presbítero), e dá à Igreja Presbiteriana o seu nome. No Novo Testamento (p. ex., At 20.17-38) as palavras para pastor (poimēn), presbítero (presbyteros) e bispo (episkopos) são usadas como sinônimos (ver também 1Pe 5.1-2; Tt 1.5-7). O mesmo ocorre em 1Timóteo, uma vez que Paulo mais tarde chama os supervisores de “presbíteros” (1Tm 5.17).

Com base no uso desses termos bíblicos, tendemos a concluir que não há hierarquia entre os presbíteros da igreja e, portanto, que formas hierárquicas de governo da igreja vão além do ensino da Escritura. De fato, elas não se desenvolveram até depois da conclusão do Novo Testamento, especialmente durante o ministério de Inácio, o bispo de Antioquia, que morreu várias décadas após o início do segundo século.

O padrão bíblico para a igreja é um governo espiritual formado por uma pluralidade de presbíteros. Todos os oficiais que supervisionam a igreja são irmãos em ministério. Como veremos, há uma diferença entre presbíteros que ensinam (algumas vezes referidos como pastores ou ministros) e presbíteros que governam (cf. 1Tm 5.17).* Porém, a diferença é apenas de função, não de autoridade. O pastor não é superior em hierarquia ao presbítero regente.

O que o dito digno de confiança de Paulo está dizendo é que o trabalho de um presbítero é nobre. Ele tem uma longa e rica tradição entre o povo de Deus. Os primeiros presbíteros (anciãos) foram designados por Moisés para ensinar e julgar o povo de Israel (ver Êx 18). Durante o Antigo Testamento, o povo de Deus foi representado e governado por anciãos que se assentavam às portas da cidade e ensinavam nas sinagogas. O mesmo era verdadeiro no Novo Testamento. Quando os primeiros cristãos enviaram os donativos para as pessoas pobres de Jerusalém, Paulo e Barnabé os entregaram aos presbíteros da igreja (At 11.30). Em suas viagens missionárias, Paulo e Barnabé designavam presbíteros em todas as igrejas (At 14.23). Assim, na época em que Paulo escreveu a Timóteo, o presbítero já era um oficial bem estabelecido na igreja.

A obra de um supervisor é excelente. Como sugere o termo, ela envolve a supervisão (epi-skopos = “olhar sobre”) do povo de Deus. Por meio de ensino e do governo, os presbíteros supervisionam a vida espiritual da igreja. Eles zelam pelas coisas em nome de Deus. Por se tratar de uma obra excelente, é muito bom que os homens a busquem. Escrevo “homens” em razão de o Espírito já ter declarado que as mulheres não devem exercer ensino com autoridade na igreja (1Tm 2.12). “Aspira” (oregetai) significa “almejar”, buscar alguma coisa; a Escritura fala também de “desejo” (epithymei). Em outras palavras, os homens piedosos devem almejar tornar-se presbíteros da igreja.

Isso se aplica tanto aos presbíteros regentes quanto aos docentes (pastores). Muitos jovens desejam se tornar ministros, mas poucos aspiram ao presbiterato. Da mesma maneira como oramos para que nossos filhos se tornem evangelistas, missionários e professores de escola dominical, oremos para que alguns assumam a nobre tarefa de supervisionar.

Isso não significa que o presbiterato deve ser uma ambição. Presbíteros não fazem campanha para o ofício. Longe disso. Ninguém nunca decide se tornar oficial da igreja por desejo próprio. Quem decide isso é a igreja orientada pelo Espírito Santo em conformidade com as diretrizes estabelecidas nessa passagem (cf. tb. 1Pe 5.1-4; Tt 1.5-9). No entanto, o chamado exterior da igreja sempre está em harmonia com o chamado interior e invisível do homem. O importante pregador puritano William Perkins perguntou: “Como saber se Deus quer ou não você [para o ministério]?” Sua resposta foi: “Você deve perguntar tanto à sua própria consciência quanto à igreja. [...] A sua consciência deve avaliar a sua disposição e a igreja deve avaliar a sua competência”.3 É possível aspirar ao nobre ofício de pastor ou presbítero sem que isso se torne uma ambição cega.

Por que a Bíblia se preocupa em dizer que um presbítero faz um trabalho excelente? Possivelmente porque se trata de uma tarefa assustadora. Calvino comenta: “Não é algo fácil representar o Filho de Deus em tarefas tão grandiosas quanto a edificação e a expansão do reino de Deus, cuidar da salvação das almas que o Senhor dignou-se a comprar com seu próprio sangue, e governar a igreja, a herança de Deus”.4 Ou talvez a Bíblia enfatize a nobreza do presbiterato em razão de ser um trabalho perigoso. É comum ministros se tornarem mártires. Na igreja primitiva, e em muitos lugares depois, os presbíteros foram os primeiros a dar a própria vida por amor ao evangelho. No entanto, é uma obra excelente, porque tem a bênção de Deus na vida e a recompensa de Deus na morte.

O caráter do presbítero

O episcopado é obra excelente, não “se eu conseguir isso”, mas apenas se o homem é qualificado para isso. E quais são os requisitos mínimos exigidos por Deus? Qual é o caráter de um presbítero do evangelho?

A primeira qualificação abrange todas as demais: “que o bispo seja irrepreensível” (1Tm 3.2). Evidentemente, não que qualquer mero homem possa ser puro, mas ele deve ser impecável na sua conduta exterior, observável. Ele não deve ter nenhum pecado escandaloso. Como escreveu David Dickson, “Por se tratar de cargo e tarefa espirituais, é necessário que os presbíteros sejam homens espirituais. Não é necessário ter grande talento, posição influente na sociedade, riqueza ou educação superior, mas é indispensável que sejam homens de Deus, em paz com ele, novas criaturas em Jesus Cristo”.5

A integridade de um presbítero do evangelho deve estar acima de qualquer questionamento. Certa vez, um presbítero foi acusado de transgressão moral. Seus irmãos tinham o dever de levar a acusação a sério e investigar o caso, como de fato fizeram. Contudo, por ser um homem piedoso e virtuoso, a acusação parecia absurda desde o início. Como as circunstâncias comprovaram, posteriormente, o homem era irrepreensível.

Para que seja irrepreensível, o presbítero deve ser “esposo de uma só mulher” (1Tm 3.2). Isso não significa que os solteiros estão proibidos de servir como presbíteros. De modo geral, futuros presbíteros são homens casados, e Deus irá usar as exigências do chamado deles como maridos e pais para fazer grande parte da obra de santificação que deve ser feita na vida deles antes que estejam prontos para servir como oficiais da igreja. No entanto, lembre-se de que o próprio Paulo era solteiro e recomendou o celibato a outros como oportunidade de servir ainda mais ao reino de Deus (1Co 7.17; 9.5). Alguns sugerem que a expressão tem o significado de “ter se casado apenas uma vez”. Nesse caso, viúvos que voltaram a se casar, bem como homens divorciados não estariam qualificados. Contudo, caso Paulo tivesse em mente esse sentido, podemos esperar que ele fosse mais explícito.

É provável que o significado da frase seja mais geral: o presbítero deve ser moralmente responsável no tocante a sua sexualidade. Naquela época, os gregos

e os romanos geralmente toleravam pecados sexuais indecorosos. A poligamia era praticada tanto pelos gregos quanto pelos judeus.6 O casamento era gradualmente arruinado por divórcios frequentes, adultério generalizado e homossexualidade desenfreada.7 As palavras de Demóstenes revelam a extensão do problema: “As amantes as temos por prazer, as concubinas para o cuidado diário da nossa pessoa, mas as esposas para nos dar filhos legítimos”.8

Como a igreja deve se posicionar contra tal imoralidade sexual? Em Éfeso, alguns falsos mestres chegaram ao ponto de proibir as pessoas de se casarem (ver 1Tm 4.3), como se isso fosse resolver o problema. O plano divino é totalmente diferente. Deus quer que os líderes da igreja sejam exemplos vivos do casamento bíblico: um homem e uma mulher em aliança de amor para a vida inteira. Nas palavras de Teodoro de Mopsuéstia, um homem que tem apenas uma esposa é “um homem que, tendo feito um casamento monogâmico, mantém-se fiel aos seus votos matrimoniais”.9 Ser fiel aos votos matrimoniais inclui evitar relacionamentos íntimos impróprios com outras mulheres. Pastores e presbíteros sábios não aconselham as mulheres em privado para evitar o tipo de intimidade que comprometa seu ministério.

As várias qualificações que vêm a seguir têm a ver com o bom-senso do presbítero. Ele deve ser “temperante, sóbrio, modesto” (1Tm 3.2).). A versão King James, em vez de “temperante”, traduz a palavra grega nēphalion, como “vigilante”.** Um homem temperante é “livre de todo tipo de excessos, paixões ou impulsividade”.10 É ponderado, circunspecto, até mesmo cauteloso. A palavra “temperante” (ou vigilante) descreve a maneira como uma pessoa anda tarde da noite na cidade: não necessariamente paranoica, mas alerta. Isso é necessário para a proteção da igreja. O presbítero temperante (ou vigilante) percebe as necessidades espirituais e adverte quanto aos perigos espirituais.

A seguir vem “sóbrio”. A palavra grega sōphrona tem a ver com a tomada de decisões. Significa ser sensível. Homens que tomam decisões vitais a respeito do ministério da igreja devem ser prudentes. Eles devem ter julgamento equilibrado. Quando os presbíteros (especialmente pastores) não avaliam cuidadosamente suas decisões, a igreja fica vulnerável a todas as últimas tendências quanto ao ministério e teologia – tendências que podem ser longe de serem salutares para a saúde da igreja. “Sóbrio” também se refere à capacidade de controlar os próprios apetites. O escritor francês Rabelais propôs uma pergunta que todo presbítero deve fazer a si mesmo: “Como estarei apto para governar sobre outros se não tenho total poder e domínio sobre mim mesmo?”11

O presbítero também deve ser “modesto” (kosmion). Ele deve ser ordeiro e cortês. Entre outras coisas, isso se aplica aos seus hábitos com a bebida. Embora não haja necessidade de ser abstinente, o presbítero modesto não é “dado ao vinho” (1Tm 3.3). Alcoólatras não podem atuar como presbíteros em razão de serem incapazes do tipo de julgamento sóbrio que se exige de todo bom líder espiritual.

Os filósofos gregos às vezes usavam a palavra para “bêbado” (paroinon) para se referir à violência, como a de um bêbado raivoso. Portanto, não é de admirar que a qualificação seguinte, especialmente em vista do ambiente pagão de Éfeso, seja “não violento, porém cordato” (1Tm 3.3). Valentões não estão qualificados para o ministério. Um presbítero não é amedrontador. Para cuidar do rebanho de Deus, não se pode confiar nos homens que abusam verbal ou fisicamente de outras pessoas.

Em vez disso, o presbítero deve ser “cordato” (plēktēn). E. K. Simpson diz que isso significa “gracioso, gentil, paciente, atencioso, magnânimo, cordial”.12 Os presbíteros devem ser pacificadores, que é exatamente o oposto de serem violentos. A verdadeira força do homem está na sua mansidão. Evidentemente, um presbítero deve ser firme quando repreende o pecado. Quando o presbítero não tem coragem para confrontar o pecado, a igreja perde a convicção. No entanto, o presbítero deve ser gentil. Ele deve viver entre o povo de Deus como um pastor amoroso. Ele deve simpatizar com os fracos e demonstrar compaixão pelos feridos.

Além do mais, um presbítero deve ser “inimigo de contendas”. É muito provável que Paulo tivesse em mente os falsos mestres quando escreveu isso, porque eles estavam começando a se tornar beligerantes. Suas disputas resultavam em “inveja, provocação, difamações, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida” (1Tm 6.4-5). Vez ou outra, visitantes vão a uma igreja ou telefonam em busca de resposta para alguma questão teológica. A maioria deseja obter informações, porém há quem vá apenas para argumentar. Nesse caso, a melhor coisa a fazer é concordar em discordar e, com toda cortesia, pedir que se retirem. A igreja não é uma sociedade para debates. De fato, poucas coisas causam mais distrações na obra de Deus que líderes que gostam de discussões. David Dickson observou esse problema mais de um século atrás: “Homens dados a brigas e discussões na igreja ou nas reuniões do Conselho são muito irritantes, e para o terror dos presbíteros e de outros oficiais da igreja, é possível que esses homens alcancem cargos de liderança. No

coração, eles podem até mesmo amar a verdade – como cremos que frequentemente o fazem – mas também amam discutir. [...] Devemos estar vigilantes quanto a um espírito crítico e reprovador em nós mesmos, bem como orar contra isso; ele é com frequência o precursor ou o companheiro de apostasia na doutrina ou na vida.”13

Um homem de contendas é o pior tipo de pessoa num Conselho de presbíteros. Quando os presbíteros discutem o ministério da igreja, eles precisam expressar suas opiniões de maneira clara e tolerante, porque as melhores decisões nascem de discussões animadas. Dependendo da ocasião, é até mesmo apropriado que se façam objeções. Contudo, isso nunca deve ser feito com um espírito contencioso.

O presbítero também não pode ser “avarento” (1Tm 3.3). A avareza, ou amor ao dinheiro, ocorre várias vezes na primeira carta de Paulo a Timóteo. De fato, a maior parte do capítulo 6 trata de assuntos relacionados à riqueza e à pobreza. Questões a respeito de dinheiro também foram motivo de debates ao longo da história da igreja. Desde a época dos apóstolos, algumas pessoas vêm tentando usar o ministério para obter ganho financeiro (ver 1Tm 6.5). A ganância levou a igreja medieval a cair em corrupção. Em nossos dias, o amor ao dinheiro contribuiu para o declínio de muitas grandes igrejas nas cidades americanas. Os televangelistas são tão obcecados por dinheiro que os cristãos tornaram-se mal-afamados como ávidos solicitantes de dinheiro.

É um erro grave considerar a riqueza como uma credencial para a liderança espiritual. Ser rico não desqualifica um homem para o presbiterado, mas isso também não o recomenda. Mais importante é o modo como o homem utiliza seus recursos, e especialmente quanta afeição ele tem pelo dinheiro. Um presbítero não deve ser avarento. Esse mesmo vício é mencionado em Hebreus 13, em que aparece acompanhado de uma virtude contrastante: “Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes” (Hb 13.5). O antídoto para a ganância é o contentamento. As pessoas que são gananciosas estão sempre pensando nas coisas que lhes faltam, enquanto aqueles que são contentes, não sentem falta de nada. De certo modo, uma vez que eles têm tudo de que necessitam, são tão ricos como se possuíssem o mundo inteiro. Esse é o tipo de contentamento que o homem deve ter para servir como presbítero na igreja. Em se tratando de dinheiro, ele pode ter ou não ter.

Os deveres do presbítero

A maioria das qualificações na lista de Paulo refere-se à pessoa do presbítero e não ao que ele faz. Isso porque “a utilidade de um presbítero depende, em longo prazo, mais do seu caráter do que dos seus dons e conhecimento”.14 No entanto, há dois requisitos que nos mostram algo a respeito dos deveres do presbítero. Primeiro, ele deve ser “hospitaleiro” (1Tm 3.2). Os presbíteros devem ter seu lar e seu coração abertos. Literalmente, deve demonstrar “amor pelos estrangeiros” (philoxenon).

A hospitalidade sempre esteve entre as mais elevadas virtudes cristãs. Aquele que acolhe desconhecidos age como Abraão, que recebeu anjos (ver Gn 18; Hb 13.2). Todo cristão deve ser hospitaleiro. Todavia, nos dias da igreja primitiva a hospitalidade era necessária para a divulgação do evangelho: “Porque naqueles dias não havia hotéis, conforme os temos hoje, e hospedarias de beira de estrada eram escassas, sujas, perigosas e malcheirosas”.15 Obviamente, as pessoas envolvidas na obra cristã necessitavam de um bom lugar para se hospedar. Ao exigir hospitalidade como requisito para o presbiterato, Paulo estava se referindo a “uma hospitalidade muito além daquela costumeira de anfitrião do lar: uma hospitalidade que deveria ser oferecida em nome da igreja”.16 Esse tipo de hospitalidade permanece útil para a obra cristã até os dias de hoje. Sempre que possível, o presbítero deve receber missionários e outros obreiros cristãos. Subjacente a essa atitude está o princípio de que o presbítero deve se comprometer pessoalmente com a obra mundial do evangelho.

Há muitos outros motivos importantes para o cristão contemporâneo praticar a hospitalidade. Um é o evangelismo. Refeições à mesa são excelentes oportunidades para conversar sobre temas espirituais com amigos não cristãos. A hospitalidade também é necessária para o bem-estar da família de Deus. Um grande mal da cultura contemporânea é a fragmentação da família. Como cristãos, devemos buscar nossa identidade primária como irmãos e irmãs em Jesus Cristo. Um dos melhores lugares para estabelecer esses vínculos familiares é ao redor da mesa. Tomemos como exemplo um irmão convidado para a ceia de Natal de uma família cristã. Esse irmão talvez se mostre um tanto temeroso de perturbar aquele “momento em família”. Isso foi ponderado; as famílias precisam passar momentos juntos. No entanto, se somos irmãos e irmãs em Jesus Cristo qualquer ocasião em que estamos juntos é “momento em família”. Os presbíteros, especialmente, precisam assegurar que passemos tempo de qualidade juntos como uma família.

Isso nos leva à qualificação que está mais próxima do cerne do trabalho de um presbítero. Ele deve ser “apto para ensinar” (didaktikon). Em outras palavras, ele deve ser “qualificado, pela instrução e caráter moral, para ensinar a sã doutrina, em oposição aos muitos falsos mestres”.17 O presbítero deve ter sabedoria “para saber como aplicar a Palavra de Deus em benefício das pessoas”,18 disse Calvino.

No que diz respeito ao ensino, a maioria das Igrejas Presbiterianas segue 1Timóteo 5.17 ao fazer uma distinção entre presbíteros docentes (os que ensinam) e presbíteros regentes (os que governam): “Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na Palavra e no ensino”. Todos os presbíteros devem administrar os interesses da igreja; alguns se concentram no ensino e na pregação. Comumente, a principal tarefa do ministro é ensinar a Palavra de Deus. Ele pode também ter muitas outras atividades. Pode usar seus dons na administração, na condução do culto, no discipulado, no aconselhamento, e assim por diante. Porém, em primeiro lugar e o mais importante, o presbítero é um professor da Bíblia, e assim de algum modo ele exerce o ministério da Palavra de Deus em todos os aspectos de seu chamado.

No entanto, o ministro não é o único que deve possuir capacidade para ensinar. Essa qualificação também se aplica aos presbíteros regentes. Nesse caso, sua aptidão para ensinar se aplica a outros contextos, por exemplo, na escola dominical e em grupos de estudos bíblicos nos lares. Eles também ensinam sempre que disciplinam, evangelizam ou fazem visitas pastorais. Em todas essas obrigações, o presbítero regente deve ser capaz de ensinar.

A família do presbítero

Um homem não se torna presbítero de um dia para outro. É um trabalho que exige experiência anterior. O lugar mais importante para um presbítero obter essa experiência é no lar: “que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito” (1Tm 3.4). A vida familiar de um presbítero deve ser exemplar. O mesmo se aplica aos seus relacionamentos profissionais e outras áreas de sua vida pública. (Aqui é importante entender que muitas famílias no mundo antigo estendiam-se além da família imediata da pessoa, e desse modo exigiam do chefe da casa uma liderança efetiva em relação aos seus

servos e outros trabalhadores.) A liderança nessas áreas é especialmente importante para presbíteros solteiros, que não se beneficiam integralmente dos relacionamentos familiares que servem de campo de provas para o ministério.

A palavra grega para “governe” (proistamenon) tem dois significados principais. Um é supervisionar, e o outro é educar ou preocupar-se. A paternidade une esses dois aspectos. O pai é o líder que administra a casa, mas a maneira em que ele faz isso é cuidando das necessidades de cada membro da família. Os presbíteros fazem o mesmo na casa de Deus: eles exercem sua autoridade espiritual tanto governando quanto cuidando.

O que significa para o presbítero criar “os filhos sob disciplina”? (1Tm 3.4). Isso quase soa como se o homem tivesse de governar sua família pela força. Porém, é evidente que a obediência nunca deve ser forçada porque se trata de uma questão do coração, e, assim, em última instância é um dom da graça de Deus. Então, como um pai pode incentivar seus filhos a serem obedientes? Paulo nos dá uma indicação: “com todo o respeito” (1Tm 3.4). A palavra “respeito” pode muito bem estar se referindo à maneira como os filhos tratam os pais. Não há dúvida de que os pais têm o direito de exigir respeito dos seus filhos. Entretanto, “respeito” também descreve a maneira como os pais se relacionam com seus filhos: eles os tratam como pessoas criadas à própria imagem de Deus e, portanto, promovem um relacionamento de respeito mútuo. Então, a melhor maneira de criar filhos obedientes não é por meio de controle ou manipulação, mas respeitando-os. Isso significa agir de maneira justa, coerente, compreensiva e misericordiosa. Um pai que trata seus filhos dessa maneira ganha o respeito deles. Em contrapartida, um pai cujo temperamento raivoso e disciplina incoerente deixa seus filhos exasperados e os incita à rebelião não está qualificado para servir como pai espiritual da igreja.

O inverso disso, um homem cujos filhos o respeitam deve ser um bom pai, o que é exatamente o que a igreja busca. Um homem que cuida bem dos próprios filhos está apto para cuidar de todos os filhos de Deus. Ele já aprendeu como instruir, cuidar, disciplinar e lidar pacientemente com a rebelião. Os puritanos amavam dizer que a família é uma pequena igreja. Isso era especialmente verdadeiro nos dias dos primeiros cristãos, em que a maioria das congregações se reunia nos lares. Mas isso sempre será verdadeiro. O livro The Book of common prayer [Livro de oração comum] faz esta pergunta aos candidatos à ordenação: “Você será diligente para adaptar-se e moldar-se, bem como a sua família, de acordo com a doutrina de Cristo, e tornar tanto você mesmo quanto

sua família, tanto quanto possível, exemplos íntegros e padrão para o rebanho de Cristo?”19

A importância da vida familiar do presbítero é óbvia: “pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?” (1Tm 3.5). A pergunta é retórica. Obviamente, um homem precisa ter a própria casa em ordem antes que possa colocar a casa de Deus em ordem. Infelizmente, a maioria dos cristãos conhece presbíteros docentes e regentes que não sabem como administrar bem a própria família. Mas há muitos pais que sabem fazer isso, e estes se tornam os melhores presbíteros e pastores.

A palavra “governar” (epimeleomai) é rica de implicações práticas. O termo ocorre em outra passagem do Novo Testamento em que Jesus comenta a respeito de um homem que foi espancado e deixado semimorto à beira da estrada para Jericó: “Certo samaritano, que seguia o seu caminho, passou-lhe perto e, vendo-o, compadeceu-se dele. E, chegando-se, pensou-lhe os ferimentos, aplicando-lhes óleo e vinho; e, colocando-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e tratou dele [epimeleomai]” (Lc 10.33-34). Esse samaritano é um belo exemplo para pais e presbíteros. Cuidar das pessoas sempre exige sacrifício. Isso inclui compaixão, cuidado, acolhimento. Sem dúvida aquele samaritano também era um homem ocupado, com muitas coisas que precisava fazer. Apesar disso, pessoas que são boas para o seu próximo – como bons pais e bons presbíteros – estão dispostas a sacrificar seu tempo para tratar do problema das outras pessoas.

A experiência do presbítero

As últimas duas qualificações não são apenas para o bem da igreja, mas para o bem do próprio presbítero: “não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo” (1Tm 3.6). Essa qualificação tem a ver com maturidade espiritual. Paulo chama um cristão que foi recentemente batizado de um neófito, que significa algo como “novo crescimento” ou “recém-plantado”.

Para ilustrar o que Paulo quer dizer, observe o erro infeliz que certos jardineiros cometeram num verão no Wheaton College, em Illinois. Depois de nivelarem um campo de futebol, semearam a grama de modo incorreto e a chuva levou

tudo embora. Por volta do final de agosto, a superfície do campo era ainda de terra. Semearam de novo e dessa vez a grama brotou imediatamente. Durante todo o outono a grama cresceu verde e viçosa. Parecia muito bonito, mas o campo ainda não estava pronto para ser utilizado para os jogos. Caso um jogo de futebol fosse feito ali, enormes tufos de grama se soltariam a cada chute. Era necessário que o gramado recém-formado enfrentasse um inverno inteiro de tempestades antes que estivesse pronto para ser usado. Do mesmo modo, cristãos novatos não estão prontos para administrar a igreja. Eles ainda não passaram pelo inverno da dificuldade espiritual. O presbiterato não é para principiantes. Como diz Paulo mais adiante: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos” (1Tm 5.22). Melhor que tenha um ou dois presbíteros a menos para completar o Conselho com um novato.

Ao avaliar um homem para o presbiterado, a igreja deve contar sua idade espiritual, não sua idade biológica. Certo jovem foi entrevistado para o cargo de pastor sênior quando ainda tinha 20 e poucos anos. Naturalmente, a questão da idade apareceu durante o processo da entrevista. No entanto, uma jovem senhora da igreja corretamente ressaltou que o candidato conhecia o Senhor desde a infância, portanto dificilmente poderia ser considerado um novato, uma vez que vivia como cristão há décadas. De modo semelhante, quando Deion Sanders, ex-estrela do time de futebol americano Dallas Cowboys, professou ser cristão em 1997, ele queria começar a pregar imediatamente. Todavia, numa entrevista na televisão ele explicou que antes disso gostaria de separar um mês para estudar a Bíblia “ou quanto tempo fosse necessário para isso”. Sanders havia subestimado quanto é difícil dominar o conteúdo da Bíblia, mas ele tinha o instinto correto. Embora um novo convertido esteja cheio de entusiasmo, ele não está pronto para ser um pastor.

A palavra grega para “ensoberbeça” (typhōtheis) referia-se, originalmente, a algo que estava cheio de fumaça. Algumas vezes é interpretado com o sentido de “inchado de vaidade”. Novos convertidos crescem tão depressa na vida cristã e podem ser tentados a se acharem melhor que os outros. Contudo, o orgulho é o traço de caráter mais perigoso num ministro, que deve ser servo de todos. Entretanto, há outra maneira de interpretar a referência à fumaça. O perigo pode ser que um novo convertido possa ter o seu discernimento obscurecido.20 A fumaça da falsa doutrina é capaz de cegar. É bem provável que um dos problemas dos falsos mestres de Éfeso estivesse associado ao fato de serem novos convertidos, o que ajuda a explicar a razão de Paulo requerer essa qualificação para os presbíteros. Uma igreja administrada por neófitos

provavelmente acabará num nevoeiro teológico.

A reputação do presbítero

O último requerimento para o presbítero é que “tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo” (1Tm 3.7). Essa qualificação é um lembrete de que a igreja está no mundo e que, na ordenação do presbítero, alguma consideração deve ser dada ao público não cristão. Talvez isso explique a razão de muitas das qualificações que Paulo estipulou para os presbíteros representarem as mais elevadas virtudes da cultura pagã. Um presbítero deve ter excelentes referências, tanto dentro quanto fora da igreja.

As impressões que as pessoas têm de Cristo são, em parte, baseadas nos seus ministros. O ministro tem também um papel público na comunidade. A menos que sua vida fale por ele, ninguém prestará atenção ao que tem a dizer. Se as pessoas não tiverem os líderes da igreja em alta consideração, elas não pensarão sobre a igreja com alta consideração. A igreja já enfrenta críticos e detratores suficientes sem homens escandalosos no pastorado. João Crisóstomo, o grande pregador de Constantinopla, fez uma excelente observação a respeito desse versículo. Ele ressaltou que embora Paulo e os demais apóstolos fossem com frquência perseguidos, eles nunca foram acusados de conduta imoral. Exatamente o contrário: “Eles foram caluniados como enganadores e impostores por causa da pregação, e isso porque não podiam atacar a vida e o caráter moral deles. Por que ninguém acusou os apóstolos de fornicadores, impuros ou cobiçosos, mas de enganadores, com base somente em suas pregações? Não seria porque a vida deles era irrepreensível?”21

A maneira como os apóstolos viviam tornava a mensagem – não o mensageiro – a questão. Esse é um exemplo para todos os cristãos. Seria muito fácil ganhar o mundo para Cristo se todo crente se comportasse como cristão. Como são as coisas, somos obrigados a defender o comportamento dos seguidores do evangelho tanto quanto defendemos o próprio evangelho.

Cuidado com o diabo

Paulo encerra suas qualificações para o presbítero com uma nota sombria, com duas referências a Satanás, o arqui-inimigo de Deus. Se novos convertidos se precipitam no ministério podem incorrer “na condenação do diabo” (1Tm 3.6). Ou um presbítero de má reputação pode “cair no opróbrio e no laço do diabo” (1Tm 3.7).

Quando a igreja escolhe mal seus presbíteros há sempre o risco de vê-los cair em comportamento diabólico. Como Satanás, um presbítero pode tornar-se orgulhoso. Então, como Satanás, ele fica sujeito à maldição de Deus sobre os arrogantes e rebeldes. Ou um presbítero pode tropeçar numa cilada armada por Satanás. Como um pássaro distraído, ele pode vaguear para o laço do passarinheiro.

Essas advertências nos levam a uma conclusão óbvia: Satanás está sempre à espreita dos presbíteros da igreja. Isso é estratégia militar básica. De fato, é o truque mais velho que existe. Satanás o vem usando desde a época de Adão. A melhor maneira de derrotar um exército é atacando seu centro de controle e comando. Haveria maneira melhor de frustrar os planos de Deus para a igreja de Jesus Cristo que derrubar os presbíteros que foram designados para liderá-la?

Considere como Satanás tem sido eficaz nos anos recentes em prejudicar o ofício de presbítero. Primeiro, muitos ministros têm caído em pecado escandaloso. Quando um ministro cai em desonra, seu ministério é desonrado. De fato, toda a igreja de Jesus Cristo é desonrada quando um de seus ministros comete um pecado escandaloso. Segundo, o presbiterato tornou-se um campo de batalha pelos direitos quanto a gênero. O efeito disso – além de criar divisão – foi tirar o foco da igreja do seu ministério da Palavra. Terceiro, muitos cristãos sentem que têm o direito de reclamar a respeito dos seus presbíteros. Com frequência demais, resmungam que seus presbíteros deveriam estar fazendo isso ou aquilo. Se um presbítero docente ou regente é culpado de pecado, ele deve ser disciplinado em conformidade com as instruções que Paulo dá no capítulo 5. Se seu ministério pode ser melhorado, então ore pelo presbítero; ou, melhor ainda, voluntarie-se para ajudá-lo em alguma tarefa. Todavia, reclamar dos líderes espirituais é exatamente o que Satanás quer que as pessoas façam; então, seja cuidadoso em não fazer isso.

Ao mencionar o diabo, Paulo lembra aos presbíteros para não baixarem a guarda. Muito cuidado com a tentação. Viva de maneira a não ser censurado. Use o bom discernimento. Pratique a hospitalidade; defenda a sã doutrina. Seja pacífico.

Cuide da sua família. Resista ao diabo. Ao mesmo tempo, a advertência de Paulo é um lembrete para o cristão orar fervorosamente em favor dos presbíteros da igreja, os quais vivem em meio à guerra espiritual mais árdua que existe.

Nunca vou me esquecer da maneira como um cristão maduro descreveu como ele orava por mim. Ele disse: “Quero que saiba que oro pelo senhor todos os dias. Sinto como se tivesse de fazer isso para que a corrente permaneça contínua. Não tenho o mesmo senso de urgência a respeito de ninguém mais, mas sinto que devemos cercar o senhor de oração para protegê-lo dos ataques de Satanás”. Essas são palavras de um homem que entende o que Satanás quer, e contra o que os presbíteros da igreja devem lutar. Ore dessa maneira.

Notas

* Na Igreja Presbiteriana do Brasil, os que ensinam são chamados de “presbíteros docentes” e os que governam, de “presbíteros regentes”. (N. do T.)

** Assim também faz a versão ARC, em português. (N. do T.)

1 David Dickson. The elder and his work, org. George Kennedy McFarland e Philip Graham Ryken (1883; reimpr. Phillipsburg: P&R, 2004), p. 27.

2 Walter Lock. A critical and exegetical commentary on the Pastoral Epistles (I & II Timothy and Titus), International critical commentary (Edimburgo: T & T Clark, 1924), p. 34.

3 William Perkins. The art of prophesying (Edimburgo: Banner of Truth, 1996), p. 188-89.

4 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 222.

5 Dickson. Elder, p. 30.

6 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 158.

7 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 141.

8 Demóstenes. “Against Neaera”, Private orations, trad. A. T. Murray. Loeb Classical Library (Cambridge: Harvard University Press), vol. 6, discurso 59:122 (p. 445, 447).

9 Teodoro de Mopsuéstia, citado in Knight. Pastoral Epistles, p. 158-59.

10 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 81.

11 François Rabelais. Works, trad. D. M. Frame (Berkeley: University of California Press, 1991), cap. 52.

12 E. K. Simpson. Citado in Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, Il: InterVarsity, 1957), p. 81.

13 Dickson. Elder, p. 32.

14 Idem, p. 34.

15 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 95.

16 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 67.

17 William M. Ramsay. Historical commentary on the Pastoral Epistles, org. Mark Wilson (Grand Rapids: Kregel, 1996), p. 71.

18 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 79.

19 The Book of common prayer (Nova York: Protestant Episcopal Church, 1945), p. 542-43.

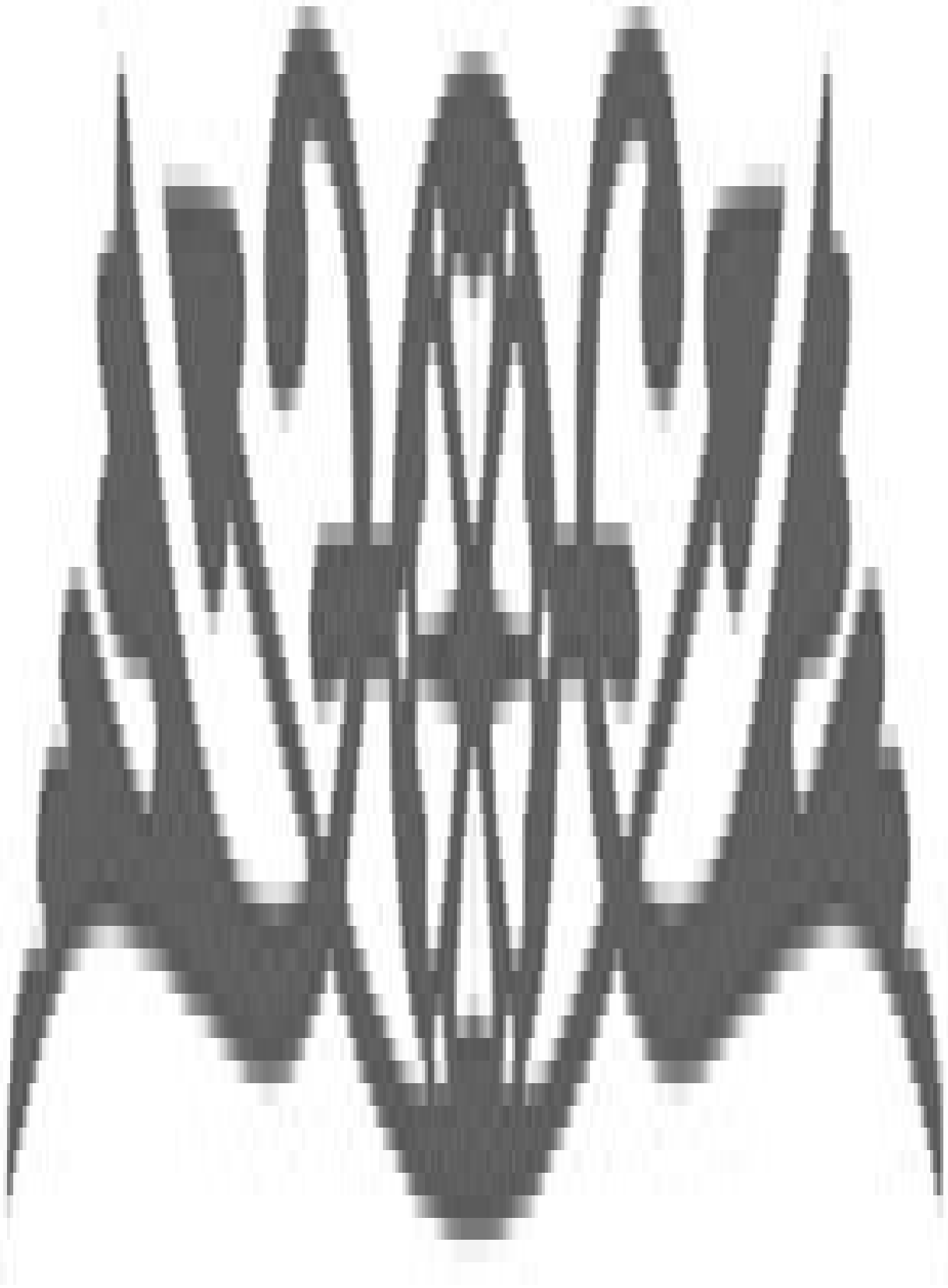
20 Bassler. 1Timothy, p. 68.

21 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:439.

9

Qualificações para diáconos

1Timóteo 3.8-13



Semelhantemente, quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância, conservando o mistério da fé com a consciência limpa. [...] Pois os que desempenham bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus. (1Tm 3.8-9,13)

Alguns anos atrás, uma assistente pastoral encarregada do treinamento de diáconos de uma igreja local telefonou para o gerente de um restaurante e perguntou: “Quais qualidades vocês procuram num garçom?” O gerente então explicou que, acima de tudo, bons garçons observam a necessidade dos clientes e as atendem antes que peçam.

Pode parecer estranho comparar diáconos com funcionários de um restaurante, mas há uma conexão bíblica: os primeiros diáconos de Jerusalém foram chamados para servir refeições.

Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Então, os doze convocaram a comunidade dos discípulos e disseram: Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às mesas. Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra. (At 6.1-4)

A palavra que os apóstolos usaram para “servir às mesas” é a palavra grega para “diácono” (diakonein). Os diáconos são os garçons da igreja. Portanto, aqueles sete homens escolhidos pela igreja apostólica para servir refeições foram os primeiros diáconos.

A eleição dos primeiros diáconos explica a principal diferença entre presbíteros e diáconos. Há uma divisão prática de tarefas entre os únicos dois ofícios

ordenados na igreja de Jesus Cristo (ver Fp 1.1). Como os apóstolos, os presbíteros se dedicavam à oração e ao ministério da palavra (At 6.4). Eles faziam o trabalho espiritual da intercessão e proclamação. Em contrapartida, como o título deles indica, os diáconos serviam. Eles cuidavam das necessidades materiais dos membros de um modo espiritual. “O ofício do diácono não é o de governar”, diz um livro sobre governo da igreja, “mas servir às necessidades físicas e espirituais das pessoas.”1 De acordo com Martinho Lutero, o diaconato é um ministério “para a distribuição dos recursos da igreja aos pobres para que os sacerdotes possam ser aliviados das tarefas das preocupações temporais”.2 Então, essencialmente os diáconos ajudam o povo de Deus de maneiras concretas. Eles “servirão à mesa”, o que explica por que um restaurante tem algo a ensinar a uma junta diaconal.

Uma vida digna

Um lugar ainda melhor para nos voltarmos em busca das qualificações do diácono é a primeira carta de Paulo a Timóteo, em que a Bíblia ensina que o diácono deve ter uma vida respeitável (1Tm 3.8), uma sã doutrina (1Tm 3.9-10) e uma família estável (1Tm 3.11-12).

O apóstolo inicia dizendo que a vida de um diácono deve ser digna de respeito: “Semelhantemente, quanto a diáconos, é necessário que sejam respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados a muito vinho, não cobiçosos de sórdida ganância” (1Tm 3.8). Normalmente não é para esse tipo de qualidades que o mundo olha ao escolher seus líderes. As virtudes listadas aí têm pouco a ver com talentos ou habilidades. Não é o tipo de credencial que costuma ser encontrada na maioria dos currículos. Em vez disso, são qualificações bíblicas que têm a ver com a moral da pessoa. Deus está mais preocupado com o que o diácono é do que com o que ele faz.

A ênfase bíblica no caráter dá às igrejas alguma flexibilidade para decidir sobre o que o diácono faz, contanto que seu ministério seja misericordioso e compassivo. Calvino pregava que “é certo que Deus fará com que esse mandamento seja observado e cumprido na sua igreja, isto é, que o pobre seja assistido; e não apenas que todo homem, de própria e exclusiva iniciativa, tem de auxiliar o pobre, mas que haja um cargo público, e homens designados para cuidar dos necessitados, para que as coisas funcionem como devem”.3 Na

maioria das igrejas, o ministério dos diáconos inclui alimentar os pobres, cuidar dos doentes, visitar os idosos e cuidar dos casos de benevolência. Em algumas igrejas, eles oferecem transporte, recolhem as ofertas ou gerenciam as finanças. Nos bairros urbanos, os diáconos podem até atuar como seguranças do edifício. Independentemente do que os diáconos fazem, a Bíblia deixa a igreja livre para decidir; a Bíblia apenas dita a maneira como eles devem se comportar.

Primeiro, um diácono deve ter uma vida "respeitável" ou digna de respeito. Isso tem a ver com o comportamento do diácono, e é semelhante à diretriz que estabelece para o presbítero uma vida "irrepreensível" (1Tm 3.2). Os diáconos devem se comportar com dignidade e seriedade. Devem ser pessoas respeitáveis tanto dentro quanto fora da igreja.

Os diáconos devem ser "de uma só palavra" (dilogous, 1Tm 3.8). John Bunyan talvez tivesse em mente esse versículo quando, no seu livro O peregrino, nomeou um de seus personagens "senhor Duas Línguas". Os diáconos não devem se envolver em conversa de duplo sentido. A palavra de um diácono deve ser uma das garantias mais fortes na igreja. Tanto as pessoas de fora da igreja quanto as de dentro devem poder confiar na palavra deles. Teodoreto, escrevendo no século 5º, interpretou "língua dobre" com o sentido de dizer algo para uma pessoa e algo diferente para outra.4 Também pode ter o sentido de dizer uma coisa e depois fazer outra. Jesus contou uma parábola a respeito de pessoas desse tipo: "Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi" (Mt 21.28-30). O que essa parábola quer dizer é que fazer é mais importante que dizer. No entanto, nenhum dos dois filhos desse homem seria bom diácono. Os diáconos devem fazer que haviam dito que fariam. Não podem ser pessoas de duas caras.

Uma razão pela qual os diáconos devem ser cuidadosos com o que dizem tem a ver com o fato de que eles sabem muito a respeito dos assuntos particulares das pessoas. No seu Historical commentary on the Pastoral Epistles, sir William Ramsay descreve as tentações a que o diácono está sujeito.

Não há dúvida de que o trabalho dos diáconos era mais estreitamente ligado à vida familiar dos membros da congregação do que o trabalho dos presbíteros. Os

diáconos tinham obrigações mais pessoais em sua administração dos recursos e auxiliavam onde era necessário. Tinham de descobrir as necessidades das pessoas, andar por entre os membros da congregação e conversar e simpatizar com eles. Havia a grande tentação de falar de mais para uma pessoa ou família e, desse modo, ser traído pela incoerência e contradição ao falar com outra. Nada é mais fácil para fazer com que uma pessoa caia no erro de língua dobre quando ela está tentando se acomodar às várias famílias da congregação.5

Desde que estou servindo como pastor na cidade é comum que pessoas me procurem em busca de ajuda financeira. Muitas vezes, depois de orar com elas, digo: “Essa é uma questão para os diáconos. Posso explicar sua situação para um deles?” Quando compartilho a necessidade, gosto de ouvir um diácono dizer: “Pode deixar; eu cuido disso”. Eu confio na palavra do diácono; o problema será resolvido – a menos, é claro, que se trate apenas de língua dobre, razão pela qual o diácono deve ser sincero.

Os diáconos não devem ser “inclinados a muito vinho” (1Tm 3.8). Como de costume, a Bíblia esclarece as coisas corretamente. Os diáconos não são proibidos de tomar vinho, uma vez que Deus permite que o cristão tome um pouco de vinho (p. ex., 1Tm 5.23). Mas ele quer que seu povo – especialmente seus oficiais na igreja – seja sóbrio.

A qualificação seguinte é financeira. Os diáconos não devem ser “cobiçosos de sórdida ganância” (1Tm 3.8). Como seus presbíteros, eles não devem amar o dinheiro (ver 1Tm 3.3). A razão para isso é óbvia. Os diáconos lidam com parte das finanças da igreja, muitas vezes em segredo. Desde a época da igreja primitiva, os diáconos têm coletado e distribuído auxílio financeiro aos pobres. Ainda hoje muitas igrejas arrecadam ofertas para a obra diaconal imediatamente após a Ceia do Senhor. Essa é uma boa maneira de o cristão demonstrar sua gratidão a Deus pela salvação em Cristo, e também um bom modo de ajudar os pobres. Os diáconos tomam o dinheiro que eles recebem dessas ofertas em confiança sagrada. Seria um pecado ultrajante usá-lo para vantagens pessoais. Por definição, um diácono é alguém que serve, não alguém que serve a si mesmo. No uso do dinheiro, como no uso das palavras e do álcool, ele deve levar uma vida digna.

Uma sã doutrina

As qualificações para o serviço começam com a conduta, mas não terminam aí. Os diáconos devem ter sã doutrina bem como uma vida honrada: “conservando o mistério da fé com a consciência limpa” (1Tm 3.9). Em outras palavras, os diáconos devem ser ortodoxos na sua doutrina.

Quando o Novo Testamento fala de “mistério”, não está se referindo a coisas que a igreja ainda está tentando entender. O evangelho não é um enigma teológico. Em vez disso, um mistério é algo que há muito tempo estava escondido, mas que agora foi revelado. Refere-se aos “pensamentos, planos e dispensações secretos de Deus que estão escondidos da razão humana, bem como de todos os outros entendimentos abaixo do nível divino e, portanto, devem ser revelados àqueles aos quais são destinados”.6 O mistério de todos os mistérios é o plano eterno da salvação que Deus revelou em Jesus Cristo. Talvez o melhor exemplo desse modo de falar sobre a salvação esteja no último parágrafo de Romanos, em que Paulo escreve sobre “meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações” (Rm 16.25-26). O mistério sobre o qual Paulo estava escrevendo não é algo que não sabemos; é algo que fazemos para a nossa salvação.

Quais seriam alguns desses mistérios ou verdades profundas da fé? Eles são as doutrinas básicas do cristianismo: que Deus existe em três pessoas, Pai, Filho e Espírito Santo. Que Deus criou tudo o que existe a partir do nada. Que a humanidade pecou contra Deus e por causa disso se encontra debaixo de juízo. Que Deus o Pai, pelo seu grande amor, enviou Deus o Filho ao mundo para salvar pecadores. Que Jesus Cristo é tanto Deus quanto homem. Que Jesus deu sua vida em sacrifício expiatório ao morrer na cruz pelos nossos pecados. Que todo aquele que crê no Filho por meio do poder do Espírito recebe a vida eterna. E que esses mistérios são revelados na Bíblia, que é a Palavra infalível de Deus. Os diáconos devem crer nesses princípios básicos da fé cristã e defendê-los.

A razão pela qual os diáconos devem ser firmes na sua doutrina é a influência que eles exercem na igreja. Os diáconos não têm o mesmo tipo de autoridade de ensino que os presbíteros têm. Observe uma diferença entre as qualificações para esses dois ofícios: somente o presbítero deve ser “apto para ensinar” (1Tm 3.2). De fato, a razão pela qual os diáconos foram designados em primeiro lugar foi

para que os presbíteros pudessem dedicar-se “à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4). No entanto, os diáconos são professores. Como explicou William Ramsay: “Embora não se exija que o diácono seja apto para ensinar, isso não quer dizer que ensinar estivesse fora de sua esfera de atuação”.7

Quais são alguns dos modos em que um diácono pode ensinar? Quando um diácono visita prisioneiros ou doentes, ele leva encorajamento espiritual. Com freequência eles ensinam as pessoas a lidarem com seus problemas pessoais de uma maneira bíblica, especialmente na área financeira. Os diáconos também ensinam outros a como servir. Eles não devem realizar sozinhos todo o ministério de misericórdia, mas são responsáveis por assegurar que tudo seja feito. Desse modo, por palavras e pelo exemplo eles ensinam a igreja a servir. Nas palavras de um manual para o serviço diaconal: “É dever deles desenvolver a graça da liberalidade nos membros da igreja”.8 E também devem estar preparados para evangelizar. Os primeiros diáconos, como Estêvão e Filipe (At 7-8), foram grandes evangelistas. Assim, sempre que auxiliam os pobres, eles fazem isso em nome de Jesus Cristo, testemunhando do poder de sua graça salvífica. Do contrário, a igreja seria apenas mais uma obra de assistência social. Para cumprir seu ministério de discipulado e evangelismo, os diáconos devem apegar-se às profundas verdades da fé.

Eles devem fazer isso de boa consciência (ao contrário dos falsos mestres de Éfeso que rejeitaram a “fé e boa consciência”; ver 1Tm 1.19). Os diáconos não devem ser indecisos quanto à doutrina. Em vez disso, devem conhecer os fundamentos da fé, e se alguma vez começarem a duvidar deles, devem procurar o auxílio e a correção de seus presbíteros. É por isso que, quando alguém está para ser ordenado diácono na Igreja Presbiteriana na América, essa pessoa deve responder afirmativamente à pergunta:

Você aceita e acolhe sinceramente a Confissão de fé e os Catecismo desta Igreja como contendo o sistema de doutrina ensinado nas Escrituras Sagradas; e promete ainda que, no momento em que perceber alguma discordância pessoal com qualquer dos fundamentos deste sistema de doutrina, informará, de iniciativa própria, ao seu Conselho a respeito da mudança em suas visões desde que assumiu seu voto de ordenação?9

A melhor maneira de descobrir se o diácono é firme na doutrina é examinando-o antes que assuma o ofício: “Também sejam estes primeiramente experimentados; e, se se mostrarem irrepreensíveis, exerçam o diaconato” (1Tm 3.10). De modo semelhante, quando os primeiros sete diáconos foram escolhidos pela igreja de Jerusalém, eles eram homens “de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6.3). Nenhuma acusação poderia, com justiça, ser feita contra eles.

O fato de que os diáconos devem ser testados prova que o papel deles na igreja era oficial. O Novo Testamento usa a palavra “diácono” (diakonos) livremente para se referir a toda pessoa que serve. Paulo até mesmo o usa para descrever seu ministério como apóstolo (ver 2Co 6.4). No entanto, pelo menos por volta do final do ministério de Paulo, “diácono” havia se tornado um ofício reconhecido na igreja.

A Bíblia dá liberdade ao não especificar de que maneira esses oficiais devem ser examinados. O exame é obrigatório, de acordo com os padrões listados nessa passagem. O modo como o exame é feito é deixado a critério da igreja. Com frequência, os diáconos demonstram seu valor ao servir em outros ministérios. Este é um princípio universal do ministério cristão: o modo de preparar-se para funções superiores é ser diligente em algum serviço de menor responsabilidade. O ministério fiel é tanto recompensado por Deus quanto reconhecido pela igreja. Numa reunião anual de uma congregação, novos candidatos para o ofício de diácono foram apresentados à igreja. Contudo, quando chegou o momento da apresentação deles, nenhum foi encontrado. Finalmente, eles foram encontrados na cozinha, todos atarefados lavando a louça do jantar. Óbvio! Onde mais se esperaria encontrar futuros diáconos?

A maioria das igrejas adota um procedimento para identificar e ordenar diáconos. Nas igrejas presbiterianas os diáconos são escolhidos pelos membros da igreja, examinados pelos presbíteros e eleitos pela congregação. Todavia, seja qual for o procedimento, a vida e a doutrina do diácono devem ser aprovadas. Os diáconos só podem servir à igreja se sua integridade e respeitabilidade forem inquestionáveis.

Uma família estável

O restante das qualificações para o diácono diz respeito à área doméstica. Caso seja casado, o diácono deve ter uma família estável: “Da mesma sorte, quanto a mulheres, é necessário que sejam elas respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo. O diácono seja marido de uma só mulher e governe bem seus filhos e a própria casa” (1Tm 3.11-12).

Logo mais à frente mais será dito sobre essas “mulheres”, mas a razão pela qual elas são mencionadas tem a ver com a privacidade da obra diaconal. Marvin Vincent observou com sabedoria que a esposa do diácono “deverá manter um relacionamento com o ofício do marido, e pela sua postura poderá aumentar a competência dele, e por frivolidade, difamação ou intemperança, levar tanto ele quanto seu ofício ao descrédito”.10 Presumivelmente, alguns homens não devem ser ordenados diáconos porque suas respectivas esposas não são adequadas para que eles sirvam como oficiais na igreja.

O diácono deve ser “marido de uma só mulher” (1Tm 3.12). Esse critério está associado à fidelidade conjugal. Não significa que os solteiros estejam proibidos de assumir a função de diácono, mas que o diácono deve ter apenas uma esposa. Se solteiro, deve manter a pureza sexual. Se casado, deve ser monogâmico. Obviamente, os polígamos estão proibidos de servir como diáconos, como também os divorciados por qualquer motivo que não sejam aqueles biblicamente fundamentados (ver Mt 5.32; 19.9). No entanto, essa qualificação é também positiva. O diácono deve ser verdadeiro marido para sua esposa em todos os sentidos: físico, espiritual e emocional. Deve amá-la, servir a ela e entregar-se por ela como Cristo se entregou pela igreja (Ef 5.25-28). Como ele poderia servir o povo de Deus se não está servindo à própria esposa?

Além de ser bom marido, um diácono deve ser bom pai. Mais uma vez, isso não significa que é necessário ter filhos para atuar como diácono. Isso quer dizer que os diáconos devem disciplinar seus filhos com amor. Uma vez que naquela época a família incluía os servos, esse versículo tem a ver com relacionamentos profissionais. Como poderia um diácono ser respeitado na igreja se ele não é respeitado no mercado de trabalho?

A razão para esses padrões morais elevados é que a igreja é “a casa de Deus” (1Tm 3.15). Portanto, um dos melhores modos de dizer se um homem está pronto para o diaconato é observar como governa sua própria casa. Ele é dedicado à esposa? Cuida dos filhos? Trata bem seus colegas? O nome de Jesus Cristo é exaltado no seu lar e no local de trabalho? Um homem que não governa

bem a própria casa trará desordem para a casa de Deus.

E quanto às diaconisas?

Mais precisa ser dito a respeito das “mulheres” dos diáconos (1Tm 3.11). A palavra grega que Paulo emprega aqui é gynaikas, que pode significar tanto “esposas” quanto “mulheres” (como é traduzida várias vezes em 1Tm 2.9-12). Por isso, alguns estudiosos sugerem que gynaikas, no versículo 11, não está se referindo às esposas, mas às diaconisas, ou seja, às mulheres diaconisas. Então, surje a pergunta sobre se as mulheres serviam como diaconisas na igreja do Novo Testamento.

A razão mais forte para se pensar que essas mulheres eram diaconisas é o modo como são apresentadas. Tanto o versículo 8 quanto o versículo 11 trazem a palavra grega hōsautōs (“semelhantemente”, “da mesma sorte”), que soa como se estivesse tratando de outro ofício. Além disso, essas mulheres também devem ser “respeitáveis” (1Tm 3.11), que é o mesmo termo utilizado para descrever os diáconos (1Tm 3.8). Ambos os versículos dependem, gramaticalmente, do verbo principal no versículo 2, o que fortalece ainda mais a conexão entre eles. Tomados juntos, esses paralelos parecem sugerir que essas mulheres que Paulo tem em mente deveriam cumprir um ofício equivalente, mas separado na igreja. Além do mais, se a Bíblia estivesse se referindo às “esposas”, poderíamos esperar que dissesse “as esposas deles” para eliminar qualquer possibilidade de confusão.

No entanto, há várias razões para se pensar que “esposas” seja a melhor tradução. A primeira é que se Paulo quisesse dizer diaconisas, ele teria dito isso. A palavra “mulher” é um termo muito comum e dificilmente parece ser suficiente para designar um ofício na igreja.11 Além disso, a palavra gynaikas ocorre no versículo seguinte (1Tm 3.12; cf. 3.2), em que claramente significa “esposa”. Portanto, faz todo sentido que Paulo tivesse as mesmas mulheres em vista em ambos os versículos. Ademais, há o fato de que as instruções para essas mulheres (ou esposas) são muito breves. Dificilmente um único e curto versículo parece adequado para tratar das qualificações para as diaconisas, especialmente por se encontrar inserido nas qualificações para os diáconos.

Estamos decididos a concluir que 1Timóteo 3.11 não é, por si mesmo, suficiente

para provar que a mulher deve atuar no ofício de diaconisa. De fato, o próprio fato de que essas mulheres são mencionadas à parte dos diáconos indica que o ministério delas não deve ser idêntico ao deles. Donald Guthrie faz um resumo equilibrado: “A referência é genérica demais para postular com certeza uma ordem distinta de diaconisas, mas havia necessidade de um ministério feminino nas visitações. [...] Para esse trabalho, certas qualidades morais seriam essenciais, quer para as esposas dos diáconos quer para diaconisas por direito próprio”.12 Tendo em vista que o significado não é certo, talvez seja melhor traduzir gynaikas como “mulheres auxiliadoras”. De fato, é possível argumentar que essas mulheres não eram esposas de diáconos nem diaconisas, mas mulheres que auxiliavam os diáconos.

Se o ofício de diaconisa não é estabelecido em 1Timóteo 3, o ministério diaconal da mulher está certamente presente em outras passagens bíblicas. Na época do Novo Testamento, a mulher frequentemente atuava no ministério diaconal, no sentido mais amplo do termo. Considere Dorcas, que era “notável pelas boas obras e esmolas que fazia” (At 9.36). Ou Lídia, que vestia os filipenses de púrpura (At 16.11-15). Ou Trifena e Trifosa, mulheres descritas como “trabalhavam no Senhor” (Rm 16.12). Ou especialmente Febe, que era “protetora de muitos” e é identificada como “está servindo à igreja de Cencreia” – literalmente, “uma diaconisa” (Rm 16.1-2). Para resumir, muitas mulheres do Novo Testamento atuaram no ministério diaconal e pelo menos uma foi chamada de “diaconisa”, embora não fosse ordenada como oficial na igreja. A conclusão óbvia é que, qualquer que seja o título que elas recebam, as mulheres devem se envolver profundamente nos ministérios de misericórdia da igreja.

É útil reconhecer que as diaconisas têm uma longa tradição na igreja. No Egito, ao longo do século 2º, elas “providenciaram mulheres cuidadoras que se sentavam nas praças públicas, geralmente embaixo de estátuas pagãs, enquanto outras mulheres percorriam as ruas recolhendo bebês abandonados no meio da noite. Elas então os amamentavam, os banhavam e os criavam”.13 Esse ministério era uma característica das mulheres em todo o mundo cristão, pelo menos por volta do século 3º. Na sua pesquisa sobre o ministério das mulheres na igreja primitiva, J. M. Ross mostra que as diaconisas atuavam como porteiras, visitavam os doentes, auxiliavam no batismo de mulheres e cuidavam dos órfãos.14 No século 4º, Crisóstomo descreveu a ordem das diaconisas como “necessária, útil e honrada na igreja”.15

Em época mais recente, Benjamin Breckinridge Warfield foi um grande defensor

do diaconato feminino. Warfield era professor em Princeton e estava entre os principais conservadores evangélicos na virada do século 20. Ele baseou seu argumento em favor das diaconisas em parte no exemplo de Febe e em parte numa carta do governador romano Plínio ao imperador Trajano. A carta, que foi escrita por volta de 112 d.C., menciona mulheres que desempenhavam o ofício de servas na igreja. Warfield concluiu que essas mulheres "constituíam um diaconato feminino semelhante, e de igual posição, à junta diaconal que encontramos em todas as igrejas no Novo Testamento".16

Embora a igreja não ordenasse mulheres para o ofício de diaconisa na época de Warfield, ele reconheceu a necessidade de as mulheres exercerem seus dons. Warfield acreditava que trazer a mulher de volta para o diaconato restauraria a ordem na igreja: "Se os membros de determinada igreja simplesmente elegessem tanto mulheres quanto homens para o ofício diaconal, quer em conjunto quer separadamente, como bem entendessem, ordenando-os obviamente por meio dos mesmos votos e submetidos à mesma autoridade [...] a ordem seria restaurada".17

A prática da Igreja Presbiteriana na América parece ser próxima do que a Bíblia ensina. Somente homens são ordenados para o ofício de diácono, em conformidade com o entendimento de que as mulheres mencionadas em 1Timóteo 3.11 se referem às esposas dos diáconos, não às diaconisas (ou então que elas são mulheres que auxiliam os diáconos). No entanto, os presbíteros são incentivados a "selecionar e designar homens e mulheres piedosos na congregação para auxiliar os diáconos a cuidar dos doentes, das viúvas, dos órfãos, dos encarcerados e outros que possam estar aflitos ou necessitados".18 Desse modo, a igreja permite que as congregações comissionem mulheres para o ministério de serviço diaconal, como quer que esse ministério seja chamado.*

Se as mulheres devem servir, elas devem ser qualificadas. Portanto, elas devem demonstrar as características descritas em 1Timóteo 3.11.Como diz o ditado: "O que vale para um, vale para todos". Nesse caso, a instrução bíblica para as mulheres ecoa o que foi dito aos homens: esposas de diáconos (ou diaconisas) devem ser "respeitáveis, não maldizentes, temperantes e fiéis em tudo" (1Tm 3.11).

De acordo com 1Timóteo 3.11, as mulheres que atuam no ministério diaconal devem ser "respeitáveis". Elas devem ser mulheres que são tidas em alta consideração tanto dentro quanto fora da igreja. Elas não devem ser

“maldizente” (diabolous) – uma palavra para conversa maliciosa ou falsa acusação, que é algumas vezes usada para próprio diabo (p. ex., Ap 12.9-10). A razão para essa qualificação já foi mencionada. O trabalho diaconal muitas vezes envolve questões pessoais. Toda questão familiar deve permanecer confidencial, exceto se exigir atenção espiritual dos oficiais da igreja. As mulheres que atuam no diaconato não devem fofocar. Como uma qualificação adicional, elas devem ser “temperantes”. Isso não se refere simplesmente ao consumo de álcool, mas ao domínio próprio em todas as áreas da vida. A esposa do diácono (ou a diaconisa) deve exercer autocontrole em questões de alimentação, roupas e bens materiais. Deve ser emocionalmente estável e confiável, ou seja, “fiel em tudo”. Em suma, deve ser uma pessoa totalmente confiável e fidedigna.

O ministério de uma mulher com essas qualidades é vital para a saúde da igreja. Se o problema da teologia feminista tem sido a falta de submissão ao mandamento divino, a igreja tradicional, por sua vez, tem errado ao não utilizar os dons da mulher na sua máxima extensão bíblica. Aqui podemos citar as últimas palavras de B. B. Warfield sobre este assunto: “A igreja viva não pode ficar bem sem diaconisas como instrumentos de boas obras. A diaconisa não pode ficar bem sem a igreja como a organização estabelecida para fazer o bem no mundo”.19 Independentemente de serem chamadas ou não de diaconisas, as mulheres devem exercer o ministério de serva para a glória de Deus. Elas devem “ministrar aos necessitados, aos doentes, aos sozinhos, e a toda pessoa que possa estar sofrendo”.20

A recompensa do diácono

A obra diaconal é muito exigente. Os padrões do ofício são elevados. As tarefas do ofício são difíceis. Algumas vezes, os diáconos e as diaconisas se cansam de resolver as mesmas dificuldades várias vezes. Outras vezes, sentem-se perplexos com o que significa oferecer misericórdia numa situação específica. Com o passar do tempo, eles podem tornar-se desanimados no seu serviço.

Talvez por causa da dificuldade do ofício, as qualificações bíblicas para os diáconos terminam com uma promessa animadora: “Pois os que desempenharem bem o diaconato alcançam para si mesmos justa preeminência e muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” (1Tm 3.13). Embora grande parte do trabalho do diácono seja feita em caráter confidencial, ele é notado e recompensado por Deus.

A palavra para “preeminência” (bathmos) tem o sentido de grau, hierarquia ou graduação. É difícil saber exatamente o que o termo significa nesse caso. Uma possibilidade é que os melhores diáconos serão promovidos ao ofício de presbíteros, mas isso é duvidoso. Os diáconos não são presbíteros em treinamento. O diaconato é um ofício distinto, que tem sua própria dignidade e requer seus próprios dons. Alguns diáconos podem muito bem vir a se tornar presbíteros à medida que amadurecem na fé, mas os melhores devem permanecer no ofício para o restante da vida, porque foram chamados e dotados com dons específicos para isso. Outra possibilidade é que “justa preeminência” refira-se à reputação da pessoa. Assim, os diáconos que cumprem bem sua função alcançarão influência espiritual na igreja. Ou pode referir-se à posição do diácono diante de Deus. Deus dá honra aos diáconos de valor, tanto nesta vida quanto na próxima. De qualquer modo, é uma perspectiva animadora.

A isso é acrescentada uma segunda promessa. Os diáconos que servem bem obterão “muita intrepidez na fé em Cristo Jesus” (1Tm 3.13). Essa intrepidez (parrēsian) é coragem ou convicção. Isso pode significar que o diácono torna-se ousado no seu testemunho cristão. Mais provavelmente, isso se refira à ousadia diante de Deus. Para aqueles que às vezes duvidam da sua salvação, essa é uma importante lição a aprender. A certeza da fé não vem por meio da introspecção, mas do serviço. Aquele que mais se esforça para o Senhor é o que mais ativamente o ama com mais convicção.

Que uso deve ser feito das qualificações bíblicas para os diáconos? Primeiro, elas são um guia para a igreja. Elas ajudam os cristãos a saberem o que procurar quando chega o momento de eleger e ordenar diáconos. Segundo, essas qualificações são o padrão divino para os diáconos. Elas são um lembrete sobre como Deus espera que eles se comportem e no que ele espera que eles creiam. Seria bom que diáconos (e diaconisas) colassem essas instruções no espelho do banheiro ou as escrevessem num papel e o colocassem dentro da Bíblia. Por fim, essas qualificações são objetivos valiosos para toda pessoa que venha a tornar-se um oficial na igreja. Esteja disponível para servir ao Senhor. Peça ao Espírito Santo para tornar sua vida digna, sua doutrina firme e sua família estável. Ainda que você nunca se torne diácono, não terá desperdiçado seu tempo. As qualificações para os diáconos nada mais são que o exercício das virtudes cristãs no seu nível mais elevado.

Sempre será para mim algo como um desapontamento o fato de que nunca fui diácono. No meu último ano de faculdade, foi-me oferecida a possibilidade de

servir como diácono na igreja, mas eu logo iria para o seminário, de modo que não pude participar da eleição. Até hoje tenho um sentimento de perda, porque servir às mesas em nome de Cristo é uma das vocações mais importantes da vida. O diaconato é o ofício eclesiástico mais próximo do exemplo de serviço de Cristo. De fato, algumas vezes Jesus usou a palavra “diácono” (diakonos) para descrever seu próprio ministério: “Quem quiser se tornar grande entre vós, que seja diácono; e quem quiser ser o primeiro, que seja servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para receber cuidado diaconal, mas para servir como diácono e dar a sua vida em resgate por muitos” (paráfrase do autor de Mc 10.43-45; cf. Lc 22.27; Rm 15.8).

Diáconos servem porque Jesus os serviu primeiro. Como escreveu T. F. Torrance:

Somente nesse Jesus aprendemos o que diakonia realmente é, o serviço de amor em misericórdia que não busca recompensa além do entendimento de que cumprimos o que nos foi ordenado e não busca agradecimento daqueles aos quais a misericórdia é estendida, mas isso apenas porque este Jesus transformou a nossa causa em sua própria, compartilhando nossa existência em servidão e compartilhando conosco sua própria vida em amor, é que podemos exercer esse tipo de diakonia nele.21

Notas

* De modo semelhante, a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, no seu art. 83, alínea “x”, dispõe que se trata de prerrogativa do Conselho local “designar, se convier, mulheres piedosas para cuidarem dos enfermos, dos presos, das viúvas e órfãos, dos pobres em geral, para alívio dos que sofrem”. (N. do E.)

1 The Book of church order of the Presbyterian Church in America, 5ª. ed. (Atlanta: Committee for Christian education and publications, 1997), p. 7-2.

2 Martinho Lutero. De captivitate Babylonica (1520), in D. Martin Luthers Werke (edição Weimar), 6.566.34-567.5.

3 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 297.

4 A. T. Hanson.The Pastoral Epistles, New century Bible commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 79.

5 William M. Ramsay. Historical commentary on the Pastoral Epistles, org. Mark Wilson (Grand Rapids: Kregel, 1996), p. 79.

6 William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature, 2ª. ed. (Chicago: University of

Chicago Press, 1979), p. 530.

7 Ramsay. Historical commentary, p. 78.

8 Book of church order, 9-2.

9 Book of church order, 24-4.

[Em seus Princípios de Liturgia, a Igreja Presbiteriana do Brasil determina que pergunta semelhante a essa seja feita aos presbíteros e diáconos por ocasião de sua ordenação ao respectivo ofício. Cf. Igreja Presbiteriana do Brasil. Manual Presbiteriano. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2013, Princípios de Liturgia, Art. 28. (N. do E.)]

10 Marvin R. Vincent. Word studies in the New Testament, 2ª. ed., 4 vols. (1888; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, s.d.), 4:236.

11 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 91.

12 Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1957), p. 85.

13 Ray Bakke. A theology as big as the city (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1997), p. 192.

14 J. M. Ross. “A reconsideration of the diaconate”, Scottish journal of theology 12 (1959): 153.

15 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:441.

16 Benjamin Breckinridge Warfield. “Presbyterian deaconesses”, Presbyterian review (1889), p. 286.

17 Idem, p. 287.

18 Book of church order, 9-7.

19 Benjamin Breckinridge Warfield. “The deaconess as a part of the church”, Our church work (1903), in Ronald G. Lutjens. “B. B. Warfield on women deacons”, Presbyterian journal (15/ mai./1985), p. 8.

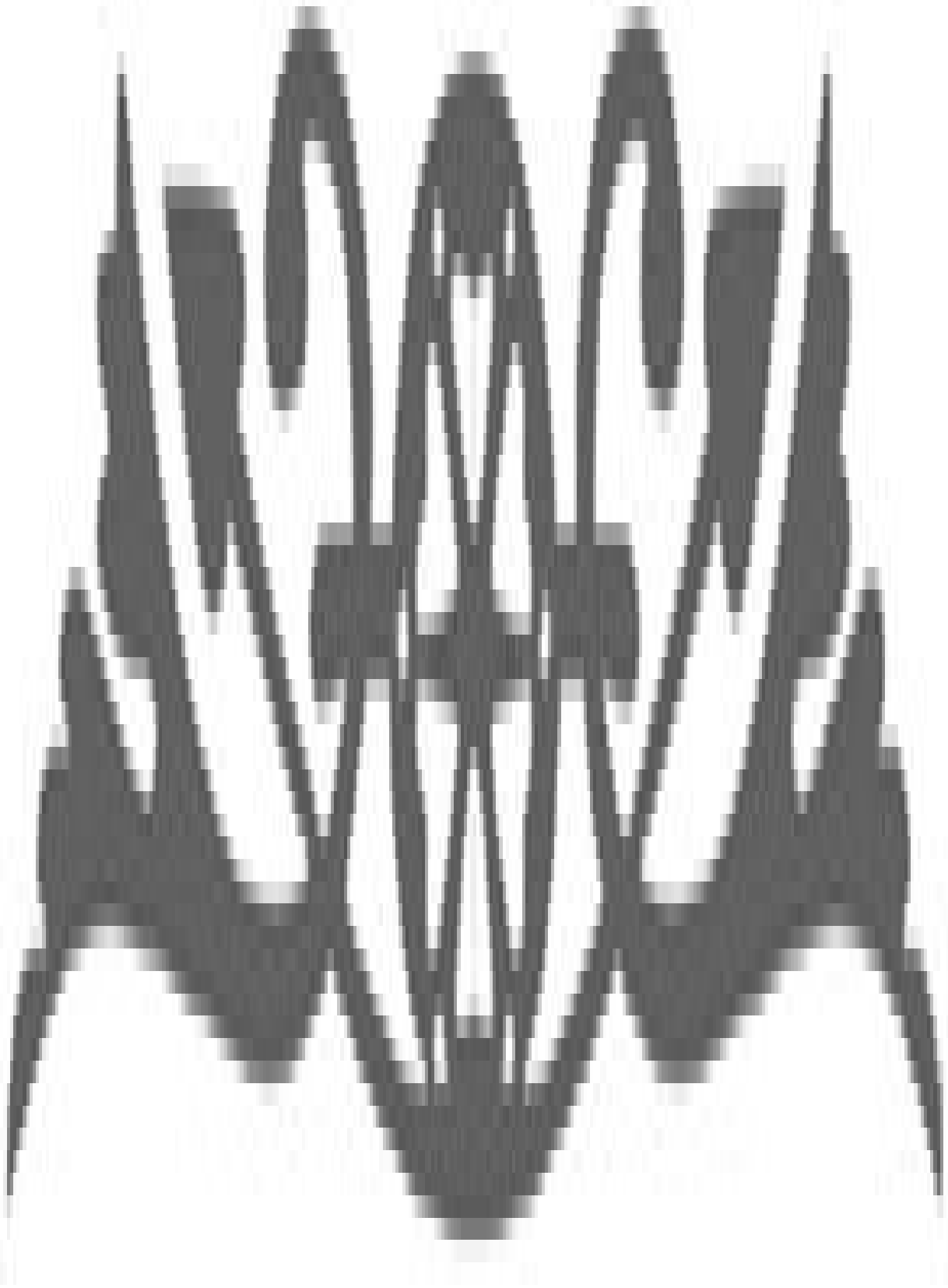
20 Book of church order, 9-2.

21 T. F. Torrance. “Service in Jesus Christ”, in Service in Christ, org. James I. McCord e T. H. L. Parker (Londres: Epworth, 1966), p. 3.

10

O grande mistério da piedade

1Timóteo 3.14-16



Evidentemente, grande é o mistério da piedade: Aquele que foi manifestado na carne foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória. (1Tm 3.16)

A verdade não é tão verdadeira como costumava ser. Algumas vezes pode até ser falsa. Em meio a um escândalo na Casa Branca, perguntaram a um advogado famoso se seu cliente estava dizendo a verdade. “Diga-nos qual é a verdade”, exigiu o repórter. “A verdade é o que foi dito no depoimento”, respondeu o advogado, “a menos que cheguemos a um acordo com o promotor público e afirmemos outra coisa”. Em outras palavras, “a verdade” é algo que pode ou não ser de fato verdadeiro. Às vezes, pode ser manipulada com vistas a algum benefício pessoal.

Infelizmente, não são apenas políticos e advogados os únicos a não saber a diferença entre verdade e falsidade. No seu livro No place for truth, or Whatever happened to evangelical theology?, David Wells argumenta que a igreja é fraca porque “trocou a verdade de Cristo pelas sensibilidades da cultura moderna”.1 Caso Wells esteja certo, a igreja deixou de ser igreja. Isso porque no processo de explicar seu propósito para escrever a Timóteo, o apóstolo Paulo define a igreja pelo seu relacionamento com a verdade: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.14-15).

Ordem na casa

Paulo estava planejando visitar Éfeso em breve. Porém, caso ele fosse detido – por prisão, talvez, ou outro naufrágio – ele queria que nesse meio-tempo Timóteo soubesse como proceder em suas obrigações pastorais. Uma vez que 1Timóteo era uma carta pública, parece que Paulo também queria lembrar os efésios que deveriam apoiar seu pastor por meio do bom comportamento na casa de Deus. Do que observamos até esse ponto em 1Timóteo, o tipo de conduta que o apóstolo tinha em mente incluía a doutrina correta (1Tm 1.1-20),

comportamento correto por parte dos homens e das mulheres (1Tm 2.1-15) e uma liderança espiritual correta na igreja (1Tm 3.1-13).

Não está exatamente claro como essa carta se encaixa no itinerário de Paulo apresentado no livro de Atos. Também não se sabe se suas viagens o levaram de volta a Éfeso. Contudo, pela providência de Deus, a incerteza de Paulo o levou a escrever a carta, que desde então tem sido usada pelo Espírito Santo para comunicar aos cristãos do mundo inteiro "como se deve proceder na casa de Deus" (1Tm 3.15). "Casa"* é uma imagem que aparece repetidas vezes em 1Timóteo e ao longo do Novo Testamento (p. ex., Gl 3.26–4.7; 1Tm 3.4-5). Os membros da verdadeira igreja são filhos e filhas de Deus Pai. Eles nasceram de novo por meio da fé no Filho de Deus e foram adotados na sua família pelo Espírito Santo. Portanto, somos irmãos e irmãs em Cristo. Cada um de nós tem um lugar de comunhão e serviço na casa de Deus.

Segundo, a igreja é a residência de Deus – o que Paulo chama de "a igreja do Deus vivo" (1Tm 3.15; cf. Js 3.10). Em outras palavras, a igreja não é apenas a família de Deus, é a casa dele. "Há boas razões para Deus se referir à igreja como sua casa", escreve Calvino, "porque não apenas ele nos recebeu como seus filhos pela graça da adoção, mas ele mesmo habita no meio de nós".2 É bem possível que aqui Paulo estivesse lembrando aos efésios do que ele havia dito a eles numa carta anterior: "no qual [Cristo Jesus] também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito" (Ef 2.22; cf. 2Co 6.16). A igreja é a casa que Deus construiu.

A promessa de que Deus faz da igreja sua casa deve ter sido um estímulo especial para os efésios, que cultuavam o Senhor à sombra do templo da deusa Diana. O templo de Diana em Éfeso era uma das sete maravilhas do mundo antigo. Porém, por mais magnífico que fosse o seu exterior, ele era totalmente desprovido de vida . No seu templo, Diana não passava de um ídolo morto. Em contrapartida, Paulo queria lembrar aos efésios que a igreja de Jesus Cristo é o templo verdadeiro. O Deus vivo não habita em templos edificados por mãos humanas (cf. At 17.24). Ele habita no meio do seu povo, especialmente durante o culto público. Sempre que os cristãos se reúnem para orar, louvar, ouvir a Palavra e participar dos sacramentos, Deus vem habitar com eles. Para colocar isso em linguagem coloquial, Deus está em casa.

É por essa razão que o culto começa corretamente com uma oração de invocação. Na invocação, a igreja convida o Espírito Santo para que entre na

casa de adoração com poder. Se a igreja é fiel à Palavra de Deus, o Espírito sempre torna a sua presença conhecida. Sempre que visitantes entram numa igreja em que o Espírito de Deus está presente com o povo de Deus em adoração, eles dizem: “Sem dúvida Deus está aqui!”

O baluarte da verdade

A igreja é não apenas uma casa para Deus e para seu povo, ela é também um lar para a verdade de Deus. Paulo prossegue com sua imagem do templo com uma terceira definição da igreja: “coluna e baluarte da verdade” (1Tm 3.15). Teólogos da Igreja Católica Romana costumam utilizar esse versículo para rebater a doutrina reformada da sola Scriptura. “Vejam”, eles dizem, “a igreja é o fundamento para a verdade. Portanto, a Escritura não é a única regra de fé e prática, como dizem os protestantes. Devemos obedecer tanto à tradição da igreja quanto à Bíblia. A verdade está fundamentada na igreja, e não o contrário”.

Um problema com a visão católica desse versículo é que ela se esquece da carta anterior de Paulo aos efésios: “Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.19-20). O fundamento definitivo da igreja é a Palavra de Deus transmitida pelos profetas do Antigo Testamento, escrita pelos apóstolos do Novo Testamento e encarnada pelo próprio Filho de Deus. Ora, como é possível a igreja ser o fundamento da verdade se a verdade é o fundamento da igreja?

Adicionalmente, observe que uma das palavras que Paulo usou para descrever a igreja em 1Timóteo 3.15 é “baluarte” (hedraiōma). O baluarte não é a fundação de um edifício, mas parte da sua estrutura de sustentação. Mais especificamente, um baluarte contribui para estabilizar as paredes e as colunas de um grande edifício. Do mesmo modo, a igreja de Jesus Cristo ajuda a manter a verdade firme. O povo de Deus é o povo da verdade. Em oposição a todas as formas de falso ensino, eles sustentam a verdade no mundo.

A outra palavra que Paulo usa para descrever o relacionamento entre a igreja e a ortodoxia é “coluna” (stylos). A função arquitetural dos pilares é bem conhecida: elas sustentam o telhado. Assim, dizer que a igreja é a coluna (e o baluarte) da

verdade é dizer que a igreja ergue a verdade para que o mundo inteiro a veja. Como diz John Stott: “O propósito das colunas não é apenas firmar o telhado, mas fazer com que ele seja alto de modo que possa ser visto claramente a distância. [...] Exatamente do mesmo modo, a igreja sustenta a verdade no alto, para que possa ser vista e admirada pelo mundo. De fato, assim como as colunas elevam o edifício às alturas e ao mesmo tempo permanecem ocultas, do mesmo modo a função da igreja não é chamar a atenção para si, mas anunciar e expor a verdade”.3 Então, a verdade de que a igreja é “coluna e baluarte da verdade” não é tanto doutrinária, mas uma verdade prática.4 Contra a visão católico-romana de que a igreja determina a verdade, a Bíblia ensina que a igreja expõe a verdade.

Pode ser significativo que no original o grego omita o artigo definido: o versículo 15 diz “uma coluna” em vez de “a coluna”. Cada congregação cristã é uma coluna da verdade. Os efésios eram lembrados disso toda vez que viam o templo de Diana, que tinha ao todo mais de cem colunas jônicas, cada uma com quase 20 metros de altura. Essa quantidade de colunas era necessária porque todo o telhado era feito de mármore. Sem todas essas colunas, o templo desabaria, em vez de permanecer visível por quilômetros ao redor. De modo semelhante, cada igreja é uma coluna que ajuda a apoiar a verdade de Jesus Cristo ao mantê-la no alto para o mundo.

Um grande mistério

Se a igreja é uma coluna e baluarte da verdade, ela precisa saber o que é a verdade, e a verdade é um grande mistério: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade” (1Tm 3.16). Quando a Bíblia usa a palavra “mistério”, ela não está se referindo a algo não solucionado, mas sim a algo que esteve oculto por muito tempo e que agora foi revelado (cf. Rm 16.25-26; 1Tm 3.9). Na Bíblia, um mistério se refere ao plano secreto da redenção que não está mais oculto porque Deus o revelou.

Os mistérios concernentes a Jesus Cristo são profundos; eles são “indubitavelmente grandes” (1Tm 3.16 REB; “sem dúvida alguma” ARC). A grandeza dos mistérios do evangelho é demonstrável e “inegável”.5 Não há dúvida a respeito disso. Os mistérios do evangelho são grandes por comum acordo. Quase certamente, isso era outro ataque à deusa Diana. Durante a

primeira visita de Paulo a Éfeso, os artífices sentiram-se ameaçados pela sua obra missionária, de modo que causaram grande confusão na cidade. Cerca de vinte mil pessoas estavam reunidas no teatro de Éfeso, onde “gritaram por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios!” (At 19.34). Gritaram por tanto tempo e tão alto que as palavras deles ainda zuniam nos ouvidos de Paulo enquanto ele escrevia essa carta. No entanto, Paulo conhecia o significado da verdadeira grandeza, de modo que escreveu: “Evidentemente, grande é o mistério da piedade” (1Tm 3.16). Sua própria fraseologia ajuda a comunicar a glória e a grandeza do evangelho, porque o mistério é o próprio Jesus. Essa é a verdade que a igreja é chamada a colocar diante do mundo: o mistério da salvação do evangelho de Jesus Cristo.

O mistério de Jesus Cristo é descrito em seis versículos que soam como parte de um credo, uma confissão ou um catecismo antigo. Como os versículos são rítmicos, e porque cada primeira palavra de cada frase rima entre si, com frequência é considerado que esse versículo era parte de um hino cristão primitivo:

Aquele que foi manifestado na carne

foi justificado em espírito,

contemplado por anjos,

pregado entre os gentios,

crido no mundo,

recebido na glória. (1Tm 3.16)

Walter Lock, com o intuito de captar o caráter litúrgico, colocou esses versos em forma de poema.

Em carne se revelou à vista dos mortais,

Preservado justo pelo poder do Espírito,

Enquanto anjos do céu o contemplavam:

Seus arautos de costa a costa se apressaram,

E pelo mundo afora, homens abraçaram a fé,

Quando ele, em glória, passou às alturas.6

Esses versos merecem um estudo cuidadoso, especialmente em razão de os estudiosos discordarem a respeito do modo como devem ser divididos. Uma sugestão é separar o credo em duas estrofes com três versos cada. A primeira estrofe refere-se ao ministério terreno de Jesus Cristo (“manifestado”, “justificado” e “contemplado”), enquanto a segunda refere-se à obra de Jesus Cristo depois da sua ascensão (“pregado”, “crido” e “recebido”).

Walter Lock, que segue essa estrutura de duas partes, chama a primeira estrofe de “A vida do Senhor encarnado” (“tanto visto na terra quanto observado do céu”) e a segunda como “A vida do Senhor ascendido” (“tanto pregado na terra quanto vivo no céu”).7 Gordon Fee descreve a diferença entre as duas da seguinte maneira: “A primeira estrofe canta o ministério terreno de Cristo e conclui com uma palavra de triunfo e glorificação. De modo semelhante, a segunda estrofe canta o ministério permanente de Cristo por meio da sua igreja e novamente conclui com o tema da glorificação. Em certo sentido, ambas as estrofes refletem o tema da humilhação e exaltação”.8

Outros estudiosos ressaltam que os versos aparecem em pares ou dísticos. Em cada um, há um contraste entre terra e céu: “carne” e “Espírito”; “anjos” e “gentios”; “mundo” e “glória”. Essa sugestão pode também ter algum mérito, embora o contraste entre “anjos” e “gentios” pareça um tanto forçado.

Uma vez que não é certo como subdividir o versículo, talvez seja melhor não tentar. O hino – se é um hino – é uma breve história de Jesus Cristo. Ela contém o evangelho da verdade a respeito da sua obra de salvação em forma de esboço. Cada verso descreve um período ou acontecimento específico em sua vida e ministério. Portanto, parece melhor entender essas afirmações em ordem cronológica.

Manifestado na carne

Paulo começa dizendo: “Aquele que foi manifestado na carne” (1Tm 3.16; cf. 2Tm 1.10), ou seja, Deus manifestou-se em forma física.9

Deus o Filho tinha vivido em todo o esplendor da sua divindade desde a eternidade passada (cf. Fp 2.6-8). Então, ele tornou-se um homem, com um corpo físico idêntico ao nosso. Este é o mistério da encarnação: Deus o Filho tornou-se Deus-homem. Ao tomar sobre si um corpo de carne e osso, ele tornou-se uma pessoa com duas naturezas; uma natureza divina e uma natureza humana. Calvino descreveu essa epifania assim:

Assim, Jesus Cristo é Deus verdadeiro, uma vez que era a sabedoria de Deus antes que o mundo fosse feito, e antes de toda a eternidade. E então é dito que ele foi manifestado na carne. Pela palavra carne, Paulo quer que entendamos que ele era verdadeiramente homem, que se revestiu da nossa natureza. Mas ele mostrou por esta palavra, manifestado, que nele há duas naturezas. Porém, que ninguém imagine que há um Jesus Cristo que é Deus e outro Jesus Cristo que é homem: mas devemos conhecê-lo somente como Deus e homem.10

Uma vez que o Filho apareceu como um homem, tudo o que ele fez na terra foi por meio de um corpo humano verdadeiro. Os acontecimentos da paixão de Cristo são fatos concretos. Sua face foi beijada pelo seu traidor. Seu rosto recebeu cusparadas. Seu corpo foi esbofeteado. Suas costas foram açoitadas. Sua testa foi perfurada por espinhos. Sua cabeça foi machucada por uma paulada. Como diz a Escritura, Cristo “sofreu na carne” (1Pe 4.1).

Cristo até mesmo morreu na carne. Foi um corpo real que foi pregado com pregos de verdade a uma cruz de madeira verdadeira. Foi um corpo real que foi punido pelo pecado: “carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados” (1Pe 2.24). E, depois, foi um corpo real – um cadáver – que foi ele retirado da cruz, envolto em linho e colocado na sepultura. Deus o Filho não apenas manifestou-se num corpo; o corpo em que ele se manifestou foi

crucificado, morto e sepultado.

Justificado em Espírito

No entanto, Deus o Filho não permaneceu na sepultura; ele foi "justificado em espírito" (1Tm 3.16). Em outras palavras, o Espírito Santo confirmou e provou que Jesus Cristo é o próprio Filho de Deus e o Salvador do mundo ao ressuscitá-lo de entre os mortos.

Alguns estudiosos pensam que essa parte do credo refere-se novamente à encarnação. Nesse caso, a palavra "espírito" estaria se referindo ao espírito humano de Jesus. No entanto, embora seja verdadeiro que Jesus tinha um espírito e um corpo, o que é enfatizado aqui é que ele foi justificado pelo Espírito.

Quando Jesus foi justificado? O Espírito Santo provou que Cristo era quem ele dizia ser ao longo de todo o seu ministério terreno. O Espírito provou isso no batismo de Jesus, ocasião em que desceu do céu sobre Jesus em forma de pomba (Mt 3.16). Ele provou isso ao preservar Jesus do pecado ao longo de todo o seu ministério terreno. Ele provou isso sempre que Jesus realizou milagres, especialmente quando expulsou demônios. "Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus", disse Jesus, "certamente é chegado o reino de Deus sobre vós" (Mt 12.28).

O Espírito justificou o Filho de todas essas maneiras, porém acima de tudo ele fez isso por meio da ressurreição. Quando os cristãos pensam sobre a ressurreição, geralmente pensam primeiro sobre Deus o Filho, que foi ressuscitado da sepultura. Talvez possamos nos lembrar de que foi Deus o Pai que o ressuscitou. No entanto, o domingo da Páscoa é um dia de louvar também o Espírito Santo. A ressurreição foi um acontecimento tão importante que exigiu o trabalho de cada membro da Trindade. Deus Pai ressuscitou o Deus Filho de entre os mortos pelo poder do Deus Espírito Santo: "Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito" (1Pe 3.18, NVI; cf. Rm 8.11). Embora Jesus tenha entregado sua vida para reavê-la novamente (cf. Jo 10.18), ele não ressuscitou a si mesmo. Foi ressuscitado de entre os mortos pelo seu Pai (p. ex., At 2.24; Rm 10.9), mas isso foi feito por meio do Espírito. O

Espírito Santo foi quem deu vida e glória ao corpo morto de Jesus Cristo.

Quando o Espírito Santo ressuscitou Jesus de entre os mortos, ele confirmou que tudo o que Jesus disse e fez era verdadeiro. Conquanto Jesus Cristo tenha sido rejeitado pelo mundo, ele foi aprovado pelo Espírito. O Espírito justificou o Filho ao ressuscitá-lo de entre os mortos. A palavra para "justificado" é também a palavra para "vindicado". A justificação é uma declaração legal. Nesse caso, significa que, pela sua justificação, Jesus foi declarado como sendo o Filho de Deus e o Salvador do mundo. Como o apóstolo Paulo explicou em outra ocasião, Jesus "foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor" (Rm 1.4). A ressurreição foi a confirmação do Espírito Santo de que Jesus é o Cristo.

Contemplado por anjos

Depois que Jesus foi "justificado em espírito", ele foi "contemplado por anjos" (1Tm 3.16). A palavra "anjos" (angelos) significa exatamente isto: os poderes e os principados do mundo invisível, especialmente as criaturas gloriosas e sobrenaturais que adoram a Deus no céu e o servem na terra – os anjos.

Com base nos Evangelhos, sabemos que alguns anjos viram o Cristo encarnado. Anjos cantaram no seu nascimento (Lc 2.13-14). Eles o serviram no deserto (Mc 1.12-13). Um anjo até mesmo apareceu no Getsêmani para fortalecê-lo para a obra da cruz (Lc 22.43). Mas os anjos foram também testemunhas do Cristo ressurreto. Eles foram os primeiros a dizer aos discípulos que Jesus estava vivo (Mt 28.1-7; cf. Lc 24.23); mas como eles poderiam dar esse testemunho a menos que tivessem visto seu corpo ressurreto por eles mesmos? E, por fim, os anjos testemunharam a ascensão para o céu (At 1.9-11). Resumindo, "Esses espíritos ministradores cantaram no seu nascimento, ministraram a ele no seu momento de tentação, guardaram seu sepulcro, atestaram sua ascensão e aguardaram seu retorno".11

A razão para mencionar os anjos aqui é mostrar que o mistério da piedade é conhecido tanto na terra quanto no céu. Embora não sejam salvos pela graça, os anjos glorificam a Deus pela nossa salvação até hoje. A Bíblia ensina que Jesus Cristo, "depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes" (1Pe 3.22).

No entanto, há outro possível significado para esse verso do hino de Paulo. A palavra “anjo” significa, simplesmente, “mensageiro”, o que a torna apropriada para os mensageiros celestiais de Deus. Mas ela também pode se referir aos seus mensageiros terrenos, ou seja, os apóstolos. O que Paulo diz a respeito desses mensageiros em 1Timóteo 3.16 era certamente verdadeiro quanto aos apóstolos: eles viram Jesus. Os apóstolos foram testemunhas oculares de sua vida e obra e, especialmente, da sua ressurreição. De fato, a palavra grega que Paulo usa aqui para “contemplado” (ōphthē) é a mesma que ele usou para informar aos coríntios que o Cristo ressurreto “foi visto” por Pedro e pelos outros apóstolos, incluindo o próprio Paulo (1Co 15.5-7).

Portanto, quando os primeiros cristãos confessavam que Jesus foi visto por mensageiros, eles deviam estar se referindo aos apóstolos. Essa possibilidade foi rejeitada por muitos comentaristas, porém sem uma razão suficiente, porque ela está de acordo com a lógica do hino. O que Jesus fez depois de ter aparecido num corpo que tinha sido justificado pelo Espírito foi apresentar-se a Pedro, João e pelos demais discípulos, incluindo Tomé. Esta é a sequência do hino de Paulo: primeiro, a encarnação; segundo, a ressurreição; terceiro, a apresentação.

Os aparecimentos pós-ressurreição de Jesus foram essenciais para o plano da salvação. Para que os apóstolos soubessem que Jesus era o Cristo, eles tinham de ver seu glorioso corpo de ressurreição. De outro modo, não poderiam ser capazes de testificar que Jesus havia obtido vitória sobre a sepultura. Sem o testemunho ocular dos apóstolos, nós mesmos nunca creríamos na ressurreição, e a igreja do Deus vivo não seria capaz de resistir como coluna e baluarte do evangelho da verdade. O mesmo não pode ser dito a respeito dos anjos e do testemunho deles. Eles glorificaram a Deus quando viram a ressurreição de Jesus Cristo. Porém, a nossa fé está baseada no aparecimento de Jesus aos apóstolos, não aos anjos.

Pregado entre os gentios

Há outra razão para pensar que “mensageiros” possa referir-se aos apóstolos. Observe o que vem a seguir: Jesus foi “pregado entre os gentios”, isto é, a todas as nações do mundo. Isso claramente refere-se à pregação apostólica do evangelho. Depois da apresentação veio a pregação. Tendo visto o Cristo ressurreto, os apóstolos pregaram o Cristo ressurreto.

Os apóstolos receberam a comissão para fazer isso do próprio Jesus. Antes de ascender ao céu, ele disse a eles: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.18-20). Os apóstolos começaram a cumprir essa comissão no Pentecostes. Enquanto aguardavam em Jerusalém, eles foram ungidos pelo Espírito Santo e começaram a falar em línguas estrangeiras. A Bíblia enfatiza que as pessoas que os ouviam eram “de todas as nações debaixo do céu” (At 2.5). Quando Pedro se levantou e dirigiu-se à multidão, ele estava pregando Jesus Cristo entre os gentios/todas as nações.

O Pentecostes foi apenas o início da obra mundial do evangelho. Jesus Cristo foi pregado não apenas em Jerusalém, mas na Judeia, Samaria e até os confins da terra. O próprio Paulo pregou Cristo em Éfeso (At 19), e os efésios, depois de receberem a Cristo, levaram o evangelho às nações, especialmente em oração a favor de missões (ver 1Tm 2.1-4). Jesus é pregado entre as nações até hoje. Isso é parte do grandioso mistério da piedade. O que a igreja está fazendo neste momento da História é essencial para o plano de Deus para a redenção do mundo. O evangelho está indo para as nações à medida que a boa-nova sobre Jesus Cristo é proclamada a todas as tribos, todos os povos e em todas as línguas.

Crido no mundo

Por toda parte em que é pregado, Cristo é “crido no mundo” (1Tm 3.16). Os primeiros a crer foram aqueles que testemunharam a ressurreição. João creu antes mesmo de ver o Cristo ressurreto. Informado de que o sepulcro estava (quase) vazio, “correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro; e, abaixando-se, viu os lençóis de linho; todavia, não entrou” (Jo 20.4-5). Da entrada, ele viu as vestes do sepultamento, ainda intactas, e tentou entender o que tudo aquilo significava. Por fim, entrou, “e viu, e creu” (Jo 20.8). Com a evidência das vestes do sepultamento, ele creu que Jesus havia ressuscitado.

João foi apenas o primeiro que creu. Maria Madalena creu e disse aos discípulos: “Vi o Senhor!” (Jo 20.18). Inicialmente eles ficaram temerosos, e alguns até mesmo duvidaram; porém, quando Jesus apareceu, eles também creram (Mt

28.17). Finalmente, até mesmoTomé creu, apesar das suas dúvidas iniciais (Jo 20.24-29).

Assim que os apóstolos começaram a pregar o evangelho às nações, outras pessoas começaram a crer também. No Pentecostes, quase três mil pessoas creram num único dia (ver At 2.41). À medida que a primeira igreja de Jerusalém continuava a pregar o evangelho, “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (At 2.47). Tem sido sempre assim. Desde que Jesus ressuscitou, é muito improvável que um único dia tenha se passado sem que alguém tenha ido a ele em fé, entregando a vida a ele.

A missão global de Jesus Cristo é um sucesso global. Jesus continua a ser crido no mundo. Na semana em que estou escrevendo isto recebi notícias de muitas conversões. A mãe de um membro da igreja – uma senhora judia de 88 anos de idade – orou para receber Jesus como seu Messias. Um garoto que mora perto de um grupo de estudo bíblico perguntou como poderia orar para receber Jesus no seu coração. Um ex-membro da igreja escreveu informando que sua filha iniciou um grupo de boa-nova para seus amigos, e todos os participantes, nove no total, assumiram um compromisso com Cristo. Também recebi notícias do exterior. A igreja recebeu um e-mail de missionários no Oriente Médio relatando terem visto mais muçulmanos crerem no evangelho e arrependerem-se dos seus pecados nas últimas semanas do que nunca. Outro relato, este enviado do Extremo Oriente, conta a história de um homem que havia recebido uma Bíblia de um missionário no hospital. Quando precisou de cuidados médicos, ele retornou ao mesmo hospital. Isso aconteceu depois de trinta anos (!) da visita anterior, e desde então ele esteve lendo a Bíblia, tendo há muito ido a Jesus pela fé.

A confissão em 1Timóteo 3.16 faz uma reivindicação histórica: “crido no mundo”. Mas essa afirmação é para o presente bem como para o passado porque Deus continua fazendo História. Ele irá continuar a levar homens, mulheres e crianças à salvação em Cristo até o fim da História. De fato, se você crê em Jesus para salvação, esse versículo também se aplica a você. Você está no mundo. Você crê em Jesus. Portanto, sua fé é uma prova de que Jesus é crido no mundo.

Recebido na glória

O único problema real de tomar o hino de Paulo a respeito do mistério da piedade em ordem cronológica é sua última frase: “recebido na glória” (1Tm 3.16). Esse verso parece se referir à ascensão. De fato, o mesmo verbo (analambanō) é utilizado no livro de Atos para descrever o modo como Jesus ascendeu ao céu. Depois de ter aparecido para os discípulos, ele foi “elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos” (At 1.9; cf. 1.2, 22; Mc 16.19). O problema é que isso parece não estar na sequência correta: Jesus foi “recebido na glória” antes de ser “pregado entre os gentios” ou de ser “crido no mundo”.

Uma possível solução é que a última frase esteja se referindo à segunda vinda de Cristo. Quando Jesus retornar para esta terra ele virá do modo como partiu, em nuvens de glória, para reunir todo o seu povo para si. A razão pela qual está colocado no tempo passado é que isso é algo certo. Jesus prometeu que retornaria em poder e glória, e sem dúvida ele fará isso.

Em todo caso, o mais importante é o fato de que Jesus se tornou o Cristo glorificado. “Glória” (doxa) é a palavra que a Bíblia usa para descrever “brilho, esplendor ou radiância”. Ela “indica especialmente a glória, majestade e sublimidade de Deus”.12 Em virtude de sua ressurreição, Jesus é exaltado e está entronizado. Ele irradia a glória de Deus. Haveria maneira melhor de encerrar um hino do que com glorioso louvor ao glorioso Cristo? Epifânio tinha essa glória em mente quando compôs seu “Segundo credo” – uma confissão de louvor que toca alegremente a alma de cada cristão: “O verbo se fez carne; esse mesmo sofreu na carne; ressuscitou; subiu ao céu no mesmo corpo, sentou-se gloriosamente à direita do Pai; retornará no mesmo corpo em glória para julgar os vivos e os mortos”.13

O mistério da piedade

A verdade que a igreja apresenta ao mundo é o mistério da encarnação (“manifestado na carne”), da ressurreição (“justificado no espírito”), do aparecimento (“contemplado por anjos”), da missão (“pregado entre os gentios”), da aceitação (“crido no mundo”) e da glorificação (“recebido na glória”) de Jesus Cristo. A única coisa que resta explicar a respeito desse mistério é que se trata de um mistério de “piedade” (1Tm 3.16; cf. 2.2; 4.8). Em outras palavras, esse hino ou confissão contém uma verdade prática que

promove a adoração a Deus e estimula o exercício da verdadeira religião.

João Crisóstomo entendia muito bem que o mistério de Cristo é para a piedade. Quando ele pregava sobre esse mistério na sua igreja em Constantinopla, levava seu sermão ao ponto da aplicação prática: “De fato, grande ele é. Isso porque Deus tornou-se Homem, e o Homem tornou-se Deus. Foi visto um Homem sem pecado! Um Homem foi recebido, foi pregado no mundo! E junto conosco anjos o viram. Isso é de fato um mistério! [...] Porém, devemos viver de uma maneira digna desse mistério”.14 Esse é um bom conselho pastoral. A verdade sobre Jesus Cristo exige uma resposta.

O que significa viver de maneira digna do mistério da piedade? Visto que Jesus “foi manifestado na carne”, que nós o glorifiquemos com nosso corpo. Vamos usar as mãos para ajudar, os lábios para abençoar e a mente para servir. Visto que Jesus foi “justificado em espírito”, oremos para que sejamos justificados no dia do julgamento. Peçamos a Deus para provar que nós pertencemos a ele dando-nos gloriosa ressurreição corporal. Visto que Jesus foi “contemplado por anjos”, juntemo-nos a eles e aos apóstolos em adoração diante do trono de Cristo. Visto que Jesus foi “pregado entre os gentios”, testifiquemos da sua graça, levando o evangelho a todos os que amamos e participando de missões mundiais para que todos os povos possam louvá-lo. Visto que Jesus foi “crido no mundo”, creiamos nele de todo o coração, para nossa salvação e tudo o mais de que necessitamos. Por fim, visto que Jesus foi “recebido na glória”, aguardemos seu retorno em alegre expectativa, desejando ardentemente a vinda do dia em que contemplaremos com nossos próprios olhos o grande mistério.

Notas

* Grego oikos, no sentido de lar, família. (N. do R.)

1 David F. Wells. No place for truth, or, Whatever happened to evangelical theology? (Grand Rapids: Eerdmans, 1993), p. 217.

2 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 231.

3 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, Il: InterVarsity, 1996), p. 105.

4 Esse discernimento provém de uma aula de exposição bíblica apresentada em 1998 pelo londrino Dick Lucas na College Church, Wheaton, Illinois.

5 Walter Bauer. A Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature, 2ª. ed., org. William F. Arndt, F. Wilbur Gingrich e Frederick W. Danker (Chicago: University of Chicago Press, 1979), p. 569.

6 Walter Lock. A critical and exegetical commentary on the Pastoral Epistles (I & II Timothy and Titus), International critical commentary (Edimburgo: T & T Clark, 1924), p. 42.

7 Idem, p. 45.

8 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 94.

9 Veja Bruce M. Metzger. A textual commentary on the Greek New Testament, ed. corrigida (Stuttgart: United Bible Societies, 1975), p. 641.

10 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (Londres, 1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 325.

11 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 45.

12 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 186.

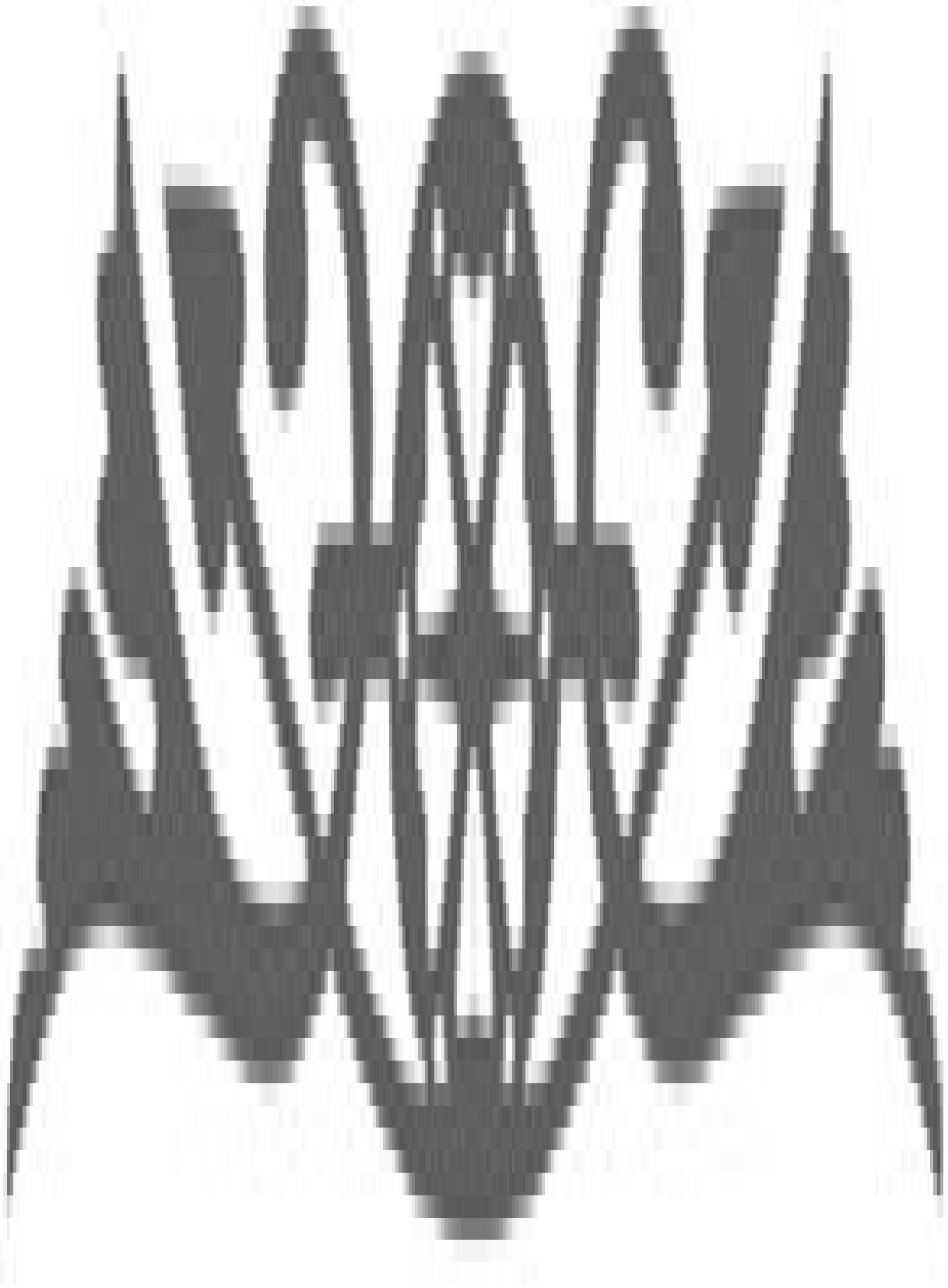
13 Epifânio. “Two creeds of Epiphanius: Second formula (AD 374)”, in Philip Schaff. Creeds of Christendom, 3 vols. (Grand Rapids: Baker, 1983), 2:37.

14 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:442.

11

A origem da teologia incorreta

1Timóteo 4.1-5



Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios, pela hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência. (1Tm 4.1-2)

O mundo está repleto de má teologia. “Você está curado. Jesus morreu pela sua doença na cruz”, diz um pregador da prosperidade na televisão. Numa estação de rádio, um professor apresenta uma visão muito distorcida do calvinismo, capaz de levar o cristão mais resoluto a duvidar da sua própria salvação. Artigos de revista trazem evangélicos preeminentes debatendo sobre se a justificação vem ou não somente pela fé. E então acrescente todos os erros das religiões não cristãs: as especulações fantasiosas da Nova Era, as perigosas visões sobre Jesus de muitas seitas e a filosofia irracional e ateísta da cultura consumista. O mundo está repleto de teologia falsa, infundada e não bíblica. De onde vem tudo isso?

Apostasia à frente

Depois de explicar o mistério da piedade (1Tm 3.16), Paulo explica o mistério da impiedade dizendo a Timóteo e à igreja que esperem teologia incorreta: “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé” (1Tm 4.1). Isso não é simplesmente a análise que Paulo faz da igreja; é uma profecia do Espírito Santo.

O apóstolo não especifica quando o Espírito Santo disse isso. Essa triste notícia foi revelada a Paulo enquanto ele escrevia a Timóteo. Porém, mais provavelmente, o apóstolo está se referindo a alguma profecia anterior, talvez não anunciada por um profeta da igreja primitiva. Profecias semelhantes aparecem em alguns trechos do Novo Testamento. Paulo pode até mesmo estar relembrando as palavas de Jesus Cristo: “Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos” (Mt 24.10-11). O paralelo com 1Timóteo é próximo porque Jesus fala de pessoas que “se escandalizarão”. Ou o apóstolo pode simplesmente estar lembrando aos efésios da advertência que ele havia feito aos presbíteros de

Éfeso quando se despediu deles em Mileto: “Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles” (At 20.29-30).

A voz viva do Espírito Santo testifica muito claramente que, embora os cristãos não devam ficar entristecidos pela falsa teologia, eles nunca devem ser surprendidos por ela. Timóteo estava bem familiarizado com os perigos da doutrina incorreta. Ele sabia, por exemplo, que Himeneu e Alexandre haviam naufragado na fé (1Tm 1.19-20). Nesse exato momento estava ele combatendo os falsos profetas na igreja de Éfeso. Como Timóteo, a igreja deve levar a sério a palavra do Espírito: “nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé” (1Tm 4.1).

O termo teológico técnico para o abandono da fé é “apostasia”, que vem do substantivo grego apostasia. Aqui aparece o verbo relacionado: “Apostatarão da fé” (1Tm 4.1), isto é, se desviarão da fé. Um estudioso define esse tipo de apostasia como “a grave condição de tornar-se separado do Deus vivo depois de ter se voltado para ele, ao abandonar a fé”.1 A apostasia não significa que o cristão que tem a fé salvífica pode perdê-la. Isso seria uma impossibilidade, uma vez que pecadores que receberam o dom da fé salvífica são preservados pelo Espírito Santo até o dia do retorno de Cristo (ver Jo 10.28; Fp 1.6).

Contudo, o que apostasia significa é alguém que uma vez professou ser cristão renunciou ao evangelho. Aqui novamente, como faz ao longo dessa carta, Paulo refere-se ao cristianismo como “a fé”. Ele tem em mente as doutrinas centrais que se apoiam sobre o sólido fundamento da Escritura Sagrada e que são necessárias para a fé salvífica: a soberania de Deus o Pai, a divindade de Deus o Filho, a realidade de Deus o Espírito Santo e a redenção por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo, recebida pela fé. Infelizmente, alguns que professam crer nessas doutrinas, posteriormente as negam. De fato, um dos sinais que distinguem os últimos tempos é que as pessoas que se declaram cristãs abandonarão o Cristo do cristianismo autêntico.

Uma vez que os seres humanos são curiosos quanto ao futuro, tendemos a perguntar: “Quando virão esses últimos tempos?” Há uma importante indicação nessa passagem. No versículo 1, o Espírito Santo fala sobre o futuro, “nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé”. No entanto, no versículo 3 o apóstolo está falando no tempo presente sobre coisas que estão acontecendo na igreja de Éfeso naquele exato momento. Isso indica que os últimos tempos já haviam

começado.

Essa mesma mudança do futuro para o presente ocorre em 2Timóteo 3.1-5, em que Paulo adverte Timóteo quanto a que “nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis” (2Tm 3.1). Então ele prossegue para explicar como as pessoas se comportarão no fim dos tempos: elas serão egoístas, violentas e arrogantes. Assim, ele adverte Timóteo a fugir delas (2Tm 3.5). Em outras palavras, o próprio Timóteo conhecia algumas das pessoas ímpias dos últimos dias. Elas já estavam morando em Éfeso.

Portanto, quando alguém pergunta: “Você acha que estamos vivendo nos últimos dias?”, a resposta é sempre “sim”. Estes são os últimos tempos. Estes são os últimos dias que, como disse John Wesley, “vão da ascensão do nosso Senhor ao seu retorno para julgamento”.2 George Knight define de modo útil os últimos tempos como “o período inaugurado pelo Messias e caracterizado pela presença do Espírito em poder, o período que será consumado pelo retorno de Cristo”.3 Desse modo, os últimos dias abrangem toda a Era Cristã, da ressurreição de Jesus Cristo ao seu retorno em poder e glória.

Assim, se estamos vivendo nos últimos dias, então a apostasia deve ser esperada. De vez em quando os cristãos ouvirão a respeito de ex-membros da igreja que abandonaram a fé. Alguns cairão em pecado grave. Outros se afastarão gradualmente da igreja. Outros ainda rejeitarão a verdade reformada e adotarão outras crenças. Por mais triste que essas coisas sejam, elas não devem nos surpreender. Quando alguém abandona o cristianismo ortodoxo, isso não deve fazer com que questionemos nossa fé. Pelo contrário, isso prova a verdade da Escritura de que “nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé” (1Tm 4.1).

Doutrina diabólica

A Escritura prossegue para explicar que essa apostasia tem origem na teologia incorreta. Nos versículos 3-5, Paulo irá continuar a explicar o que de fato são essas falsas doutrinas. No entanto, primeiro ele explica de onde elas vêm. A má teologia tem duas fontes, a primeira das quais é totalmente diabólica. Aqueles que abandonam a fé o fazem “por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios” (1Tm 4.1). A má teologia provém de espíritos sedutores e demônios enganadores. Assim, a versão REB (Revised English Bible) identifica

seus ensinos como “doutrinas inspiradas por demônios”.

Há dois erros a serem evitados quando pensamos sobre os demônios. O primeiro é deixar de atribuir ao diabo mais do que se deve. Aguns cristãos pensam que os demônios se escondem atrás de cada porta. Eles assumem que estão sob ataque espiritual toda vez que têm uma dor de cabeça ou perdem o ônibus. Outros atribuem a maior parte dos seus pecados a atividade demoníaca. Ainda outros ficam tão obcecados por demônios que vivem num estado de temor pecaminoso. Porém, a verdade é que Jesus Cristo derrotou o diabo e seus lacaios na cruz do Calvário. O Filho de Deus se tornou homem para que, “por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (Hb 2.14-15). É possível que Deus, em determinadas ocasiões, permita que anjos caídos manipulem o universo físico ou tentem pessoas a cometer pecado. Porém, os demônios não têm e não podem ter controle sobre pessoas que são cheias do Espírito Santo.

O erro oposto é negar que os demônios existem. Como Baudelaire disse certa vez: “O truque mais astucioso do diabo é fazer com que os homens acreditem que ele não existe”.4 Porém, o diabo existe. A guerra espiritual é tão real hoje quanto era nos dias de Jesus Cristo. Continuamos a batalhar “contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12). Essa luta continuará até o dia do julgamento, razão pela qual o Senhor Jesus instruiu seus discípulos a orarem todos os dias pedindo para serem livres do mal (ver Mt 6.13).

A falsidade de Satanás é a principal razão para o cristão necessitar todos os dias de proteção espiritual. Jesus se referiu a Satanás como “mentiroso e pai da mentira” (Jo 8.44). Em outra passagem, Paulo fala sobre as maquinações do diabo (2Co 2.11; Ef 6.11) e a fascinação exercida pelo diabo (Gl 3.1). Ele diz que realiza sua obra “com todo o poder, sinais e falsos milagres” (2Ts 2.9, A21; cf. Ap 13.14). Assim, o cristão é advertido a não crer em todo e qualquer espírito, mas a testar para saber “se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (1Jo 4.1).

Satanás é enganador desde o início. Quando ele foi a Eva em forma de serpente, sua aparência foi enganadora, e ele fez a ela uma pergunta falaciosa: “É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?” (Gn 3.1). Satanás estava colocando palavras na boca de Deus porque Deus não havia dito nada

parecido com isso. Em seguida, ele fez uma afirmação ardilosa: “É certo que não morrereis” (Gn 3.4). Satanás disse uma mentira sobre outra. Esse é o seu modus operandi, seu padrão de procedimento. Quando ele insinuou a Eva que Deus era mesquinho, estava negando a bondade de Deus. Quando ele disse a Eva que ela não morreria, estava negando a justiça de Deus. Satanás foi o primeiro teólogo liberal. Seu principal objetivo é persuadir as pessoas de que a verdadeira teologia é falsa e a falsa teologia é verdadeira.

Além de mentir sobre a criação, o diabo também mente sobre a redenção. Considere as palavras de Martinho Lutero:

Quando a palavra santa de Deus se manifesta, Satanás sempre se opõe a ela com todo o seu poder. Inicialmente, ele se enfurece contra ela com força e poder malignos. Se isso não surtir efeito, ele a ataca com falsidades e espíritos e mestres enganadores. O que ele não conseguir esmagar pela força, tentará suprimir por meio de astúcias e mentiras. Essa foi sua estratégia no início. Tão logo o evangelho veio para o mundo, Satanás o atacou poderosamente por meio dos judeus e dos gentios, derramando sangue e inundando o cristianismo de mártires. Quando isso não teve sucesso, ele levantou falsos profetas e espíritos enganadores e inundou o mundo de heréticos. [...]. Devemos estar preparados para isso, e de modo algum permitir que isso nos perturbe, porque é necessário que assim seja.5

Se o engano é a estratégia favorita de Satanás, segue-se que a igreja corre sério risco de ser enganada por falsas doutrinas. Algumas teologias são tão más que podem ser reconhecidas como tal a quilômetros de distância. Porém, a maioria das falsas doutrinas contém verdade suficiente, o que torna difícil detectar a falsidade. As heresias mais perigosas muitas vezes parecem ser o mais autêntico cristianismo. Considere alguns exemplos. As distorções do movimento de sinais e maravilhas se escondem atrás da verdade de que as pessoas precisam assumir um compromisso pessoal com Jesus Cristo. As distorções do catolicismo romano se escondem atrás da verdade do valor das boas obras. As mentiras do mormonismo se escondem atrás da verdade dos valores familiares. As mentiras da Igreja de Cristo se escondem atrás da necessidade do batismo. Toda falsa doutrina procura encontrar alguma verdade atrás da qual possa se enconder.

O caráter enganoso da falsa doutrina ensina cada cristão a ser cauteloso. Certo homem me contou que, depois de entregar sua vida a Cristo, passou a ouvir todo tipo de programa cristão no rádio. Porém, à medida que amadurecia na fé, ele descobriu que isso pode ser um erro. O cristão discernimente não ouve todo tipo de programa supostamente cristão, não lê todo tipo de livro supostamente cristão, não entra em qualquer igreja que se declara cristã, mas é suficientemente cauteloso para prevenir-se contra enganos diabólicos.

Líderes mentirosos

Se, em última análise, a teologia incorreta vem de demônios, sua propagação mais imediata ocorre por meio de pessoas. De fato, ela vem por meio da "hipocrisia dos que falam mentiras e que têm cauterizada a própria consciência" (1Tm 4.2). Essa é a segunda fonte da teologia prejudicial. Ela procede tanto de líderes mentirosos quanto de demônios enganadores.

Isso não quer dizer que todo erro teológico vem de alguém que está possuído pelo demônio. No entanto, a falsa doutrina é transmitida por anjos falsos por intermédio de falsos mestres. A palavra que o Espírito Santo usa para descrever esse mestre é "hipócrita" (hypokritēs) – uma palavra que vem do teatro grego. Significa assumir um papel numa produção teatral, desempenhar uma parte.

A hipocrisia explica por que a heresia é tão enganosa. Muitos falsos mestres são bons atores. Eles sabem como desempenhar a parte de um cristão. Isso também faz parte do plano geral de Satanás: "[...] o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que seus próprios ministros se transformem em ministros da justiça" (2Co 11.14-15). Ou, como Hamlet colocou isso: "O espírito que vi / Pode ser o diabo; e o diabo tem poder / Para assumir uma forma agradável".6 Falsos mestres com frequência desempenham o papel de cristãos, fingindo ser seguidores de Jesus Cristo. Eles chamam a si mesmos de cristãos. Parecem ser comprometidos e sinceros. Estão totalmente convencidos da sua ortodoxia. Vão à igreja, e podem até mesmo pregar num púlpito. A heresia sempre usa a máscara do cristianismo.

Entretanto, é tudo mentira. Na verdade, os falsos mestres são sinceros; sinceramente errados. Eles mesmos não são verdadeiros nem são verdadeiras suas doutrinas. Pode até mesmo haver algo intencional na maneira em que eles

distorcem o evangelho. John Stott diz que “a hipocrisia é um fingimento deliberado, e a mentira, uma falsidade deliberada”.7 Essa é uma séria advertência para o cristão não tentar parecer mais piedoso do que realmente é.

Com o passar do tempo, o mentiroso começa a acreditar na sua própria mentira. Ele nem mesmo percebe mais que está mentindo, porque tem “cauterizada a própria consciência” (1Tm 4.2). Há alguma discordância quanto ao que Paulo quer dizer por essa palavra (kaustēriazō). Alguns a interpretam como uma referência ao ato de marcar animais ou escravos com um ferro em brasa como modo de estabelecer a propriedade, caso em que o que ele diz é que os falsos mestres são instrumentos do diabo. No entanto, talvez seja melhor interpretar a expressão no seu sentido medicinal, isto é, de coagular tecido vivo com um instrumento para interromper o sangramento. Às vezes, quando a pele é queimada, ela torna-se insensível, quase como que anestesiada. A morte dos nervos faz com que a pele não seja mais capaz de sentir dor. O mesmo pode ocorrer com a consciência humana. Ela se torna cauterizada pelo pecado. Quanto mais uma alma peca, menos o pecado parece ser doloroso, até que finalmente a consciência torna-se totalmente morta a todos os sentimentos (cf. Ef 4.18-19). Nesse ponto, não consegue mais advertir a alma contra o pecado.

Para usar uma analogia diferente, a consciência é semelhante a um despertador. Na primeira vez que um homem comete pecado, o alarme soa na consciência dele. Contudo, na segunda vez que ele comete o mesmo pecado, o alarme já não é tão assustador. “Não é tão ruim”, pensa o indivíduo. “Já fiz isso uma ou duas vezes antes.” Ele localiza com cuidado o botão de desligar na sua consciência de modo que na próxima vez ele possa desligá-lo mais rapidamente. Com o passar do tempo, ele desliga sua consciência e cai no profundo sono da morte.

A menos que o cristão não seja cauteloso, esse padrão autodestrutivo pode ser repetido em qualquer lugar:

A sinistra sequência de acontecimentos na carreira dos falsos mestres foi agora revelada. Primeiro, eles se fazem de surdo em relação à própria consciência, até que ela se torne cauterizada. Em seguida, não têm escrúpulo em tornarem-se mentirosos hipócritas. Terceiro, dessa maneira eles se expõem à influência dos espíritos enganadores. Por fim, levam seus ouvintes a abandonarem a fé. É um caminho perigoso descendente que vai da surdez e da consciência cauterizada

para a mentira deliberada, o engano dos demônios e a perdição de outros.8

A apostasia é o resultado inevitável da hipocrisia. Portanto, não fira sua consciência cometendo pecados afrontosos ou inventando desculpas para pecados menos danosos. Proteja sua consciência para que ela continue sensível à menor ofensa contra a santidade de Deus.

Neste ponto, deve estar óbvio por que Paulo lembra Timóteo com tanta frequência que ele deve manter a consciência pura. Seu objetivo é que Timóteo tenha o amor que vem "de coração puro, e de consciência boa, e de fé sem hipocrisia" (1Tm 1.5). Paulo insiste que Timóteo mantenha a "fé e boa consciência" (1Tm 1.19). De maneira semelhante, ele diz aos diáconos que conservem "o mistério da fé com a consciência limpa" (1Tm 3.9). Em resumo, Paulo quer que todo cristão seja tão consciencioso quanto ele mesmo é. Isso porque como mais tarde o apóstolo testificou a Timóteo, ele servia a Deus "com consciência pura" (2Tm 1.3), e como ele disse a Félix, "me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens" (At 24.16). Uma razão pela qual Paulo era um bom teólogo era que ele era um cristão santo.

Uma consciência pura é sempre altamente louvável, mas ela é ainda mais necessária para pastores e mestres da igreja. Um teólogo que começa a se sentir confortável com o pecado caminha a passos largos para se tornar herético, enquanto uma consciência sensível preserva a ortodoxia.

A vida ascética

Até esse Paulo tratou da teologia incorreta em termos gerais. A partir do versículo 3, ele começa a ser mais específico ao nos dizer que os falsos mestres de Éfeso acreditavam que o celibato e o vegetarianismo eram necessários para a salvação: eles "proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos que Deus criou" (1Tm 4.3). Dado o que Paulo havia dito nos dois versículos anteriores, isso certamente é um resumo surpreendente do que esses falsos mestres estavam dizendo. Poderíamos estar esperando que o apóstolo dissesse que esses homens estavam negando a deidade de Jesus Cristo, ou acrescentando as obras de fé como a base para a justificação, ou defendendo alguma outra

doutrina herética. Porém, antes de falar da teologia desses mestres, Paulo primeiro localiza a heterodoxia deles em duas áreas da vida diária.

Em princípio, não há nada de errado em ser solteiro, vegetariano ou ambos. Alguns cristãos são chamados para permanecer solteiros ou se absterem de determinados alimentos por certo tempo. De fato, o próprio Paulo recebeu esses dois chamados. Ele mesmo era solteiro, e estimulou outros cristãos a valorizar o celibato (cf. 1Co 7.8). Além disso, Paulo também observava a prática bíblica de jejum com orações (p. ex., At 14.23).

O problema surje quando essas e outras questões de relativa indiferença são tratadas como essenciais para o evangelho. A mentalidade legalista é um problema recorrente na igreja. Um grupo de cristãos se depara com algo que os ajuda a amadurecer na fé. Eles descobrem uma doutrina esquecida, alguma causa política, seguem um novo método de vida familiar ou comprometem-se com um ministério, o que é tudo muito bom. Mas então eles decidem que aquilo que é bom para eles é obrigatório para todos. Logo começam a tentar convencer as pessoas a adotarem aquele estilo de cristianismo como o único possível. Eles assumem que quem não fizer o que eles fazem é menos espiritual.

Isso é exatamente o que os falsos mestres em Éfeso estavam fazendo. Estavam adotando uma dieta e um estilo de vida específicos. Quanto a isso, tudo bem. Não há nada de errado em permanecer solteiro e com o jejum. Nem há nada de errado, em princípio, com o vegetarianismo (embora Rm 14.2 sugira que esse estilo de vida pode vir de fraqueza espiritual). O problema surgiu quando os falsos mestres decidiram que o que era bom para eles era bom para todos. Eles estavam tentando exigir que todos os cristãos adotassem a prática de abster-se de sexo e de certos alimentos.

Aparentemente, esses falsos mestres ensinavam que o casamento e o consumo de carne eram inerentemente pecaminosos. Essa passagem menciona “alimentos” sem especificar quais eram eles. Talvez isso seja uma referência à dieta judaica que tinha vindo da lei mosaica. No entanto, em outros lugares – especialmente em Roma (Rm 14.2, 21) e Corinto (1Co 8.13) – a controvérsia na igreja estava associada ao consumo de carne. Quaisquer que fossem as práticas específicas, a melhor palavra para descrever esse tipo de teologia é “ascetismo”. De acordo com o Oxford English Dictionary, o asceta é “uma pessoa que pratica autodisciplina rigorosa e se abstém de todo tipo de prazer, especialmente por motivos religiosos ou espirituais”. Ao proibir o casamento e mudar a dieta

alimentar deles, alguns membros da igreja de Éfeso estavam negando os prazeres do sexo e da comida, bem como estavam dizendo, ao mesmo tempo, que a autonegação física era essencial para a posição da pessoa diante de Deus.

O que está por trás da proibição de consumir carne e casar é a ideia gnóstica de que há algo pecaminoso no corpo. De acordo com essa linha de pensamento, o universo físico é um impedimento à vida espiritual. A alma é tudo o que importa; e os apetites carnais só nos levam a pecar. John Stott explica essa mentalidade ascética da seguinte maneira: “Desde o início da história da igreja alguns mestres [...] argumentaram que fome e sexo são apetites inerentemente impuros, que o corpo é um grande e desagradável estorvo (se não completamente maligno) e que o único caminho para a santidade é a abstinência, a renúncia voluntária ao sexo e ao casamento e, visto ser impossível deixar de se alimentar, então no mínimo abster-se de consumir carne”.9

O ascetismo tem uma longa história. Os essênios, que escreveram os Manuscritos do mar Morto, recusavam-se a se casar. Assim faziam também os maniqueístas, que viviam no Oriente entre os séculos 3º e 10º. Do mesmo modo, Irineu relata que os encratitas da sua época “pregavam contra o casamento, desse modo rejeitando a criação original de Deus, e indiretamente culpando-o, ele que criou o homem e a mulher para a propagação da raça humana. Alguns deles também introduziram abstinência de alimentos de origem animal, demonstrando serem ingratos a Deus, que criou todas as coisas”.10 Sempre houve uma tendência ascética no catolicismo romano. Isso explica a existência de monastérios e por que os sacerdotes católicos são proibidos de se casar. Essa é também a razão pela qual os católicos ortodoxos recusam-se a consumir carne durante a Quaresma.

Um exemplo mais contemporâneo de ascetismo é o movimento Straight Edge, cujo nome tem origem numa música punk composta em 1981 por Ian Mackaye e Minor Threat: “Sou uma pessoa exatamente como você / Mas tenho coisas melhores para fazer / Do que ficar sentado fumando entorpecente. [...] Sou um straight edge”.11 Como sugere a letra da música, os adeptos desse movimento se recusam a fumar e usar drogas – até aí, ótimo. No entanto, eles também se opõem ao casamento. Eles dizem que o sexo é somente para procriação. Para os seres humanos, é imoral comer qualquer alimento que venha de um animal, incluindo laticínios. Eles também estão dispostos a recorrer à violência física contra pessoas que não concordam com suas visões. Assim, ainda hoje há pessoas “que proíbem o casamento e exigem abstinência de alimentos” (1Tm

4.3).*

A ingratidão do ascetismo

O que há de errado com um pouco de ascetismo? Afinal de contas, João Batista se alimentava de mel e gafanhotos (Mc 1.6). Jesus não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8.20). Paulo chegava a esmurrar o próprio corpo a fim de reduzi-lo "à escravidão" (1Co 9.27). Além do mais, sexo e alimentos podem facilmente nos levar a pecados da carne.

Um problema com o espírito de sacrifício nesse sentido é que isso é muitas vezes usado como um meio para tornar-se virtuoso aos próprios olhos. Calvino acusou os falsos mestres de Éfeso de estarem tentando "obter justiça por si mesmos por meio da abstenção de coisas que Deus deixou livres. A única razão para sobrecarregar a consciência com essas leis está em buscar perfeição à parte da lei de Deus".12 Outro problema com o ascetismo cristão é que ele rejeita as boas dádivas de Deus. Quando são usados de maneira legítima, tanto a comida quanto o sexo são intencionados para serem desfrutados. O próprio Deus os criou "para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade" (1Tm 4.3).

Considere o casamento. Paulo passa menos tempo defendendo essa instituição aqui, talvez porque a vida familiar recebe menção positiva em outras passagens dessa carta (ver 1Tm 3.2, 12; 5.14). Devemos lembrar, também, que a carta aos efésios incluiu vários ensinamentos a respeito do casamento (Ef 5.22-33). No entanto, o que a Bíblia ensina sobre o casamento é que é uma dádiva divina, ordenada por Deus o Pai (Gn 2.24) e abençoada por Deus o Filho (Mt 19.4-6). Portanto, o casamento deve ser recebido com gratidão e alegria. A pureza no casamento não é menos santa que a virgindade no celibato.

Os puritanos oferecem muitos bons exemplos sobre como apreciar a dádiva do casamento. Contrário à opinião popular, os puritanos não são puritanos a respeito do sexo. Eles apreciam muito o casamento, incluindo o aspecto sexual. Thomas Becon, em seu Book of matrimony, define o casamento como:

uma vida sublime, santa e abençoada, não ordenada por homens, mas por Deus [...] em que um homem e uma mulher se unem e se entrelaçam numa só carne e corpo em temor e amor a Deus, em consentimento mútuo, voluntário, amoroso, sincero e agradável, a fim de que ambos possam habitar como uma só carne e corpo, uma só vontade e mente, em toda honestidade, virtude e piedade, compartilhando a vida em igualdade e gratidão por todas as coisas que Deus vier a lhes conceder.13

Como o casamento, o alimento também é uma das boas dádivas de Deus. Os cristãos têm permissão para consumir todo tipo de alimento que desejarem. A argumentação de Paulo é muito direta: tudo o que Deus criou, podemos comer. Essa é uma das consequências práticas da doutrina da criação, "pois tudo que Deus criou é bom" (1Tm 4.4). Ao longo do primeiro capítulo de Gênesis, Deus descreve tudo o que ele criou como sendo muito bom, entre outras coisas tudo o que nos serve de alimento.

O modo correto de receber as boas dádivas da criação é "com ações de graças" (eucharistias), que é uma palavra favorita de Paulo para expressar gratidão a Deus. E a gratidão é tão importante que é mencionada duas vezes em três versículos: Deus criou essas coisas para serem recebidas "com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado" (1Tm 4.3-5).

Há duas qualificações importantes aí. A primeira vem da doutrina da redenção: os seguidores de Cristo devem ser as pessoas mais agradecidas de todas. Aí os cristãos são definidos aqui como "fiéis" e aqueles que "conhecem plenamente a verdade" (1Tm 4.3). Ser fiel é crer que Jesus Cristo é o Filho de Deus e Salvador do mundo. É confiar na sua morte na cruz e na sua ressurreição de entre os mortos para ser salvo. A verdadeira gratidão é uma resposta à graça salvadora. Ela começa com gratidão pelo dom da vida eterna por meio de Jesus Cristo. A outra qualificação vem da doutrina da criação. Paulo não diz que tudo é bom; ele diz que "tudo que Deus criou é bom" (1Tm 4.4). O que Deus fez é bom, mas sempre há o perigo de corrompermos o que Deus fez. Os cristãos devem desfrutar a vida ao máximo, mas isso não significa que "vale tudo". Embora o uso correto do alimento e do sexo tenha a bênção de Deus, a lascívia e a glutonaria caem sob a maldição de Deus.

Um modo de testar se as dádivas de Deus estão sendo usadas corretamente é fazer esta pergunta: “Posso agradecer a Deus pelo que estou fazendo neste exato momento sem me sentir envergonhado?” Um cristão sensível achará mpossível agradecer a Deus por excessos gritantes. Além do mais, a verdadeira gratidão sempre leva à generosidade. Os cristãos que guardam seu alimento para si mesmos – ou mantêm os benefícios da vida em família para si mesmos, de modo algum estão recebendo as dádivas de Deus com ações de graças.

Quando Paulo fala sobre ações de graças, ele pode estar se referindo à prática de agradecer antes das refeições. Uma maneira de receber alimento com ação de graças é fazer o que o Senhor Jesus fazia: orar agradecendo pelo alimento antes e/ou depois de comê-lo. No Evangelho de Marcos lemos que Jesus agradeceu pelos pães e peixes (Mc 6.41; 8.6), bem como pelo pão e vinho na Última Ceia (Mc 14.22-23). Essa também era a prática do apóstolo Paulo, que fala de sentar-se para fazer as refeições “com ações de graças” (1Co 10.30). A maneira de receber qualquer dádiva é com uma palavra de agradecimento. Adicionalmente, a Escritura descreve o ato de agradecer pelo alimento como uma consagração: “porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificado” (1Tm 4.5). Orar antes de uma refeição não torna o alimento mais santo do que ele já é, mas agradecer é um modo de reconhecer que o pão de cada dia é uma dádiva sagrada. De acordo com Calvino, “o único retorno que podemos oferecer a Deus pela sua generosidade é nosso testemunho de gratidão”.14

É difícil dizer o que exatamente Paulo quis dizer com “pela palavra de Deus” (1Tm 4.5). Vários comentaristas sugeriram que isso se refere à mensagem do evangelho (às vezes Paulo equipara o evangelho à “palavra de Deus”) ou à Ceia do Senhor ou até mesmo ao primeiro capítulo de Gênesis, em que Deus repetiu várias vezes que tudo o que ele havia criado era muito bom (uma interpretação que se encaixa bem na ênfase de Paulo na criação nesses versículos). Outros ressaltam que os judeus costumavam usar a Escritura ao agradecer pelo alimento. Essa é uma boa sugestão. O café da manhã, o almoço e o jantar devem ser consagrados a Deus. Toda refeição é um diálogo com o céu. Como diz Fairbairn, a Bíblia é “a palavra de Deus para o homem autorizando-o a usar as dádivas da criação”, enquanto agradecer “é a palavra do homem a Deus, reconhecendo a dádiva e pedindo que ele a abençoe”.15 Famílias e cristãos solteiros devem dedicar suas refeições a Deus por meio de oração e pela leitura bíblica. Momentos devocionais à mesa têm sido uma prática-padrão do povo de Deus ao longo da História. O fato de terem caído em desuso em alguns círculos cristãos os tornam ainda mais necessários.

No entanto, dar graças não é apenas para as refeições. A gratidão é um estilo de vida. Os cristãos devem agradecer a Deus por todas as coisas boas. G. K. Chesterton escreveu algo muito útil a esse respeito numa de suas anotações pessoais. Chesterton foi um ensaísta e biógrafo inglês. Era católico, mas não do tipo ascético, como se pode dizer pelo que ele escreveu:

Tu agradeces antes das refeições.

E bem o fazes.

Eu, porém, agradeço antes do teatro e da ópera,

E agradeço antes do concerto e da pantomima,

E agradeço antes de abrir um livro,

E agradeço antes de desenhar, pintar,

nadar, esgrimir, boxear, caminhar, tocar, dançar;

E agradeço antes de mergulhar a pena no tinteiro.16

O que Chesterton quis dizer é que Deus deve ser louvado por tudo o que ele criou. Estou em boa posição para apreciar isso porque estou escrevendo estas palavras numa bela manhã de primavera. Andando hoje cedo pelas ruas da Filadélfia vi um estorninho numa árvore. Os estorninhos não são os pássaros mais atraentes. Eles não têm as cores brilhantes dos pássaros que cantam e têm dificuldade para articular qualquer som. No entanto, aquele estorninho que vi parecia quase melodioso. Sem dúvida ele estava inspirado pelos brotos tenros da árvore e pelo brilho do sol no céu. Ao parar para observá-lo e ouvi-lo, juntei-me a ele em louvor e gratidão ao Deus que havia criado nós dois. Tudo o que Deus fez é bom e deve ser recebido com ações de graças. Até mesmo estorninhos.

Uma teologia da gratidão

A última coisa a ser dita sobre as origens da teologia incorreta é que a gratidão é essencial para a sã teologia. Agradecer é tão importante para a vida cristã diária que quem quer que rejeite as boas dádivas de Deus corre o risco de abandonar a fé.

Um bom exemplo do modo que a sã teologia depende de um coração agradecido vem dos primeiros dias da Reforma suíça. Pouco depois da Páscoa de 1522, vários operários de oficinas gráficas escandalizaram a cidade de Zurique ao consumir carne durante o tradicional jejum católico da Quaresma. Eles decidiram fazer isso por duas razões. Uma era prática. Eles despendiam tal grande esforço físico no trabalho que sentiam necessidade de comer carne para manter a força física. Todavia, a outra razão é teológica. Eles queriam comer carne para tornar pública a declaração de que haviam se comprometido com as doutrinas da Reforma.

Para entender isso, é útil saber que o jejum da Quaresma em Zurique havia se tornado uma espécie de obra meritória, um meio para obter o favor de Deus por meio da abstinência. Mas aqueles operários sabiam de onde a má teologia vinha – e para onde ela levava. Eles criam que eram salvos pela graça, não pelas obras. Também entendiam que “tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1Tm 4.4). Portanto, eles comeram carne para a glória de Deus, que é exatamente o modo como todo cristão deve fazer tudo.

Notas

* Durante a última década, o veganismo se tornou uma forte tendência de comportamento na sociedade. É certo que muitos, incluindo cristãos, aderem à dieta vegana como uma opção de alimentação saudável. Porém, é inegável que o comportamento de muitos veganos se assemelha a um ascetismo com pressupostos religiosos, tal como o dos falsos mestres de Éfeso. Nesse sentido, deve ser combatido como contrário à fé cristã. (N. do E.)

1 W. Bauder. In Colin Brown (org.). The New International dictionary of New Testament theology, 3 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1975-1978), 1:608.

2 John Wesley. Explanatory notes upon the New Testament (Londres: Epworth, 1954), p. 57.

3 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 188.

4 Charles Baudelaire. Citado in Donald Grey Barnhouse. The invisible war (Grand Rapids: Zondervan, 1965), p. 156.

5 Martinho Lutero. What Luther says, org. Ewald Plass (St. Louis: Concordia, 1959), p. 395-96.

6 William Shakespeare. Hamlet, Prince of Denmark, Ato 2, Cena 2, versos 648-

50.

7 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 111.

8 Idem, p. 112.

9 Idem, p. 112-13.

10 Irineu. Against heresies. I.28.1, org. Alexander Roberts e James Donaldson. Ante-Nicene Fathers, 10 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 1:353.

11 In Gene Edward Veith. “Being bad to do good”, World (24/jan./1998), p. 22.

12 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 238.

13 In Leland Ryken. Worldly saints: The puritans as they really were (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 49.

14 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 240.

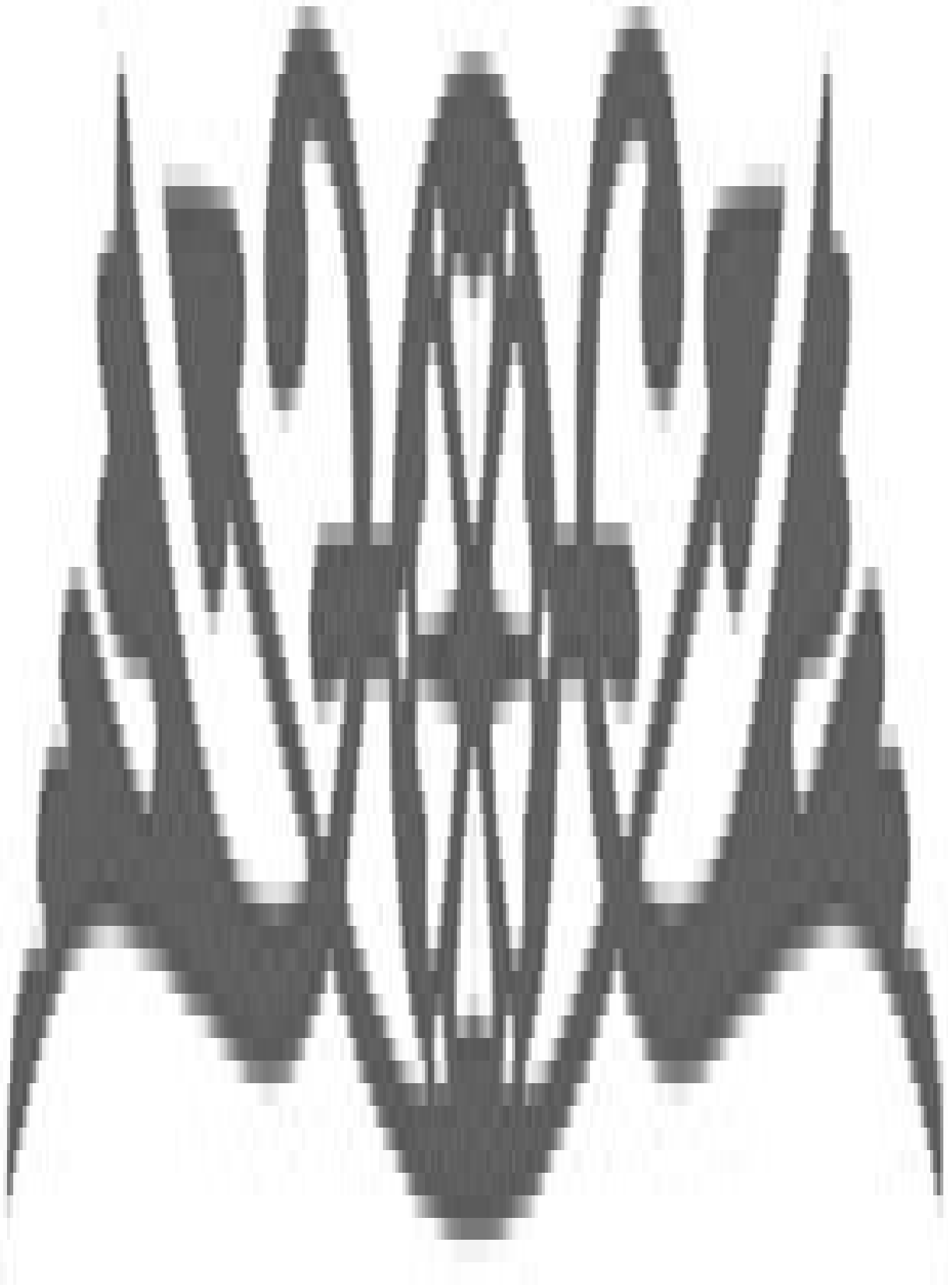
15 Patrick Fairbairn. Commentary on the Pastoral Epistles (Edimburgo, 1874; repr. Grand Rapids: Zondervan, 1956), p. 176.

16 G. K. Chesterton. Citado in Dudley Barker. G. K. Chesterton: A biography (Nova York: Stein and Day, 1973), p. 65.

12

Pastor em treinamento

1Timóteo 4.6-10



Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. (1Tm 4.6)

O funeral de Charles Hodge foi um grande acontecimento. O professor de teologia sistemática no Princeton Seminary não era apenas um erudito sábio e defensor da ortodoxia da reforma, mas também um amado professor e amigo. No dia do seu funeral, todas as lojas de Princeton estavam fechadas. Depois da cerimônia fúnebre, realizada na Primeira Igreja Presbiteriana, uma grande procissão se formou na entrada do seminário e partiu lentamente para o cemitério. Dentre as homenagens prestadas a Hodge naquele dia solene, talvez a mais apropriada tenha sido a do professor William Paxton: "Sem desmerecer seu intelecto e erudição, o que mais se destacava nele era sua bondade. Cristo entronizado no seu coração era o cerne da sua teologia e vida. O mundo irá escrever na sua lápide NOTÁVEL; mas nós, seus alunos, escreveremos BOM".1

Não há elogio maior para um ministro do evangelho. O epitáfio que Paxton deu a Hodge é essencialmente o mesmo que Timóteo iria merecer quando chegasse ao fim do seu ministério. O apóstolo Paulo não encorajou o Reverendo Timóteo a aspirar por grandeza; ele simplesmente queria que Timóteo se tornasse um "bom ministro de Cristo Jesus" (1Tm 4.6).

A boa doutrina

O que torna um ministro bom? Paulo diz a Timóteo três coisas que são necessárias para tornar-se um bom pastor: boa doutrina (1Tm 4.6), exercitar-se na piedade (1Tm 4.7-9) e uma missão global (1Tm 4.10). No entanto, boa doutrina, piedade e missão global não são exclusivamente para pastores. A Bíblia alude a isso quando se refere a Timóteo não como um ministro ou pastor, mas como um bom "servo" ou "diácono" (diakonos) de Cristo. Um diácono é simplesmente um servo, e "servo" é uma palavra que deve descrever todo ministro. Evidentemente, porém, a posição de servo não é apenas para os pastores ou ministros. Todo cristão que coloca esses versículos em prática é bom servo de Jesus Cristo (cf. Mt 25.21).

Primeiro, vem a boa doutrina: “Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido” (1Tm 4.6). A palavra “irmãos” é um lembrete de que a igreja é a família de Deus – a “casa de Deus” (1Tm 3.15). As palavras “estas coisas” referem-se de modo geral a todo o conteúdo de 1Timóteo, e mais especificamente aos versículos introdutórios do capítulo 4, em que o Espírito Santo explica a origem da má teologia. Demônios enganadores e líderes mentirosos levarão algumas pessoas a abandonar a fé cristã (1Tm 4.1-2). Contra o ascetismo dos falsos mestres que proíbem o casamento e o consumo de carne, a Escritura ensina uma atitude de gratidão e de receptividade em relação a tudo o que Deus criou. Essas são as coisas que Timóteo deve ensinar. Essas são as coisas que ele deve expor “aos irmãos”, as verdades que ele deve ressaltar. Um minstro ou um pastor é como um comerciante que expõe suas mercadorias na praça do mercado. Ele expõe a verdade bíblica. E se os versículos introdutórios desse capítulo são uma indicação disso, mostrando que expor a verdade também inclui expor o erro.

Portanto, um bom ministro é um defensor da fé. Entretanto, opor-se a falsas doutrinas pode ser um trabalho ingrato. A maioria dos cristãos está disposta a ouvir a verdade, mas nem todos estão dispostos a aprender a respeito da falsidade. Se um ministro ou um pastor diz: “Jesus é o caminho para a salvação”, todos dizem “amém”. Mas suponha que esse mesmo pastor diga: “Jesus é o único caminho para a salvação”, e em seguida passa a negar o poder de salvar de outras religiões. Isso pode levar a controvérsias. Outro exemplo: suponha que um pastor declare que a salvação vem pela graça e em seguida fale de religiões que propõem salvação por meio de obras. “Bem, isso é um tanto intolerante”, dirão alguns. “Eu gostaria que ele não fosse tão negativo.” A defesa da sã doutrina nunca será aplaudida por todos. Porém, ela terá a aprovação divina, porque a Palavra de Deus afirma que um ministro que coloca essas coisas diante dos irmãos é um bom ministro.

Um bom ministro busca agradar a Deus em vez de agradar aos homens, e Paulo tinha todas as razões para esperar que Timóteo se tornasse um bom ministro. Primeiro porque Timóteo havia sido treinado na teologia correta. Para colocar a palavra grega de modo mais exato, Timóteo havia sido “alimentado” (entrephomai) com as verdades da fé (1Tm 4.6). Como o termo refere-se ao cuidado e à nutrição da criança, isso em parte diz respeito à educação que Timóteo recebeu na infância. Sua avó Lóide e sua mãe Eunice o haviam criado na fé (ver 2Tm 1.5). Ele havia sido instruído na lei de Deus. Havia memorizado

trechos do Antigo Testamento. Havia sido instruído a respeito dos atributos de Deus, da história da salvação e das promessas da vinda do Messias. Em outras palavras, ele nasceu e foi criado para ser um bom ministro.

Tudo isso mostra a necessidade de um bom ensino no lar. Uma boa criação na infância equivale a muitos anos de seminário. Ela prepara os filhos para se tornarem bons servos em qualquer situação da vida. Ela fará com que eles sejam bons vizinhos, cidadãos, artistas, profissionais, trabalhadores, professores, pais, missionários e ministros.

A criação de Timóteo também incluiu o treinamento teológico que recebeu do apóstolo Paulo. A expressão "palavras da fé" refere-se aos fundamentos do evangelho, embora também possa se referir às palavras do próprio Jesus. A "boa doutrina" é a doutrina apostólica sobre Jesus Cristo (cf. 1Tm 6.3). Timóteo foi treinado nessas palavras e doutrinas durante seu estágio com o apóstolo Paulo (At 16.1-4).

No entanto, uma boa criação é apenas o começo. Ser treinado na fé não é apenas para a infância; é para toda a vida. Uma vez que o verbo grego para treinamento está no tempo presente, a implicação é que Timóteo continua a ser treinado nas verdades bíblicas. Ele é um estudante das doutrinas cristãs por toda a sua vida. Ele ainda segue o bom ensino que havia recebido em casa e na igreja.

Os melhores professores da Bíblia nunca perdem a paixão por estudar a Bíblia. Vi isso pessoalmente quando passei vários meses com William Still, um pastor presbiteriano que pregou mais de cinquenta anos na mesma igreja em Aberdeen, e cujo ministério levou ao reavivamento da fé evangélica da Igreja da Escócia. Still, já na casa dos 80 anos de idade quando o conheci, ainda pregava duas vezes todo domingo. E toda manhã eu me sentava no seu escritório e lhe perguntava coisas relacionadas à piedade, ao ministério e à teologia. Muitas vezes surgiam questões que mereciam investigações adicionais. Em tais casos, tomávamos nossas Bíblias ou então ele ia correndo a outra sala para apanhar um livro na estante. Em meio à emoção de encontrar a resposta, Still exclamava: "Estamos sempre aprendendo, não é Philip? Sim, sempre aprendendo!" Todo bom servo de Cristo se alimenta continuamente da Palavra de Deus.

Exercitando-se na piedade

Para se tornar um bom ministro é necessário mais do que um diploma de teologia. De fato, Paulo advertiu Timóteo a não se tornar o tipo errado de teólogo: “rejeita as fábulas profanas e de velhas caducas” (1Tm 4.7). Paulo havia advertido quanto a isso no início da carta ao mencionar pessoas que se ocupavam de “fábulas e genealogias sem fim” (1Tm 1.4). É possível que “fábulas profanas” seja uma referência aos deuses e deusas da mitologia pagã. Lembre-se de que Timóteo pregava em Éfeso, cidade cuja rainha era a deusa Diana. Não obstante, é possível que a expressão também se refira à mitologia judaica sobre a vida dos santos do Antigo Testamento.

“Fábulas profanas e de velhas caducas” são crenças supersticiosas – qualquer tipo de sabedoria popular que beira à superstição: cristais energéticos, horóscopo de jornal, as bandeiras de oração dos hindus e coisas do gênero. Deus não está em nenhuma dessas coisas. São apenas objetos. Portanto, Timóteo deve se afastar de tudo isso. O princípio aqui é que os bons cristãos, e especialmente os bons ministros, não especulam a respeito de questões não ensinadas na Escritura. Eles recusam-se a dar atenção às trivialidades do momento. Não permitem que controvérsias políticas, esportivas, culturais ou até mesmo religiosas os desviem do sólido fundamento da verdade bíblica.

Em vez de gastar tempo com vãs especulações, os cristãos devem se exercitar na piedade. O treinamento na piedade bem como uma boa teologia são necessários para tornar um ministro bom. Assim, a Escritura diz: “Exercita-te, pessoalmente, na piedade” (1Tm 4.7). De todas as coisas que Paulo queria dizer a Timóteo, essa deve ter sido a mais importante. A palavra “piedade” (eusebeia) ocorre quinze vezes no Novo Testamento, mas nove delas estão nessa carta. Se alguém perguntasse a Timóteo sobre o que era a carta de Paulo, ele poderia muito bem ter dito: “Bem. Suponho que principalmente a respeito da vida na casa de Deus, mas o que mais me inpressionou foi minha necessidade pessoal de piedade”. Por toda a sua preocupação com a doutrina do ministro, essa carta tem uma preocupação profunda pela vida do ministro.

A palavra “piedade” significa reverência. Ela indica o respeito que todo cristão deve a Deus – o que um estudioso descreve como “aquela mistura de temor e amor que juntos constituem a piedade do homem com relação a Deus”.2 Esse tipo de piedade vem da percepção de que toda a vida é vivida diante da face de Deus. Assim, Calvino chama a piedade de “o início, o meio e o fim da vida cristã”.3 A pessoa piedosa coloca Deus no centro de todas as suas atividades e empreendimentos. Deus está no seu sono e quando ela está acordada, quando

está comendo e bebendo, indo e vindo. A pessoa piedosa anda com Deus em casa, no trabalho, na igreja, na escola, no lazer. A piedade significa ter pensamentos, conversas e comportamentos piedosos. É uma atitude em relação à vida que Davi expressou quando disse: “O Senhor, tenho-o sempre à minha presença” (Sl 16.8). A piedade vem de uma vida centrada em Deus.

Acima de tudo, Deus quer que seu povo e seus ministros sejam piedosos. É por isso que Paulo não dá a Timóteo sete passos para aumentar o número de pessoas nos cultos, ou sugestões sobre como tornar-se um administrador melhor. Em vez disso, ele deu a ele a instrução mais prática de todas: um bom ministro é um ministro piedoso. Um grupo de cristãos que entendeu muito bem essa questão foram os puritanos, que comumente definem o ministro ideal como “piedoso e instruído”. No entanto, esses homens também reconheceram que, nas palavras de Richard Bernard, “pessoas comuns respeitam mais a vida do pregador que sua erudição”.4 E com razão. Entre um pregador talentoso e outro piedoso, qual você desejaria ver no púlpito de sua igreja?

Uma boa ilustração da importância da piedade vem do ministério de Lorne Sanny, ex-presidente dos Navigators. Certa manhã de domingo, uma mulher da sua igreja deparou-se com um pneu murcho. Assim que percebeu a dificuldade, Sanny tirou o paletó e a gravata e trocou o pneu. Mais tarde, soube que a mulher guardou na memória aquela pequena gentileza muito depois de os sermões que pregou naquela igreja terem caído no esquecimento. Embora nem sempre as atitudes falem mais alto que as palavras, sem dúvida não passam despercebidas. A vida de Sanny confirmou a verdade da sua doutrina.

A piedade não acontece automaticamente. Requer árduo treinamento e disciplina. Nesse sentido, cuidar da alma é muito parecido com cuidar do corpo. Paulo fez essa associação ao comunicar a Timóteo que “o exercício físico para pouco é proveitoso” (1Tm 4.8). Essa e outras declarações do apóstolo evidenciam que ele gostava muito de esportes. As cartas de Paulo contêm referências à luta livre, ao boxe, às corridas e vários outros tipos de competição. A julgar pelos termos gregos que ele emprega com frequência, Paulo havia frequentado o gymnasium.

Portanto, ele sabia que os grandes atletas são também feitos, não simplesmente nascem. A maioria dos competidores olímpicos tem habilidades naturais extraordinárias, mas eles também assumem um compromisso de uma vida inteira para aprimorar sua técnica, velocidade e força. Competir em âmbito mundial

requer muitos anos de treinamento árduo. A esquiadora americana Picabo Street, por exemplo, teve de reaprender a esquiar do zero depois de uma lesão no joelho. Foi necessário um ano de intensa terapia, alongamentos, corridas e esqui para que conseguisse obter a medalha de ouro em esqui nos Jogos Olímpicos de Inverno. Ou considere um tipo diferente de treinamento físico. Um dos meus amigos é aspirante a cantor de ópera. Enquanto escrevo este livro, ele se esforça para corrigir um erro na maneira em que seu corpo produz o som. É algo que tem a ver com obter melhor controle da abertura da garganta, e isso irá requerer talvez um ano de trabalho vocal esmerado para progredir para o nível seguinte de habilidade. Nesse estágio suas aulas de canto avançam vagarosamente, uma nota de cada vez.

Se o corpo tem necessidade de treinamento árduo, por que seria diferente para a alma? Devemos fazer nossos exercícios espirituais. Devemos nos treinar para sermos piedosos. Ninguém mais pode fazer isso por nós, de modo que devemos nos tornar viciados em boa forma, espiritualmente falando.

Em se tratando de condicionamento físico, é geralmente útil contar com a ajuda de um treinador. Nestes dias, as pessoas que querem ter bom condicionamento físico podem contratar um personal trainer. O trabalho do treinador é estabelecer um programa de exercícios para fazer o cliente entrar em forma. Há um sentido em que todo cristão tem um personal trainer: o Espírito Santo falando na Escritura. O Espírito de Deus usa a Palavra de Deus para produzir vida de Deus na alma. O que nos torna piedosos é ler a Bíblia, ouvi-la, estudá-la e meditar nela. Como ressaltou John Stott: “Não conseguimos nos familiarizar com esse livro piedoso sem nos tornarmos piedosos”.5

Um homem descobriu a verdade dessa afirmação pouco depois de se tornar cristão. Por recomendação de um amigo, começou a ler diariamente a carta de 1Pedro. Embora não compreendesse quase nada, simplesmente se dispôs a ler, sem tentar estudá-la. No entanto, por volta do final da primeira semana de leitura, alguns dos seus amigos já notavam uma mudança significativa na vida dele e pediram a ele que a explicasse. Com o tempo, o homem percebeu que havia uma relação entre o que ele estava lendo e como ele estava vivendo. Era a Palavra de Deus treinando-o para ser piedoso.

A própria Palavra de Deus sugere muitos tipos de exercício espiritual, começando com a oração. Oração é aquela conversa centrada em Deus que estimula uma vida centrada em Deus. Depois da oração vem o jejum, que talvez

seja a disciplina espiritual mais negligenciada. Em nossos dias, o jejum padece do mesmo destino das bolas medicinais utilizadas para o treinamento de atletas nas academias da YMCA: ninguém mais as usa. No entanto, jejuar era uma atividade comum na vida espiritual de Jesus e seus discípulos (cf. Mt 6.16-18). Jejuar fortalece a oração e desperta o cristão para sua total dependência de Deus para a vida e força. Participar da Ceia do Senhor é outro exercício espiritual excelente. O pão e o vinho da ceia são alimentos para a vida cristã. Em seguida vem o dízimo e as ofertas, que são exercícios de generosidade, e também as obras de misericórdia: alimentar os famintos, vestir os nus, dar as boas-vindas aos estrangeiros, visitar os encarcerados e ajudar os idosos.

Todas essas obrigações espirituais ajudam o cristão a ser piedoso, e todas elas devem ser feitas. Todo atleta sabe da importância de um treinamento equilibrado. Um tipo de exercício é bom para o bíceps, mas pouco contribui para os tendões das pernas. Ora, ninguém vai à academia somente para pular corda por uma hora. Um bom treinamento é um treinamento completo. Do mesmo modo, cada pessoa de Deus deve ser um especialista em treinamento cruzado – alimentado pela Palavra, vital na oração, generoso no dar e ativo em misericórdia.

O resultado de todo esse treinamento piedoso será uma vida piedosa. Atos de devoção cristã, por si, não asseguram piedade, que é uma questão do coração. Mas a leitura bíblica, a oração, os sacramentos e a caridade são exercícios que Deus designou para nosso treinamento espiritual. Pela fé e pelo Espírito Santo, esses exercícios produzem fruto espiritual.

O valor da piedade

Apesar das semelhanças, há uma grande diferença entre treinar o corpo e treinar a alma: “Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser. Fiel é esta palavra e digna de inteira aceitação” (1Tm 4.8-9).

O exercício físico tem o seu lugar. É bom ter um corpo saudável, de modo que é correto que os cristãos pratiquem esportes ou treinem numa academia. O exercício físico tem valor. Porém, observe que ele “para pouco é proveitoso”. Esse tipo de exercício tem seus limites. Aqui Paulo pode estar fazendo um pequeno aparte para os falsos mestres. Lembre-se de que eles eram aqueles que

colocavam muita ênfase no que as pessoas faziam com o corpo (1Tm 4.3). E quase certamente o apóstolo estava fazendo uma crítica à fascinação dos efésios pelos esportes. Os efésios gastavam muito tempo e dinheiro no treinamento de jovens atletas que se apresentavam nas festas pagãs.6 Embora a vida esportiva tenha o seu valor, seus benefícios são estritamente temporários. O exercício físico tem valor apenas para esta vida, não para a vindoura. William Shakespeare fez esse mesmo comentário, mas de modo mais poético, no seu Soneto 146, conquanto em tom mais poético: "Por que tão grande custo por tão curta estada / Tu dispendes em mansão efêmera?" Essa é uma pergunta pertinente. A estada do ser humano nesta vida tem data para acabar. Ainda que alguém seja capaz de continuar jogando tênis até 80 anos de idade, ele não poderá levar a raquete com ele para o céu. Todos os benefícios do exercício físico desaparecem com a morte.

Em contrapartida, a piedade "para tudo é proveitosa" (1Tm 4.8). A respeito disso, J. N. D. Kelly oferece uma paráfrase útil: "o exercício físico é benéfico até certo ponto, porém a religião bem fundada é benéfica do início ao fim".7 A propósito, a maioria dos comentaristas concorda em que a frase "Fiel é esta palavra" (1Tm 4.9) está se referindo ao versículo 8 e não ao versículo 10.8 Ambas as interpretações são possíveis, mas o versículo 8 soa mais com um ditado popular. Talvez isso tenha vindo dos filósofos gregos que se preocupavam com a diminuição da atividade acadêmica em razão da grande atenção aos esportes. Nesse caso, Paulo estava dando a esse antigo provérbio o selo de aprovação apostólica. Retornando ao argumento bíblico, a piedade é proveitosa em todo tipo de situação. Como a versão da Bíblia NRSV coloca isso, "a piedade é valiosa de todas as maneiras". Ela é valiosa em casa, na igreja e no trabalho. É valiosa tanto em tempos de dificuldade quanto em tempos de prosperidade. Ela ajuda uma pessoa a lidar com os inimigos bem como com os amigos. A piedade nunca é supérflua. Ela orienta o cristão em qualquer situação.

Por mais útil que a piedade seja para a vida terrena, ela contém ainda mais promessas para o futuro. Os cristãos têm o melhor dos dois mundos: "a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1Tm 4.8). Quando se trata do caráter cristão, você realmente pode levar isso consigo. A piedade é a única coisa que podemos levar desta vida para a próxima, porque ela permanece para sempre. Isso torna o exercício espiritual muito mais valioso que o exercício físico. Na sua carta aos coríntios, Paulo usou uma analogia semelhante: "Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível" (1Co 9.25). Nem todos que treinam para a Olimpíada conseguem medalhas (ou coroa de louros,

que os campeões recebiam na época de Paulo), mas todos os que treinam para se tornarem piedosos receberão uma eterna coroa de glória.

Para colocar isso em termos doutrinários, há uma conexão entre santificação nesta vida e glorificação na vida do porvir. Santificação é a obra do Espírito Santo nesta vida com o propósito de tornar o cristão piedoso. Glorificação é a obra do Espírito Santo na vida futura com o propósito de tornar o cristão piedoso glorioso. Essas duas obras do Espírito Santo – santificação e glorificação – não podem ser separadas (cf. Rm 8.30). A piedade começa nesta vida e será aperfeiçoada no porvir. A santificação é a raiz da glorificação; a glorificação é o fruto da santificação. É por isso que a piedade tem "a promessa da vida que agora é e da que há de ser" (1Tm 4.8).

A tarefa global

A menção da vida eterna leva Paulo a relembrar a Timóteo a razão do seu chamado para o ministério: "Ora, é para esse fim que labutamos e nos esforçamos sobremodo, porquanto temos posto a nossa esperança no Deus vivo, Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis" (1Tm 4.10). Ainda resta uma última coisa necessária para se tornar um bom servo de Cristo: compromisso com a tarefa global de evangelismo mundial.

Esse versículo explica a essência do ministério cristão. Ele é honesto a respeito da dificuldade do ministério. A obra do evangelho é uma luta. Ela é repleta de dificuldades e contendas. De algum modo não parece surpreendente que na nossa língua, a palavra "agonia" tenha vindo de uma palavra grega que significa "esforço físico, luta" (agonizomai) – um termo que dá prosseguimento à ideia de treinamento árduo e aludindo aos sofrimentos do ministério. No entanto, todo esse trabalho é digno do esforço. "Não há ganho sem esforço, sacrifício"* era um dos princípios de Paulo para um ministério eficaz. A agonia é êxtase porque a igreja tem a mensagem da salvação em Jesus Cristo.

Paulo e Timóteo receberam essa mensagem salvífica quando colocaram sua esperança no Deus vivo (1Tm 4.10). Todos os cristãos têm essa mesma esperança. Sabemos que Jesus Cristo ressuscitou e está sentado à direita de Deus Pai. Sabemos que Deus nos salvará no dia do julgamento. Tendo essa segurança, fazemos todo o esforço possível para compartilhar essa mensagem com todos.

Labutamos e nos empenhamos para ver homens, mulheres e crinças receberem a vida eterna. Temos o dever de nos envolver na tarefa global de salvar almas perdidas. O evangelismo está no cerne de cada verdadeiro ministro cristão. A igreja não descansará até que a última pessoa deste planeta tenha ouvido a boa-nova da salvação do pecado e da libertação da morte em Jesus Cristo, "Salvador de todos os homens, especialmente dos fiéis" (1Tm 4.10).

Essa é a segunda vez que Paulo descreve Jesus como Salvador de todos os homens. A primeira ocorrência aparece no segundo capítulo: "Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos: testemunho que se deve prestar em tempos oportunos" (1Tm 2.5-6). Como vimos anteriormente, o contexto desses versículos deixa claro que a intenção de Paulo não era afirmar que Cristo morreu por absolutamente todos os seres humanos que já viveram, mas por todo tipo de pessoa. No entanto, caso haja algum entendimento incorreto, Paulo é cuidadoso em esclarecer o que ele quer dizer. Dizer que Jesus é o Salvador de todos os homens poderia levar ao entendimento de que todos os seres humanos serão salvos. Mas Paulo não era um universalista. Então, aqui, no capítulo 4, ele prossegue para dizer que Jesus é o Salvador especial daqueles que creem. Assim, a salvação dos pecados vem pela graça por meio da fé.

A palavra "especialmente" não significa que há dois tipos de salvação, uma geral e outra especial. Estudos recentes demonstram que a palavra "especialmente" (malista) significa "ser preciso" ou "em outras palavras".9 Nesse caso, o versículo deve ser interpretado da seguinte maneira: "Deus é o Salvador de todos os homens – ou seja, ele é o salvador de todos os que creem". O apóstolo "não está dizendo que Deus salva mais cristãos que outras pessoas; está simplesmente modificando sua afirmação geral de que Deus é o Salvador de todos os homens por meio do acréscimo da limitação de que você não será salvo a menos que creia".10 É por isso que, quando os cristãos compartilham o evangelho, insistimos na necessidade absoluta de confiar em Jesus Cristo para a vida eterna. Quem não crê em Jesus não está salvo; simples assim. Jesus Cristo é um Salvador apenas de quem crê verdadeiramente.

A fé em Cristo pode ser comparada ao passaporte do pecador para o céu. Todos os países exigem que estrangeiros apresentem um passaporte válido, como aprendi num verão quando viajei ao Haiti. O homem à minha frente na fila da alfândega de Porto Príncipe foi impedido de entrar no país porque o policial, ao correr os dedos sobre seus papéis, não detectou a textura em alto relevo que

comprovaria que seu documento era oficial.

Ou considere um exemplo mais assustador – uma cena do filme Os gritos do silêncio (1984) em que um repórter de Nova York tenta ajudar seu assistente laosiano a fugir da guerra no Camboja. Os estrangeiros se reúnem numa área próxima a Phnom Penh para aguardar ansiosamente a permissão para deixar o país sob a proteção da França. Por se tratar de um homem culto, seu assistente seguramente seria morto pelo Khmer Vermelho se ficasse lá. Sua única esperança era obter um passaporte falso. Com isso em mente, o repórter se lançou desesperadamente a reunir a documentação necessária, incluindo fotografias e assinaturas falsas. Infelizmente, quando chegou o momento em que os estrangeiros teriam seus documentos examinados, houve um temporal. Todos os estrangeiros se alinharam sob a chuva torrencial para mostrar seus papéis. Quando os soldados se aproximaram, o laosiano abaixou a cabeça para conferir seu passaporte. Ao abrir o documento, ele descobre, para seu horror, que em vez de ver seu próprio rosto, ele vê uma mancha preta. Sua fotografia havia se desintegrado na chuva, e ele é destinado aos campos de extermínio.

Se uma identificação correta é exigida, que passaporte você apresentará na fila da imigração para o céu? Lá todo passaporte será cuidadosamente verificado. É triste, mas solenemente verdadeiro: todo aquele que for pego com documentação falsa será enviado “para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41). O único passaporte aceitável para entrar no céu é a fé em Jesus Cristo. Ele é o salvador de todos os homens. Isso quer dizer que ele é o salvador daqueles que creem. No dia em que todas as criaturas se reunirem perante o trono de julgamento de Deus, sua única esperança é ter um passaporte verdadeiro: um que tenha sido entregue a você pelo Espírito Santo, que lhe deu o dom da fé, estampado com a cruz em que Cristo morreu pelos seus pecados, e que traz seu nome e fotografia porque você depositou sua esperança no Deus vivo.

Notas

1 In David B. Calhoun. Princeton seminary, 2 vols. (Carlisle, PA: Banner of Truth, 1996), 2:56.

2 R. C. Trench. Synonyms of the New Testament, 8ª. ed. rev. (Nova York, 1876), p. 167.

3 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 244.

4 Richard Bernard. That faithful shepherd, in William Haller. The rise of puritanism (Nova York: Columbia University Press, 1938), p. 138.

5 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 117.

6 George Knight, The Pastoral Epistles, New International Greek Testament Commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 201.

7 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 99-100.

8 Veja Knight. Pastoral Epistles, p. 198.

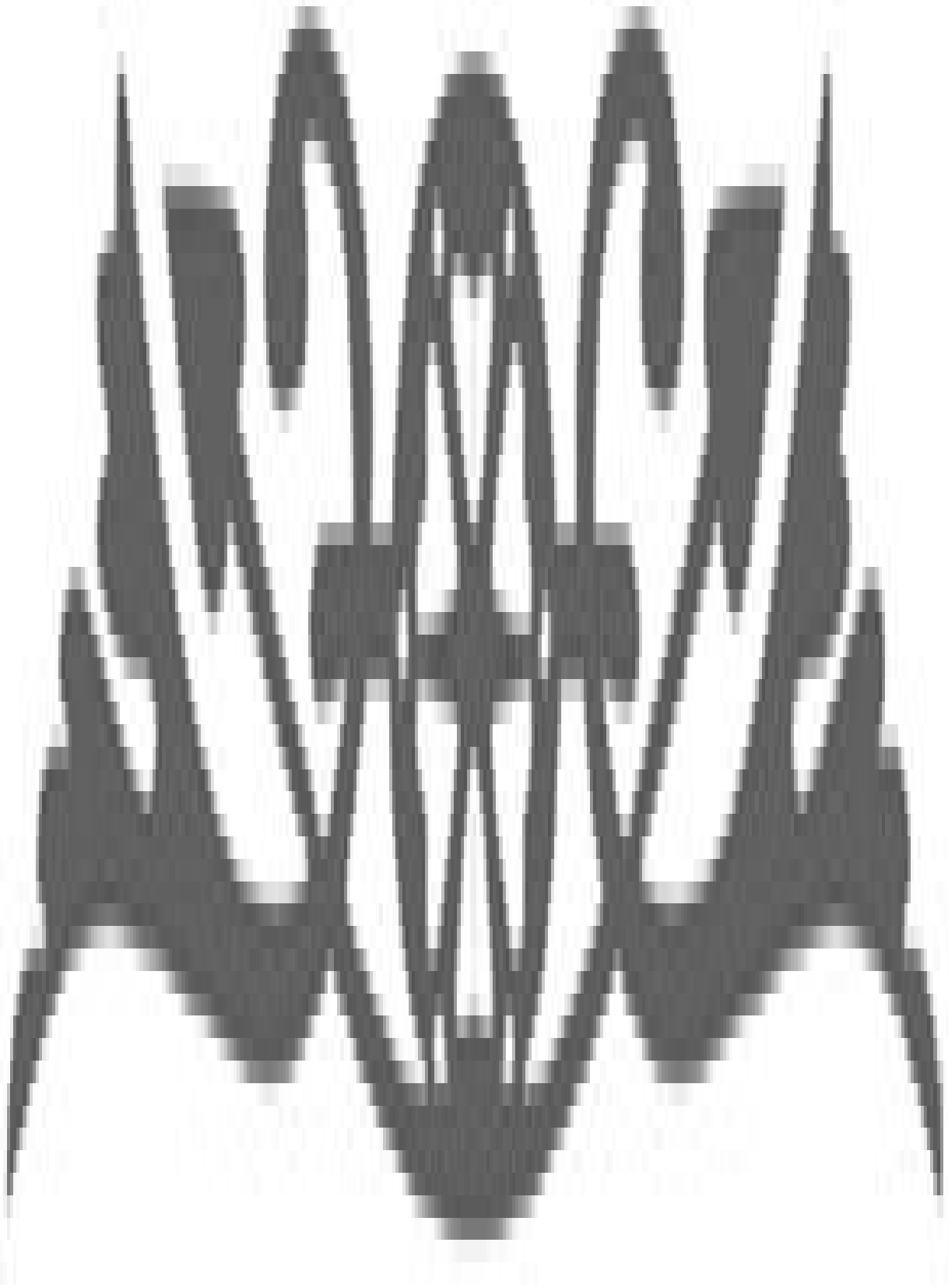
9 Veja T. C. Skeat. "'Especially the parchments': A note on 1 Tim. 4.13", Journal of theological studies, ns 30 (1979): 173-7.

10 A. T. Hanson. The Pastoral Epistles, New century Bible commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1982), p. 92.

13

Um retrato do ministro quando jovem

1Timóteo 4.11-16



Ordena e ensina estas coisas. Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza. [...] Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes. (1Tm 4.11-12,16)

Na sua famosa obra O peregrino, John Bunyan narra a jornada de Cristão até a cidade Celestial. Logo no início das suas viagens, Cristão chega à casa de Intérprete, que lhe mostra um quadro: “Cristão viu pendurado na parede o quadro de uma pessoa bastante séria. Era assim a sua aparência: os olhos estavam erguidos para os céus; nas mãos trazia o melhor dos livros; a lei da verdade lhe estava escrita nos lábios; o mundo estava às suas costas; pela postura parecia apelar aos homens, e da cabeça lhe pendia uma coroa de ouro”.

Cristão faz a pergunta óbvia: Quem é esse homem, e o que essa pintura significa? Intérprete explicou o enigma:

O homem de quem este é um retrato é singular. Pode gerar filhos, por eles ter dores de parto e amamentá-los quando nascem. E quando o vês com os olhos voltados para o céu, o melhor dos livros em sua mão e a lei da verdade escrita em seus lábios, é para te mostrar que a obra dele consiste em conhecer e explicar coisas obscuras para pecadores. E quando o vês em pé como que suplicando com outros, o mundo atrás dele e uma coroa sobre sua cabeça, é para te mostrar que por desprezar e fazer pouco das coisas presentes em razão do amor que tem pelo serviço a seu Mestre, lhe está garantida glória como recompensa no porvir.1

O retrato na casa de Intérprete era de um ministro do evangelho. Ele era um homem que ajudava os pecadores a se tornarem filhos de Deus, que se apegava firmemente à Palavra de Deus e voltava as costas a tudo o que o mundo tinha para oferecer. O apóstolo Paulo queria que Timóteo se tornasse esse tipo de ministro, com “o mundo às suas costas” e “nas mãos o melhor dos livros”. Nos versículos finais de 1Timóteo 4 ele pinta o retrato do ministro como um homem

jovem.

Uma vida exemplar

O esboço para o retrato de Paulo aparece no início do versículo 16: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina”. Timóteo deve prestar muita atenção tanto ao seu comportamento quanto à sua doutrina. Se ele errar em qualquer um dos dois irá errar no ministério. Como comentou Matthew Henry: “Aquele que ensina pela sua doutrina deve ensinar pela sua vida; caso contrário, ele irá destruir com uma das mãos o que edificou com a outra”.2

A conexão vital entre vida e doutrina é belamente expressa em “A janela”, um poema escrito pelo escritor inglês do século 17, George Herbert. Herbert – que era pastor numa área rural, compara o pregador a um vitral cujas cores brilham somente se a obra de Cristo estiver gravada em sua vida.

Senhor, como pode o homem pregar a tua palavra eterna?

Ele é um vidro frágil e delirante:

Mesmo assim, em teu templo concedes,

Esse lugar glorioso e transcendente,

Seja ele, por tua graça, uma janela.

Mas quando temperas em vidro tua história,

Fazendo tua vida brilhar no interior

Do santo Pregador; então a luz e a glória

Mais reverentes florescem e tu mais obténs:

O que de outro modo é aguado, frio, rarefeito.

Doutrina e vida, cores e luz contêm,

Quando se combinam e se misturam,

Grande respeito e temor: a palavra sozinha, porém,

Desaparece em grande efervescência,

Ressoando ao ouvido e não à consciência.3

Primeiro a vida, depois a doutrina – a ordem é importante. Timóteo não pode defender a fé cristã enquanto não estiver vivendo a vida cristã. Para citar o famoso puritano Richard Baxter: "Homens demais tornam-se ministros antes de aprenderem a como ser cristãos". Uma vez que Paulo queria que Timóteo fosse, em primeiro lugar, um cristão, ele começa instruindo seu jovem protegido a levar uma vida exemplar: "Ordena e ensina estas coisas. Ninguém despreze a tua mocidade; pelo contrário, torna-te padrão dos fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1Tm 4.11-12).

A palavra grega para "ordena" (parangelle) significa "mandar, exigir". É um lebrete de que um presbítero que ensina tem verdadeira autoridade espiritual. É sua responsabilidade ensinar – até mesmo exigir, em nome de Deus – que sua congregação creia na doutrina que ele recebeu dos apóstolos e obedecer a ela. Por que Paulo sentiu necessidade de lembrar Timóteo da autoridade que Deus lhe havia dado? Talvez porque Timóteo fosse tímido. "Porque Deus não nos tem dado espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação", escreveu o apóstolo na sua segunda carta (2Tm 1.7; cf. 1Co 16.10). Tímido ou não, Timóteo ainda era relativamente jovem. Paulo temia que a sua autoridade como ministro pudesse ser denegrida pela sua pouca idade. E então ele disse: "Ninguém despreze a tua mocidade" (1Tm 4.12).

Havia duas classes de adultos naquela época: jovens (neoi) e anciãos (gerontes). Em Éfeso, cada grupo tinha sua própria associação social, com seus próprios fundos monetários, oficiais, eventos e instalações para esportes.4 Timóteo

pertencia à classe dos jovens, que incluía homens até a idade de 40 anos. Considerando-se a data em que Timóteo se juntou a Paulo (49-50 d.C.; cf. At 16.1-3) e a data do envio da carta (62-64 d.C.), é possível que Timóteo se encontrasse na faixa dos 30 anos de idade, ou seja, era relativamente jovem para assumir a responsabilidade de pastorear uma igreja importante. Certamente não havia espaço para imaturidade e irresponsabilidade. Timóteo precisava demonstrar discernimentos muito além de sua idade.

Ao mesmo tempo, os cristãos de Éfeso precisavam respeitar o trabalho de Timóteo. A ordem para que ninguém o desprezasse foi dirigida tanto a Timóteo quanto à igreja. Paulo queria assegurar-se de que ninguém discriminasse Timóteo com base na idade dele. Apesar da inexperiência do jovem, a igreja deveria tratá-lo como um “Timóteo” e não como um “Timmy”.

O puritano Herbert Palmer enfrentou a mesma dificuldade quando foi pregar numa congregação francesa em Canterbury, na Inglaterra. Palmer tinha baixa estatura e havia acabado de se formar pela Universidade de Cambridge. Ao subir ao púlpito para sua primeira pregação, uma idosa francesa disse em alta voz: “Ai de nós! O que essa criança terá para nos dizer?”5 Consigo entender como Palmer deve ter se sentido. Um domingo, logo depois de eu ter chegado na Tenth Presbyterian Church, na idade de 28 anos, os presbíteros foran reunidos por C. Everett Koop para a oração matinal. Embora o doutor Koop tivesse se mudado da Filadélfia quando assumiu um posto como administrador de saúde pública no governo, era ainda um presbítero da igreja. Enquanto nos sentávamos para orar, Koop olhou para mim e comentou: “Os presbíteros desta igreja estão cada vez mais jovens!”

Como poderia um jovem ministro obter o respeito dos seus anciãos? Obviamente, não por exigência, ou por imposição, mas apenas pelo exemplo piedoso. O único modo de impedir as pessoas de nos tratarem com desprezo é fazer com que mudem de opinião, e a maneira de fazer isso é liderar pelo exemplo. Isso é o que fez Herbert Palmer na igreja francesa em Canterbury. De fato, depois de ouvir a oração reverente e a pregação fiel de Palmer, aquela senhora levantou as mãos em louvor a Deus pelo ministério dele. O mesmo precisava acontecer em Éfeso. Para o bem ou para o mal, toda congregação, em maior ou menor medida, é moldada à imagem do seu pastor. O próprio Paulo com frequência dizia às pessoas para seguirem seu exemplo. Para os coríntios, ele disse: “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (1Co 11.1), e quando se despediu dos anciãos de Éfeso, lembrou-os da maneira como ele havia

se comportado no seu ministério (At 20.18-21). De modo semelhante, Timóteo precisava ser o próprio modelo de cristão. “As pessoas não desprezariam sua juventude caso admirassem seu exemplo”,6 especialmente “na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (1Tm 4.12).

Comece com a maneira de falar do ministro. Ela deve ser temperada com graça. Ele deve falar com naturalidade e firmeza a respeito das coisas espirituais. Deve dizer a verdade, mas sem ser contencioso (cf. 1Tm 6.4-5). Não deve usar de humor para demolir as pessoas. Mesmo suas palavras de repreensão devem ser cobertas com afeição, como remédio misturado numa colherada de geleia.

Falar de maneira piedosa é um aspecto do procedimento piedoso, o que Paulo menciona em seguida. A palavra refere-se ao comportamento em geral do ministro, a maneira como ele vive. Procedimento e maneira de falar andam juntos. Richard Baxter adverte o ministro a prestar atenção à maneira como vive, “para não desdizer com sua vida o que diz com sua língua”.7 O que a vida de um ministro deve dizer é que ele é um homem de Deus o tempo todo: no lar, na igreja, no supermercado, na estrada, no lazer, na barbearia... em todo lugar.

O ministro também estabelece um exemplo de amor, a virtude de todas as virtudes. Deve observar os mandamentos mais importantes: amar a Deus com toda a sua força e amar ao próximo como a si mesmo (Mt 22.37-40). Deve ter grande compaixão pela condição espiritual do perdido. Deve manter um lugar especial no seu coração pelas pessoas que Deus colocou sob seu cuidado espiritual. Ele compartilha das alegrias e das tristezas delas. Deve cuidar mais daquelas pessoas que são mais difíceis de serem cuidadas.

Com amor afetuoso vai a fé ousada. O ministro exemplar é aquele que tem uma forte fé em Deus e total confiança no seu Mestre. Ele crê no poder de Deus para salvar pecadores. Ele busca sabedoria divina para as incertezas do futuro. Ele vive, estuda, ensina e prega pela fé. De fato, o ministro deve ser o cristão mais ousado na igreja.

Por último, porém não menos importante, deve estabelecer um exemplo pela sua pureza. O termo grego para pureza (hagneia) pode descrever uma conduta moral em geral, mas mais frequentemente os gregos o usam para referir-se ao comportamento sexual. Uma exortação à pureza sexual parece especialmente apropriada para um jovem como Timóteo (cf. 2Tm 2.22). Nestes tempos obcecados pelo sexo, a igreja deve insistir na necessidade de pureza sexual,

especialmente no ministério. Um estudo feito em 1988 pela revista Leadership revelou que 30 por cento do clero protestante havia mantido contato sexual com outra pessoa além do cônjuge.8 Infelizmente, na semana em que escrevi isto, recebi a triste notícia de três ministros, todos pertencentes a um mesmo presbitério, que cometeram adultério. O pecado sexual tem o inevitável resultado de destruir o ministério de um homem, prejudicando a reputação da igreja e desonrando o nome de Jesus Cristo.

O povo de Deus deve orar pela pureza dos seus ministros. Jovens que estão se preparando para o ministério pastoral não devem esperar até o casamento (ou entrar para o seminário ou receber a ordenação) para se tornarem sexualmente puros. Devem começar imediatamente a aplicar a fé e o arrependimento do evangelho a todas as áreas em que perceberem pecado sexual, e a praticar a disciplina da piedade em tudo o que veem, pensam, dizem e tocam. Homens que já estão no ministério também devem prestar atenção a todas as advertências de Provérbios a respeito do perigo mortal da lascívia:

não se desvie o teu coração para os caminhos dela,

e não andes perdido nas suas veredas;

porque a muitos feriu e derribou;

e são muitos os que por ela foram mortos.

A sua casa é caminho para a sepultura

e desce para as câmaras da morte. (Pv 7.25-27)

Para resumir, o pastor deve estabelecer um exemplo em todos os aspectos. Se ele fizer isso, então seu povo saberá como viver a vida cristã. Devemos nos lembrar das famosas palavras de Robert Murray M’Cheyne: “A maior necessidade da minha igreja é minha santidade pessoal”. Essas palavras são ainda mais apropriadas quando nos lembramos de que elas foram ditas por um ministro que morreu quando tinha apenas 30 anos de idade. M’Cheyne entendia, como Paulo queria que Timóteo entendesse, que mesmo como um homem jovem, ele

“deveria destacar-se em todas aquelas qualidades em que o jovem costuma ser deficiente – seriedade, prudência, consideração pelos outros, fidedignidade, controle sobre as próprias paixões”.9

Um homem que carece de qualquer uma dessas virtudes bíblicas não está preparado para o ministério pastoral. Imagine um ministro que seja fofoqueiro ou mentiroso. Imagine um ministro sem amor, com pouca ou nenhuma compaixão pelo fraco. Imagine um homem que confie apenas na sua própria força para ministrar, em vez de pastorear pela fé. Ou imagine um ministro que é moralmente ou sexualmente impuro. Com Calvino, podemos dizer que o bem fundado ensino bíblico “será de pouco valor se não houver uma correspondente retidão e santidade de vida”.10

A doutrina bíblica

Depois de ler a descrição desse retrato de um jovem ministro, Timóteo pode ter sido tentado a perguntar, com o salmista: “De que maneira poderá o jovem guardar puro o seu caminho?” O salmista diz para seu Deus, “observando-o segundo a tua palavra” (Sl 119.9). Paulo deu a Timóteo a mesma resposta: “Até à minha chegada, aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino” (1Tm 4.13). A implicação é que Paulo retomaria algumas dessas responsabilidades quando retornasse a Éfeso (cf. 1Tm 3.14). No entanto, até lá Timóteo deveria continuar ensinando a doutrina bíblica.

Ensinar a Bíblia começa com ler a Bíblia. Certamente isso se aplica ao estudo particular, mas a palavra grega usada aqui para “leitura” (anagnōsei) refere-se à leitura pública da Escritura. Isso tinha um lugar central do culto cristão primitivo. Era uma das práticas que os primeiros cristãos levaram da adoração judaica. Quando Jesus visitou a sinagoga de Nazaré, por exemplo, ele leu o rolo de Isaías antes de iniciar seu ensino (Lc 4.16-21). Por volta da época em que Paulo estava escrevendo a Timóteo, as leituras públicas incluíam não apenas os rolos de Moisés e dos Profetas, mas também as cartas dos apóstolos. Por exemplo, a primeira carta de Paulo aos tessalonicenses, por exemplo, encerra-se com a ordem para que ela “seja lida a todos os irmãos” (1Ts 5.27; cf. 2Co 3.14; Cl 4.16; Ap 1.3).

Na igreja primitiva, a leitura pública da Escritura era necessária porque os livros

e pergaminhos eram escassos. Para muitos cristãos, o culto público era a única oportunidade de ouvir a Palavra de Deus. Justino Mártir descreve o culto no século 2º da seguinte maneira: “No dia chamado domingo, moradores da cidade ou do campo se reuniam num lugar, e as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas eram lidos, tanto quanto o tempo permitisse; depois, quando o leitor encerrava a leitura, o presidente verbalmente instruía, e exortava as pessoas a imitarem essas coisas boas”.11

A história subsequente revela que a obra do evangelho progride onde quer que a Bíblia seja lida.12 É por isso que o desaparecimento da leitura da Escritura em alguns cultos evangélicos é tão alarmante. É bom que as igrejas leiam tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, e também façam uma leitura dos Evangelhos, ou talvez uma leitura dos Salmos. Porém, qualquer que seja o modo como isso é feito, a Palavra de Deus no Antigo e no Novo Testamento ainda deve ser lida em todas as igrejas.

A Escritura não deve apenas ser lida, mas também deve ser explicada, como era nos dias de Justino Mártir. Assim, Paulo ordena que Timóteo também se dedique à exortação e ao ensino da Palavra de Deus (1Tm 4.13; cf. 1Tm 6.2). O primeiro termo que o apóstolo usa, (paraklēsis) é a palavra para “exortar”. Ela significa encorajar ou persuadir, mas refere-se à explicação da Bíblia, conforme se depreende da visita de Paulo à Antioquia da Pisídia: “Mas eles [...] indo num sábado à sinagoga, assentaram-se. Depois da leitura da lei e dos profetas, os chefes da sinagoga mandaram dizer-lhes: Irmãos, se tendes alguma palavra de exortação para o povo, dizei-a” (At 13.14-15; cf. Rm 15.4). Paulo então passou a pregar a salvação em Jesus Cristo segundo as Escrituras do Antigo Testamento (At 13.16-41). O que a Bíblia quer dizer com a expressão “palavra de exortação” é um sermão (cf. também Hb 13.22).

O segundo termo que o apóstolo usa (didaskalia) é a palavra para ensinar ou instruir. Timóteo deveria catequizar o povo de Deus na doutrina cristã. Embora talvez incluísse aulas particulares, também se refere a explicar publicamente o ensino apostólico. Hughes Oliphant Old explica, com base em 1Timóteo 4.13, que: “a pregação cristã primitiva tinha um forte pendor didático. Era esperado que os pregadores tocassem o coração e a vontade, mas eles deveriam também ensinar. [...]. A leitura e a exposição da Escritura, as admoestações à congregação e o ensino quanto à maneira cristã de viver eram parte integral do ministério da palavra”.13

A exposição bíblica é essencial para a saúde da igreja. Paulo não diz a Timóteo para substituir o sermão por uma encenação teatral ou propor aos efésios cinco passos para uma vida mais feliz. Ele disse a Timóteo para ensinar as Escrituras. É por isso que a exposição tem sempre estado no cerne da adoração bíblica, pelo menos desde a época de Esdras (ver Ne 8.1-8). Timóteo, bem como todos os ministros cristãos em toda parte, deve seguir o mesmo padrão. Primeiro a Bíblia deve ser lida; e depois vem a explicação e a aplicação. A exposição sistemática da Escritura permanece a maneira mais eficaz para a conversão de pecadores e a confirmação dos santos. É o meio mais efetivo porque é o meio que foi escolhido por Deus. De fato, deve-se duvidar se um culto que não preserva um lugar central para a pregação e o ensino da Bíblia é de fato um culto cristão.

Ensinar a doutrina bíblica era a função para a qual Timóteo havia sido ordenado, e sua ordenação para o ministério do evangelho é mencionada explicitamente no versículo 14: “Não te faças negligente para com o dom que há em ti, o qual te foi concedido mediante profecia, com a imposição das mãos do presbitério”. Paulo menciona esse mesmo acontecimento em 2Timóteo 1.6, em que admoesta Timóteo a reavivar “o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos”. Nesse caso, Paulo está falando sobre a ordenação, que pode ser definida como “a admissão autoritativa de um indivíduo devidamente chamado para um ofício na Igreja de Deus, seguida de oração e imposição de mãos”.14 Embora não seja um sacramento, a imposição de mãos é “um sinal externo de um dom interior para o ministério”.15A prática remonta às bênçãos do Antigo Testamento. Josué, por exemplo, quando recebeu seu ofício de Moisés, “estava cheio do espírito de sabedoria, porquanto Moisés impôs sobre ele as mãos” (Dt 34.9). Mais tarde, o judaísmo “desenvolveu um rito em que o mestre passaria sua autoridade aos seus alunos no final dos estudos ao colocar suas mãos sobre a cabeça deles”.16 Portanto, era natural que os primeiros cristãos ordenassem missionários e pastores por meio da imposição de mãos, exatamente como Paulo e Barnabé foram separados pela igreja de Antioquia para o serviço missionário (At 13.3; cf. 6.6). De modo muito semelhante, Timóteo foi ordenado para o ministério do evangelho pelas mãos dos presbíteros de Éfeso, incluindo as do próprio Paulo (cf. 2Tm 1.6).

Uma característica especial da ordenação de Timóteo foi uma profecia. Esta deve ter sido uma palavra do Senhor à igreja para que o ordenasse (cf. At 13.2), ou talvez fosse uma profecia a respeito do que aconteceria por meio do ministério dele (cf. 1Tm 1.18). Em todo caso, Timóteo foi chamado para o ministério pelo Espírito Santo. Nunca nenhum homem convidou a si mesmo para tornar-se

pastor. Em vez disso, um verdadeiro ministro é chamado pelo Espírito Santo, que opera por meio dos desejos do coração do candidato e da sabedoria da igreja. Esse chamado espiritual é essencial para suportar as dificuldades do ministério. Numa das suas cartas pastorais, John Newton escreveu que "o homem, depois de movido pelo Espírito de Deus para esse trabalho, o preferirá, caso venha a ocupar o ofício, a montanhas de ouro e prata, de modo que, embora por vezes sinta-se intimidado por uma sensação da importância e da dificuldade do seu chamado, quando comparadas com sua própria e enorme insuficiência, ele não consegue desistir do ministério".17

Timóteo não foi apenas chamado pelo Espírito, mas também foi capacitado pelo Espírito. No momento em que os presbíteros impuseram as mãos sobre ele, Timóteo recebeu auxílio sobrenatural para o ministério do evangelho. Isso revela que o Espírito Santo está poderosamente presente na ordenação dos presbíteros que ensinam e que governam. A Bíblia não informa qual era o dom de Timóteo. É possível que ele tenha recebido um dom espiritual único para o ministério. Porém, é mais provável que esse "dom" se refira aos talentos comuns necessários para o ministério, especialmente às tarefas mencionadas no versículo anterior: ler, pregar e ensinar. Timóteo era um ministro dotado, capacitado pelo Espírito Santo.

Tendo em vista que o grego para dom é charisma, pode-se dizer que Paulo queria que Timóteo tivesse um ministério carismático, no sentido mais correto do termo. Um pastor não ministra por meio da força da sua capacidade natural, mas por meio do poder do Espírito Santo. Onde não há Espírito, não pode haver ministério eficaz. E uma vez que o dom para o ministério provém de Deus, ele não deve ser negligenciado. Timóteo não deveria agir como o insensato que enterrou seu talento e deu ao seu senhor um retorno pelo investimento dele sem juros ou correção monetária (Mt 25.14-30). Em vez disso, ele deve cumprir seus votos de ordenação empregando ativamente seus dons pastorais no serviço de Cristo.

A salvação da igreja

A perseverança de Timóteo no ministério é uma questão de vida e morte. Paulo encerra suas instruções dizendo: "Medita estas coisas e nelas sê diligente, para que o teu progresso a todos seja manifesto. Tem cuidado de ti mesmo e da

doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes" (1Tm 4.15-16). Timóteo deve perseverar com vista à salvação da igreja (para não mencionar a sua própria).

Primeiro Paulo diz ao jovem ministro para "meditar" (meleta) em sua vida e doutrina (1Tm 4.15). Talvez a melhor tradução dessa palavra seja "praticar", e nos faz lembrar dos comentários anteriores de Paulo a respeito de treinar para ser piedoso. Em se tratando do ministério, a prática leva à perfeição.

A seguir vem uma frase incomum: "e nelas sê diligente". Mais literalmente, Timóteo deve "estar nessas coisas". Para colocar isso de modo mais contemporâneo: um ministro vive para pregar. Pode-se quase imaginar Timóteo andando pelas ruas de Éfeso vestindo uma camiseta cristã estilosa exprimindo sua paixão pelo seu chamado: "Viver é pastorear... o restante são detalhes".

A ordem para entregar-se ao ministério é um consolo e ao mesmo tempo um desafio. O ministério pastoral é minha vida. Em casa é comum minha esposa me perguntar em quê estou pensando quando me vê mergulhado em pensamento. A menos que eu esteja assistindo a um jogo pela televisão, geralmente estou pensando num problema pastoral ou meditando sobre algum texto bíblico. Não que os ministros devam viver uma vida deformada ou desequilibrada. Se um pastor é casado, sua vida familiar tem prioridade, como Paulo já havia explicado (1Tm 3.4). O exercício físico também tem seu lugar (1Tm 4.8). No entanto, o ministério pastoral é um compromisso para a vida toda como um todo.

Se Timóteo assumir esse compromisso, então ele fará o tipo de "progresso" que todos poderão observar (1Tm 4.15). Essa instrução pode ter sido outro ataque aos falsos mestres, que parecem ter usado a ideia de progresso como um dos seus lemas (cf. 2Tm 3.9). Todavia, a menção do progresso também intencionava evitar que Timóteo se sentisse desencorajado. Caso ele fosse como outros ministros jovens, poderia haver ocasiões em que se questionasse quanto a se seria capaz de se tornar o tipo de ministro que Deus queria que ele fosse. Deve ter havido ocasiões em que ele sentiu-se desapontado com sua pregação ou desanimado quanto ao seu evangelismo. Afinal de contas, o homem que estabeleceu o padrão para o ministério pastoral em Éfeso era ninguém menos que o apóstolo Paulo. Todavia, um homem não se torna pastor da noite para o dia. Sempre há espaço para aperfeiçoamento. Mesmo que Timóteo não fosse ainda o ministro que ele iria se tornar, no mínimo ele podia fazer progresso visível em sua vida e doutrina.

A última frase de 1Timóteo 4 é às vezes considerada difícil: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4.16). Ao longo de toda a Bíblia, é ensinado que a salvação vem somente por Jesus Cristo (cf. 1Tm 1.15). Contudo, aqui a Escritura parece dar a Timóteo poder de salvar, tanto a si mesmo quanto sua congregação.

Alguns tentaram lidar com essa dificuldade dizendo que o termo “salvar” quer dizer algo que não a salvação do pecado e da morte. Essa é uma interpretação possível, porque a palavra grega para “salvação” (sōzō) era usada com frequência com o significado de “guardar, proteger”. Falamos do mesmo modo na nossa língua, em que a palavra “salvar” pode ser usada com esse segundo significado.* De acordo com essa interpretação, tanto Timóteo como sua igreja estariam protegidos de danos espirituais por meio da persistência de Timóteo na piedade pessoal e na fidelidade ao ensino da Palavra de Deus.

No entanto, também é possível que Paulo estivesse pensando na salvação no sentido evangélico da palavra. Nesse caso, o que o versículo reconhece é que os ministros do evangelho exercem um papel crucial na salvação dos pecadores. A salvação vem somente por meio da fé na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Mas “a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Cristo” (Rm 10.17, ARC), e a palavra de Cristo, por sua vez, vem pela pregação do evangelho. Portanto, os ministros cristãos são indispensáveis para o plano de Deus para a salvação do mundo. Há até mesmo um sentido em que pode ser dito que eles “salvam” seus ouvintes (cf. 1Co 9.22), não pelos seus próprios méritos, mas pela proclamação de Jesus Cristo. O destino espiritual de toda igreja está ligado ao destino espiritual do seu pastor e sua proclamação fiel do evangelho.

Foi a importância para a salvação do ministério do evangelho que levou Intérpreter a mostrar a Cristão um retrato de um ministro do evangelho em O peregrino:

Agora, diz o Intérprete, eis que te mostrei esse retrato primeiro porque o homem de quem ele é imagem é o único cujo Senhor do lugar para o qual te diriges, autorizou a ser teu guia em todos os trechos difíceis com os quais talvez te depares ao longo do caminho. Portanto, preste muita atenção ao que te mostrei e guarda na memória o que viste, pois do contrário em tua jornada encontrarás

aqueles que fingem te guiar corretamente, mas cujo caminho desce para a morte.18

A pregação fiel pode significar a diferença entre a vida e a morte, e reconhecer seu papel vital na salvação de modo algum diminui a graça que Deus dá no evangelho. Calvino explica isso da seguinte maneira: “Sem dúvida, é verdadeiro que somente Deus salva e que nem mesmo uma minúscula partícula da sua glória pode, por justiça, ser transferida para os homens. Entretanto, a glória de Deus não é de modo algum reduzida pelo fato de ele empregar esforços humanos na concessão da salvação. [...] Esse ministério é, em si, inteiramente uma obra de Deus, porque é ele que faz de homens bons pastores e os conduz pelo seu Espírito e abençoa o trabalho deles para que não seja em vão”.19

Paulo queria se certificar de que a obra de Timóteo não fosse em vão, coisa que poderia acontecer caso ele desistisse ou a abandonasse antes de completá-la. Almas perecem por falta de ministério ortodoxo. Por outro lado, os ministros que permanecem na graça de Deus têm a garantia de sua salvação e a alegria de conduzir outros a Cristo. Como observou John Stott: “A perseverança não é a causa meritória da nossa salvação, mas evidência fundamental de que somos salvos”.20

Em se tratando de perseverar até o fim, é difícil imaginar um exemplo melhor que Thomas Boston. Nos últimos meses da sua vida, esse fiel ministro escocês do século 18 ficou confinado à sua cama por causa de uma grave doença. No entanto, Boston continuou a pregar. Sua pequena congregação se reunia aos domingos debaixo da janela da sua casa pastoral para ouvi-lo pregar e ensinar a Palavra de Deus. O seu último sermão tinha o título de “A necessidade do autoexame”.21 Nesse sermão, Boston desafiou sua amada congregação a permanecer na fé. Ele implorou que eles se certificassem de sua salvação eterna e fizessem “todo esforço e dessem toda atenção para obter uma eternidade feliz e abençoada”.22 Cada pastor que se enquadra na descrição bíblica implora pela mesma coisa: creia no Senhor Jesus Cristo para a salvação.

Notas

* Na língua portuguesa “salvar” é usado com uma grande gama de significados, como: livrar de perigo, refugiar-se, resgatar da prisão, defender-se, saudar com tiros de salva, resguardar, e muitos outros. (ver Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2ª. Impressão, 2007). (N. do R.)

1 John Bunyan. The Pilgrim’s Progress, ed. Charles W. Eliot, Harvard Classics (Danbury, CT: Grolier, 1988), p. 32-33.

2 Matthew Henry. Matthew Henry’s commentary on the whole Bible, 6 vols. (Nova York: Revell, s.d.), s.p.

3 George Herbert. “The windows”, George Herbert and the seventeenth century religious poets (Nova York: Norton, 1978), p. 30. [Poema original: Lord, how can man preach thy eternal word? / He is a brittle crazy glass: / Yet in thy temple thou dost him afford / This glorious and transcendent place, / To be a window, through thy grace. / But when thou dost anneal in glass thy story, / Making thy life to shine within / The holy Preacher’s; then the light and glory / More rev’rend grows, and more doth win: / Which else shows wat’rish, bleak, and thin. / Doctrine and life, colours and light, in one / When they combine and mingle, bring / A strong regard and awe: but speech alone / Doth vanish like a flaring thing, / And in the ear, not conscience ring. (N. do E.).]

4 William M. Ramsay. Historical commentary on the Pastoral Epistles, org. Mark Wilson (Grand Rapids: Kregel, 1996), p. 117.

5 Esse relato do ministério de Herbert Palmer vem de William S. Barker. Puritan profiles (Fearn, Ross-shire: Christian Focus, 1996), p. 32.

6 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 120.

7 Richard Baxter. The reformed pastor (Edimburgo: Banner of Truth, 1974), p. 67.

8 Citado in Kenneth L. Woodward. “Sex, morality and the protestant minister”, Newsweek (28/ jul./1997), p. 62.

9 E. F. Scott. The Pastoral Epistles, The Moffatt New Testament commentary (1936), in Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1957), p. 97.

10 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 248.

11 Justino Mártir. First apology, I.67, in Ante-Nicene Fathers, org. Alexandre Roberts e James Donaldson, 10 vols. (1885; repr. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), I:186.

12 Veja especialmente a história da homilética de Hughes Oliphant Old (e observe a primeira palavra do título): The reading and preaching of the

Scriptures in the worship of the Christian church, 7 vols. (Grand Rapids: Eerdmans, 1998-).

13 Idem, 1:247.

14 The book of church order of the Presbyterian Church in America, 5ª. ed. (Atlanta: Committee for Christian education and publications, 1997), 17-2.

15 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 125.

16 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 87.

17 John Newton. Letters of John Newton (Edimburgo: Banner of Truth, 1960), p. 54.

18 Bunyan. Pilgrim's progress, p. 33.

19 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 248-49.

20 Stott. Guard the truth, p. 124.

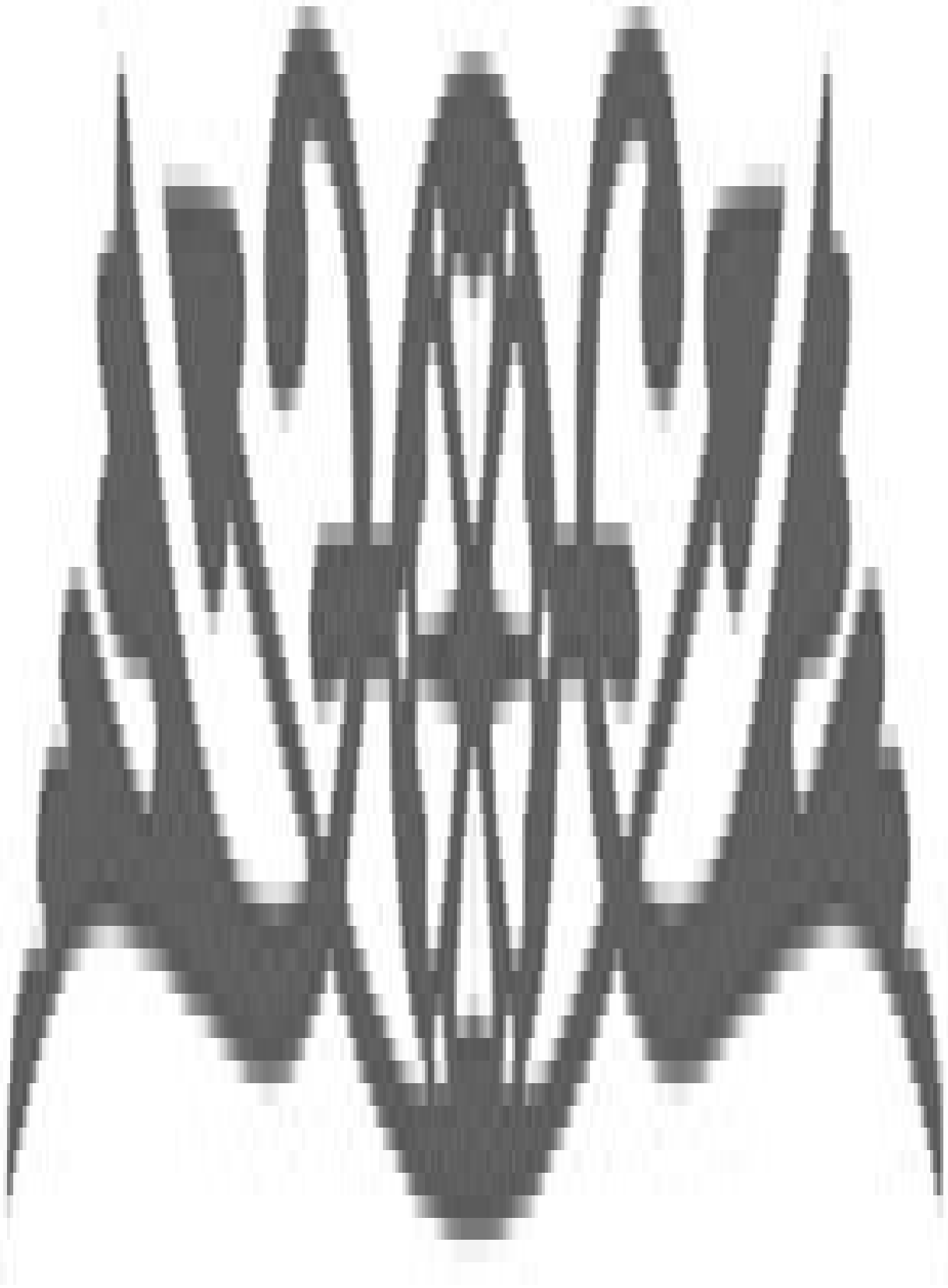
21 Thomas Boston. The complete works of the late Rev. Thomas Boston, Ettrick (Londres, 1853; reimpr. Wheaton, IL: Richard Owen Roberts, 1980), 2:497-510.

22 Idem, 2:503.

14

Regras da casa

1Timóteo 5.1-8



Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza. Honra as viúvas verdadeiramente viúvas. (1Tm 5.1-3)

Um conhecido de infância da minha igreja viajou para um país da América Latina numa missão missionária. Lá, ele se hospedou com uma família cristã que era extremamente pobre. Os únicos bens que possuíam eram as roupas do corpo, um casebre de um cômodo e uma galinha. Quando sua missão estava chegando ao fim, a família que o hospedava ofereceu um jantar em honra ao meu amigo, no qual sopa foi servida como prato principal. Para espanto do homem, havia carne na sopa. Ele se perguntava que tipo de carne seria aquela. De repente, ele percebeu que devia estar tomando sopa de galinha.

Meu amigo sentiu-se tão emocionado pela generosidade desses cristãos que lágrimas começaram a correr pela sua face. Estava admirado pelo fato de a família ter oferecido a ele sua única galinha. Contudo, para o pai daquela família, esse sacrifício parecia ser a coisa mais natural do mundo. Afinal, o missionário era um irmão em Cristo, praticamente um membro da família. Eles estavam dispostos a compartilhar tudo o que tinham com o missionário. Afinal de contas, ele era um irmão em Cristo e, portanto, virtualmente um membro da sua própria família.

A família de Deus

O Novo Testamento diz ao cristão para encontrar sua identidade pessoal e familiar em Jesus Cristo: “[...] a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (Jo 1.12). Portanto, todo aquele que crê em Jesus Cristo pertence à mesma família.

Considere alguns dos modos em que a igreja é uma família. Cada cristão tem o mesmo pai: Deus, o pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Nossas orações em família iniciam com as palavras “Pai nosso” (Mt 6.9). Todos os cristãos tornaram-se membros dessa família da mesma maneira, porque Deus nos adotou a todos pelo

seu Espírito Santo “e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade” (Ef 1.4-5). Ou, olhando esse mesmo relacionamento de um ponto de vista diferente, todos nós nascemos de novo na família de Deus – não, porém, do “sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus” (Jo 1.13).

Uma vez que nos tornamos membros dessa família, começamos a nos relacionar intimamente com nosso Pai. Ao contrário de alguns pais, o Pai celestial não é distante, ausente, nem malévolo. Ele é exatamente o contrário, porque “todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Rm 8.14-16). Como filhos de Deus, nos reunimos à mesa para o sacramento da Ceia do Senhor. Até mesmo planejamos pertencer à mesma reunião familiar no céu. Pertencer a essa família é tão maravilhoso que exige dois pontos de exclamação: “Como é grande o amor que o Pai derramou sobre nós: que pudéssemos ser chamados filhos de Deus! E isso é o que de fato somos!” (1Jo 3.1, NIV).

Agora que Deus nos fez filhos e filhas seus por meio de Jesus Cristo, a igreja é a primeira família do cristão. Ela tem precedência até mesmo sobre a família biológica e nuclear da pessoa. O sangue pode ser mais espesso que a água, mas o Espírito é mais espesso que o sangue. A família que Deus estabeleceu por meio de Jesus Cristo é a primeira família do cristão. Considere o exemplo de Jesus quando ele estava ensinando numa casa na Galileia.

Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo. Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura. Então, ele lhes respondeu, dizendo: Quem é minha mãe e meus irmãos? E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe. (Mc 3.31-35)

Se já houve alguém que entendia a família de Deus, essa pessoa era Paulo.

Parece, a julgar pelas informações contidas no Novo Testamento, que o apóstolo pertencia à maior família do mundo romano. Ele estava sempre mencionando irmãos e irmãs, como Quarto, Sóstenes, Febe e Áfia. De fato, há mais de cem referências a irmãos e irmãs nos escritos de Paulo. A primeira carta do apóstolo a Timóteo não é exceção, pois ela contém numerosas referências a assuntos da família. O próprio Timóteo é chamado de "verdadeiro filho na fé" de Paulo (1Tm 1.2; cf. 1.18). Os efésios são referidos como "irmãos" (1Tm 4.6) e a igreja como "família" de Deus (1Tm 3.15). Em outras palavras, a congregação de Timóteo não é apenas como uma família; ela é sua família.

Questões de família

Numa família ordenada, cada pessoa é tratada com respeito, em conformidade com sua idade ou gênero. A casa de Deus não é exceção: "Não repreendas ao homem idoso; antes, exorta-o como a pai; aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às moças, como a irmãs, com toda a pureza" (1Tm 5.1-2). Cada membro da família deve ser tratado da maneira correta.

Demonstrar respeito pelos idosos não é simplesmente uma convenção cultural: é da vontade de Deus. Até o pastor, se é jovem, deve tratar os idosos com deferência. Contudo, a forma de tratamento pode variar de uma cultura para outra. Em conformidade com a lei do Antigo Testamento, era exigido que o jovem se colocasse em pé diante dos idosos para honrá-los: "Diante das cãs te levantarás, e honrarás a presença do ancião" (Lv 19.32). Numa igreja asiática, os homens jovens obedecem a esse princípio curvando-se diante dos mais velhos. Os cristãos ocidentais tendem a não ser tão respeitosos, ou pelo menos não da mesma maneira, mas eles devem honrar e respeitar os mais velhos da maneira que puderem. Uma aplicação prática desse princípio é que as crianças devem ser ensinadas a respeitar os mais velhos. É bom que se dirijam aos adultos por meio dos títulos apropriados, que aprendam a falar quando eles falam com elas e assim por diante. Ser educado é uma questão espiritual, especialmente na família de Deus.

O respeito pelos mais velhos não siginifica que as pessoas mais velhas podem agir como bem entenderem. Em algumas ocasiões, o pastor Timóteo deveria corrigir os mais velhos. Ele não deveria simplesmente fazer vista grossa para seus escândalos ou heresias. De fato, Paulo já havia advertido Timóteo a

“admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1Tm 1.3), e presumivelmente algumas dessas pessoas eram mais velhas que ele. No entanto, mesmo quando houver a necessidade de uma repreensão, um jovem ministro não deve ser arrogante. Uma descompostura não é algo correto. Como ressaltou Towner: “Esse método de correção confia na autoridade e no temor e muitas vezes ele é empregado quando os sentimentos de ira e insegurança estão fora de controle”.1 Em vez de ser duro, um ministro deve lidar com os mais velhos com gentileza e tato, sem aspereza, como se falasse ao seu próprio pai. A repreensão de um homem mais velho deve ser um lembrete, não uma reprimenda.

Os homens jovens devem ser tratados de uma maneira um tanto diferente. Timóteo não deve desprezá-los ou desdenhar deles. Em vez disso, deve tratá-los como companheiros; “como a irmãos” (1Tm 5.1). A sabedoria em administrar uma família dessa maneira é óbvia. Ao mesmo tempo em que os jovens tratam homens idosos com deferência, idosos tratam jovens de igual para igual. Assim, tanto a dignidade quanto a intimidade são mantidas nos relacionamentos.

Esse princípio é vital para a paz da família. São os cristãos mais velhos que têm a responsabilidade de primeiro iniciar o contato com os cristãos mais novos, não o contrário. Ajoelhar-se é o modo correto para se conversar com uma criança pequena. De modo semelhante, a maneira de alcançar os adolescentes é entrar no mundo deles e aprender seu vocabulário e interesses. Um dos melhores modos de ajudar cristãos jovens a amadurecer é tratá-los com certa medida de igualdade.

Entretanto, há um perigo aqui para os jovens. Mesmo que os cristãos mais velhos os tratem como iguais, eles não devem pensar de si mesmos como iguais. Poderia ser apropriado, por exemplo, que um homem jovem continue a dirigir-se a um homem mais velho pelo seu título formal, mesmo quando o mais velho pedir que o trate por “você”. Em todo o caso, a maneira de tratar não é o mais importante e sim a atitude. Os homens mais velhos devem tratar os mais novos com fraternidade; os mais jovens devem tratar os mais velhos com humildade.

Os ministros jovens e os cristãos em geral devem tratar as mulheres com o mesmo respeito com que se dirigem a outros homens. Mulheres mais velhas devem ser tratadas como mães. Elas devem ser amadas e suas palavras devem ser ouvidas. Elas devem ser protegidas e cuidadas. Há um exemplo tocante disso na vida do próprio Paulo quando, no final da sua carta aos romanos, ele saúda

“Rufo, eleito no Senhor, e igualmente a sua mãe, que também tem sido mãe para mim” (Rm 16.13). Para tomar um exemplo mais recente, considere a maneira como o famoso escritor cristão C. S. Lewis cuidou da mãe do seu amigo Paddy Moore. Os dois homens haviam servido juntos na Primeira Guerra Mundial. Lewis concordou em cuidar da mãe de Moore caso este último morresse em combate. Moore de fato foi morto durante a guerra e Lewis cumpriu sua promessa. Relatos dizem que era muito difícil conviver com a senhora Moore, mas Lewis a tratou e cuidou dela como se ela fosse sua própria mãe na sua própria casa por cerca de trinta anos.2

Por fim, para completar o retrato da família, as mulheres jovens devem ser tratadas como irmãs. Na família de Deus, homens e mulheres devem demonstrar afeição fraternal entre si, o tipo de afeto que um irmão mais velho tem por sua irmã mais nova. Mas a Escritura rapidamente acrescenta uma advertência: “com toda a pureza” (1Tm 5.2). Por mais íntimo que seja o relacionamento entre irmãos, não deve haver nada que seja impróprio. Nesse caso, a preocupação é obviamente sexual: o ministro não deve desacreditar seu compromisso com Cristo por ter um relacionamento impróprio com uma das suas irmãs em Cristo. A decência é parte da confiança sagrada da sua congregação. Dada a linguagem de Paulo, pode-se quase dizer que o adultério entre cristãos é equivalente a incesto. Paulo disse isso a Timóteo porque ele quer assegurar-se de que o ministério do homem jovem não seja desacreditado. Como veremos adiante, nem todas as jovens de Éfeso eram prudentes (1Tm 5.11-13), de modo que Timóteo precisava ser cauteloso no seu relacionamento com as mulheres na igreja.

Uma boa maneira de um ministro preservar sua pureza é evitar conversar totalmente a sós com mulheres. Evidentemente, ele pode conversar com as mulheres antes ou depois do culto. Ele também pode arranjar para reunir-se com uma mulher para aconselhamento espiritual na igreja, desde que outra pessoa esteja por perto. Porém, nunca deve ir sozinho à casa de uma mulher. Minha própria regra quanto a isso está de acordo com este versículo: nunca me reúno sozinho com uma mulher a menos que ela seja minha esposa, minha irmã, minha filha ou outra mulher com idade suficiente para ser minha mãe.

Um protetor das viúvas

O que é surpreendente a respeito das regras que o apóstolo dá a Timóteo é que

elas dizem muito pouco sobre a maioria dos relacionamentos familiares e muito sobre as viúvas. Há apenas dois curtos versículos para os pais e os irmãos, mas catorze versículos a respeito das viúvas. Por que isso?

Sem dúvida, a ênfase especial sobre as viúvas diz algo sobre a igreja de Éfeso. Por alguma razão, os efésios precisavam de instruções para que cuidassem das suas viúvas. Timóteo pode até mesmo ter escrito para pedir a orientação de Paulo nessa área. No entanto, a atenção aos detalhes nessas instruções também diz algo importante sobre Deus. Deus tem um lugar especial no seu coração para as mulheres sozinhas, especialmente para as viúvas. Aqui deve ser observado que a palavra grega para “viúva” (chēra) refere-se a toda mulher sem marido e não apenas àquela cujo marido morreu.3 Kent Hughes comenta com sensatez: “Hoje, a aplicação dessa passagem deve ser ampliada, uma vez que a cultura americana moderna produziu uma categoria de mulheres praticamente desconhecida no primeiro século: esposas e filhos cristãos abandonados por seus maridos e sem nenhuma condição de sustentar o lar. Mães que foram abandonadas pelo marido são hoje uma nova classe de ‘viúvas’. É responsabilidade sagrada da igreja cuidar de mulheres sem família e desprovidas de recursos”.4

No Antigo Testamento, Deus é descrito como protetor das viúvas. Sua afeição pelas mulheres necessitadas é declarada na lei: “Pois o Senhor, vosso Deus, é o Deus dos deuses e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e temível [...] que faz justiça ao órfão e à viúva” (Dt 10.17-18). A preocupação de Deus pelas viúvas e pelos órfãos também está escrita num hino bíblico:

Cantai a Deus, salmodiai o seu nome;

exaltai o que cavalga sobre as nuvens.

Senhor

é o seu nome,

exultai diante dele.

Pai dos órfãos e juiz das viúvas

é Deus em sua santa morada.

Deus faz que o solitário more em família. (Sl 68.4-6)

Alguns dos episódios mais comoventes do Antigo Testamento estão associados à proteção e ao sustento das viúvas. Deus alimentou Rute durante a colheita da cevada e colocou uma criança no colo de Noemi (Rt 1.22–2.23; 4.13-17). Ele poupou a viúva de Sarepta na época de Elias (1Rs 17.7-24). Ele deu abundância de azeite para uma viúva por meio do ministério de Eliseu (2Rs 4.1-7). O Senhor Todo-Poderoso é digno de ser chamado de Protetor das viúvas. Portanto, não é de admirar que Cristo também demonstrasse carinho especial pelas viúvas. Ele ressuscitou o único filho da viúva de Naim (Lc 7.11-15). Ele elogiou a oração perseverante de uma viúva (Lc 18.1-8) e a generosidade de uma mulher pobre que ofertou ao templo tudo o que possuía (Mc 12.41-44). Ele repreendeu os escribas que devoravam “as casas das viúvas” (Mc 12.40). Mesmo na cruz, ele fez provisão para sua própria mãe na sua viuvez (Jo 19.25-27).

A razão para a preocupação de Deus pelas viúvas é que elas eram vulneráveis no mundo antigo. O historiador e erudito William M. Ramsay escreveu que, dada as “limitações da vida social na Antiguidade, não era fácil para elas sustentarem os filhos depois da morte do provedor da família, e elas tinham especial necessidade de serem consideradas e ajudadas”.5 Sem a proteção de um homem, às vezes as viúvas ficavam expostas a perigos físicos. Elas não tinham poder econômico para poder se sustentar, especialmente na velhice. A mesma situação é com frequência comum atualmente.

Por todas essas razões, Deus preocupava-se com o bem-estar das viúvas. O profeta Isaías então desafiou o povo de Deus a pleitear “a causa das viúvas” (Is 1.17; cf. Êx 22.22; Dt 24.17; Jó 29.13). Deus quer que seus filhos compartilhem o coração do Pai pelos órfãos e pelas viúvas. Em primeiro lugar, isso significa cuidar das viúvas. No entanto, esse princípio não se aplica somente a elas, mas a todo membro da família que precise de cuidados especiais: doentes, idosos, incapacitados e mães solteiras. Deus sabe que se os filhos mais fracos estiverem protegidos, toda a sua família estará segura.

Imagine um pai que deixa dois filhos aos cuidados de uma babá: um menino de 9 anos e uma menina de 3. É muito provável que ele dará a ela as mais cuidadosas instruções quanto à sua filha do que ao seu filho. Um menino de 9 anos é quase capaz de cuidar de si mesmo, ao passo que a garotinha precisa de

mais atenção. A preocupação do pai é garantir que a babá saiba como cuidar da criança menor. Nosso Pai celestial tem preocupação semelhante no coração por todos os seus filhos mais necessitados.

Colocando a religião em prática

A igreja primitiva compartilhava da preocupação de Deus pelas mulheres que estão sozinhas no mundo. De fato, a primeira controvérsia eclesiástica surgiu por causa do cuidado e do sustento das viúvas: “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus, porque as viúvas deles estavam sendo esquecidas na distribuição diária” (At 6.1). Sob a orientação dos apóstolos, a igreja de Jerusalém escolheu sete homens para assegurar que as viúvas recebessem tudo de que necessitavam.

Certamente há viúvas necessitadas em quase toda igreja, que é a razão pela qual Paulo defende a causa delas: “Honra as viúvas verdadeiramente viúvas” (1Tm 5.3). Isso dá origem a uma pergunta óbvia: o que significa uma viúva verdadeiramente viúva? A resposta básica de Paulo é que é aquela que “não tem amparo” e assim ele continua para oferecer várias diretrizes para avaliar as verdadeiras necessidades das viúvas.

A primeira qualificação é que uma verdadeira viúva não tem condições de se sustentar sozinha: “Mas, se alguma viúva tem filhos ou netos, que estes aprendam primeiro a exercer piedade para com a própria casa e a recompensar a seus progenitores; pois isto é aceitável diante de Deus” (1Tm 5.4). As viúvas que são completamente sozinhas precisam de cuidado especial da igreja, enquanto as outras podem depender do apoio da família.

No antigo mundo grego, o sustento estava associado ao dote da mulher. Caso o marido dela morresse, ela passaria a depender de um filho ou um neto. Nesse caso, seu dote seria entregue a um deles.6 Paulo queria lembrar aos efésios que esse costume era bom para o cristianismo – uma boa maneira de praticar a piedade. Cuidar dos pais (e dos avós) idosos é a teologia mais prática que existe. A piedade sempre começa em casa (cf. 1Tm 3.5).

Para assegurar que os cristãos fizessem o que deviam, a Bíblia dá duas motivações para cuidar das viúvas. Primeiro, os filhos têm obrigação de cuidar

dos pais. Tendo em vista todo o esforço dos pais ao longo dos anos, é justo que os filhos cuidem deles na velhice. Na economia de Deus, esse é o modo de os filhos retribuírem aos pais. Isso não significa necessariamente que os filhos sejam obrigados fazer eles mesmos tudo o que tem de ser feito. É importante planejar para o futuro, que pode incluir providenciar um seguro de vida e um plano de saúde. Eles também podem recorrer a cuidadores profissionais, bem como a um lar para idosos, em alguns casos. Mas é responsabilidade dos filhos assegurar que seus pais sejam cuidados da melhor maneira possível. E, sempre que puderem, cuidar pessoalmente dos pais em seus próprios lares.

Não é apenas lealdade familiar que os filhos devem a seus pais, mas isso é também algo que eles devem a Deus. Este é o segundo motivo que Paulo fornece: cuidar da família é "aceitável diante de Deus" (sem dúvida isso é aceitável diante de Deus; afinal de contas, ele é o Protetor das viúvas). Ao dizer às famílias que elas devem cuidar dos seus próprios necessitados, o apóstolo não estava simplesmente tentando reduzir as despesas da igreja. Ele queria assegurar que os cristãos glorificassem a Deus pelo amor às suas próprias famílias.

Para salientar a importância do cuidado com a família a Escritura também faz esta forte advertência: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente" (1Tm 5.8). Até mesmo os pagãos têm senso de obrigação para com seus parentes, especialmente em relação àqueles que vivem debaixo do mesmo teto. Portanto, cristãos que se recusam a cumprir com suas obrigações familiares são piores que pagãos (cf. Mt 15.4-6). Isso não significa que um homem é obrigado a sustentar sozinho todas ou a maior parte das necessidades da família (como esse versículo é com frequência incorretamente ensinado), mas que um marido ou pai deve assumir a responsabilidade final pelo bem-estar da sua família, verificando que disponham de tudo de que necessitam, valendo-se para isso de quaisquer métodos apropriados que Deus lhe providencie (incluindo o salário da esposa, por exemplo, caso o emprego dela esteja de acordo com seu chamado de esposa e mãe e com as necessidades da família como um todo). Qualquer desvio dessa obrigação familiar fundamental equivale a negar a Cristo. Independentemente da eloquência do seu testemunho, homens que vivem dessa maneira negam seu cristianismo.

Nos nossos dias, é necessário prestar muita atenção a essa advertência, porque não vivemos no mais piedoso dos tempos. Com frequência demais, a sociedade moderna empurra os idosos para fora da vista, fingindo que não existem. No

entanto, isso dá à igreja uma maravilhosa oportunidade de brilhar com a compaixão de Cristo. A maneira como os cristãos cuidam dos seus pais e avós deve proclamar o amor de Deus. Assim também a maneira como cuidamos dos pais de outras pessoas quando, por exemplo, compartilhamos a boa-nova sobre Jesus Cristo nos lares para idosos locais. Somos os filhos de um Pai que é o Protetor das viúvas e, portanto, chamados para sermos agentes da sua graça protetora e provedora.

Ana e suas irmãs

Infelizmente, nem toda mulher idosa tem uma família que cuide dela. Algumas lamentam-se pelo marido que perderam. Outras foram abandonadas pela família. Vivem solitárias e talvez carentes de alimento, roupa, moradia, cuidados médicos e uma fonte de renda estável. São mulheres realmente necessitadas porque estão totalmente destituídas. Porém, seja qual for a condição econômica delas, se uma viúva pertence a Deus por meio da fé em Jesus Cristo, ela nunca está sozinha; sempre dispõe de uma família. Ainda que ninguém lhe ofereça ajuda, a igreja terá misericórdia, porque a igreja é sua família. Esta é outra regra da casa de Deus: “Honra as viúvas verdadeiramente viúvas” (1Tm 5.3) ou como a NIV interpreta o versículo: “Reconheça da maneira correta aquelas viúvas que realmente são necessitadas”.

A palavra “honra” (tima) é um termo para respeito ou reconhecimento. Isso vem do quinto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (Êx 20.12). O tipo de honra que Deus tem em mente significa mais que respeito. Significa suprir as necessidades físicas e emocionais da viúva. Todo aquele que cuida de uma mulher idosa – fazendo suas compras, oferecendo carona, pagando suas contas, fazendo companhia ou qualquer outra atividade – está tratando-a com o devido respeito.

O mandamento para honrar as viúvas implica que o próprio Deus as honra. Então, Calvino estimulou as viúvas “a considerar em que honra Deus as tem, embora elas sejam destituídas de auxílio humano, ele mesmo, da sua própria iniciativa, se oferece para ser o protetor e defensor delas. Portanto, que toda viúva encontre consolo nisso e entregue-se inteiramente a Deus”.7 Calvino estava certo em estimular as viúvas a se entregarem totalmente a Deus, porque isso é o que o próprio Deus diz a elas para fazer: “Aquela, porém, que é

verdadeiramente viúva e não tem amparo espera em Deus e persevera em súplicas e orações, noite e dia" (1Tm 5.5). Paulo já havia explicado como uma viúva se qualifica fisicamente para ser apoiada: ela deve ser necessitada. Então, ele acrescenta uma qualificação espiritual: ela deve ser fiel. A verdadeira viúva não deposita sua confiança no sistema de saúde do governo ou mesmo na igreja. E nem ela se sente esmagada pelas suas circunstâncias. Em vez disso, como o salmista, ela coloca toda a sua esperança em Deus (p. ex., Sl 146.5). Ela apega-se totalmente à misericórdia divina, e então percebe que afinal de contas não está sozinha, pois Deus está com ela.

Esse versículo conclama as viúvas cristãs a um ministério especial de intercessão, tanto pública quanto privadamente (cf. 1Tm 2.1). Susan Hunt escreveu a respeito desse ministério no seu livro By design: God's distinctive calling for women.

Parece-me que as viúvas entraram numa dimensão de dependência de Deus que as prepara para o ministério da oração intercessória. Jesus viu e elogiou as moedinhas da viúva, porque "da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento" (Mc 12.44). Talvez o "poder" dessas viúvas seja muito maior quando se reúnem como ajudadoras-auxiliadoras em oração intercessória. As mulheres idosas que não têm as responsabilidades diárias de trabalhar são outra fonte poderosa de oração intercessória.8

Talvez o melhor exemplo bíblico de uma viúva em oração seja Ana, a profetisa do templo em Jerusalém. Ela, "que vivera com seu marido sete anos desde que se casara e que era viúva de oitenta e quatro anos. Esta não deixava o templo, mas adorava noite e dia em jejuns e orações" (Lc 2.36-37). Paulo parece ecoar essa passagem quando incentivou a viúva a perseverar "em súplicas e orações, noite e dia" (1Tm 5.5).

Toda viúva que ora é irmã de Ana. Em visita a uma igreja coreana em Nova York pude observar algumas irmãs de Ana em oração. Toda sexta-feira aquelas idosas se reuniam no templo para passar a noite em orações pela obra de Deus na igreja e na comunidade. Na antiga União Soviética, irmãs de Ana oravam por toda parte durante os anos sombrios do comunismo. Um pastor em visita à

Ucrânia, depois da queda desse império maligno, viu:

quanto os comunistas estavam errados quando permitiram que suas mulheres idosas continuassem a cultuar juntas! Elas foram consideradas como sendo inofensivas à nova ordem, mas foram elas, com suas orações e fidelidade durante todos aqueles anos estéreis, que mantiveram a igreja unida e educaram toda uma geração de homens e jovens para servir ao Senhor. Sim, a igreja que visitamos estava com os bancos da frente cheios de idosas, corajosas defensoras e mantenedoras do evangelho de Cristo, e atrás delas, nas laterais, galerias e até mesmo do lado de fora se podia ver o fruto da fidelidade delas: homens, mulheres, jovens e crianças. Nunca devemos subestimar a posição e o poder das nossas piedosas senhoras.9

As orações das viúvas dão força à igreja. Calvino disse que “orar dia e noite é um privilégio especial das viúvas e dos órfãos, porque estão livres daquelas coisas que, embora corretas, impedem os chefes de família de fazer o mesmo”.10 Como resultado da intercessão das viúvas, mães jovens e seus filhos, ministros e seus livros, missionários em seus campos, homens e mulheres em seus empregos recebem auxílio espiritual para continuar trabalhando. Caso você seja uma viúva, Deus a chama para um relacionamento íntimo com ele por meio da oração. De fato, uma viúva da minha congregação me pediu que incentivasse outras viúvas a se reunirem com ela. Talvez esse seja apenas o início de uma grande obra na sua vida: a importante obra da oração intercessória.

O chamado veemente de Paulo à oração explica por que suas palavras seguintes são tão ásperas: “entretanto, a que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta” (1Tm 5.6). Essa “viúva alegre” não é uma mulher de oração. Ela não colocou sua esperança em Deus. Em vez disso, busca consolo nas coisas deste mundo; e vive para o prazer em vez de viver para Deus. Ela gosta de mimar-se, uma vez que a palavra traduzida como “prazeres” (spatalōsa), indica “indulgência sensual, voluptuosa”.11 Isso pode até mesmo indicar que ela se prostitui sexualmente por dinheiro. Uma mulher que gosta de viver dessa maneira, “mesmo viva, está morta” (1Tm 5.6). Ela pertence ao reino dos mortos-vivos, pois ainda que fisicamente viva, não está viva em Deus por meio da fé; está praticamente morta, espiritualmente falando. O contraste entre as duas

viúvas é um paradoxo: “Porque um tipo de vida (entregar-se aos prazeres) é na realidade morte espiritual, enquanto um tipo de morte (abnegação) é na realidade vida espiritual”.12

O que a Escritura indica é que uma viúva que vive para o prazer não tem o direito de esperar nenhuma ajuda da igreja: “Uma viúva autoindulgente e mundana como essa, mesmo viva, está morta, portanto não pode reivindicar ter direito aos donativos da igreja”.13 Esse é um lembrete de que a misericórdia da igreja não é um direito adquirido. A igreja tem a responsabilidade de identificar a verdadeira necessidade das pessoas e o tipo de obrigações que elas têm. Muitas vezes isso significa que os diáconos têm de fazer perguntas pessoais: Você dispõe de algum tipo de recurso? Tem parentes que possam ajudar? Quais são suas necessidades mínimas? Você está andando com o Senhor? E assim por diante. Depois disso, cabe aos diáconos decidir a quem ajudar, quando ajudar e como ajudar. Em se tratando da misericórdia da igreja, há uma distinção legítima entre pobres que merecem ajuda e pobres que não merecem.14 Há pessoas que não necessitam de auxílio material, especialmente se sua família pode ajudar. Outros, embora tenham necessidade de auxílio, não devem receber dinheiro, porquanto vivem para o prazer. No entanto, viúvas com necessidades reais e fé genuína têm o direito de serem totalmente ajudadas pela igreja.

A senhora será como uma mãe para mim

Essas regras não são apenas para Timóteo ou para os ministros, mas para toda a igreja: “Prescreve, pois, estas coisas, para que sejam irrepreensíveis” (1Tm 5.7). Toda congregação que não cuida das suas viúvas, ou cujas viúvas não se dedicam à oração e cujos filhos não ajudam os seus pais idosos, será repreendida. Em outras palavras, os de fora serão os primeiros a criticar a igreja por não ter demonstrado misericórdia.

As instruções de Deus a respeito do cuidado com as viúvas são essenciais para um cristianismo verdadeiro. Portanto, devem ser obedecidas. Uma maravilhosa história a respeito dessa obediência vem da obra missionária de Joanne Shetler, cujo ministério mencionei nas páginas deste livro. Depois de duas décadas de grande esforço, finalmente viu os balangaos filipinos se voltarem para Jesus Cristo em fé e arrependimento. O ensino bíblico causou uma transformação de vida em toda a tribo. Embora houvesse traduzido muitas porções da Bíblia para o

balangao, a primeira carta de Paulo a Timóteo produziu uma influência especial. Joanne relata o que aconteceu quando a tribo tomou conhecimento das regras com relação às viúvas:

Chegamos ao final do livro, a passagem que fala das viúvas necessitadas e a responsabilidade da igreja de sustentar aquelas que não dispõem de nenhuma fonte de renda. Por volta dessa época, Forsan, uma das idosas que os espíritos haviam tentado matar, perdeu o marido. Era uma viúva verdadeira. Todos os seus filhos haviam há muito morrido. Ela não tinha nenhum parente balangao. Na verdade, ela nem era balangao. E na cultura dos balangaos, não há misericórdia para uma pessoa com a qual eles não têm laços de sangue. Ela teria sido deixada sozinha na sua casa com ou sem alimento até que morresse. Um dos homens que haviam me ajudado na tradução [...] foi à casa dela, tomou-a pela mão, pegou a única panelinha que ela possuía e a levou para sua casa, dizendo: “A senhora será como se fosse minha mãe e morará conosco na nossa casa”. E ela está lá até hoje, embora idosa e adoentada.15

Depois de receberem a graça de Jesus Cristo, os balangao se tornaram membros da família de Deus. Cada filho de Deus deve viver de acordo com as regras da casa, que inclui cuidar das viúvas, porque o Pai da família é o Protetor das viúvas.

Notas

1 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 114.

2 George Sayer. Jack: A life of C. S. Lewis (Wheaton, IL: Crossway, 1994), p. 135-36, 152-54, 177-78.

3 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 93.

4 R. Kent Hughes. 1 & 2 Timothy: To guard the deposit, Preaching the Word (Wheaton, IL: Crossway, 2000), p. 126.

5 William M. Ramsay. Historical commentary on the Pastoral Epistles, org. Mark Wilson (Grand Rapids: Kregel, 1996), p. 125.

6 Bruce W. Winter. “Providentia for the widows of 1 Timothy 5:3–16”, Tyndale bulletin 39 (1988): p. 83-99.

7 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (1579; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 463.

8 Susan Hunt. By design: God's distinctive calling for women (Franklin, TN: Legacy, 1994), p. 107-8.

9 Glen Knecht. Citado in Hunt, By design, p. 109.

10 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 253.

11 Thomas D. Lea. 1, 2 Timothy, New American commentary (Nashville: Broadman, 1992), p. 147.

12 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 131.

13 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 114.

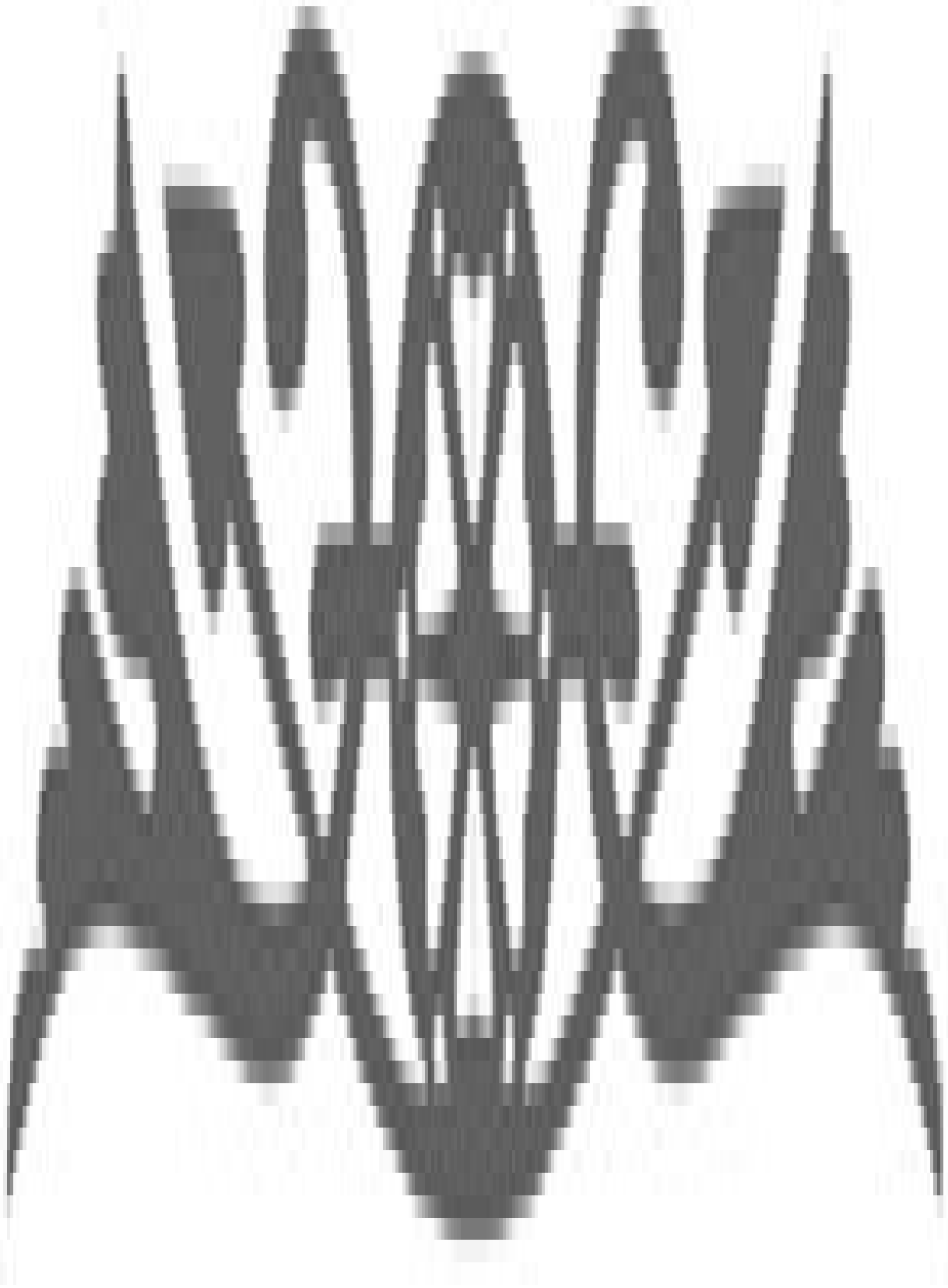
14 De acordo com Calvino, Paulo está "distinguindo entre quem merece e quem não merece" (Second Epistle of Paul, p. 253). Veja também a evolução histórica dessa distinção analisada por Marvin Olasky. The tragedy of American compassion (Washington, DC: Regnery, 1992).

15 Joanne Shetler. "Faithful in obedience", in Faithful witness: The Urbana '84 Compendium, org. James McLeish (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1985), p. 99-107 (p. 106).

15

Religião pura e sem mácula

1Timóteo 5.9-16



Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra. (1Tm 5.9-10)

Qual é a essência da verdadeira religião? A Bíblia dá mais de uma resposta a essa pergunta, ou pelo menos a mesma resposta em diferentes formas. O profeta Miqueias disse que o Senhor exige "que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus" (Mq 6.8). Jesus disse que os dois maiores mandamentos são amar ao Senhor teu Deus de todo o coração e ao próximo como a ti mesmo (Mt 22.37-40). O apóstolo Tiago disse algo um tanto diferente, ou talvez ele tenha dito a mesma coisa tornando-a mais específica: "A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo" (Tg 1.27). Cuidar das mulheres que estão sozinhas no mundo é uma das melhores maneiras de honrar a Deus e amar o próximo. É o cristianismo no seu melhor. Cuidar das viúvas é religião pura, não adulterada.

A lista de viúvas

Se cuidar dos órfãos e das viúvas na situação difícil em que eles se encontram é a própria essência do cristianismo, isso explica por que a carta de Paulo a Timóteo contém um ensinamento tão extenso a respeito das viúvas. O apóstolo já havia explicado o que faz com que uma viúva seja verdadeiramente viúva (1Tm 5.3,5-6), e elogiou as verdadeiras viúvas que se dedicavam ao ministério da oração (1Tm 5.5). Ele também ordenou que os cristãos sustentem seus parentes (1Tm 5.4, 7-8). Nos versículos que se seguem, Paulo explica como a igreja deve tratar as viúvas que dependem do cuidado dela. Aparentemente, a igreja primitiva era sistemática ao fazer isso, porque ele diz que apenas as verdadeiras viúvas deveriam ser "inscrita(s)" (1Tm 5.9). Os efésios ainda estavam se organizando como uma igreja recentemente plantada, mas já haviam estabelecido as prioridades: a igreja já estava mantendo uma lista das viúvas

inscritas.

Qual era a finalidade dessa lista? Certamente para assegurarem-se de que as viúvas cristãs recebessem sua porção diária de alimento. As viúvas eram inscritas para que pudessem ser ajudadas. Isso é claro no final da passagem, em que o Espírito Santo instrui a igreja a “socorrer as que são verdadeiramente viúvas” (1Tm 5.16). O modelo para isso era a primeira igreja de Jerusalém, que havia organizado uma distribuição diária de alimento desde o início (At 6.1). Uma igreja precisa manter-se informada a respeito de quem são suas viúvas, onde moram e qual a necessidade delas. Um bom exemplo para seguir é um estabelecido pela antiga igreja de minha avó, em Pella, Iowa, que, por muitos anos, enviou um pastor para visitá-la todas as semanas nos seus últimos anos de vida. Essa igreja praticava esse tipo de religião pura e sem mácula que os efésios praticavam quando inscreveram suas viúvas.

No entanto, havia outra razão para a existência dessa lista de inscrição. Parece que essas mulheres exerciam algum ministério especial na igreja. John Stott cogitou que essa lista de inscrição talvez objetivasse “não as viúvas que precisavam de ajuda, mas aquelas em condições de servir”.1 Não obstante, Calvino provavelmente chegou mais próximo ao argumentar que a lista de inscrição de viúvas era tanto para o apoio quanto para o serviço.2 Um bom exemplo da posição das viúvas na igreja primitiva vem do ministério de Dorcas na cidade de Jope. Dorcas era exatamente o tipo de mulher que Paulo continua para descrever a Timóteo: “notável pelas boas obras e esmolas que fazia” (At 9.36). Por ocasião do seu falecimento, a comunidade inteira se entristeceu. Em sua tristeza, elas mandaram buscar Pedro, que ao chegar foi cercado por viúvas aos prantos segurando “túnicas e vestidos que Dorcas fizera enquanto estava com elas” (At 9.39). Depois de trazer milagrosamente Dorcas de volta à vida, levantou-a e “chamando os santos, especialmente as viúvas, apresentou-a viva” (At 9.41).

O relato deixa claro que as viúvas tinham uma identidade especial na igreja cristã primitiva. Havia muitas viúvas, e por volta do terceiro século, elas formavam uma ordem oficial na igreja. Essas viúvas “se dedicavam à oração, a tratar os doentes, a cuidar dos órfãos, visitar cristãos encarcerados, evangelizar mulheres pagãs e ensinar mulheres convertidas a se prepararem para o batismo”.3 No entanto, por volta da Idade Média poucas (ou nenhuma) igrejas observavam as orientações dadas em 1Timóteo 5. Isso era uma fonte de espanto para Calvino, que teve de admitir que quando se trata das viúvas, até mesmo sua

própria igreja em Genebra não era organizada de acordo com a orientação bíblica.4 Sem dúvida, uma razão pela qual a igreja contemporânea é tão confusa quanto ao papel das mulheres é que esse padrão para o ministério das mulheres foi negligenciado, ou até mesmo totalmente esquecido.

Viúvas inscritas

A principal razão para se pensar que essas viúvas deviam estar ativamente envolvidas em algum tipo de de ministério cristão é o modo como são descritas: "Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade, tenha sido esposa de um só marido, seja recomendada pelo testemunho de boas obras, tenha criado filhos, exercitado hospitalidade, lavado os pés aos santos, socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra" (1Tm 5.9-10). Essas qualificações parecem ser excessivamente rigorosas se a viúva tivesse de preencher todas elas antes que pudessem receber algum auxílio da igreja. Em particular, parece improvável que Paulo estipulasse uma idade aparentemente arbitrária como um pré-requisito para que mulheres destituídas pudessem receber auxílio.5 Possivelmente as qualificações que ele dá têm a intenção de servir como diretrizes gerais em vez de exigências específicas. Porém, esses requerimentos talvez fizessem melhor sentido como as qualificações para as mulheres poderem servir em algum tipo de ministério na igreja.

Três requerimentos são mencionados. Primeiro, maturidade, ou condição de idosa: "Não seja inscrita senão viúva que conte ao menos sessenta anos de idade" (1Tm 5.9). A idade proposta por Paulo talvez seja uma surpresa para a cultura pós-moderna na sua preocupação de permanecer jovem. No entanto, no mundo antigo, 60 anos de idade era o momento em que a pessoa chegava à total maturidade. Na república ideal de Platão, por exemplo, 60 anos era a idade mínima para ser sacerdote ou sacerdotisa. J. N. D. Kelly resume dizendo: "Na antiguidade, era reconhecido que 60 anos era a idade em que a pessoa se tornava oficialmente 'idosa', e as paixões sexuais de uma mulher poderiam ser consideradas como tendo perdido seus perigos".6 Presumivelmente, as mulheres com menos de 60 anos eram capazes de se sustentar ou de se casar novamente. No entanto, a Bíblia assume ser pouco provável que uma viúva na casa dos 60 ou 70 anos de idade voltasse a se casar.

A segunda exigência para se inscrever na lista de viúvas é a fidelidade. Apenas

uma viúva que tivesse sido “esposa de um só marido” (1Tm 5.9) é elegível para a lista. A expressão usada aqui é a mesma usada anteriormente para descrever os presbíteros e os diáconos (1Tm 3.2, 12). A viúva deveria ter sido mulher de um só homem. Parte do que a preparava para um ministério fiel era ter tido um casamento fiel.

A terceira exigência é a caridade: ela deveria ser “recomendada pelo testemunho de boas obras” (1Tm 5.10), que Paulo continua para listar em ordem lógica. Ele começa com a criação de filhos, porque criar uma família é a obra mais importante que muitas mulheres cristãs recebem para fazer. Contudo, a boa obra de criar filhos não está limitada aos próprios filhos da mulher. Havia muitos órfãos no mundo antigo, como há hoje. Uma mulher piedosa tem compaixão de todos os filhos de Deus e, sempre que possível, demonstra a eles o cuidado amoroso de Deus.

A maternidade leva à hospitalidade. Tão logo sua casa esteja em ordem, estará em condições de receber estrangeiros, o que sempre foi uma virtude cristã fundamental. De acordo com Crisóstomo: “a hospitalidade referida aqui não é meramente uma recepção cordial, mas um acolhimento com zelo, entusiasmo e presteza, como se a pessoa estivesse recebendo o próprio Cristo”.7 A hospitalidade era especialmente importante no mundo antigo em que viajar era uma atividade inóspita e até mesmo perigosa. Cuidar de estranhos “reflete a hospitalidade graciosa de Deus, estimula a interação entre comunidades cristãs e facilita o movimento de pregadores cristãos, desse modo expandindo o evangelho”.8

Antigamente, a primeira coisa que uma boa anfitriã fazia era retirar as sandálias dos seus convidados e lavar seus pés empoeirados. É por isso que Paulo exige que, para se inscrever na lista, a viúva tivesse “lavado os pés aos santos” (1Tm 5.10). Esse gesto de humildade era geralmente feito por escravos, mas uma viúva conhecida pelas suas boas obras o realizava pessoalmente. Essa mulher está disposta a realizar serviço humilde, até mesmo servil, em favor dos seus irmãos e irmãs em Cristo.

Lavar os pés é um lembrete de que a viúva piedosa modela sua vida segundo o exemplo de Jesus Cristo, que, na noite em que foi traído, “levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido” (Jo 13.4-5). Como um servo comum, Jesus

lavou os pés sujos dos seus discípulos. Eles mal conseguiam acreditar nisso, e a princípio Pedro foi contra. Por que o Mestre estava agindo como um servo? Como poderia o Senhor da glória tomar o lugar de um escravo? A resposta é que Jesus estava mostrando aos discípulos quanto ele os amava (ver Jo 13.1). Ele não havia vindo ao mundo "para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.28). Lavar os pés dos seus discípulos era uma antevisão do acontecimento futuro no qual Jesus derramaria seu sangue na cruz pelos pecados deles.

Sempre que cristãos lavam os pés dos santos ou realizam outros atos de serviço humilde, seguem o exemplo de Jesus Cristo:

Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. (Jo 13.14-17)

A viúva inscrita na lista oficial da igreja é o tipo de mulher que recebeu a bênção de Jesus ao seguir o seu exemplo de serviço amoroso.

Por fim, uma verdadeira viúva deve ter "socorrido a atribulados, se viveu na prática zelosa de toda boa obra" (1Tm 5.10). Essa lista não tem a intenção de ser exaustiva. Uma mulher piedosa é piedosa em tudo. Cuida dos doentes até que se recuperem, alimenta os famintos, consola as vítimas de perseguição, e assim por diante. A caridade começa em casa e se espalha por toda a comunidade. Uma das razões de a igreja sempre ter se destacado em ministérios de misericórdia é que os cristãos – especialmente as mulheres cristãs – têm se dedicado a todos os tipos de boas obras. Os cristãos foram os primeiros a resgatar bebês abandonados, a abrir escolas para órfãos, a desenvolver serviços de enfermagem, a criar lares para idosos, e outros.

Para tomar apenas um exemplo, considere a vida e o ministério de Elizabeth Fry. Em 1813, uma mulher chamada Anna Buxton convidou Fry para uma visita à infame prisão Newgate, em Londres. Ao chegarem ali, as duas mulheres quase desmaiaram ao observar a condição miserável das prisioneiras:

Trezentas mulheres, com seus filhos pequenos, estavam presas em quatro celas, sem roupas suficiente, absolutamente sem nenhuma cama, apenas o chão, em pleno inverno, sem ninguém para orientá-las ou controlá-las e sem nada para fazer. Elas tinham permissão para receber dinheiro, e comprar quanto desejassem de bebida alcoólica. O resultado era que aquelas quatro celas pareciam covis de animais selvagens. [...] O diretor da prisão tinha medo de se aproximar dessas celas.9

Fry e Buxton não sabiam o que fazer a não ser ajoelharem-se para orar. Quando elas fizeram isso, as prisioneiras juntaram-se ao redor delas. “Ouvi choro”, disse Fry mais tarde. “Fez-se grande silêncio. Foi uma cena muito admirável; aquelas coitadas ajoelhadas ao nosso redor, na situação deplorável em que se encontravam.”

Fry dedicou os últimos trinta anos da sua vida a compartilhar o evangelho com aquelas mulheres em palavras e obras. Inicialmente, as autoridades tentaram impedi-la, porque consideravam que a situação era irremediável. Porém, Fry as convenceu a deixar que tentasse. Ela começou fazendo roupas de lã para as prisioneiras. Criou uma escola para as crianças. Convenceu as prisioneiras a não falar palavrões, não mendigar e não brigar. Levou materiais para que elas pudessem fazer trabalhos de agulha, como bordado e costura. Todas as manhãs e todas as tardes ela as reunia ao som de um sino para leitura bíblica e oração. Todo o caráter moral da prisão de Newgate foi radicalmente transformado.

Poucas semanas depois, os magistrados retornaram para observar os resultados do esforço. As pobres mulheres estavam sentadas, trabalhando em silêncio, ouvindo uma leitura, decentemente vestidas, com uma aparência tranquila e alegre. Os cavalheiros reconheceram a transformação da maneira mais agradecida. Sentiram que de fato é um coração de mãe que dá a esperança e a paciência necessárias para suportar e salvar os filhos desobedientes do mundo. Dessa primeira prisão, esses planos de ajudar as prisioneiras pelo ensinamento cristão e pelo trabalho, bem como por todos os tipos de solidariedade e socorro próprios de irmã, espalharam-se por toda a Inglaterra e pela cristandade.10

Isso foi apenas o início da obra de Fry. Dentre muitas outras coisas, ela fundou o primeiro “Abrigo noturno para desabrigados de Londres”. Elizabeth Fry era exatamente o tipo de mulher que Paulo descreveu para Timóteo, uma mulher que “viveu na prática zelosa de toda boa obra” (1Tm 5.10). Aos 60 anos de idade, já tinha obtido uma reputação por esse tipo de obras. Isso porque ela não esperou fazer 60 anos para começar a fazê-las. Sua obra na prisão Newgate começou quando ela estava na casa dos 30 anos de idade. O que qualifica uma viúva para receber auxílio da igreja e para fazer um serviço para a igreja é o trabalho de uma vida inteira.

As mulheres, especialmente as mais jovens, devem dedicar-se a todos os tipos de boas obras. Louvo o Senhor pela caridade das mulheres cristãs, especialmente nos centros urbanos. Elas criam clubes bíblicos para as crianças dos bairros vizinhos. Cuidam de adolescentes grávidas. Fazem amizade com as pessoas que estão morrendo de AIDS. Dão aulas a crianças carentes. Acolhem estranhos em casa. Oram pelas obras da igreja. Trabalham nos hospitais, nas escolas e até mesmo nas ruas da cidade para mostrar o amor de Cristo. O trabalho dessas mulheres é um lembrete de algo dito uma vez por Libânio, o grande estudioso e filósofo pagão da Antiguidade, que ensinava retórica na antiga Antioquia. Um dos seus pupilos foi João Crisóstomo, que mais tarde tornou-se o famoso pregador de Constantinopla. O pai de Crisóstomo morreu quando Crisóstomo ainda era jovem, e sua mãe fez extraordinários sacrifícios pessoais para garantir que recebesse a instrução de que necessitava para servir ao reino de Deus. Quando Libânio ouviu a história dessa mãe, relatada por um colega de classe, exclamou: “Céus, como existem mulheres admiráveis entre os cristãos!”11

De fato.

Jovem demais para se inscrever

Nem todas as mulheres eram aptas para serem inscritas na lista de Paulo. Algumas não eram elegíveis para servir em ministérios públicos ou receber ajuda financeira. A caridade cristã não é um direito adquirido nem mesmo para as viúvas cristãs. Algumas não se qualificavam para essa ajuda porque não haviam sido fiéis ao marido ou ativas em boas obras. Ou, então, eram jovens

demais. “Mas rejeita viúvas mais novas” (1Tm 5.11).

Qual era o motivo para essa restrição? Primeiro, era menos provável que viúvas jovens mantivessem sua promessa: “porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se, tornando-se condenáveis por anularem o seu primeiro compromisso” (1Tm 5.11-12). Por mais difíceis que sejam esses versículos, é importante perceber que Paulo não se opunha ao casamento ou ao sexo. Na nossa língua, “leviana”* soa como se a vontade de casar-se ou de sexo fosse imoral. Porém, esse termo simplesmente refere-se ao desejo natural por sexo concedido por Deus e cuja satisfação adequada ocorre no relacionamento conjugal. E também Paulo não se opõe a um novo casamento. Na Antiguidade, as pessoas comumente acreditavam que a viúva, ao se casar novamente, cometia deslealdade. Obviamente, essa não é a visão bíblica, uma vez que o versículo 14 dá permissão explícita para que as viúvas jovens voltem a se casar.

Se Paulo não se opunha ao casamento em si e de si mesmo, então a quê ele se opunha? A palavra “compromisso”** levou alguns estudiosos a interpretar que essas mulheres haviam abandonado totalmente o cristianismo. Como apoio a essa interpretação, eles ressaltam as instruções que Paulo deu aos coríntios: “A mulher está ligada enquanto vive o marido; contudo, se falecer o marido, fica livre para casar com quem quiser, mas somente no Senhor” (1Co 7.39). Possivelmente em seu desejo sexual, algumas viúvas jovens de Éfeso estivessem se casando com pagãos, desse modo abandonando a fé cristã (cf. 1Co 7.39).12

Talvez seja mais provável que “fé” esteja sendo empregada aqui no sentido de “promessa” ou “voto”.*** Isso pode ser outra indicação de que essas viúvas exerciam um ministério especial na igreja, ou que, pelo menos, por razões espirituais haviam feito um voto de permanecerem solteiras. Presumivelmente, as mulheres que entravam para essa ordem de viúvas assumiam um compromisso de aliança diante de Deus de não voltar a se casar. Elas se dedicavam totalmente a Cristo, quase como se estivessem casadas com ele. O voto que essas mulheres faziam era totalmente voluntário, mas, uma vez feito, era necessário cumpri-lo. Caso uma viúva jovem fizesse um voto de celibato e mais tarde decidisse se casar novamente, teria de romper seu compromisso com a igreja – virtualmente como se estivesse se divorciando do próprio Cristo.

Em todo caso, a advertência que Paulo faz aplica-se de modo mais geral a todos os solteiros que são cristãos, e não apenas às viúvas. É possível que o desejo de se casar ultrapasse o desejo de servir a Cristo. Algumas vezes cristãos solteiros

sentem um desejo tão forte de se casar que nem mesmo seu relacionamento com Cristo é capaz de impedi-los. Eles colocam a vida em modo de espera até que Deus lhes conceda um cônjuge (o que, obviamente, pode nunca acontecer). Ou, então, não ponderam devidamente os namoros, até mesmo chegando a namorar descrentes. Ou assumem precipitadamente um compromisso de noivado, sem dar atenção a todos os sinais de advertência de que a pessoa com quem querem se casar é inadequada. Havia jovens viúvas assim na igreja primitiva, também, e elas traziam juízo sobre si mesmas. A razão pela aqual elas incorriam em condenação não era o impulso sexual, ou mesmo o fato de terem se casado novamente, mas que elas haviam quebrado a promessa que haviam feito a Cristo. Teria sido melhor não terem feito um voto do que ter feito um que eram incapazes de cumprir.

Incidentalmente, a advertência de Paulo revela um risco inerente na maneira como a Igreja Católica Romana estabeleceu suas ordens de freiras. Ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi aos poucos reduzindo a idade de ingresso, de 60 anos até finalmente permitir que adolescentes fizessem votos de castidade. Também permitiu que mulheres que nunca haviam se casado fizessem o voto de castidade. No entanto, a Bíblia sabiamente restringe esse tipo de votos às viúvas que tenham, no mínimo, 60 anos de idade, porque mulheres jovens têm maior probabilidade de descumprir seus votos. Jovens ou idosas, casadas ou solteiras, mulheres que aspiram à piedade devem se dedicar às boas obras e buscar contentamento na sua atual situação de vida, sem presumir quanto ao plano de Deus para o seu futuro.

Dois pecados mortais: preguiça e fofoca

O outro perigo de inscrever viúvas jovens na lista da igreja é que elas são mais sujeitas a desperdiçar seu tempo: “Além do mais, aprendem também a viver ociosas, andando de casa em casa; e não somente ociosas, mas ainda tagarelas e intrigantes, falando o que não devem” (1Tm 5.13; cf. 5.6). Essas mulheres parecem ser borboletas sociais. Como a igreja as sustentava, viam-se livres para gastar o tempo livre para ir daqui para lá, fazendo uma infinita ronda de visitas a todas as suas amigas. Isso pode até mesmo significar que elas estavam indo de igreja em igreja, uma vez que os primeiros cristãos geralmente se reuniam nas casas. Em todo caso, andar “de casa em casa” é “totalmente o oposto das boas obras das verdadeiras viúvas, cujas atividades se concentram principalmente no

próprio lar”.13

Aqui a Bíblia adverte contra aquele pecado em que geralmente incorremos quando não temos nada melhor para fazer: ócio, ou o que a Bíblia chama de “frivolidade”. Isso é também conhecido como “preguiça”, que é um dos tradicionais “sete pecados capitais”. A preguiça é a indisposição para fazer algum esforço, como um bicho preguiça que passa o dia inteiro pendurado numa árvore dormindo de cabeça para baixo. Esse é um hábito fácil de adquirir quando se tem alguém pagando todas as nossas contas, que é o motivo pelo qual Paulo não quer que Timóteo inscreva viúvas jovens na lista das que recebem auxílio. Os seres humanos foram criados para trabalhar: “Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra” (Êx 20.9). Isso não significa que todos os cristãos devem trabalhar em ocupações remuneradas, mas que todos devem trabalhar. Pessoas que dependem de auxílio governamental precisam encontrar algo produtivo para fazer com o tempo de que dispõem, em casa ou na comunidade. No mínimo, sempre há muito trabalho voluntário na igreja.

A preguiça comumente leva a outros pecados – nesse caso, fofocar. As mulheres sobre as quais Paulo estava advertindo Timóteo eram não apenas ociosas, mas também “tagarelas e intrigantes, falando o que não devem” (1Tm 5.13). A igreja em Tessalônica deve ter enfrentado um problema semelhante, porque Paulo havia ouvido que algumas delas andavam “desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometem na vida alheia” (2Ts 3.11). Em Éfeso, as mulheres que iam de casa em casa ouviam todo tipo de novidades interessantes, algumas das quais não deviam ser divulgadas. No entanto, de qualquer modo elas as divulgavam.

Que tipo de informação essas jovens viúvas espalhavam? Algumas delas talvez espalhassem falsas teologias, que era um grande problema em Éfeso (cf. 2Tm 3.6). Outras podiam estar tentando ajudar pessoas que tinham algum problema, mas não sabiam como guardar um segredo. Outras ainda podiam estar espalhando boatos maldosos. A fofoca, em todas as suas variedades, é um problema comum na igreja, talvez especialmente entre as mulheres cristãs. Por meio das maravilhas do telefone, da internet e outros tipos de tecnologia de comunicação, a pessoa pode se intrometer na vida dos outros na intimidade do seu próprio lar ou até mesmo do seu automóvel. Tudo o que é preciso é de dedos para digitar num teclado ou do queixo para segurar o telefone no ombro. É bom que cristãos mantenham contato com seus irmãos na fé, mas não apenas para ter alguma novidade picante sobre a qual comentar. Em vez disso, conversas particulares devem ser no sentido de estimular os fracos, auxiliar os

necessitados, salvar almas perdidas e estabelecer um programa de oração. As amizades cristãs devem ser tanto espirituais quanto sociais.

Muitas pessoas tendem a fazer vista grossa à preguiça e à fofoca, mas são pecados graves. Considere quanto elas são destrutivas. A preguiça destrói as finanças: “Ó preguiçoso, até quando ficarás deitado? Quando te levantarás do teu sono? Um pouco para dormir, um pouco para tosquenejar, um pouco para encruzar os braços em repouso, assim sobrevirá a tua pobreza como um ladrão, e a tua necessidade, como um homem armado” (Pv 6.9-11). A preguiça também destrói a alma. Ela simultaneamente enfraquece todos os demais aspectos da vida espiritual. É um dos fatores que mais contribuem para a depressão. Uma pessoa preguiçosa perde o zelo por Deus, pelo trabalho e por fim pela própria vida.

A fofoca é igualmente destrutiva. Ela destrói outros, especialmente nos relacionamentos. De acordo com Provérbios: “o difamador separa os maiores amigos” (Pv 16.28; cf. 17.9). Mexericos e boatos também são combustíveis para as chamas da controvérsia. Em algum nível, quase todos os conflitos e divisões observados na história da igreja envolveram fofocas.

É porque esses pecados são tão destrutivos que Paulo propõe uma solução: “Quero, portanto, que as viúvas mais novas se casem, criem filhos, sejam boas donas de casa e não deem ao adversário ocasião favorável de maledicência” (1Tm 5.14; cf. 2.15). A palavra que Paulo usa para expressar suas intenções aqui (boulomai) é a mesma palavra de autoridade que ele usou em 1Timóteo 2.12 e outras passagens. Isso não é meramente um conselho pessoal de Paulo; é uma ordem apostólica. Isso não quer dizer que cada uma e todas as mulheres solteiras devem encontrar um marido, o que evidentemente depende da providência de Deus. No entanto, como regra geral, é bom que as viúvas mais jovens dediquem-se a cuidar da família ou mesmo que se casem novamente.

O que Paulo diz sobre casar-se novamente em 1Timóteo 5 está em total coerência com o que ele diz sobre a condição de solteiro em 1Coríntios 7: “Gostaria que todos os homens fossem como eu; mas cada um tem o seu próprio dom da parte de Deus; um de um modo, outro de outro. Digo, porém, aos solteiros e às viúvas: é bom que permaneçam como eu. Mas, se não conseguem controlar-se, devem casar-se, pois é melhor casar-se do que ficar ardendo de desejo” (1Co 7.7-9).**** Observe que as viúvas são especialmente mencionadas como mulheres que fariam melhor se não se casassem. A vida de solteiro é boa,

especialmente quando ela é dedicada a um serviço cristão proveitoso (1Co 7.32-35). De fato, permanecer solteiro é a opção preferencial de Paulo para pessoas que receberam esse dom. No entanto, há muitas boas razões para se casar novamente, entre elas evitar o perigo da tentação sexual.

Casar-se novamente é uma boa solução para os problemas que preocupavam Paulo em Éfeso. Para começar, cuidar da família é uma ótima solução contra a preguiça. Uma vez que a pessoa se casa e começa a ter filhos, estará ocupada e não terá tempo para ociosidade, como toda mãe pode testificar. Ela terá trabalho suficiente para fazer que não sentirá necessidade de se intrometer na vida dos outros.

Porém, o que irá acontecer se essas instruções forem ignoradas? Um tanto sombriamente, a passagem termina com querendo não dar “ao adversário ocasião favorável de maledicência” (1Tm 5.14). A palavra “adversário” (antikeimenō) pode estar se referindo aos incrédulos. Se as viúvas jovens da igreja não se comportam – especialmente se caírem em pecado sexual – a reputação pública da igreja será prejudicada. Todavia, um adversário ainda mais importante é mencionado no versículo seguinte: “Pois, com efeito, já algumas se desviaram, seguindo a Satanás” (1Tm 5.15). Satanás, o antigo inimigo de Deus, estava espreitando nas sombras da igreja apostólica. Ele havia seduzido algumas viúvas a segui-lo. Possivelmente em consequência de falsos ensinamentos, uma vez que falsos mestres estavam proibindo as pessoas de se casarem (1Tm 4.3). Em todo caso, destruir lares cristãos é uma das coisas mais prazerosas de Satanás.

A referência a Satanás é um lembrete de que toda mãe, no seu lar, com seus filhos, trava uma guerra espiritual. Evidentemente, o seu trabalho é difícil, e sem dúvida repleto de tentações e frustrações: isso é guerra espiritual. Quando uma mãe cristã ensina a seu filho uma lição espiritual, ela faz isso em desafio a Satanás. Até mesmo tarefas diárias – se feitas em dedicação a Cristo – são pequenas vitórias sobre o diabo e sua obra. O lar cristão não é apenas um lar; é também um posto militar avançado.

Viúvas que são verdadeiramente necessitadas

Toda essa seção de 1Timóteo é dedicada principalmente a assegurar que as

viúvas recebam os cuidados de que necessitam. Depois de explicar que algumas não necessitam de ajuda, Paulo encerra dizendo que algumas de fato necessitam: “Se alguma crente tem viúvas em sua família, socorra-as, e não fique sobrecarregada a igreja, para que esta possa socorrer as que são verdadeiramente viúvas” (1Tm 5.16).

Os estudiosos ficaram intrigados com o fato de a instrução ter sido dirigida somente às mulheres, e não também aos homens. Bassler supõe que “mulheres cristãs abastadas, talvez elas mesmas viúvas, auxiliavam materialmente (alimento, abrigo ou vestuário) outras viúvas em sua congregação”.14 J. N. D. Kelly acrescenta: “A razão pela qual Paulo não impõe a mesma obrigação a homens cristãos em situação semelhante deveria ser óbvia. Se fosse solteiro ou viúvo, seria extremamente impróprio responsabilizar-se por um grupo de viúvas; se fosse casado, naturalmente sua responsabilidade seria, em todos os aspectos práticos, para com sua esposa”.15

Independentemente de a quem atribuir a responsabilidade, se à mulher ou ao homem ou a ambos, a coisa mais importante para o cristão é sustentar sua família. Para o pobre, sua família é a primeira linha de defesa. Como Calvino colocou essa questão: “antes de a igreja assumir a responsabilidade, que os filhos cumpram com sua obrigação”.16 A igreja primitiva parece ter compreendido bem esse princípio, porque a capela de Villa Albani, em Roma, tem a seguinte inscrição: “À bondosa Regina, sua filha erigiu este memorial: à bondosa Regina, sua mãe, viúva por 60 anos que nunca sobrecarregou a igreja depois de ter sido esposa de um único marido. Ela viveu 80 anos, 5 meses e 26 dias”.17 A inscrição mostra quanto é meritório que os cristãos cuidem dos seus próprios parentes.

A segunda linha de defesa dos pobres é a igreja. Uma das vantagens de pertencer à igreja de Jesus Cristo é sempre poder contar com uma família para suprir nossas necessidades pessoais. Considerando-se que as finanças da igreja são limitadas, é necessário que os próprios cristãos cuidem dos pobres que há em seu meio. E, então, a igreja terá recursos suficientes para auxiliar os verdadeiramente necessitados.

Um dos lugares em que as viúvas estavam realmente necessitadas era a cidade de Kiev nos anos 1990 depois do colapso do comunismo. À medida que a economia declinava, as ruas começaram a ficar cheias de mendigos. Mulheres pobres se aproximavam de estranhos clamando em alta voz por dinheiro para

comprar pão. E o que aconteceu com as viúvas da igreja? Uma congregação evangélica cuidou das suas viúvas por meio de “banquetes babushka”, jantares em que eram servidas generosas porções de carne, purê de batata, verduras, salada de fruta e pão. Isso foi o que a igreja de Kiev fez. Mas o que está sendo feito na sua igreja pelos seus próprios idosos, especialmente pelas viúvas? Você sabe quem são elas? Onde moram? Do que elas necessitam? Essas são perguntas importantes a serem respondidas, porque auxiliar as viúvas é a verdadeira essência do autêntico cristianismo.

Notas

* Ou “paixão sensual”, Almeida século 21; “desejo sensual”, NVI. (N. do T.)

** A versão adotada pelo autor utiliza a expressão “fé”, que também ocorre em outras versões em português como na ARC, ARF e A21. (N. do T.)

*** Esta pode ser a provável explicação para a ARA optar pela tradução do termo como “compromisso”. (N. do R.)

**** Essa é a versão da NVI; na versão ARA, o versículo 8 traz “viúvos”, em vez de “viúvas”. (N. do T.)

1 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 132.

2 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 256.

3 Stott. Guard the Truth, p. 133.

4 João Calvino. Sermons on the Epistles to Timothy & Titus (1579; reimpr.

Edimburgo: Banner of Truth, 1983), p. 479.

5 Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1957), p. 102.

6 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 115.

7 João Crisóstomo. "Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon", trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:454.

8 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 97.

9 Susan Hunt. By design: God's distinctive calling for women (Franklin, TN: Legacy, 1994), p. 152. O relato de Hunt foi extraído de Sketches of the women of Christendom (Nova York: Dodd, Mead & Company, s.d.), p. 303-17.

10 Hunt. By design, p. 153-54.

11 J. N. D. Kelly. Golden mouth: The story of John Chrysostom - ascetic, preacher, bishop (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1998), p. 7.

12 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 157.

13 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 122.

14 Bassler. 1 Timothy, p. 96.

15 Kelly. Pastoral Epistles, p. 121.

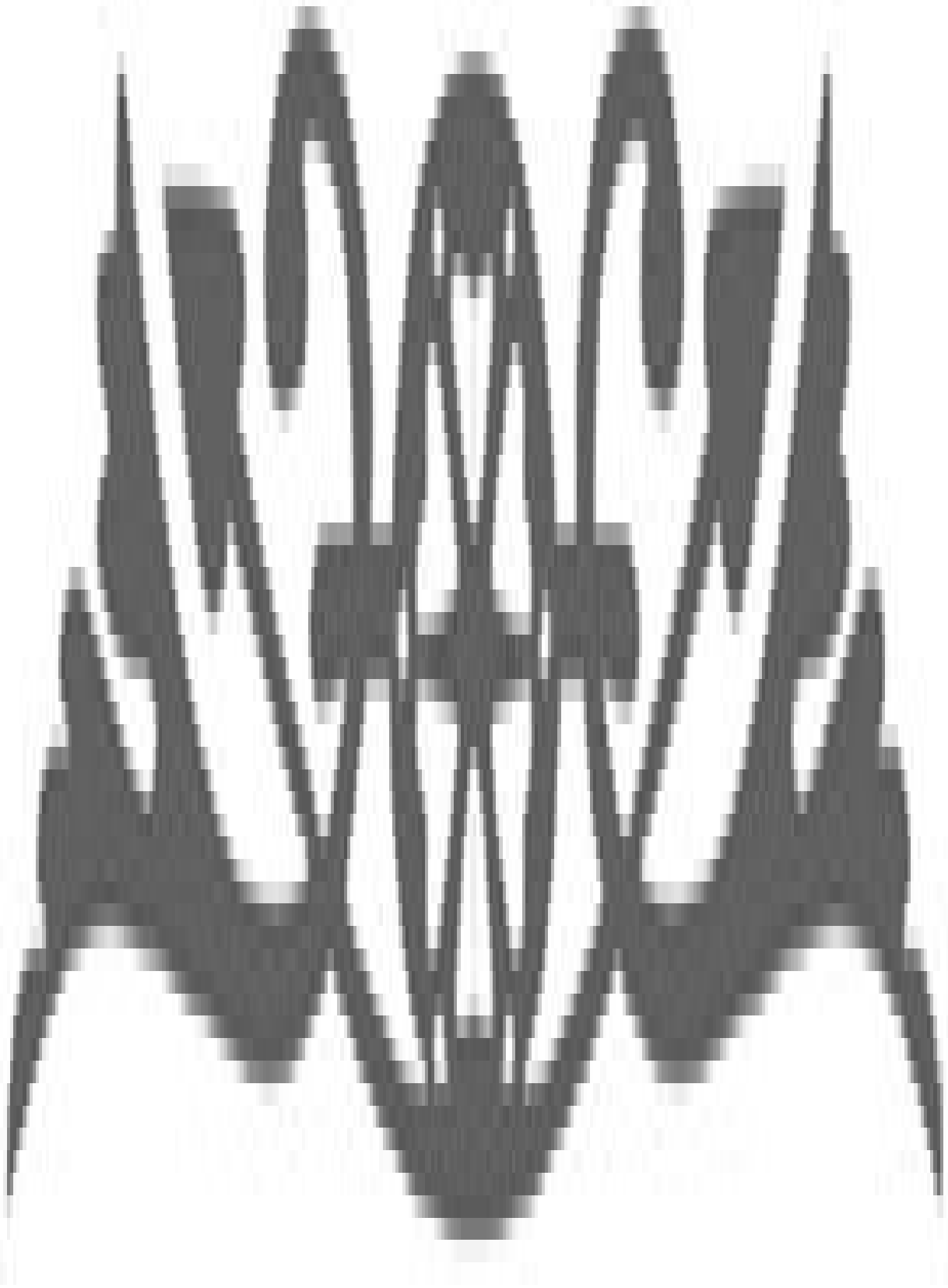
16 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 251.

17 Marvin R. Vincent. Word studies in the New Testament, 2ª. ed., 4 vols. (1888; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, s.d.), 4:265-66.

16

O que as ovelhas devem aos seus pastores

1Timóteo 5.17-25



Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino. Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário. (1Tm 5.17-18)

A primeira carta a Timóteo é muitas vezes tratada como um manual para o governo da igreja. Embora obviamente seja muito mais que isso, algumas partes dela se parecem com um manual de ordem da igreja. Isso é especialmente verdadeiro quanto ao capítulo 5, que se encerra com instruções a respeito dos presbíteros. Tendo em vista que a palavra grega é presbyteros, essa seção pode ser chamada de "presbiterianismo prático", independentemente de se a pessoa é presbiteriana ou não.

As instruções parecem se encaixar em três categorias: remuneração, ou como o ministro deve ser pago (1Tm 5.17-18), acusação, ou como os ministros devem ser disciplinados (1Tm 5.19-20) e ordenação, ou como os homens devem ser chamados para o ministério (1Tm 5.22-25). O governo da igreja pode não parecer um tópico interessante, mas considere o que acontece quando essas instruções são ignoradas. Se os ministros não forem adequadamente remunerados, então eles são distraídos pelas preocupações mundanas e podem ser tentados a tornarem-se descontentes. Se eles são falsamente acusados, então o ensino deles será rejeitado. Se não forem disciplinados, então toda a igreja será negativamente afetada, especialmente no caso de ministros que sequer deveriam ter sido ordenados, em primeiro lugar. Resumindo, se uma igreja não praticar o "presbiterianismo" prático bíblico, seu ministério será deficiente.

A remuneração dos ministros

O apóstolo introduz essa importante seção de ensino explicando o que as ovelhas devem aos seus pastores: "Devem ser considerados merecedores de dobrados honorários os presbíteros que presidem bem, com especialidade os que se afadigam na palavra e no ensino" (1Tm 5.17). Esses "presbíteros" mencionados aqui são os mesmos homens que os "bispos" descritos no capítulo 3. Isso é certo

porque quando Paulo se despediu desses homens em Mileto, ele usou os termos “presbíteros”, “bispos” e “pastores” como sinônimos (At 20.17,28; cf. Tt 1.5,7).

O que Paulo diz a Timóteo dá algumas indicações a respeito do que esses homens na verdade fazem: são eles que “presidem”, ou como a NIV traduz isso, “orientam as questões da igreja” (1Tm 5.17; cf. 1Tm 3.4, 12). Em outras palavras, esses líderes espirituais gerenciam a casa de Deus. Isso significa que eles ensinam a doutrina bíblica, oram pela obra do evangelho e fazem planos para o futuro da igreja. Eles também advertem os pecadores inconstantes e dão as boas-vindas a eles quando retornam arrependidos.

Num ou noutro grau, todos os presbíteros fazem todas essas coisas. Mas aqui parece que uma distinção deve ser feita entre dois tipos de presbíteros, os que os presbiterianos geralmente chamam “presbíteros docentes” (com frequência chamados de “pastores”) e “presbíteros regentes” (ou simplesmente “os presbíteros”). Alguns presbíteros também atuam como pregadores. Na igreja contemporânea, eles geralmente fazem parte dos auxiliares permanentes da igreja. Uma vez que fazem a maior parte do ensino público, são identificados como presbíteros docentes. A dificuldade do trabalho deles é sugerida pela expressão “se afadigam”, que indica esforço extremo. Evidentemente, os presbíteros regentes também são capazes de ensinar (ver 1Tm 3.2), mas essa não é a principal vocação deles. A maioria dos presbíteros regentes tem um emprego de período integral fora da igreja, mas uma parte importante da vida deles é presidir ou administrar as questões espirituais da casa de Deus.

Isso é o que os presbíteros fazem. O principal do que é dito aqui é que alguns deles merecem: “dupla honra”*. A palavra bíblica para “honra” (timē) era frequentemente usada para se referir a um estipêndio ou pagamento. Esse significado é indicado pela palavra na nossa língua “honorário”, que é uma doação feita a um ministro numa ocasião especial, como um casamento, um funeral ou uma palestra bíblica. A palavra “honra” é também usada desse modo anteriormente nesse capítulo, quando Paulo diz a Timóteo: “Honra as viúvas verdadeiramente viúvas” (1Tm 5.3). O tipo de “honra” que o apóstolo tinha em mente é o sustento financeiro.

Então, o que significa “dupla honra”? Alguns estudiosos entendem que tem a ver com compensação. Os presbíteros docentes devem receber o dobro do pagamento oferecido aos presbíteros regentes ou talvez o dobro do valor repassado às viúvas. Afinal de contas, dadas as qualificações deles (1Tm 3.4), a

maioria tem família para sustentar. No entanto, parece ser improvável que “dupla honra” refira-se apenas a uma escala de salários da igreja. Há outro tipo de honra que pode explicar o que Paulo tinha em mente nesse caso, uma vez que “honra” pode também significar “respeito”. Considerando-se que o ofício de ensinar é sagrado, os ministros que cumprem bem sua função são dignos de respeito proporcional. Eles merecem tanto a honra quanto um honorário; portanto, eles são “dignos de dupla honra” (1Tm 5.17).

O respeito pelo ministério pastoral pode ser demonstrado de muitos diferentes modos. Começa com a maneira como os membros da igreja se dirigem ao pastor ou se referem a ele. A ordem para honrar explica por que um ministro é algumas vezes chamado de “reverendo”. A honra também inclui acatar seus conselhos e até mesmo suas repreensões desde que estejam de acordo com a vontade de Deus: “Obedecei aos vossos guias e sede submissos para com eles; pois velam por vossa alma, como quem deve prestar contas, para que façam isto com alegria e não gemendo; porque isto não aproveita a vós outros” (Hb 13.17). Outra maneira de respeito é incentivar um pastor. Poucas coisas são mais úteis para um ministro do evangelho do que palavras específicas de incentivo para o seu ministério. A honra pode também tomar uma forma concreta. Uma doação amável e generosa pode ser outro modo de demonstrar respeito por um ministro. Nunca vou me esquecer de um amigo que deu ingressos para assistirmos (eu e meu filho) a um jogo de beisebol de um time famoso, ou do casal que, num verão particularmente quente, me presenteou com um cartão de membro de um clube de natação.

Isso não significa que os ministros devam circular esperando ser tratados como reis. Paulo já os havia advertido quanto à ganância. De fato, um homem que ama o dinheiro é totalmente ilegível para tornar-se um ministro docente (1Tm 3.3). Porém, não é responsabilidade da igreja ensinar aos seus ministros a viverem contentes ao dar a eles a dádiva da pobreza.

A revista Christianity today certa vez relatou a história do pastor Steve, de Montana.1 Com esposa e três filhos, o pastor Steve tentou viver de algum modo abaixo da linha da pobreza. Durante certo tempo, sua família conseguiu manter-se, embora precariamente, mas então as dívidas começaram a se acumular. A certa altura, o pastor Steve decidiu tirar uma semana de férias para assistir a algumas aulas no seminário. Toda a família viajaria de carro até o Colorado. No entanto, exatamente antes que pudessem sair de casa, o câmbio do carro quebrou e eles tiveram uma despesa médica inesperada. Na noite de verão anterior ao dia

em que havia planejado partir, o pastor Steve sentou-se com a esposa na varanda da casa que estavam alugando e chorou. Não haveria viagem. Em vez disso, passariam as férias no porão da casa de um parente, que ficava a algumas horas de viagem.

Algum tempo depois, o pastor Steve pediu um aumento de salário. O Conselho da igreja concordou, resmungando, com um pequeno acréscimo, ainda assim insuficiente para suprir as necessidades mensais da família. Eles recomendaram a Steve que buscasse auxílio com a companhia de eletricidade para manter a conta de energia em dia. Eles também disseram que se ele necessitasse de mais dinheiro, deveria tornar-se capelão na Guarda Nacional. “É só um fim de semana por mês”, explicaram. A ironia disso tudo é que havia dinheiro sobrando no caixa da igreja, pois as receitas superavam as despesas. Não é de admirar que o Pastor Steve quase tenha abandonado o ministério. Pensou em se mudar para a metrópole e conseguir um emprego que lhe pagasse o suficiente para quitar as dívidas. Era um homem bom. Não buscava uma vida extravagante. Ele estava até mesmo disposto a suportar as agruras no ministério. Porém, sua própria igreja o levou à tentação por não ajudá-lo a suprir suas necessidades diárias.

Quando uma igreja se recusa a pagar um salário decente para o seu pastor, ela está desobedecendo à vontade de Deus: “Pois a Escritura declara: Não amordaces o boi, quando pisa o trigo. E ainda: O trabalhador é digno do seu salário” (1Tm 5.18; cf. 2Tm 2.6). Esses dois exemplos vêm do trabalho no campo. O primeiro é uma citação direta de Deuteronômio 25.4 (esse versículo deve ter deixado uma forte impressão no apóstolo, porque ele volta a citá-lo num contexto semelhante em 1Co 9.9). Quando um animal de carga está ajudando na colheita, ele tem o direito de mordiscar o grão vez ou outra. Ele merece uma parte do produto. Além disso, ele irá trabalhar mais tempo e com mais vigor se conseguir comer. O que é justo para os animais é justo para os clérigos. Eles, também, devem receber o suficiente para viver.

A segunda citação pode vir do próprio Jesus. Quando Jesus enviou seus discípulos em pares, pediu que não levassem dinheiro, mas se hospedassem onde quer que fossem recebidos, porque “digno é o trabalhador do seu salário” (Lc 10.7; cf. Mt 10.10; 1Co 9.10). Os ministros do evangelho são como os trabalhadores do campo: merecem alimento e um lugar para descansar em troca do seu árduo labor.

As ovelhas sempre tiveram de pagar um salário decente para o pastor delas. No

Antigo Testamento, eles eram sustentados para que pudessem dedicar-se ao trabalho do Senhor. O rei Ezequias, ordenou ao povo, moradores de Jerusalém, que contribuísse com sua parte devida aos sacerdotes e aos levitas, para que pudessem dedicar-se à Lei do Senhor. Logo que se divulgou esta ordem, os filhos de Israel trouxeram em abundância as primícias do cereal, do vinho, do azeite, do mel e de todo produto do campo; também os dízimos de tudo trouxeram em abundância (2Cr 31.4-5).

As igrejas não precisam, necessariamente, pagar seus ministros com azeite e mel, mas o princípio continua sendo válido. Todo ministro deve ter suas necessidades básicas adequadamente supridas. Caso contrário, pode perder o foco do seu verdadeiro chamado.

Para esse fim, o tesoureiro da igreja deve verificar se as necessidades do pastor estão sendo supridas. Uma boa regra a seguir é que um ministro deve receber aproximadamente o equivalente à média dos salários das pessoas que fazem parte da sua congregação. Se a igreja é pobre, então o ministro não deve esperar tornar-se rico. Apesar disso, devem receber um salário decente para viver. O próprio Paulo foi uma notável exceção a essa regra. Quando necessário, ele supria suas próprias necessidades trabalhando como fabricante de tendas (At 18.3). No entanto, o apóstolo sabia que ele era um caso especial, de modo que sempre insistia no fato de que um presbítero regente tem o direito de ser recompensado pelo seu trabalho: “Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14; cf. Gl 6.6).

Sobre a acusação de presbíteros

Os presbíteros que merecem honra dobrada são aqueles que realizam bem seu trabalho (cf. 1Tm 3.4), o que sugere que outros não trabalham tão bem. E, de fato, um problema em Éfeso era que havia presbíteros delinquentes. Embora Timóteo tivesse de lidar com eles, não deveria aceitar “denúncia contra presbítero, senão exclusivamente sob o depoimento de duas ou três testemunhas” (1Tm 5.19).

Essas instruções explicam como tratar de uma queixa contra um presbítero. Isso quase dá a impressão de que os presbíteros recebem tratamento especial, mas a Bíblia insiste o tempo todo na necessidade de pelo menos duas testemunhas para

declarar alguém culpado. É como o antigo ditado: “Se um irmão vem visitar você, ele tem um problema; se dois irmãos vêm visitar você, você tem um problema”. A Bíblia é muito clara a respeito dessa questão: “Uma só testemunha não se levantará contra alguém por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for que cometer; pelo depoimento de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o fato” (Dt 19.15; cf. 2Co 13.1). Jesus aplicou a mesma regra a todos na igreja, não apenas aos presbíteros (Mt 18.16).

O que é único a respeito dos presbíteros é que eles não podem nem mesmo ser acusados de um pecado a menos que haja várias testemunhas. São necessárias duas testemunhas, não para declarar culpado, mas antes que uma acusação possa ser considerada. A sabedoria desse mandamento é autoevidente, especialmente nesta época escandalosa. Nas últimas décadas a política americana tem sido dominada por escândalos, com frequência do tipo “ele disse, ela disse”. Em muitos casos, é impossível saber a verdade, mas as acusações em si geram um sem-fim de fofocas. O mesmo pode acontecer na igreja. Um membro pode causar problemas ao difamar um presbítero, seja publicamente ou em particular. Mesmo que a acusação acabe por ser demonstrada como sendo infundada, a reputação do homem ficará manchada. É por essa razão que os presbíteros devem ser considerados inocentes até que lhes seja concedida uma oportunidade justa de se defenderem. Como John Stott observou sabiamente: “A observância desse princípio bíblico teria silenciado muitos fofoqueiros maliciosos e preservado muitos pastores de críticas injustas e sofrimentos desnecessários”.2

Uma razão para ser especialmente cauteloso quanto a ataques contra os presbíteros da igreja é que Satanás sempre está agindo para destruir o ministério. Segundo Calvino:

ninguém está mais exposto a insultos e difamações que os mestres piedosos. Isso se deve não apenas à dificuldade das suas obrigações, que são tão grandes que às vezes eles afundam sob elas, ou vacilam ou dão um passo em falso, de modo que homens perversos encontram ocasiões para criticá-los; mas, além disso, ainda que cumpram suas obrigações corretamente e não cometam um erro sequer, nunca conseguem evitar milhares de críticas. É de fato uma artimanha de Satanás alienar tais homens dos seus ministérios de modo tão gradual para que seus ensinamentos passem a ser desprezados. Desse modo, além de prejudicar pessoas inocentes, maculando injustamente a reputação delas, também a

autoridade do ensino santo de Deus é reduzida.3

Isso não significa que o ensino e o governo dos presbíteros estejam acima da lei. Exatamente o contrário disso, porque o fato de que recebem proteção especial contra difamações faz com que seu pecado seja ainda mais repreensível: “Quanto aos que vivem no pecado, repreende-os na presença de todos, para que também os demais temam” (1Tm 5.20). Se uma acusação contra um ofensor contumaz pode ser provada, seu pecado deve ser exposto publicamente, como fez, por exemplo, Paulo, que chamou a atenção da igreja de Antioquia para a hipocrisia de Pedro (ver Gl 2.11-14). No entanto, a repreensão pública deve ser o último recurso. Primeiro, um presbítero deve ser repreendido reservadamente, em especial se seu pecado foi cometido reservadamente. Contudo, caso se recuse a se arrepender de um pecado evidente, deve ser tratado da mesma maneira que Paulo tratou Himeneu e Alexandre, que foram entregues “a Satanás, para serem castigados, a fim de não mais blasfemarem” (1Tm 1.20).

Nestes tempos indisciplinados, muitas igrejas permitiram que a disciplina caísse em desuso. Os líderes cristãos muito raramente têm a coragem de corrigir pecadores. Às vezes, há algum tipo de encobrimento. Nem mesmo salafrários são punidos, de modo que as pessoas pensam que podem pecar que ficarão impunes. Contudo, de acordo com Crisóstomo, a falta de disciplina é prejudicial para todos os envolvidos: “Porquanto, assim como é errado condenar precipitadamente e irrefletidamente, do mesmo modo não punir transgressões evidentes é abrir caminho para outros, encorajando-os a transgredir. [...] Porque é escândalo maior que a transgressão seja conhecida, mas não a punição. Isso porque quando pecadores não são punidos, muitos se lançam ao crime; quando eles são punidos, muitos se regeneram”.4 Os cristãos devem ser cuidadosos o suficiente para confrontar.

Quando um ministro faltoso é repreendido diante de toda a congregação, então os “demais” – quer dizer, os outros presbíteros – serão advertidos a não pecar. Não há dúvida de que o restante da igreja também prestará muita atenção. Literalmente, ficarão “com medo” (NTLH), não apenas das consequências do pecado, mas do próprio Deus, que é tão perfeitamente santo que deve ser temido por todos os pecadores. A instrução faz lembrar o castigo aplicado aos idólatras no Antigo Testamento, cujo propósito era produzir o mesmo efeito: “E todo o Israel ouvirá e temerá, e não se tornará a praticar maldade como esta no meio de

ti” (Dt 13.11).

O próprio Timóteo pode ter se sentido um tanto temeroso quando leu as instruções do apóstolo. O motivo inicial pelo qual Paulo havia escrito a ele era instruí-lo a “admoestares a certas pessoas, a fim de que não ensinem outra doutrina” (1Tm 1.3). Isso o colocava numa posição desconfortável.

Dada a situação que havia em Éfeso, não é difícil imaginar que os nervos estivessem à flor da pele. Uma mentalidade de depuração pode ter se estabelecido entre aqueles que haviam resistido aos falsos mestres, levando-os a fazer todos os esforços para retirar da congregação quaisquer presbíteros que mesmo remotamente estivessem associados com a oposição. E, também, partidários da falsa doutrina podem ter feito acusações falsas contra líderes fiéis. Em todo caso, conquanto a disciplina da liderança não devesse ser evitada, isso deveria ser feito de maneira cuidadosa e justa.5

Pode ter sido tentador para Timóteo trancar-se no seu gabinete e esperar que os problemas simplesmente desaparecessem. No entanto, problemas na igreja nunca se resolvem por si mesmos, de modo que o apóstolo faz a ele uma advertência solene: “Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade” (1Tm 5.21). Em se tratando de disciplina na igreja, Timóteo deveria ser imparcial. Ele deveria tratar cada caso sem preconceito, sendo cuidadoso para não alimentar uma acusação falsa, ainda que ele pensasse que ela poderia ser verdadeira. Por outro lado, não deveria varrer a quetão para debaixo dos bancos apenas porque o homem acusado era um colega de ministério. Ministros não devem demonstrar favoritismos. Uma acusação contra um presbítero deve ser julgada exclusivamente com base nos méritos da causa.

Quem já esteve envolvido numa disputa na igreja sabe quanto é difícil evitar favoritismos. O mesmo ocorria na época de Calvino, pois o grande reformador confessou: “Não há nada mais difícil que pronunciar juízo com total imparcialidade, de modo a evitar demonstrar favor indevido, ou dar motivo a suspeita, ou ser influenciado por relatos desfavoráveis, ou ser excessivamente rigoroso e em cada caso não considerar mais nada, mas apenas a questão em

mãos”.6 Para auxiliar os ministros a manterem a imparcialidade, a Bíblia lembra que todo ato de disciplina eclesiástica é realizado “perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos” (1Tm 5.21).

Aqui Paulo leva Timóteo até o trono de Deus, de onde o Pai e o Filho julgam o mundo inteiro de acordo com o mais rigoroso padrão de justiça. Com eles estão os anjos escolhidos por Deus para permanecerem santos pela sua graça soberana. Esses mensageiros divinos são mencionados como lembrete de que um dia haverá um julgamento que porá um fim a todos os outros julgamentos. “Quando vier o Filho do Homem na sua majestade” declarou Jesus, “e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória” (Mt 25.31; cf. Ap 14.10). Esse último julgamento será totalmente imparcial, porque “não há no Senhor, nosso Deus, injustiça, nem parcialidade, nem aceita ele suborno” (2Cr 19.7). Deus não mostra qualquer favoritismo (cf. Rm 2.11); ele é absolutamente justo. Portanto, no julgamento final dará a cada pessoa exatamente o que ela merece. Aqueles que confiam em Jesus Cristo serão recebidos na presença de Deus, mas os que se recusam a se arrepender dos seus pecados serão banidos para sempre da sua presença.

Se Deus irá fazer perfeita justiça ao final da História, então justiça deve ser feita no presente. Sempre que houver necessidade de julgamento, a igreja deve fazer isso do modo como o próprio Deus faria, sem parcialidade ou favoritismo. Um dia até mesmo os ministros que julgaram deverão comparecer perante o trono de Cristo para prestar contas das suas ações.

A ordenação de presbíteros

Parece que o tumulto na igreja de Éfeso era estressante, porque Paulo diz a Timóteo: “Não continues a beber somente água; usa um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas frequentes enfermidades” (1Tm 5.23). Não está inteiramente claro o motivo de o apóstolo mencionar esse hábito de Timóteo. Talvez ele estivesse correndo o risco de tornar-se ascético demais no seu cristianismo. Sem dúvida ele deveria manter-se puro, mas não por meio da abstinência. Porém, mais provavelmente o ministério pastoral estivesse lhe causando indigestão, de modo que deveria ingerir um pouco de vinho por razões medicinais. Timóteo deveria cuidar da sua saúde. Ambrósio de Milão colocou isso deste modo: “Portanto, devemos beber, não pelo prazer, mas por motivo de

enfermidade; e raramente, como remédio, não em excesso, como gratificação”.7

Como sempre, a Bíblia é cautelosa a respeito do consumo de bebida alcoólica. Por certo, os cristãos têm permissão para beber vinho (isso mesmo, vinho). Como anteriormente vimos, o vinho, como todo o restante da criação, deve ser “recebido com ações de graças” desde que santificado “pela palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4.4-5). Aliás, os únicos que proibiam o consumo de vinho eram os falsos mestres (cf. 1Tm 4.3). No entanto, os cristãos que se sentem tentados a ostentar sua liberdade cristã devem prestar atenção às palavras exatas de Paulo: “um pouco de vinho”, o que exige moderação. Embora os cristãos não estejam obrigados à abstinência, não é permitido que se embebedem. Isso se encaixa na ordem anterior de Paulo de que os presbíteros não devem ser beberrões (1Tm 3.3).

Isso é tudo o que Paulo diz a Timóteo a respeito de bebidas. O que é mais importante é o que ele diz a respeito da ordenação: “A ninguém imponhas precipitadamente as mãos. Não te tornes cúmplice de pecados de outrem. Conserva-te a ti mesmo puro” (1Tm 5.22). Às vezes é interpretado que esse “impor as mãos” refere-se a uma cerimônia especial para dar as boas-vindas a pecadores que retornam à igreja. Eusébio, na obra sobre a história eclesiástica escrita no início do século 4º, refere-se a “um antigo costume” de receber penitentes que retornavam à comunhão por meio de “oração acrescida de imposição de mãos”.8 De acordo com essa interpretação, o significado do versículo seria algo parecido com: “Depois de declarar a sentença para o culpado, não te apresses a revogá-la e readmitir os pecadores à comunhão”.9 Entretanto, a prática que Eusébio descreve surgiu mais tarde. No Novo Testamento, “impor as mãos” geralmente se refere à ordenação, como também ao longo das epístolas pastorais (1Tm 4.14; 2Tm 1.6). O Espírito Santo dedicava homens para o pastorado ou para o ministério evangelístico por meio da imposição das mãos.

A ordenação não é algo que deve ser considerado levianamente. Se uma igreja não é cuidadosa quanto a quem é ordenado, é possível que venha a ter um problema em suas mãos, que é exatamento o que Timóteo tinha em Éfeso. Infelizmente, a igreja é bem conhecida por esses tipos de escândalo. Um homem certa vez descreveu sua carreita para mim. Ele trabalhava na IBM... até que a IBM eliminou a sua divisão. Então trabalhou na Exxon... até que a Exxon acabou com a sua seção. E assim por diante, até que finalmente ficou desempregado. Eu disse: “É desse modo que funciona o mundo corporativo hoje

em dia, não é mesmo?" Então ele respondeu: "Suponho que não seja um problema no seu tipo de trabalho, embora vocês também tenham seus escândalos".

Sim, nós temos nossos escândalos. Em um caso, o ministro de uma igreja histórica numa importante cidade foi removido do púlpito por ter cometido adultério. Alguns anos depois, seu sucessor foi afastado do mesmo púlpito pelo mesmo motivo. Pessoas que passaram por essa situação entendem a sabedoria do conselho de Paulo a Timóteo. Um dos melhores modos de evitar um escândalo na igreja é, em primeiro lugar, ser cuidadosos em relação a quem ordenamos.

O cuidado com a ordenação é um dos pontos fortes de muitas igrejas afro-americanas que tradicionalmente não é incomum que aguardem o homem completar 40 anos de idade para ordená-lo. Muitas outras igrejas evangélicas estão dispostas a ordenar homens antes dessa idade, mas deveriam sempre ser muito cuidadosas. Os procedimentos para a ordenação de presbíteros docentes na Igreja Presbiteriana na América oferece um bom exemplo a ser seguido. Primeiro, um homem se torna membro da igreja local. Quando seus presbíteros podem testificar quanto ao "seu caráter cristão e seu possível proveito para o ministério", ele "submete-se ao cuidado e à orientação do presbitério durante seus estudos e o treinamento prático para preparar-se para esse ofício".10

A seguir o homem é autorizado a pregar o evangelho. Antes de ser autorizado ele será examinado quanto à experiência cristã, seu senso de ter sido chamado para o ministério, seu conhecimento prático da Bíblia, sua compreensão das doutrinas bíblicas e sua habilidade para pregar. Durante esse tempo ele é obrigado a completar um ano de estágio no ministério pastoral. Geralmente, também obterá um diploma de mestrado em teologia em algum seminário bíblico. Ele não será ordenado até que finalmente seja chamado para pastorear uma igreja. Nesse momento, ele será examinado quanto aos seus relacionamentos familiares e seu conhecimento de grego e hebraico, dos sacramentos, da história da igreja e da administração da igreja. Não é necessário dizer que todas essas exigências ajudam a evitar ordenações apressadas**.

As exigências para presbíteros regentes são menos rigorosas, mas igualmente importantes de serem seguidas. Um presbítero regente deve primeiro ser indicado pelos membros da congregação. Então, ele é examinado quanto à sua vida e doutrina. Uma vez que os presbíteros o aprovaram como um candidato para o presbiterato, ele é enfim apresentado de volta à congregação para a

eleição.

A ordenação ao ofício de presbítero é uma ocasião solene, não apenas para o homem que é ordenado, mas para aqueles que o ordenam. Paulo diz a Timóteo que se mantenha puro e não se torne "cúmplice de pecados de outrem". Isso pode simplesmente significar que ele precisa ser cuidadoso para não cair, ele mesmo, em pecados escandalosos. No entanto, isso também pode sugerir que Timóteo era espiritualmente responsável pelos homens que ordenava. Caso um dos seus presbíteros caísse em pecado escandaloso, isso refletiria no seu ministério. Ele seria implicado no escândalo dele. Portanto, a melhor maneira de manter suas mãos limpas era recusar-se a impor as mãos em homens não qualificados para tornarem-se presbíteros.

Uma boa razão para proceder com cautela é que a capacidade para o ministério de uma pessoa nem sempre é percebida imediatamente: "Os pecados de alguns homens são notórios e levam a juízo, ao passo que os de outros só mais tarde se manifestam. Da mesma sorte também as boas obras, antecipadamente, se evidenciam e, quando assim não seja, não podem ocultar-se" (1Tm 5.24-25).

A passagem descreve quatro tipos de homem. Alguns são claramente pecadores; por isso, podem ser imediatamente desqualificados para a liderança. Timóteo seria capaz de percebê-los de imediato. A reputação desses homens os precederia. Eles estão caminhando a passos largos para o juízo. De fato, têm já um pé no inferno, onde certamente terminarão a menos que abandonem seus pecados e se voltem para Cristo em fé e arrependimento.

Outros pecados são menos evidentes, especialmente na igreja, onde comumente são encontrados os pecadores mais sofisticados. Alguns pecados demoram a aparecer. Mas num dado momento – quando a paz da igreja é perturbada ou quando há um problema numa família – o pecado vem à luz. Tais pecados deixam atrás de si rastros amarronzados, como a lesma no jardim. Então, a igreja deve tomar tempo para discernir se o candidato está realmente qualificado para se tornar presbítero. De fato, quanto mais alguém insiste em participar da liderança, mais razão há para cautela.

Esse princípio também pode ser aplicado em sentido positivo: "Da mesma sorte também as boas obras, antecipadamente, se evidenciam" (1Tm 5.25). A verdadeira piedade brilha como o sol. Logo, há alguns candidatos que obviamente pertencem ao ministério. Eles não apenas são fortemente dotados,

também têm o coração de servo. Não que toda boa obra seja igualmente óbvia, é claro, mas mesmo que “assim não seja, não podem ocultar-se” (1Tm 5.25). Boas obras realizadas em segredo são reconhecidas perante Deus. Para aplicar isso à ordenação, alguns homens que não têm dons óbvios para o ministério pastoral em algum momento perceberão que têm potencial. E assim Paulo quer que Timóteo dê a eles uma segunda chance de causar uma boa primeira impressão. Não deve descartar um homem que mais tarde pode se tornar um bom ministro. Isso se aplica não apenas aos ministros, mas às boas obras feitas em segredo por todo servo cristão humilde.

Para resumir, há quatro tipos de pessoa na igreja visível. Jerônimo os descreveu da seguinte maneira: “Certas pessoas pecam de maneira tão deliberada e escandalosa que basta encontrá-las uma única vez para saber que são pecadoras. Porém, os defeitos de outras são tão astuciosamente escondidos que apenas sabemos deles depois de subsequente informação. De modo semelhante, as boas obras de algumas pessoas são de conhecimento público, enquanto as de outras só ficamos sabendo delas depois de longo tempo de intimidade com elas”.11

A pergunta óbvia mais prática é esta: Que tipo de pessoa você é? O que as pessoas descobrirão a seu respeito depois de conviverem com você? Seus pecados o alcançarão? Ou as pessoas descobrirão que é muito mais piedoso do que até mesmo esperavam?

Alguns pecadores permanecerão anônimos até o dia do julgamento. Mas eles serão finalmente descobertos, podemos estar certos disso. À pura luz da justiça de Deus, todos os pecados dessas pessoas serão revelados e elas perecerão com eles. Felizmente, muitas boas obras também serão reveladas naquele dia. Nesta vida alguns bons cristãos permanecem totalmente ignorados. No entanto, eles receberam a graça que é encontrada somente em Jesus Cristo. Na força dessa graça, eles silenciosamente fazem muitos belos atos de abnegação. Um dia todas as boas obras dessas pessoas serão reveladas, para o louvor da glória de Deus.

Há um maravilhoso exemplo disso na obra The great divorce, de C. S. Lewis. Na história, um homem viaja às cercanias do céu, onde ele vê uma mulher esplendorosa. Ela estava rodeada de luzes dançantes, com espíritos lançando flores e meninos e meninas cantando belas canções. O visitante imagina tratar-se de uma pessoa famosa na terra:

“É ela, não é?”, sussurrei ao meu guia.

“De modo algum”, disse ele. “É alguém de que você nunca ouviu falar. Seu nome na Terra era Sarah Smith e morava em Golders Green.”

“Ela parece ser... bem, uma pessoa de particular importância.”

“Sim. Ela é uma das mais importantes. Mas, como você já deve saber, ser famoso neste país e ser famoso na Terra são coisas totalmente diferentes.”12

Muitas coisas se revelarão totalmente diferentes à luz da eternidade. Por meio do poder de Deus, somos chamados a realizar o tipo de boa obra que não pode permanecer oculto para sempre, especialmente se somos pastores que cuidam das ovelhas de Cristo.

Notas

* Assim na versão da Bíblia que o autor está usando; na ARA, a versão em português usada nesta tradução aparece “dobrados honorários”. Logo em seguida o autor explica a razão para essa tradução. (N. do R.)

** A Igreja Presbiteriana do Brasil tem estipulações semelhantes para a ordenação de ministros (presbíteros docentes). Os Artigos 115 a 132 de sua Constituição definem os procedimentos. O homem que se sente vocacionado para o ministério deve se apresentar primeiramente ao Conselho de sua igreja local, para posteriormente ser recebido pelo Presbitério ao qual tal igreja está jurisdicionada, caso os presbíteros reconheçam sua vocação. Então, o Presbitério receberá ou não tal pessoa como candidato ao sagrado ministério. Nesse caso, o candidato será enviado ao seminário, no qual receberá uma profunda preparação teológica. Após o término bem-sucedido dos seus estudos (geralmente entre quatro e cinco anos), deverá se apresentar diante do Presbitério para ser examinado com vistas à licenciatura (uma permissão para pregar), fazendo uma monografia sobre um tema teológico, uma exegese de uma passagem das Escrituras e um sermão para ser pregado diante do Concílio. Caso tais itens sejam aprovados, o candidato será então arguido verbalmente no plenário do Presbitério, sobre seu conhecimento, sua experiência cristã e seu chamado. Caso passe por todas essas etapas, será então licenciado. A ordenação ocorrerá apenas um tempo após sua licenciatura, e demandará exames adicionais. Caso tenha interesse, acesse o Manual Presbiteriano on-line no site da Secretaria Executiva da IPB, ou adquira o exemplar físico, publicado pela Editora Cultura Cristã. (N. do E.)

1 “Why Pastor Steve loves his job”, Christianity today (7 de mai./1997), p. 12-19.

2 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 138.

3 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 263.

4 João Crisóstomo. "Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon", trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:461.

5 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 125-26.

6 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 264.

7 Ambrósio. Carta LXIII.27, trad. H. de Romestin, org. Philip Schaff e Henry Wace. Nicene and Post-Nicene Fathers, Second series, 14 vols. (1896; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 10:460.

8 Eusébio. The History of the Church from Christ to Constantine, 7.2, trad. e org. G. A. Williamson (Nova York: Penguin, 1965), p. 288.

9 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 128.

10 The book of church order of the Presbyterian Church in America, 5ª ed. (Atlanta: Committee for Christian education and publications, 1997), 18-1, 2.

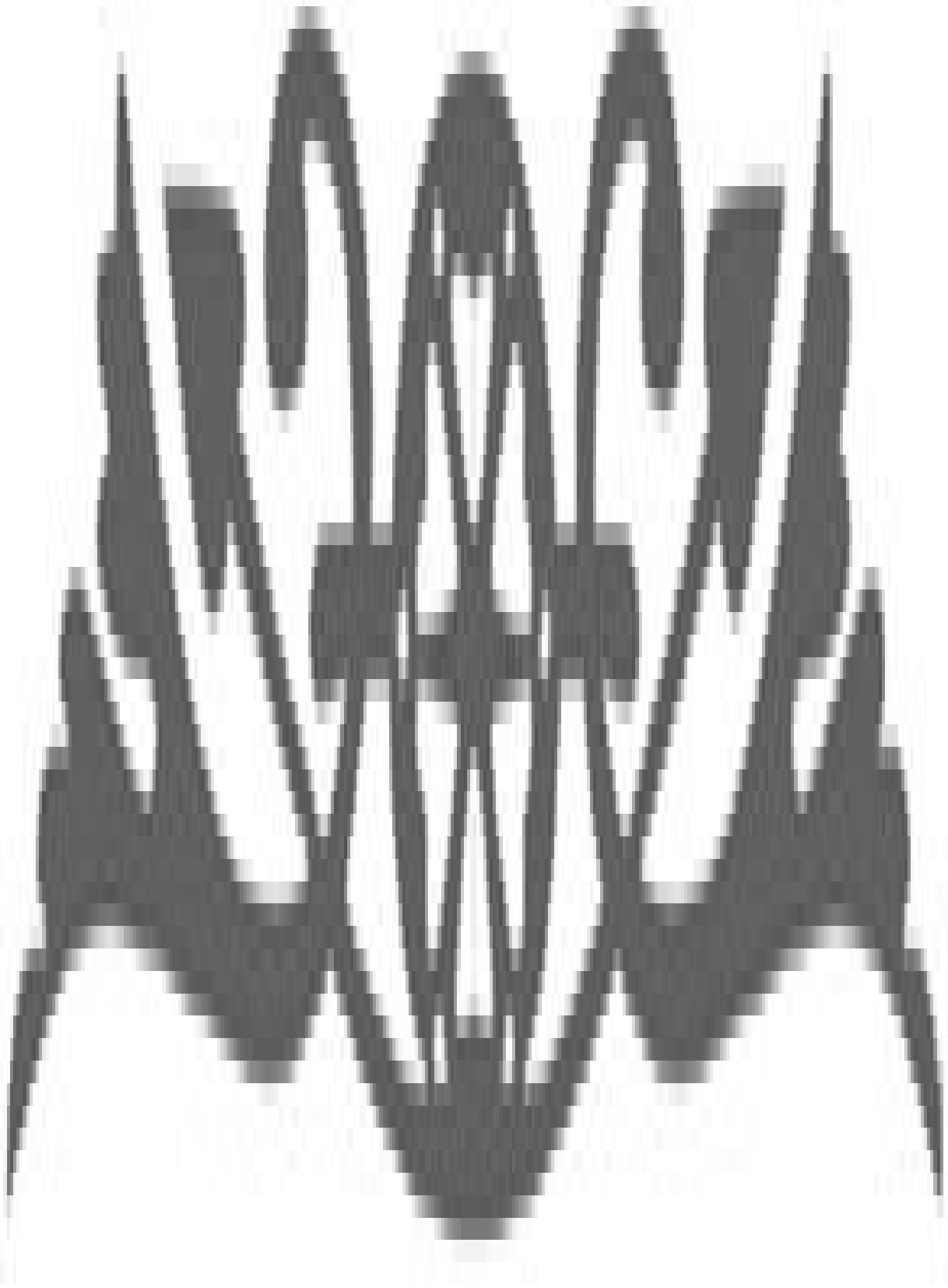
11 Jerônimo. Carta LIV.8, trad. W. H. Fremantle, org. Philip Schaff e Henry Wace. Nicene and Post-Nicene Fathers, Second series, 14 vols. (1896; reimpr. Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 6:105.

12 C. S. Lewis. The great divorce (Nova York: Macmillan, 1946), p. 107.

17

Sim, senhor!

1Timóteo 6.1-2



Todos os servos que estão debaixo de jugo considerem dignos de toda honra o próprio senhor, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados. (1Tm 6.1)

Certa vez o puritano Cotton Mather decidiu encontrar argumentos bíblicos em favor do comércio de escravos na América. Ele começou reunindo passagens bíblicas que ele acreditava que apoiavam a prática da escravidão. Então, passou a escrever um conjunto de "Regras para a sociedade dos negros". Entre outras coisas, Mather argumentou que escravos que desobedeciam aos seus senhores deveriam ser açoitados e impedidos de entrar na igreja.1

Há um grande número de lições a serem aprendidas do exemplo de Mather. A primeira é que a igreja de Jesus Cristo tem sua parte de culpa no pecado da escravidão na história humana. Nas palavras de Henry Highland Garnet, enquanto a escravidão "abria suas asas sombrias da morte sobre a terra, a igreja permaneceu calada – os sacerdotes profetizaram falsamente e as pessoas concordavam com tudo".2 No mínimo até o fim do século 19, a instituição da escravatura foi amplamente aceita pelos cristãos na Europa e na América.

Em seu livro The problem of slavery in Western culture, David Brion Davis documenta "O malogro da cristianização".3 A escravidão tinha tal influência pervasiva que quando John Newton entregou sua vida a Cristo, ele não pediu demissão imediatamente do seu posto de capitão de um navio negreiro. Em vez disso, comandava um navio cujas regras eram rigorosas; ele até mesmo celebrava a ceia no convés principal enquanto escravos africanos gemiam presos em correntes no porão.4 Foi somente mais tarde que Newton se arrependeu de ter comprado e vendido seres humanos. Talvez Newton possa ser desculpado porque era um novo convertido. Porém, para outros não há desculpa porque eles estavam entre os grandes mestres da igreja. Jonathan Edwards possuía um escravo, embora criticasse o comércio africano. Assim também George Whitefield, que se opunha à crueldade contra os escravos, mas considerava a escravatura em si como sendo legítima. De fato, para ajudar a manter sua Casa de Órfãos, Whitefield adquiriu uma fazenda e comprou cerca de 75 escravos. James Henley Thornwell, famoso teólogo presbiteriano sulista, concluiu que "as Escrituras, além de não condenar a escravidão, claramente a autorizam, como o

faz em relação às demais condições sociais do ser humano”.5

Os cristãos não podem culpar o restante do mundo pelos seus pecados de escravidão, mas devem assumir sua parte nessa vergonha. Por muitos anos me senti consolado pelo fato de meus ancestrais holandeses não possuírem escravos. Na verdade, depois de se estabelecerem nas planícies de Iowa, os holandeses passaram a defender a abolição. No entanto, descobri que os primeiros escravos a colocarem o pé em solo americano foram transportados por um navio holandês em 1620. Pior ainda, eles foram trazidos por puritanos, dos quais dependemos para grande parte da nossa sã teologia.6 Apenas isso bastaria, mas não. A igreja de Jesus Cristo tem parte na culpa pelo pecado da escravatura na história humana. Essa culpa não pode ser ignorada, mas apenas confessada e perdoada com base no sangue que Jesus Cristo derramou na cruz.

O que Paulo realmente disse a respeito da escravatura

A outra lição que podemos aprender com Cotton Mather é quanto é importante interpretar a Bíblia corretamente. Em parte, as visões de Mather e de outros teólogos reformados a respeito da escravidão estavam fundamentadas numa interpretação incorreta da lei mosaica e sobre como ela se aplica (ou não se aplica) aos dias de hoje. Esses homens observaram corretamente que o Antigo Testamento permite certos tipos de escravidão. O que eles não conseguiram entender totalmente eram as descontinuidades entre o Antigo e o Novo Testamento e as diferenças entre o modo como a escravidão era praticada no mundo antigo e o modo como foi praticada nos nossos próprios tempos. No entanto, a defesa que eles fizeram da escravidão também estava fundamentada no ensino do Novo Testamento de que os escraavos devem obedecer aos seus donos, o que mostra por que é tão necessário saber como interpretar a Bíblia corretamente. Esses homens estavam tentando ser fiéis à Escritura. Em muitos casos, opuseram-se pessoalmente aos piores abusos da escravidão e trabalharam para assegurar que os escravos recebessem o evangelho. Porém, em parte como resultado dos seus erros exegéticos, um número incontável de seres humanos feitos à imagem de Deus continuou a sofrer indizíveis desgraças e sofrimentos.

O que o Novo Testamento realmente ensina a respeito da escravidão? Alguns às vezes pensam que o apóstolo Paulo, especialmente, era brando em relação ao comércio de escravos. Por exemplo, numa ocasião ele encontrou um escravo

fugitivo chamado Onésimo e o levou a Cristo. Porém, depois o enviou de volta para o seu dono, Filemom, com uma carta na qual não diz nem uma vez a Filemom para libertar Onésimo. E então há todas as passagens nas cartas de Paulo que dizem aos escravos a se comportarem corretamente: “Servos, obedecei em tudo ao vosso senhor segundo a carne” (Cl 3.22; cf. Ef 6.5-8; 1Tm 6.1-2; Tt 2.9-10).

Se Paulo era brando quanto à escravidão, então é um tanto difícil defender o Novo Testamento. Sabemos que a escravidão nega a dignidade da pessoa humana e traz enorme sofrimento para o mundo; então, por que a Bíblia não denuncia isso?

Comumente, os estudiosos dizem algo como isto: o Império Romano não estava preparado para a abolição da escravatura. Havia milhões de escravos naquela época, possivelmente compreendendo um terço da população mundial.7 Caso a escravidão fosse abolida da noite para o dia, todo o Império desabaria. Qualquer tentativa de uma revolta dos escravos teria se transformado num banho de sangue e não haveria condições para os cristãos evangelizarem o mundo. Como Guthrie conclui de modo cuidadoso: “A época não era propícia para a derrubada desse sistema profundamente enraizado”.8

Em vez de tentar abolir a escravidão, o Novo Testamento, assim continua o argumento, estabelece princípios para sua gradual eliminação. Paulo escreve, por exemplo: “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28). O que o apóstolo estava tentando fazer era “destruir a própria essência da escravidão ao pregar o amor de Cristo por todas as pessoas”.9 No devido tempo, assim que os princípios do cristianismo bíblico começassem a influenciar a cultura mundial, as pessoas perceberiam que a escravidão era contrária à vontade de Deus. Paulo não tinha de dizer a Filemom que libertasse Onésimo; Filemom conseguiria perceber isso por si mesmo ao ler nas entrelinhas do Novo Testamento.

Esses argumentos podem ter uma grande porção de mérito. Com o passar do tempo, de fato o cristianismo tornou-se a maior força da História para a erradicação da escravidão. Infelizmente, ainda há muitos lugares no mundo em que pessoas praticam o tráfico de escravos. No entanto, nos lugares em que o cristianismo dominou a cultura, a instituição da escravatura foi legalmente eliminada. De fato, “quanto mais o cristianismo se concretiza na sociedade, tanto

mais completamente será destruída a escravidão".10

Contudo, o que é com frequência ignorado é que o Novo Testamento posiciona-se firmemente contra a escravidão. Para começar, a Bíblia, em contraste com o que ela diz a respeito de outros relacionamentos sociais, nunca ensina que a escravidão faz parte da ordem criada – uma omissão que revela que a escravidão não é uma parte permanente da vontade de Deus para a humanidade.11 Ainda mais importante, o próprio Paulo, no início de sua primeira carta a Timóteo, já condenou a compra e venda de seres humanos: "tendo em vista que não se promulga lei para quem é justo, mas para transgressores e rebeldes, irreverentes e pecadores, ímpios e profanos, parricidas e matricidas, homicidas, impuros, sodomitas, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para tudo quanto se opõe à sã doutrina, segundo o evangelho da glória do Deus bendito" (1Tm 1.9-11, ênfase acrescentada).

Paulo faz alusão ao comércio de escravo apenas de passagem, mas sua condenação dificilmente poderia ser mais forte: todo aquele que atua no comércio de tráfico de escravos é "transgressor e rebelde". Aqui é importante observar que a lei mosaica condenava o rapto de pessoas como crime capital. O Antigo Testamento permitia alguns tipos de escravidão, incluindo a captura (como oposto ao assassinato) de escravos estrangeiros durante guerras santas e servidão voluntária para israelitas endividados (mas apenas por seis anos, depois do que eles eram libertados). No entanto, a lei mosaica também regulava a escravidão para evitar abuso, e o rapto de escravos era punido com a morte (ver Êx 21.16; Dt 24.7); assim também era com o homicídio por negligência (ver Dt 22.8). Isso significa que toda a instituição da escravatura ocidental – que começava com a captura de escravos africanos e incluía a morte durante a viagem para as Américas – violava diretamente a lei de Deus.

A ilegalidade do comércio de escravos foi reconhecida por muitos cristãos, incluindo teólogos reformados como Richard Baxter, que se referiu aos que traficavam escravos como "inimigos em comum da humanidade", e disse que todo aquele que compra escravos (exceto com o propósito de libertá-los) comete "pecado hediondo".12 Essa era também a visão de Paulo. Comercializar escravos é obra de "transgressores", escreveu o apóstolo, e os que dela participam são "pecadores, ímpios e profanos". Além do mais, essas pessoas estão em oposição à sã doutrina. Assim, aquele que compra ou vende seres humanos está se opondo diretamente ao evangelho. Ele está condenado pela lei de Deus, sujeito ao juízo de Deus.

O tema da escravidão volta a ser mencionado no capítulo 6. Embora os que defendem a escravatura com frequência distorçam esses versículos em causa própria, Paulo não mudou de ideia e decidiu que a escravidão, no final das contas, é permissível. De fato, ele não está se dirigindo aos donos de escravos, mas aos próprios escravos. A Bíblia sempre será mal interpretada enquanto a pessoa, em vez de ouvir o que Deus lhe diz, ouve o que Deus está dizendo a outra pessoa. Essas instruções não foram dirigidas aos donos de escravos, mas a "todos os servos que estão debaixo de jugo" (1Tm 6.1). Sem aprovar a escravidão em todas as suas formas, Paulo dá conselho pastoral a pessoas que estão escravizadas.

Entender como era a escravidão no mundo romano pode ajudar bastante, porque ela era, em muitos aspectos, diferente da instituição que mais tarde se desenvolveu na Europa e na América. No mundo antigo, de modo geral a escravidão não era baseada na cor da pele da pessoa, exceto no caso de escravos capturados em guerras étnicas. Isso está em contraste com as premissas inerentemente racistas do Ocidente, que negava a dignidade dos negros como seres humanos criados à imagem de Deus. Além disso, no mundo antigo muitas pessoas eram escravizadas por razões econômicas. Em alguns casos, a escravidão era voluntária, isto é, as pessoas se vendiam à escravidão com o objetivo de saldar uma dívida ou aprender uma profissão. Havia também outras diferenças. Tendo em vista que os escravos eram membros da família, a maioria deles tinha um bom grau de segurança, com oportunidades para progredir. Eles desfrutavam de "muita liberdade e mobilidade social. Muitos recebiam salário e trabalhavam em sociedade com seus donos. Alguns tinham até mesmo posição de autoridade nos negócios ou ocupavam cargos administrativos de menor importância no governo".13 Também atuavam em profissões altamente especializadas como educação ou medicina. Havia até mesmo escravos que possuíam seus próprios escravos.14 E o mais importante, a escravidão não era necessariamente para a vida inteira, pois havia várias maneiras de o escravo obter ou comprar a sua liberdade.

Quando o patrão é pagão

Evidentemente, a escravidão ainda era escravidão. Significava que um ser humano pertencia a outro ser humano como uma mercadoria viva. Os escravos não desfrutavam dos mesmos direitos dos cidadãos e muitos sofriam abuso,

incluindo abusos físicos e sexuais. A expressão “debaixo de jugo” descreve muito bem a situação. Alguns eram tratados como verdadeiros animais domésticos; seus donos os consideravam como pouco mais que gado.15

Ainda que a escravidão tenha sido amplamente abolida no Ocidente, o que a Bíblia diz aos escravos é ainda relevante hoje. Para começar, o termo que Paulo usou para “escravo” (doulos) pode também ser traduzido como “servo”, e assim cobre uma ampla gama de situações de trabalho. Assim como o relacionamento entre o dono e o escravo era primariamente econômico no mundo antigo, do mesmo modo o relacionamento entre o patrão e o empregado é primariamente econômico no mundo de hoje, e devemos aplicar o ensino bíblico da mesma maneira.

Além disso, é razoável afirmar que muitos trabalhadores atuais se encontram “debaixo de jugo”, conforme descreveu Paulo (1Tm 6.1), porque o trabalho deles é profundamente desumanizante. Alguns trabalhos são entediantes; envolvem a mesma rotina dia após dia. Outros trabalhadores estão à mercê dos seus executivos, ou dos seus acionistas, que os tratam como pouco mais que escravos. Uma empresa adquire outra, e então toda a organização é reorganizada. Em resultado disso, as pessoas são sumariamente despedidas, como gado sendo levado para o matadouro. Ainda outros empregos são estressantes. Eles exigem tantas horas ou tantos dias de viagens que torna-se difícil viver uma vida equilibrada ou fortalecer os relacionamentos familiares. Muitos trabalhadores atuais são obrigados a trabalhar como escravos.

Portanto, o que Paulo diz aos escravos aplica-se de modo geral a toda pessoa que tenha um emprego: “Todos os servos que estão debaixo de jugo considerem dignos de toda honra o próprio senhor, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados” (1Tm 6.1). Muito simplesmente, o modo de aplicar esse versículo aos nossos dias é que todo chefe/patrão tem o direito de exigir do seu empregado cristão uma jornada de trabalho de um dia.

Paulo já usou a palavra “honra” (timē) várias vezes. Ela define o tipo de respeito que cristãos devem demonstrar às viúvas piedosas (1Tm 5.3) ou aos bons ministros. Os chefes/patrões merecem o mesmo tipo de tratamento, mesmo que não sejam cristãos, o que é o que Paulo parece ter principalmente em mente.

Em se tratando de honrar o chefe, a Bíblia não admite nenhuma exceção em caso de más condições de trabalho. O apóstolo Pedro fo ainda mais direto: “Servos,

sede submissos, com todo o temor ao vosso senhor, não somente se for bom e cordato, mas também ao perverso" (1Pe 2.18). Se Deus deu esses mandamentos aos escravos, eles se aplicam ainda mais aos homens e mulheres livres no mercado de trabalho. Respeito é algo que todo trabalhador cristão deve ao seu chefe, mesmo no pior ambiente de trabalho.

A palavra considerem é importante: os escravos "considerem dignos de toda honra o próprio senhor" (1Tm 6.1). Isso claramente permite a possibilidade de que o chefe de uma pessoa pode não ser realmente digno de respeito. Ele pode ser incompetente. Ele pode ser imoral. Ele pode ser exorbitante ou arrogante. No entanto, deve ser considerado como sendo digno de respeito. Isso porque Deus o colocou em posição de autoridade. Demonstrar respeito a um chefe terreno é demonstrar respeito pelo seu Pai celestial. Além do mais, a Bíblia diz aos cristãos para demonstrar "toda" honra. Isso não diz que os trabalhadores devem demonstrar respeito pelos chefes apenas quando eles estão presentes. Isso não dá aos empregados o direito de fofocar a respeito da administração enquanto eles estão na sala de café. Isso nem mesmo permite aos cristãos reclamar sobre seu emprego quando eles voltam para casa. Não, a Bíblia diz que os trabalhadores e escravos devem considerar seus chefes como "dignos de toda honra".

Trabalhando diante de um mundo que observa

Demonstrar respeito é necessário para o propósito missionário da igreja. Paulo dá duas razões pelas quais os cristãos precisam respeitar seus chefes – "para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados" (1Tm 6.1) – e ambas as razões têm a ver com o propósito salvífico de Deus para o mundo. Os cristãos que agem como maus empregados levam Deus e o evangelho a caírem em descrédito.

Deus zela pela sua reputação. Ele está preocupado com o que os de fora pensam do cristianismo. Essa preocupação aparece repetidas vezes em 1Timóteo. No capítulo 2, os cristãos são instruídos a levar uma "vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito" (1Tm 2.2) , com a esperança de que "todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1Tm 2.4). No capítulo 3, é afirmado que os presbíteros da igreja devem ter "bom testemunho dos de fora" (1Tm 3.7). No capítulo 5, é dito aos cristãos para que sustentem suas viúvas "para que sejam irrepreensíveis" (1Tm 5.7); nesse caso,

“irrepreensíveis” talvez se refira a uma acusação vinda de fora da igreja. Em resumo, Deus quer que seu povo seja cuidadoso quanto à maneira como se comportam. Ele quer que eles tenham o respeito e a admiração dos seus vizinhos, incluindo colegas de trabalho. Desse modo, o comportamento do cristão no trabalho é uma parte importante do seu testemunho.

Essa era uma questão importante para os escravos na igreja primitiva, porque normalmente os romanos começavam a suspeitar dos seus escravos sempre que eles decidiam adorar alguma nova divindade. De acordo com Cícero, os romanos acreditavam que escravos que tivessem contato com religiões estrangeiras poderiam revoltar-se contra seus donos e subverter a ordem social.16 Se os escravos cristãos desrespeitassem seus senhores, então todas as piores suspeitas dos romanos a respeito do cristianismo seriam confirmadas, trazendo desonra tanto ao cristão quanto ao evangelho de Deus. O famoso arqueólogo William Ramsay descreveu a situação da seguinte maneira: “Se os escravos cristãos se mostrassem descontentes ou desobedientes, isso levaria a igreja a cair em descrédito e induziria à indisposição contra ela na sociedade do Império Romano. O escravo deve sacrificar sua liberdade com alegria, conciliar-se com sua sina e realizar o trabalho que lhe é ordenado. Agindo assim, o Nome e o Ensino serão poupados de descrédito e difamação”.17

Duas coisas estão em risco a cada vez que um cristão marca o cartão de ponto. A primeira é “o nome de Deus”, isto é, o caráter de Deus – sua santidade, amor, justiça e todos os demais atributos divinos. Uma vez que o povo de Deus porta o seu nome, o modo como eles trabalham reflete-se no próprio Deus. A referência de Paulo ao nome de Deus aqui ecoa uma citação do profeta Isaías: “Agora, que farei eu aqui, diz o Senhor [...] o meu nome é blasfemado incessantemente todo o dia” (Is 52.5). O nome de Deus estava sob ataque porque os pecados do seu povo eram um constrangimento para ele. As nações viam o que estava acontecendo em Israel, e Deus estava sendo difamado em resultado disso.

O mesmo é provável que aconteça sempre que cristãos fazem um trabalho desleixado. Todo aquele que se declara cristão representa Cristo para o mundo. Assim, toda vez que um cristão faz uma entrega, apresenta um projeto, entrega a conta de um valor a ser reembolsado pela empresa, toma uma decisão numa reunião executiva, consegue aumentar as vendas, fecha um negócio, cuida de um paciente, esfrega o chão, estuda para uma prova ou decide a hora de parar de trabalhar e voltar para casa, ele está fazendo algum tipo de declaração sobre quem Jesus é. Um cristão que faz menos que o seu melhor coloca Jesus a uma

luz desfavorável.

Um homem que assumiu a responsabilidade de representar o nome de Deus no seu trabalho foi José, filho de Jacó. José era um escravo na casa de Potifar, um capitão da guarda egípcia. José era um trabalhador tão bom que tornou-se indispensável ao seu dono. Então, Potifar “tudo o que tinha confiou às mãos de José, de maneira que, tendo-o por mordomo, de nada sabia, além do pão com que se alimentava” (Gn 39.6). A esposa de Potifar, desejando-o com grande ardor, começou a seduzi-lo sexualmente. Porém, embora essa mulher o procurasse “todos os dias”, José não lhe dava “ouvidos, para se deitar com ela e estar com ela” (Gn 39.10). A razão pela qual José recusava-se a pecar com a esposa de Potifar era que ele era, em primeiro lugar, um servo de Deus: “Tem-me por mordomo o meu senhor e não sabe do que há em casa, pois tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?” (Gn 39.8-9). José entendia que seu comportamento no trabalho refletiria no nome e no caráter do Senhor Todo-Poderoso.

A outra coisa importante que está em risco no nosso trabalho toda vez que um cristão aparece para trabalhar é o evangelho de Jesus Cristo. Os escravos precisam respeitar seu dono para que a doutrina não seja blasfemada (1Tm 6.1). Por “doutrina” Paulo quer dizer o conteúdo básico da fé cristã. O ensinamento é que Deus enviou seu Filho Jesus Cristo para salvar pecadores por meio da sua morte na cruz. Todo aquele que aceita esse ensino (doutrina) recebe a vida eterna. No entanto, se as pessoas irão aceitar essa doutrina ou não depende, em parte, da maneira como os cristãos se comportam no trabalho. Assim, todo cristão que trabalha num ambiente incrédulo é um missionário. Paulo disse algo semelhante quando escreveu a Tito: “Quanto aos servos, que sejam, em tudo, obedientes ao seu senhor, dando-lhe motivo de satisfação; não sejam respondões, não furtem; pelo contrário, deem prova de toda a fidelidade, a fim de ornarem, em todas as coisas, a doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tt 2.9-10).

Um maravilhoso exemplo de como “adornar a doutrina de Deus nosso Salvador” é a jovem escrava que servia na casa de Naamã. Naamã era um destemido general, o comandante do exército da Síria. Ele tinha grande riqueza e muitos bens, mas também tinha lepra, e esse era o seu tormento (2Rs 5.1). Uma das servas de Naamã era uma menina serva judia que havia sido capturada durante a guerra e levada para a Síria como escrava. A menina havia ouvido falar sobre a

doença do seu dono. Certo dia, enquanto estava ocupada com suas tarefas ela suspirou: “Tomara o meu senhor estivesse diante do profeta que está em Samaria; ele o restauraria da sua lepra” (2Rs 5.3). Essas palavras acabaram chegando aos ouvidos de Naamã, que partiu para Samaria em busca da cura. Não apenas Eliseu o curou, mas Naamã também foi levado à fé no Deus vivo.

Tudo isso aconteceu por causa de uma menina escrava que era uma evangelista em seu trabalho. Ela não foi atrevida. Não deixou folhetos no travesseiro do patrão. Nem andou por todo lado apontando os pecados das pessoas. Em vez disso, com a maior naturalidade possível enquanto lavava a louça ou realizava qualquer outra tarefa doméstica, ela deu testemunho do poder salvífico de Deus. Deus usou seu testemunho para levar seu dono à salvação.

Do mesmo modo, todo cristão é chamado para ser uma testemunha em seu local de trabalho e não num gabinete cristão. Assegure-se de que seu patrão e seus colegas de trabalho saibam que você é cristão, para que seu trabalho seja avaliado no contexto da sua fé. Quando lhe for oferecida uma promoção, considere as implicações que isso terá para sua família e ministério na igreja. Quando falar a respeito do seu fim de semana, mencione o que aconteceu na igreja no dia anterior. Quando as pessoas ao lado do bebedouro estiverem falando sobre alguma questão atual, dê uma resposta de um ponto de vista bíblico. Numa viagem de negócios com seus colegas de trabalho, aproveite a oportunidade para conhecê-los numa base pessoal.

Um cristão que é comprometido em alcançar o lugar de trabalho para Jesus Cristo encontrará muitas situações naturais nas quais falar sobre temas espirituais. Seus colegas de trabalho podem não estar muito interessados no seu cristianismo. Às vezes, eles talvez até mesmo ridicularizem a sua fé. No entanto, quando o dia de dificuldade chegar, a quem procurarão em busca de conselhos? Quando eles estiverem se confrontando com a morte, a quem buscarão por consolo? E quando o Espírito Santo lhes despertar o interesse pela vida espiritual, a quem irão em busca de palavras de vida? Eles irão para aquele que os amou com o amor de Cristo desde o primeiro dia que eles entraram no escritório. Então, você poderá compartilhar a boa-nova de Jesus Cristo, de modo que eles também possam conhecer esse amor.

Quando seu chefe é cristão

Como agir caso seu chefe já seja cristão? O que você faz quando entra no estacionamento da empresa e descobre – para sua surpresa – que ele também tem o símbolo do peixe na traseira do seu carro? Em quê difere o relacionamento de trabalho quando patrão e empregado são servos do Senhor Jesus Cristo?

Esse problema era particularmente grave na igreja primitiva. Alguns dos primeiros cristãos eram escravos, de modo que os donos dos escravos e os próprios escravos cultuavam lado a lado. Na igreja, os escravos tinham absoluta igualdade diante de Deus (cf. Gl 3.28), mas na sociedade como um todo eles eram considerados inferiores. O que isso significava para o trabalho deles? Não há dúvida de que alguns escravos recém-convertidos tentaram tirar vantagem do seu recém-descoberto cristianismo. “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou”, eles diziam (cf. Gl 5.1). “Se nossos donos são nossos irmãos”, raciocinariam, “eles não podem mais ser nosso dono nem nós seus escravos.” Portanto, concluíam que a vinda do do cristianismo significava o fim da escravidão para eles.

Contudo, o fato é que o Novo Testamento nunca diz aos escravos como se libertarem do seu jugo. Sem dúvida eles poderiam orar a Deus pedindo para serem libertos. Poderiam pedir libertação a Deus ou mesmo comprar a própria liberdade pelos meios legais, como Paulo os incentiva a fazer (1Co 7.21: “[...] se ainda podes tornar-te livre, aproveita a oportunidade”). Porém, o Novo Testamento não diz aos escravos para fugirem da sua escravidão. Nesse sentido, a escravidão é como qualquer outro tipo de sofrimento. Deus não diz aos cristãos para evitarem o sofrimento a qualquer custo. Em vez disso, ele nos dá graça para suportá-lo por amor a Jesus Cristo. Em se tratando do sofrimento da escravidão, a Bíblia diz: “Também os que têm senhor fiel não o tratem com desrespeito, porque é irmão; pelo contrário, trabalhem ainda mais, pois ele, que partilha do seu bom serviço, é crente e amado. Ensina e recomenda estas coisas” (1Tm 6.2).

Aparentemente, alguns escravos estavam começando a ser desrespeitosos para com seus donos. Eles pensavam que poderiam tirar vantagem deles porque eram irmãos em Cristo. É comum que membros de uma mesma família tratem-se de maneira pior do que tratam suas visitas. “É apenas meu irmão”, eles dizem. “Vai conseguir se refazer.” Às vezes, os cristãos enfrentam essa mesma tentação com colegas de trabalho com outros cristãos – seus irmãos e irmãs em Cristo. Alguns trabalhadores cristãos tiram vantagem dos chefes cristãos. Eles assumem que têm direito a favores especiais porque são irmãos em Cristo. Eles sabem que seu chefe ou patrão irá relevar (afinal de contas, ele é um cristão), de modo que

tomam liberdades que nunca sonhariam em tomar num local de trabalho secular. De fato, se tentassem fazer isso lá, logo descobririam que teriam de procurar outro emprego.

Quem já trabalhou numa igreja, escola e outros ministérios cristãos sabe que o ambiente de uma organização cristã pode ser muito desagradável. Todos têm altas expectativas quanto a como os outros se comportarão. No entanto, finalmente alguém faz algo que não está à altura dos padrões cristãos, e então todos se sentem muito ofendidos. “Não acredito que Fulano fez isso. E eu aqui pensando o tempo todo que ele era cristão!” Ao mesmo tempo que algumas pessoas tiram vantagem dos seus colegas de trabalho porque eles são cristãos, outros se esquecem de que os cristãos com quem eles trabalham são seres humanos e, portanto, pecadores. Como resultado disso, o ambiente de trabalho em algumas empresas cristãs torna-se mais tóxico do que nas empresas seculares.

As organizações cristãs deveriam ser o melhor lugar para se trabalhar, e elas podem ser, desde que os empregados se comportem como cristãos. A característica mais importante do relacionamento cristão é o amor. Portanto, os funcionários cristãos devem se relacionar uns com os outros com o máximo afeto. Eles devem servir aos irmãos e irmãs na fé “ainda mais, pois ele, que partilha do seu bom serviço, é crente e amado” (1Tm 6.2). A palavra “serviço” (douleuetōsan) é usada de um modo incomum nesse versículo. Geralmente ela descreve uma doação feita por algum rico benfeitor. Por isso, alguns estudiosos concluíram que “serviço” é algo que os escravos recebiam dos seus donos. Todavia, o que Paulo quer dizer é exatamente o contrário. Na economia de Deus tudo é invertido. Por meio do serviço humilde, os escravos cristãos até mesmo tornam-se os generosos benfeitores dos seus donos cristãos.

A razão pela qual esses escravos eram tão generosos era que eles os estimavam. A palavra “amado” (agapētoi) é o mesmo termo utilizado por Paulo para pedir a Filemom que receba Onésimo de volta, “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo, especialmente de mim e, com maior razão, de ti, quer na carne, quer no Senhor” (Fm 16). Os donos dos escravos devem lembrar-se de que seus escravos pertencem a Cristo. Do mesmo modo, os chefes/patrões cristãos devem ter verdadeira afeição pelos cristãos que trabalham para eles.

Dono de escravo e escravo

O que a Bíblia diz a respeito de trabalhar para Deus no ambiente de trabalho não é fácil de ensinar. Um cristão numa situação de trabalho difícil pode achar alguns desses princípios bíblicos difíceis de mais de serem colocados em prática. Quem quer ser um escravo?

No entanto, há duas boas razões para se comportar de uma maneira que agrade a Deus. A primeira é que Deus é seu dono. Esta é uma lição que Paulo ensinou aos efésios numa carta anterior:

Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor, na sinceridade do vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar a homens, mas como servos de Cristo, fazendo, de coração, a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor e não como a homens, certos de que cada um, se fizer alguma coisa boa, receberá isso outra vez do Senhor, quer seja servo, quer livre. (Ef 6.5-8; cf. Cl 3.22-25)

Se um escravo pertence a Cristo então, em última instância, Cristo é seu dono. Servir um dono terreno é um modo de servir ao próprio Deus. Para colocar isso de modo mais contemporâneo, todo cristão está na folha de pagamento de Deus.

Deus não é apenas seu dono, mas ele também tornou-se seu servo, até mesmo seu escravo. A Bíblia diz que Deus o Filho “a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fp 2.7). A palavra para servo nesse versículo é a mesma palavra usada para escravo em 1Timóteo 6.1 (doulos). O Filho de Deus tornou-se um escravo quando tornou-se homem. Ele tornou-se nosso escravo. Ele obedeceu com perfeição à lei de Deus em nosso lugar. Conquanto uma coisa seja obedecer a um dono, outra coisa é obedecer a um dono que é tão generoso que voluntariamente serviu como escravo. Como Jesus fez mais por nós do que jamais faríamos por ele, no mínimo devemos fazer tudo o que pudermos, e devemos fazer isso no nosso trabalho tanto quanto em qualquer outro lugar.

Notas

1 Veja Martin Luther King Jr. Where do we go from here: Chaos or community? (Boston: Beacon, 1967), p. 73.

2 Henry Highland Garnet. “An address to the slaves of the United States of America”, in Henry Louis Gates Jr., Nellie Y. McKay, org. The Norton anthology of African American literature (Nova York: Norton, 1997), p. 280-85 (p. 281).

3 David Brion Davis. The problem of slavery in Western culture (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1966), p. 197s.

4 Idem, p. 388.

5 James Henley Thornwell. The collected writings of James Henley Thornwell, org. John B. Adger e John L. Girardeau, 4 vols. (Richmond: Presbyterian Committee of Publication, 1871-1881), 4:386.

6 Robert L. Dabney. A defence of Virginia (1867; reimpr. Harrisonburg, VA: Sprinkle, 1991), p. 27.

7 Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 107.

8 Donald Guthrie. The Pastoral Epistles, Tyndale New Testament commentaries (Downers Grove, Il: InterVarsity, 1957), p. 109.

9 Oden. First and Second Timothy, p. 108.

10 William M. Ramsay. Historical commentary on the Pastoral Epistles, org. Mark Wilson (Grand Rapids: Kregel, 1996), p. 87.

11 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 242.

12 Richard Baxter. A Christian directory, citado in Davis. Slavery, p. 338.

13 Philip H. Towner. 1–2 Timothy and Titus, IVP New Testament commentary series (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1994), p. 131.

14 Wayne E. Meeks. The First Urban Christians: The social world of the Apostle Paul (New Haven, CT: Yale University Press, 1983), p. 20.

15 Para mais informações a respeito da escravidão na época do Novo Testamento, veja J. M. G. Barclay, “Paul, Philemon and the dilemma of Christian slave ownership”, New Testament studies 37 (1991): p. 161-86; S. Scott Bartchy. First century slavery in 1 Corinthians 7:21, Society of Biblical literature dissertation series 11 (Missoula, MT: Scholars Press, 1973); James S.

Jeffers. The Greco-Roman world of the New Testament era: Exploring the background of early Christianity (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1999), p. 220-36.

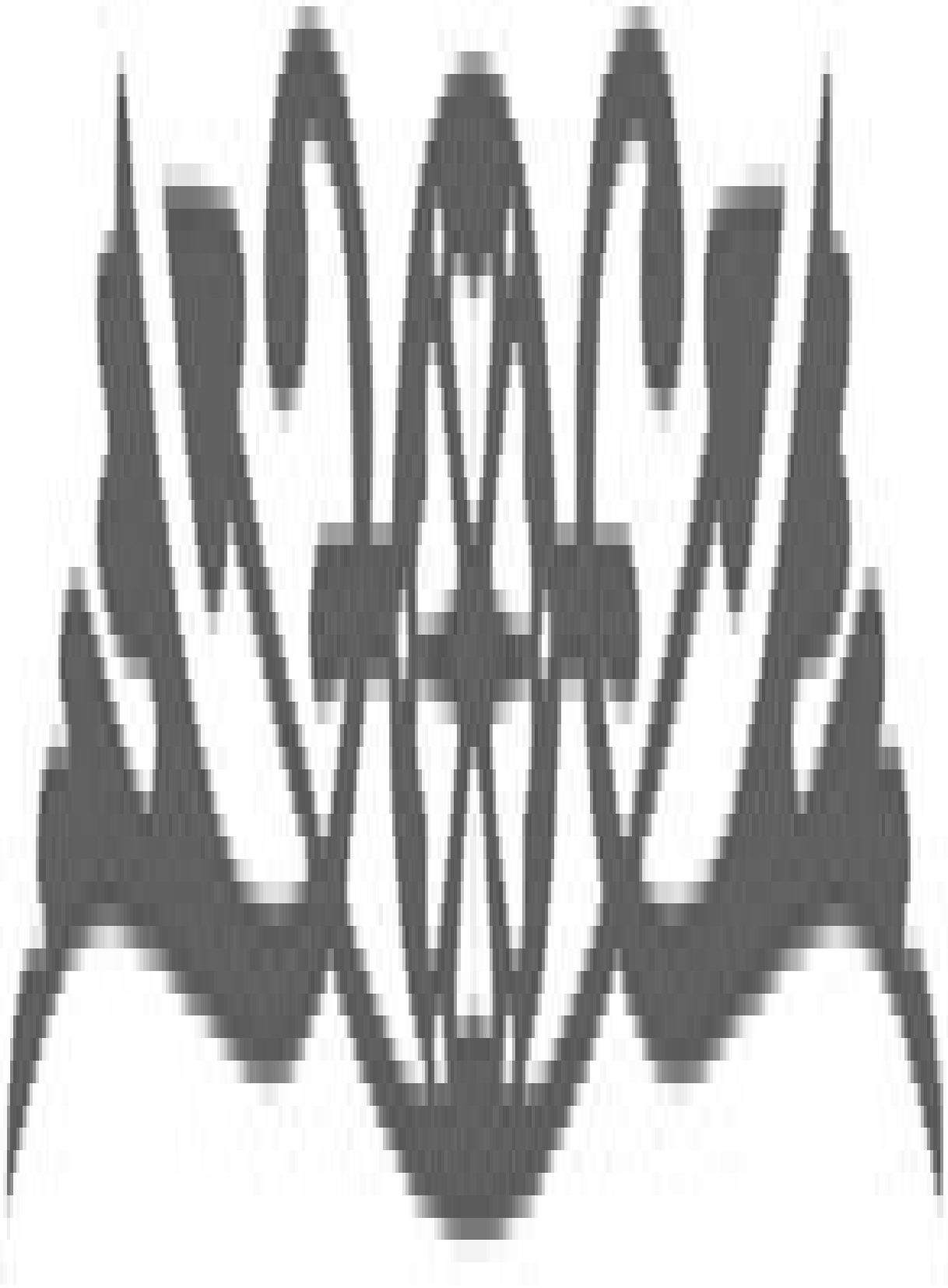
16 Cícero. Laws, 2.7.19-27.

17 Ramsay. Historical commentary, p. 88.

18

O cristão e o dinheiro

1Timóteo 6.3-10



De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento. [...] Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. (1Tm 6.6, 9-10)

Havia um pedaço de terra à venda, e Vasili Andreevich queria comprá-la. De fato, ele queria chegar cedo para comprá-la antes que a propriedade fosse a leilão. Assim, carregou seu trenó e tolamente aventurou-se em meio à escuridão de uma longa noite de inverno russo. O vento estava forte e a neve densa, e em determinado momento Andreevich ficou perdido. Quando seu trenó ficou atolado num monte de neve acumulada pelo vento, ele teve de passar a noite tentando sobreviver à intensa nevasca. “Ele não queria dormir. Deitou-se e pensou: pensou na única coisa que constituía o seu objetivo, significado, prazer e orgulho da sua vida – quanto dinheiro ele havia ganho e quanto ainda poderia ganhar, quanto dinheiro tinham as pessoas que conhecia, como elas adquiriram esse dinheiro e de que maneira ele, como elas, poderia ganhar ainda mais.”1 Porém, os planos grandiosos de Andreevich não se concretizaram. Pela manhã, quando os habitantes da vila retiraram seu trenó que estava enterrado na neve, eles encontraram o homem completamente congelado.

A história de Vasili Andreevich, que foi contada por Leon Tostói, revela como “os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição” (1Tm 6.9; cf. Lc 12.13-21).

Quando a teologia se transforma em patologia

Havia falsos mestres na igreja de Éfeso que corriam o risco de encontrar o mesmo fim infeliz, pelo mesmo motivo: eles estavam apaixonados pelo dinheiro. No entanto, antes de mencionar a ganância deles, o apóstolo Paulo lembra o pastor Timóteo do erro teológico fundamental cometido por eles: se alguém

“ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade” (1Tm 6.3; cf. 1.3). Esse é o problema básico com todos os tipos de má teologia, ou, como Paulo denomina isso, “outra doutrina”. De uma forma ou de outra, tais heterodoxias não seguem o que a Bíblia ensina a respeito da pessoa e da obra de Jesus Cristo.

A doutrina que a Bíblia ensina a respeito de Jesus Cristo é “sã”. Esse termo médico utilizado ao longo das cartas pastorais (cf. 1Tm 1.10; 2Tm 1.13; Tt 1.9; 2.1, etc.) significa “saudável” ou “salutar”. Todo ensino bíblico bem fundamentado – , especialmente “as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” – produz bem-estar espiritual. Essa expressão pode referir-se ao ensino apostólico a respeito de Jesus ou pode referir-se às palavras de Jesus como registradas nos Evangelhos. Pode até mesmo referir-se a ambos, uma vez que, como nos lembra John Stott, “Paulo considerava suas próprias palavras como palavras de Cristo” (cf. Lc 10.16; 2Co 13.3).2 Em todo caso, “as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” compreendem o evangelho cristão. O evangelho ensina que Jesus é o único Filho de Deus, tanto homem quanto Deus, que foi concebido pelo Espírito Santo no ventre da virgem Maria, que sofreu e morreu na cruz do Calvário; foi sepultado, e que foi ressuscitado para dar vida eterna a todos que nele creem. Esta é a sã instrução de nosso Senhor Jesus Cristo. Qualquer ensino diferente é falso. De fato, a única palavra para isso é heresia.

A diferença entre religião verdadeira e religião falsa sempre está associada a Jesus Cristo – quem ele é e o que ele realizou. A razão pela qual os cristãos reformados opõem-se ao ensino dos muçulmanos, dos mórmons, dos testemunhas de Jeová e outros, não é que essas religiões sejam imorais. Não, nós nos opomos a elas porque são falsas no seu ensino a respeito de Jesus Cristo. A primeira pergunta a fazer quanto a qualquer seita ou religião é: “O que é ensinado a respeito de Jesus Cristo?” A mesma pergunta deve ser feita a todo homem, mulher e criança: “O que você pensa a respeito de Jesus Cristo?” A maioria das seitas – mórmons e testemunhas de Jeová são bons exemplos – está errada a respeito da pessoa de Jesus Cristo. Elas negam sua divindade, e desse modo reduzem-no à posição de um mero ser humano. O que outras religiões negam, primariamente, é a obra de Jesus Cristo. Elas não aceitam seu sacrifício pelo pecado ou sua ressurreição corporal. Porém, a verdadeira religião exige um verdadeiro entendimento de Jesus Cristo, tanto em sua pessoa quanto em sua obra. Esse entendimento vem apenas por meio das Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Esse, e somente esse, é “o ensino segundo a piedade” (1Tm 6.3; cf. Tt 1.1).

No final do versículo 2 Paulo lembra Timóteo do seu papel de mestre piedoso: “Ensina e recomenda estas coisas”. Esse é um bom resumo da obra de todo ministro do evangelho. Em primeiro lugar e o mais importante, o pastor é um mestre. Ele explica a Palavra de Deus, que é o único remédio contra a falsa doutrina. Ele ensina “estas coisas” (ortodoxia) e não “outra doutrina” (heterodoxia). No entanto, o trabalho do ministro não é somente ensinar. “Recomendar” é “insistir com aqueles que estão sendo ensinados para que apliquem o ensino à vida deles”.3 Portanto, o bom pregador tanto ensina quanto exorta. Como Charles Spurgeon costumava dizer: “O sermão tem início no momento em que começa a aplicação”.4

O que o ministro ensina e aplica na sua pregação é principalmente Jesus Cristo, que é o início e o fim de toda sã teologia. Martinho Lutero disse:

Descobri e observei em toda a história da igreja cristã que todos quantos mantiveram a doutrina central de Jesus Cristo na sua integridade permaneceram sãos e salvos na verdadeira fé cristã. Embora errassem e pecassem em outras áreas, no entanto foram finalmente salvos. Isso porque se a pessoa permanecer firme e correta quanto a esse ponto, que Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, todos os demais artigos da fé cristã irão cair no lugar certo para ela e a sustentarão com firmeza.5

Infelizmente, o mesmo não pode ser dito dos falsos mestres de Éfeso. Como eles não mantinham “a doutrina central de Jesus Cristo”, não permaneceram “sãos e salvos na verdadeira fé cristã”. É por isso que Paulo os condena com tanta severidade, dizendo que todo aquele que ensina falsa teologia “é enfatuado, nada entende” (1Tm 6.4; cf. 3.6). Eles pensavam saber tudo, mas de fato não sabiam de absolutamente nada, e assim são tão ignorantes quanto arrogantes. C. K. Barrett chama homens assim como “ignorantes pomposos”.6

O resultado do seu erro teológico era (e sempre é) problema na igreja. Não culpe o cristão ortodoxo quando há controvérsia. São os maus teólogos que têm “mania por questões e contendas de palavras, de que nascem inveja, provocação, difamação, suspeitas malignas, altercações sem fim, por homens cuja mente é pervertida e privados da verdade” (1Tm 6.4-5; cf. 1.4). A palavra “mania” revela

a diferença entre ortodoxia e heresia. A ortodoxia é salutar, ela consiste de “sãs palavras”. Porém, a heresia torna a igreja doente. Seus defensores são ciumentos, rancorosos, abusivos, irritáveis e depravados. Em outras palavras, eles são tudo o que um presbítero qualificado não é (cf. 1Tm 3.1-7). John Stott chama o espírito contencioso que eles têm de “positivamente patológico”.7

Há certo tipo de cristão que gosta de uma boa briga. Ele (digo “ele” porque essa mentalidade parece especialmente predominante entre os homens) é propenso a discussões. Presta atenção demais aos detalhes de menor importância. Quanto mais especulativa a doutrina, com mais tenacidade ele luta por ela. Ele não apenas se apega a minúcias, mas tenta fazer isso com uma motosserra. No final das contas, ele priva a si mesmo da verdade. Isso significa que parte do que é ser um teólogo é saber quando não brigar. Considere este sábio comentário do famoso pregador escocês Alexander Whyte, que um amigo certa vez compartilhou comigo: “Fujam da controvérsia, meus irmãos, como evitariam a própria porta do inferno! Que eles façam como quiserem. Que falem, escrevam, corrijam vocês, traduzam vocês. Que eles os julguem e os condenem, deixe que eles os matem. Prefiram deixar que a própria verdade de Deus sofra do que sofra o amor. Vocês não têm em si mesmos natureza divina suficiente para serem polemistas”.

Visando ao lucro

Infelizmente, havia um grande número de polemistas na igreja de Timóteo. A última coisa que Paulo diz a respeito dessas pessoas explica como elas haviam escolhido esse caminho – tinha a ver com lucro. No final das contas, o objetivo deles, bem, era chegar “às contas”. Eles pensavam que “a piedade é fonte de lucro” (1Tm 6.5; cf. Tt 1.11), ou seja, lucro financeiro. Em outras palavras, estavam no ministério para ganhar dinheiro.

Como esses falsos mestres iriam ganhar dinheiro? Lembre-se de que a religião era um negócio rentável em Éfeso, o lar da deusa Diana. Assim, os falsos mestres podem ter tentado mercadejar o cristianismo. Talvez fossem palestrantes profissionais ou recebessem pagamentos por outros tipos de serviço. Naquela época, muitos mestres famosos cobravam uma pequena taxa dos seus discípulos. Com maior probabilidade, esses bufarinheiros estivessem ensinando uma antiga versão do evangelho da prosperidade. Não estavam interessados na religião em

si. Em vez disso, ensinavam que a moralidade era o caminho para a segurança financeira. Porém, de um modo ou de outro, eram culpados do pecado da cobiça, isto é, “extrema ganância por dinheiro ou lucro” (Oxford English dictionary).

A ganância sempre foi um perigo para a igreja. Isso foi verdadeiro durante a Idade Média, quando a venda de indulgências transformou a salvação em algo que apenas o dinheiro poderia comprar, mas isso é igualmente verdadeiro hoje. As livrarias e catálogos para pedidos estão cheios de propaganda religiosa. Os programas de televisão cristãos gastam um tempo enorme pedindo dinheiro ou ensinando como ganhar mais. “Determine a bênção!” exclamam. “Tudo o que você tem de fazer é pedir... e depois nos fazer uma pequena doação.”

Dificilmente poderíamos culpar o mundo se ele concluir que o cristianismo é principalmente sobre dinheiro. Os escândalos da igreja quase sempre envolvem o que é chamado “lucro sujo”. Considere um tesoureiro que se apropria de milhares de dólares da conta da denominação, ou um ministro que usou o dinheiro da igreja para comprar um apartamento para sua amante. Isso sempre tem algo a ver com dinheiro.

É por essa razão que Paulo era tão cuidadoso no seu uso do dinheiro. Ele se recusava a vender o evangelho, a mercadejar “a palavra de Deus”, como ele uma vez colocou isso (2Co 2.17). O apóstolo entendia que a obra do Espírito Santo não requer dinheiro. Dentre todos os recursos necessários para realizar sua obra, o dinheiro é de longe a coisa menos importante para a igreja. Tertuliano certa vez colocou isso deste modo: “Nada que pertence a Deus pode ser obtido com dinheiro”. A igreja (ou uma pessoa, quanto a isso) que torna-se preocupada com dinheiro está no caminho para o erro teológico.

Contentamento em Cristo

A piedade não é o meio para ganho financeiro; a piedade é o lucro. Aqui a Bíblia inverte a frase de um modo surpreendente: embora a piedade não seja um meio de ganho, “grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6.6). Por “piedade” entenda-se a compreensão de Cristo na mente e no coração, o que acontece ao longo da vida cristã (cf. 1Tm 3.16). Essa piedade não é um meio para algo mais valioso; ela é supremamente mais valiosa em si e por si.

A piedade não é meramente lucro, ela é grande lucro. Ela é, disse Calvino, “em si mesma lucro suficientemente grande para nós, porque por meio dela nós nos tornamos não apenas herdeiros do mundo, mas capacitados para desfrutar Cristo e todas as suas riquezas”.8 O grande lucro de conhecer Cristo se aplica não somente a esta vida, mas também para a vida por vir, como Paulo já explicou (1Tm 4.8; cf. 6.19). A fé em Jesus Cristo é o investimento perfeito, pois seu lucro é a vida eterna.

A piedade é grande fonte de lucro, desde que saibamos nos contentar com nossas circunstâncias atuais. A Revised English Version enfatiza a necessidade de contentamento: “[As pessoas] pensam que a religião deveria render dividendos; e evidentemente a religião rende altos dividendos, mas apenas àqueles que estão satisfeitos com o que têm”. A palavra “contentamento” (autarkeia) era com frequência usada na filosofia grega para descrever uma pessoa que possuía em si mesma tudo de que necessitava. Ela não dependia de ninguém nem de coisa alguma. Era totalmente autossuficiente. No entanto, quando Paulo fala sobre contentamento, ele quer dizer algo um tanto diferente. O puritano Jeremiah Burroughs descreveu contentamento como “a obra interior do Espírito”.9 Ele escreveu: “Encontro satisfação suficiente no meu próprio coração por meio da graça de Cristo que há em mim”.10 A pessoa que tem o que Burroughs chamou The rare jewel of Christian contentment [A rara joia do contentamento cristão] tem em Deus tudo de que necessita.

Um cristão não é autossuficiente, mas Cristossuficiente.11 Quem tem Cristo tem tudo de que precisa. O problema é que nem sempre nos sentimos contentes. Parte do nosso descontentamento advém de uma frustração natural de vivermos num mundo caído; estamos esperando por Jesus para que ele renove todas as coisas. Contudo, uma porção significativa do nosso descontentamento advém também de não estarmos satisfeitos com o próprio Jesus. Queremos alguma coisa mais, ou algo diferente.

Nosso descontentamento começa na infância, como indicado por essa “introdução à lei da propriedade da perspectiva da criança”:

Se gostei dele, é meu.

Se for capaz de tirar de você, é meu.

Se eu estava com ele antes, é meu.

Se digo que é meu, é meu.

Se parece que é meu, é meu.

Se digo que vi primeiro, é meu.

Se você estiver se divertindo com ele, é meu.

Se você largou seu brinquedo no chão, é meu.

Se ele estiver quebrado, é seu.12

Isso pode soar pueril, mas há pessoas que permanecem imaturas o restante da vida, sem nunca aprender o segredo do contentamento. Certa vez ouvi Charles Swindoll citar um poema que recebeu de um adolescente:

Era primavera, mas era o verão que eu queria,

Os dias quentes e as belas paisagens.

Era verão, mas era o outono que eu queria,

As folhas coloridas e vento fresco e seco.

Era inverno, mas era a primavera que eu queria,

A calidez e o despertar da natureza.

Eu era criança, mas queria ser adulto,

A liberdade e o respeito.

Cheguei aos 20 anos, mas era ter 30 que eu queria,

Ser maduro e sofisticado.

Cheguei à meia-idade, mas era ter 20 anos que eu queria:

A juventude e o espírito livre.

Cheguei à aposentadoria, mas era a meia-idade que eu queria:

A presença da mente sem limitações.

Minha vida chegou ao fim,

e eu nunca tive o que queria.

O descontentamento é o maior ladrão de vida que existe. Ele rouba todas as outras das alegrias dadas por Deus. Aquele que é descontente está sempre operando no prejuízo.

Não podemos levar isso conosco

O único modo de obter grande lucro é pela “piedade com o contentamento” (1Tm 6.6). Há três razões para isso, e a primeira é que “desta vida nada se leva”. Aqui está a versão do apóstolo Paulo desse famoso ditado: “Porque nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele” (1Tm 6.7).

Essas são duas verdades inegáveis e imutáveis a respeito das posses humanas: nada trazemos, nada levamos. Cada pessoa que já viveu, entrou e saiu do mundo da mesma maneira. Todos os pertences devem ser retidos ao lado da sepultura. Isso era verdadeiro para os nossos primeiros pais. Adão e Eva vieram para o mundo sem nada, e eles partiram do mundo sem nada. “Porque tu és pó”, disse Deus a Adão, “e ao pó tornarás” (Gn 3.19). Das cinzas às cinzas, do pó ao pó.

O mesmo era verdadeiro para Jó, o homem mais rico do mundo antigo. Jó tinha uma riqueza fabulosa, além de toda comparação, mas toda ela foi perdida. Em rápida sucessão o homem perdeu seus bois, suas jumentas, suas ovelhas, seus camelos, seus servos, seus filhos... tudo. Quando isso aconteceu, Jó “[...] lançou-se em terra e adorou; e disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei” (Jó 1.20-21). Quanto a isso, Jó não era diferente dos demais seres humanos. Cada ser humano morre sem um tostão. É como aquela velha história de um milionário. Quando ele morreu, todos queriam saber o que havia no seu testamento. Então, sussurraram aos ouvidos do ministro, “Quanto ele deixou?” O ministro disse: “Tudo. Ele teve de deixar tudo para trás”.

O filófoso mal-humorado que escreveu Eclesiastes observou esse mesmo fenômeno: “Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e do seu trabalho nada poderá levar consigo” (Ec 5.15). Todos os mortais retornarão ao pó. Até os grandes Faraós, que eram sepultados com toda a riqueza e tinham o corpo cuidadosamente embalsamado, não podiam levar nada com eles. O salmista disse isso deste modo: “Não temas, quando alguém se enriquecer, quando avultar a glória de sua casa; pois, em morrendo, nada levará consigo, a sua glória não o acompanhará” (Sl 49.16-17).

Basta!

A segunda razão para nos contentarmos com o que temos está no fato de que já temos o suficiente (e provavelmente muito mais). Se viemos para o mundo sem nada, e voltaremos sem nada, então do que precisamos nesse ínterim? Não muito: “Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes” (1Tm 6.8).

Pode ser até mesmo surpreendente que a Bíblia não mencione abrigo junto com alimento e roupas. No entanto, a palavra para “roupas” (skepasma) significa “cobertura”, e desse modo refere-se também ao abrigo. Jesus afirmou quase a

mesma coisa: “não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir” (Mt 6.25). A razão pela qual Jesus disse para não nos preocuparmos está no fato de que o mesmo Deus que alimenta as aves e veste os lírios provê alimento e abrigo para todos os seus filhos. Se isso parece por demais austero, pode ser porque vivemos numa sociedade tão afluente na qual “o que algumas pessoas tomam incorretamente como o custo de vida elevado é, de fato, o custo de uma vida elevada”.13

Todo cristão deve se contentar com as necessidades básicas da vida. O Breve catecismo de Westminster coloca isso muito bem quando fala de “uma porção suficiente das coisas boas desta vida”.14 Não precisamos de luxo, apenas do essencial. “Porque”, como aconselha John Stott, “os bens são apenas a nossa bagagem de viagem no tempo; eles não são as coisas da eternidade. Portanto, seria sensato viajar com o mínimo necessário”.15 Se Deus nos der mais do que necessitamos, não há nada de errado com isso. De fato, há instruções para o rico perto do final desse capítulo (ver 1Tm 6.17-19). No entanto, a Bíblia conclama o cristão a se contentar com um estilo de vida simples, até mesmo a mover-se para baixo. Clemente de Alexandria disse que “aqueles que são sérios a respeito da salvação devem, antes de tudo, ter em mente o seguinte: todos os nossos bens nos foram dados com vista à autossuficiência, e a pessoa pode obter isso com apenas algumas coisas. [...] Deus nos deu, sei bem disso, a liberdade de usar as coisas – mas apenas na medida do necessário; e ele determinou que o uso dessas coisas deve ser compartilhado”.16 Um bom conjunto de orientações para o compartilhamento vem de Evangelical commitment to simple lifestyle, produzido em 1980 pelo Comitê Lausanne para evangelização mundial:

Decidimos renunciar ao desperdício e rejeitar extravagâncias no que diz respeito a estilo de vida, roupas, moradia, viagens e edifícios de igreja. Também aceitamos a distinção entre necessidade e luxo, lazer criativo e símbolo de posição, modéstia e vaidade, comemorações ocasionais e rotina normal, serviço a Deus e escravidão à moda. O estabelecimento de limites exige cuidadosa reflexão e decisão pessoal juntamente com os membros da nossa família.

Contudo, o melhor doumento que já li sobre contentamento é ainda a afirmação

que minha sogra colocou na parede sobre a pia da cozinha: “Contentamento é saber que se eu não estiver satisfeito com o que tenho, nunca irei me satisfazer com o que quero”. Descontentes sempre querem algo mais. Eles sempre pensam no que está faltando. Mas mesmo quando obtêm o que pensam que querem – uma nova casa, um emprego melhor, roupas novas, mais brinquedos, o que quer que seja – logo descobrem que estão descontentes de novo. Isso é porque, como uma erva daninha nociva, o descontentamento está enraizado no coração. O descontentamento vem do que o homem é, não do que ele não tem.

Isso também explica por que o contentamento não tem absolutamente nada a ver com quanta riqueza a pessoa tem. De fato, com frequência quanto mais posses uma pessoa tem, mais vazia sua vida se torna. O filósofo alemão Arthur Schopenhauer observou que “Deus é como a água do mar – quanto mais se bebe dela, mais sede se tem”.17 Dessa vez Schopenhauer estava certo, e Herbert Schlossberg explica o motivo: “Toda necessidade verdadeira – como alimento, bebida e relacionamento – pode ser satisfeita. Desejos ilegítimos – orgulho, inveja, cobiça – são insaciáveis”.18 A Bíblia descreve o insaciável poder viciante do dinheiro da seguinte maneira: “Quem ama o dinheiro jamais dele se farta; e quem ama a abundância nunca se farta da renda; também isto é vaidade” (Ec 5.10).

O pregador londrino Dick Lucas contou a história de um homem que ele encontrou que havia ido a uma das igrejas mais prósperas da Inglaterra. Entre outras coisas, o ministro disse a ele que se confiasse em Jesus, Deus lhe daria um Jaguar. O problema era que o homem já tinha um Jaguar. Então, ele foi a outra igreja, foi até o pastor e disse: “Fui a tal igreja e me disseram que Deus queria me dar um Jaguar, mas já tenho um e minha vida continua vazia e sem sentido. O cristianismo não tem nada mais a oferecer que outro automóvel?”

O cristianismo tem mais para oferecer. O que ele oferece é Jesus Cristo, o verdadeiro tesouro da alma. A verdadeira necessidade do coração humano não é de ouro, mas de Deus. Todo aquele que vai a Deus por meio de Jesus Cristo encontra significado, alegria e até mesmo satisfação na vida. É como o maravilhoso verso de Charles Wesley no seu hino “Ó amante da minh’ alma”, que continua, “Tu és tudo para mim! Tudo quanto eu careço acho, Jesus, só em ti.”*

Um homem que descobriu que Jesus Cristo era tudo de que ele realmente precisava foi o apóstolo Paulo que estava mais do que disposto a dividir seu

segredo: “Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.12-13). O segredo do contentamento é estar satisfeito com Jesus Cristo.

Pense nisso deste modo: o contentamento é a melhor mobília da sua casa. Se acrescentar contentamento na sua sala, terá todos os móveis de que precisa. O contentamento é o melhor acessório da moda. Enrole contentamento ao redor do seu colar, e voilà, terá alcançado o ápice da verdadeira moda. Ou acrescente “contentamento” como um item no seu portfólio; então, você terá total segurança financeira. Quanto mais contente você estiver em Cristo, maior a percepção de que a piedade com o contentamento é grande fonte de lucro.

A raiz de todos os males

A última razão para nos contentarmos com o que Deus nos deu é que o descontentamento leva ao desastre. Aparentemente, pessoas que querem enriquecer nunca leram o final da carta de Paulo a Timóteo: “Ora, os que querem ficar ricos caem em tentação, e cilada, e em muitas concupiscências insensatas e perniciosas, as quais afogam os homens na ruína e perdição. Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores” (1Tm 6.9-10).

Uma coisa leva à outra. Primeiro há o desejo de tornar-se rico, que parece ser inofensivo. Então há alguma tentação de enriquecer por meios imorais. Porém, isso é na verdade uma cilada do diabo que leva a mais e mais desejos perversos. Finalmente, o homem ganancioso afoga-se na ruína e na destruição. E “afogam” é exatamente a palavra para isso. Ele está se afogando, submerso na mar da sua própria avareza. Logo ele certamente chega à “ruína”, que significa malogro na presente vida, e em “destruição”, que significa morte espiritual na vida por vir (cf. Mc 8.36).

Observe que não é o rico que cai nessa cilada, mas a pessoa que quer ser mais rica do que já é. O que a Bíblia condena é a pessoa que vive para o dinheiro, “que se fixou na riqueza material e fez disso o motivo dominante da sua vida”.19 Nem o dinheiro é a raiz de todo o mal. “O dinheiro é a raiz de todos os males”, as pessoas dizem, quando na verdade é o amor ao dinheiro que causa o

problema. O dinheiro em si é moralmente neutro. Ele pode ser usado para muitos bons e nobres propósitos. Portanto, a ganância não tem sua raiz no dinheiro, mas na natureza caída do coração humano. John Stott observa sabiamente que essa passagem não é “a favor da pobreza contra a riqueza, mas a favor do contentamento contra a cobiça”.20

Observe também que o dinheiro não é a raiz de todo mal, que é o modo como aparece na King James version: “O dinheiro é a raiz de todo mal” (1Tm 6.10). Literalmente, o versículo diz: “O dinheiro é a raiz de todos os males”. No entanto, essa é uma declaração proverbial, e assim não é intencionada a ser uma regra absoluta, universalmente aplicável a todas as situações. Estritamente falando, há muitos males no mundo que não vêm da ganância. Alguns vêm do desejo de poder, ou do desejo por sexo, ou do desejo por fama. Na verdade, o orgulho é a raiz de todo o mal – o desejo de ocupar o lugar de Deus. Entretanto, a ganância permanece sendo uma radical fonte de mal; é o tipo de pecado que leva a muitos outros pecados. A English standard version e a New international version capturam bem o sentido do versículo, embora a tradução que elas trazem seja um tanto interpretativa: “o amor ao dinheiro é uma raiz de todos os tipos de males”.** Clemente de Alexandria disse: “A riqueza, quando não corretamente administrada é uma fortaleza do mal”.21 “Assim, abandone o amor ao dinheiro”, disse Crisóstomo, “e colocarás um fim à guerra, à batalha, à inimizade, à discórdia e à contenda.”22

De maneira quase melancólica, Paulo lembra do que aconteceu com algumas pessoas que ele conhecia que amavam o dinheiro. Evidentemente, elas se desviaram da fé cristã. Desistiram da fé em Cristo como o “desejo e o amor central de suas vidas”.23 Essas pessoas foram forçadas a abandoná-lo porque o amor a Deus e o amor ao dinheiro são incompatíveis. “Ninguém pode servir a dois senhores”, disse Jesus. “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). Ou a pessoa ama a Deus e usa o dinheiro, ou ama o dinheiro e usa Deus para obtê-lo.

Com frequência Paulo testemunhou esse dilema na igreja primitiva, talvez até mesmo em Éfeso. Ele havia tomado conhecimento da história de Ananias e Safira, que mentiram a respeito do valor ofertado à igreja, o que resultou na morte de ambos às portas da igreja (At 5.1-10). Mais tarde, ele lamentaria a perda de Demas, que o abandonou por ter “amado o presente século” (2Tm 4.10) e advertiu que no final dos tempos muitas pessoas se tornariam “avarentas” (2Tm 3.2).

Também não é difícil encontrar exemplos no Antigo Testamento. Houve Acã, claro, que tomou para si uma belíssima capa porque ela havia sido confeccionada na Babilônia. Ele e sua família morreram apedrejados e foram sepultados sob uma pilha de pedras (Js 7.1-26). Houve Salomão, que embora inicialmente não desejasse dinheiro, no final sucumbiu ao amor à riqueza. Outro homem que era realmente cobiçoso foi o rei Acabe, que ficou amuado quando Nabote recusou-se a vender-lhe uma vinha (1Rs 21.1-22). Acabe tanto desejava a propriedade que perdeu o apetite. Por fim, ele matou Nabote para se apoderar da vinha, porém antes mesmo que pudesse provar uma única uva, Deus pronunciou desastre sobre sua casa. Ou considere Geazi (2Rs 5.20-27), que estava aborrecido pelo fato de Eliseu dar a graça de Deus gratuitamente. Então, Geazi mentiu com o objetivo de obter "alguma coisa" de Naamã, o sírio. Mas Deus testemunhou sua artimanha, e, em resultado disso, Geazi foi punido com lepra.

Os ferimentos causados pela ganância são autoinfligidos. No seu sermão baseado nessa passagem, Crisóstomo disse: "Desejos são como espinhos, e quando a pessoa toca espinhos, ela corta sua mão e formam-se feridas, de modo que aquele que cai nessas concupiscências será ferido por elas, e perfurará sua alma com tristezas".24 Haveria exemplo mais triste dessa verdade do que Judas Iscariotes? Ele tinha os dons de um apóstolo. No entanto, vendeu o Senhor da glória por trinta moedas de prata. Depois, afligido por amargo remorso, Judas tirou a própria vida (Mt 27.3-5). A Bíblia fala a verdade: o amor ao dinheiro leva a um sem fim de males, e, por fim, à morte eterna.

Sem dúvida, o que é mais assustador é que tantos de nós têm amor ao dinheiro no coração. Nossa ganância deve ser arrancada. Ela deve ser substituída pela piedade. A única maneira de fazer isso é nos arrepender de cada desejo ganancioso e pedir a Deus que nos encha com o amor de Cristo, exatamente como fez Vasili Andreevich enquanto lutava em vão para se manter aquecido na sua última noite de vida. Vasili, cuja experiência somente pode ser descrita como uma experiência de conversão. Ele ouviu o chamado de Deus, respondeu com fé e se arrependeu de sua ganância. Tolstói descreve os últimos momentos de Vasili assim:

E ele lembrou-se do seu dinheiro, da sua loja, da sua casa, das suas compras e vendas [...] e era difícil para ele entender por que aquele homem, aquele homem,

chamado Vasili [...] tanto se preocupava com todas aquelas coisas com as quais ele se preocupava.

“Bem, foi porque não sabia o que era verdadeiramente importante”, pensou a respeito daquele Vasili. [...] “Ele não sabia, mas eu agora sei e sei com certeza. Agora eu sei!” E outra vez ouviu a voz daquele que o havia chamado antes. “Estou indo, estou indo!”. respondeu com alegria, e todo seu ser se encheu de forte comoção. Ele sentia-se livre e que nada mais poderia detê-lo.

Depois disso, Vasili Andreevich nada mais viu, ouviu ou sentiu neste mundo.25

O que Vasili Andreevich ouviu era a voz de Deus, chamando-o para casa. Do que ele se arrependeu foi do seu coração ganancioso, afeiçoado ao dinheiro. O que ele descobriu na vida depois deste mundo é a verdade do que Paulo disse a Timóteo: “De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6.6).

Notas

* “Redentor Onipotente”, Harpa Cristã, hino 45. (N. do E.)

** Essa é também a tradução que aparece na NTLH, em português: “Pois o amor ao dinheiro é uma raiz de todos os tipos de males”. (N. do T.)

1 Leon Tolstói. “Master and man”, in Darryl Tippens, Stephen Weathers, Jack Welch (orgs.). Shadow and light: Literature and the life of faith (Abilene, TX: ACU Press, 1997), p. 132-73 (p. 158-59).

2 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 147.

3 George Knight. The Pastoral Epistles, New international Greek Testament commentary (Grand Rapids: Eerdmans, 1992), p. 248.

4 John A. Broadus. On the preparation and delivery of sermons, 4ª ed., org. Vernon L. Stanfield (São Francisco: Harper & Row, 1979), p. 165.

5 Martinho Lutero. In James Atkinson. Martin Luther: Prophet to the Church Catholic (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 184.

6 C. K. Barrett. The Pastoral Epistles (Oxford: Clarendon, 1963), p. 83.

7 Stott. Guard the truth, p. 147.

8 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin's commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 274.

9 Jeremiah Burroughs. The rare jewel of Christian contentment (Londres, 1648; reimpr. Edimburgo: Banner of Truth, 1964), p. 20.

10 Idem, p. 19.

11 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New International Biblical Commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 143.

12 Conforme RDP (Rede de distribuição de piadas).

13 Doug Larson. Leadership (Fall, 1997), p. 75.

14 Breve catecismo de Westminster (São Paulo: Cultura Cristã, 2001), pergunta 104, p. 83.

15 Stott. Guard the truth, p. 150.

16 Clement of Alexandria. “True Wealth”, resumido a partir de The tutor e reimpresso in Regeneration quarterly 4.4 (1998): p. 14.

17 Arthur Schopenhauer. Citado in Stott, Guard the truth, p. 152.

18 Herbert Schlossberg. Idols for destruction, citado por J. Robert Vannoy in “The seven deadly sins: Greed”, publicado num periódico do Biblical theological seminary (outono de 1997), p. 5.

19 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper’s New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 137.

20 Stott. Guard the truth, p. 154.

21 Clemente de Alexandria. “True wealth”, p. 14.

22 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:469.

23 Knight. Pastoral Epistles, p. 258.

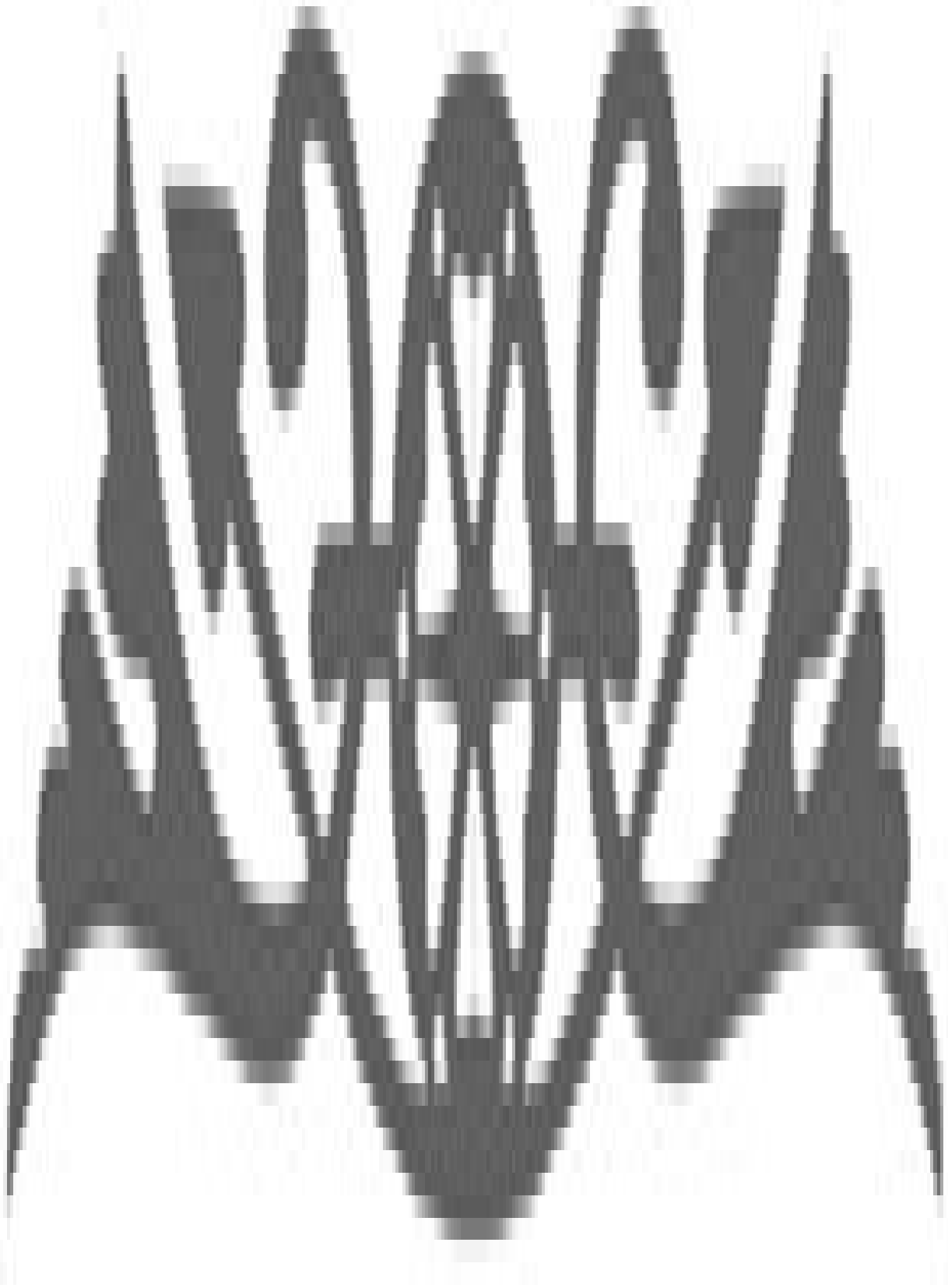
24 Crisóstomo. “Homilies”, p. 469.

25 Tolstói. “Master and man”, p. 171.

19

Regras de engajamento

1Timóteo 6.11-16



Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas; antes, segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão. Combate o bom combate da fé. Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado e de que fizeste a boa confissão perante muitas testemunhas. (1Tm 6.11-12)

A intervenção do exército norte-americano na Somália – comumente conhecida como Black Hawk Down – é um bem conhecido desastre.1 No conflito armado que se seguiu à derrubada de dois helicópteros Blackhawk americanos nas ruas de Mogadíscio, a cidade tornou-se uma cena de confusão inimaginável. Mulheres e crianças somalis foram abatidas por rifles automáticos. Soldados norte-americanos foram capturados e arrastados pelas ruas da cidade. Nem sempre era claro quem estava lutando com quem. Finalmente, a disciplina militar sucumbiu e foi instaurado um clima de cada um por si. Ao final do conflito, soldados do exército norte-americano perambulavam pelo estádio de futebol somali em estado de torpor, tentando entender o que havia acontecido.

Há muitas lições militares a serem aprendidas das lutas nas ruas de Mogadíscio. Uma das mais óbvias é que os soldados precisam saber as regras de engajamento – as diretrizes que dizem a eles o que podem e o que não podem fazer num conflito em particular. Quando a disciplina e a comunicação desapareceram na Somália, os soldados norte-americanos foram obrigados a criar suas próprias regras à medida que o conflito estava acontecendo.

Há momentos em que confusão semelhante reina na igreja. Os cristãos perdem a visão da razão pela qual e contra o que estão lutando. Muitas vezes atiram a esmo. O triste resultado é que muitos cristãos são feridos por “fogo amigo”. Felizmente, Deus forneceu à igreja regras de engajamento, algumas delas listadas no final da primeira carta de Paulo a Timóteo. Essas regras não se aplicavam apenas a Timóteo pessoalmente como ministro, mas elas também ajudam cada cristão a saber como combater “o bom combate da fé” (1Tm 6.12).

Saber quando bater em retirada

A primeira coisa que todo soldado precisa saber é quais perigos evitar. Bons soldados não entram no campo minado de maneira não intencional ou descuidada. Portanto, a primeira regra de engajamento para Timóteo é retirar-se taticamente: “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas” (1Tm 6.11). Cada palavra dessa frase é importante. Dick Lucas, ex-pregador da igreja Saint Helen, no distrito financeiro de Londres, gostava de ressaltar que a expressão “Tu, porém” é um refrão comum nas cartas pastorais. A cada vez que ele aparece, vem depois de uma descrição do tipo de pastorado que Paulo queria que Timóteo evitasse, e assim ele é usado para mostrar o contraste absoluto entre um ministério verdadeiro e um ministério falso do evangelho. Em 2Timóteo 3, por exemplo, Paulo adverte Timóteo de que “homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados. Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado” (2Tm 3.13-14; cf. o v. 5; 4.16). E ainda: “haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina. [...] Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faze o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério” (2Tm 4.3,5).

Há muitos falsos mestres no mundo. Sempre houve e sempre haverá. Porém, um ministro como Timóteo não deve ter nada a ver com eles. Quando outros são falsos, ele deve permanecer verdadeiro. Quando outros tomam o ministério como uma carreira profissional, ele deve recebê-lo como um chamado sagrado. Quando outros ensinam a sabedoria do mundo, ele deve ensinar a sabedoria de Deus revelada na Escritura Sagrada. Quando outros pregam a si mesmos, ele irá pregar Cristo crucificado e ressuscitado de entre os mortos.

O que torna Timóteo diferente é que ele é um “homem de Deus” (1Tm 6.11; cf. 2Tm 3.17). Esse pode ter sido o mais elevado elogio que Paulo tenha feito ao jovem Timóteo. O título “homem de Deus” é raramente usado no Antigo Testamento, em que é reservado quase que exclusivamente para os grandes heróis da fé – homens como Moisés (Dt 33.1), Samuel (1Sm 9.6), Davi (Ne 12.24), Elias (1Rs 17.18) e Eliseu (2Rs 4.7). Como esses grandes homens, Timóteo recebeu uma mensagem de Deus. Como eles, deve permanecer fiel ao Senhor em face do perigo. Se permanecer fiel no seu posto, ele, também, será chamado um “homem de Deus”.

O que o homem de Deus recebe a ordem de fazer é fugir “destas coisas”. Por “destas coisas”, Paulo claramente quer dizer as coisas contra as quais ele havia acabado de advertir nos versículos 3-10. Timóteo deve fugir do amor ao dinheiro e suas amargas consequências: o descontentamento, os desejos insensatos, a

dissensão e a falsa doutrina. Os ministros/pastores não devem ser cobiçosos (cf. 1Tm 3.3). Em se tratando de dinheiro, devem seguir o exemplo de Paulo, que sabia quando fugir. Evidentemente Paulo reconhecia que os ministros precisam do seu sustento diário. Ele até mesmo defendeu o direito de eles receberem um salário (1Tm 5.17-18). No entanto, ele mesmo não estava no ministério pelo dinheiro. Assim, quando se despediu dos presbíteros da igreja de Timóteo, conseguiu afirmar: “De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes” (At 20.33; cf. 1Ts 2.5).

A ordem para fugir “destas coisas” me faz lembrar de algo que aconteceu em Wheaton College na década de 1980. Um trote popular na época (e talvez assim permaneça até hoje) era usar tubos de látex cirúrgico para atirar balões de água nos calouros quando eles entravam ou saíam do dormitório. Certa noite, enquanto um calouro distraído estava sendo bombardeado a distância, dois carros apareceram repentinamente e os fanfarrões que atiravam balões de água no calouro foram cercados por agentes de segurança pública. Um dos oficiais, com um sorriso afetado diante do sucesso inesperado da operação deles, perguntou: “O que os garotos pensam que estão fazendo?”

“Fugindo!”, respondeu um deles, e antes que os guardas reagissem, saiu em disparada pelo meio dos arbustos e desapareceu. O que isso quer dizer é que você tem de fugir quando sabe que tem de fugir. Em se tratando de amor ao dinheiro e suas perigosas consequências, não basta afastar-se. A única coisa a fazer é correr por amor à vida. Para evitar os perigos da ganância, o homem de Deus deve estar em “constante ação evasiva”.2

O que buscar

Todavia, há mais a fazer para evitar o pecado do simplesmente fugir rapidamente. Se tudo o que fizermos é fugir de um pecado, iremos cair direto nos braços de outro. O coração humano é como um brinquedo popular num parque de diversões: os pecados estão alinhados na entrada, esperando uma oportunidade de entrar para se divertirem. Satanás não se importa que de vez em quando algum pecado seja posto para fora, desde que outro ocupe seu lugar. Assim um homem que finalmente conseguiu superar a tentação sexual, apenas para, em vez disso, tornar-se um glutão. Ou uma mulher que aprendeu a controlar a língua, mas ainda abriga pensamentos de orgulho e de inveja. O

verdadeiro crescimento em piedade é mais que trocar um pecado por outro. Significa substituir o “não faça isso” pelo “faça assim”. Significa livrar-se dos vícios e substituí-los por virtudes. E significa desenvolver todo o caráter que capacita o cristão a servir a Deus de uma maneira correta no mundo.

É por isso que Paulo diz a Timóteo para fazer mais do que fugir. Ele também dá a ele uma regra para seguir: “segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a constância, a mansidão” (1Tm 6.11). De modo semelhante, posteriormente Paulo diz a Timóteo para fugir “das paixões da mocidade” e seguir “a justiça, a fé, o amor e a paz” (2Tm 2.22). O cristão precisa saber o que buscar bem como quando fugir. Aqui a Bíblia dá ao homem de Deus seis coisas para buscar. Evidentemente, elas não são as únicas coisas a buscar, mas são todas características essenciais da vida cristã.

Justiça tem a ver com nossa conduta diante dos outros seres humanos. Significa agir honestamente, cumprir com nossas responsabilidades em casa, no trabalho, na igreja, enfim, em toda parte, e com total integridade. A piedade, que tem a ver com a lealdade a Deus, revelou-se como sendo a palavra (eusebeian) favorita de Paulo nessa carta. De uma forma ou de outra, ela aparece oito vezes, mais do que em outro livro da Bíblia. É em 1Timóteo que nos é dito para levarmos uma “vida tranquila e mansa, com toda piedade e respeito” (1Tm 2.2), que “grande é o mistério da piedade” (1Tm 3.16), que “a piedade para tudo é proveitosa” (1Tm 4.8) e que “grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento” (1Tm 6.6). Uma das principais mensagens de toda a carta é para nos exercitarmos “pessoalmente, na piedade” (1Tm 4.7).

Fé e amor são incluídos sempre que Paulo lista as virtudes cardeais da vida cristã. Constância é a capacidade de perseverar em momentos difíceis – de “continuar”, como foi dito a Timóteo no final do capítulo 4. Ela é o poder que sustenta e que é necessário para o tipo de campanha militar na qual Timóteo está envolvido. Ao mesmo tempo, o jovem ministro deve ser manso (ou, demonstrar mansidão). A mansidão geralmente não é considerada uma qualidade desejável num soldado. O cartaz que anuncia o recrutamento de soldados não diz: “Procuramos por homens mansos”. No entanto, a mansidão tem grande valor na igreja, especialmente para lidar com erros doutrinários. Na sua carta subsequente, Paulo aconselharia Timóteo a disciplinar seus oponentes “com mansidão” (2Tm 2.25). Ainda que devesse confrontar os falsos mestres, ele não deveria agir com aspereza. Como Jonathan Edwards certa vez escreveu:

É dever do povo de Deus permanecer firme e forte em sua oposição a todas as formas e planos que buscam subverter o reino de Cristo e os interesses da religião. [...] Portanto, quando vemos um seguidor de Cristo sofrendo oposição injusta, perversa e violenta por seus inimigos, e demonstrando, apesar de toda tentação, humildade, tranquilidade e mansidão, como um cordeiro, e inocência e amor, como uma pombinha mansa, estamos justificados em concluir que ali se encontra um verdadeiro soldado de Jesus Cristo.3

Quando se trata de mansidão, bem como de justiça, de piedade, de fé, de amor e de constância, o homem de Deus deve perseguir. Esses atributos são duplamente necessários para o ministro do evangelho. “Entrar para o ministério”, como lemos no diário de Kenneth MacRae, “significa mais que meramente pregar o evangelho; significa também a consagração de toda a vida a serviço de Deus; significa santidade no viver e no falar que excede em muito o que é esperado dos cristãos que vivem numa esfera de menor responsabilidade”.4

O bom combate da fé

Até esse ponto Paulo deu a Timóteo duas regras de engajamento: uma para fugir e outra para buscar. A seguir, ele dá a ele uma regra para o combate real: “Combate o bom combate da fé” (1Tm 6.12). Essa ordem tem a ver com doutrina. Os cristãos lutam pela “fé”, ou seja, o cristianismo ortodoxo, que Paulo descreveu anteriormente como “as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo” (1Tm 6.3). A fé é o corpo de doutrinas que trata da salvação em Cristo, que foi ensinada pelos apóstolos e registrada nas páginas do Novo Testamento.

Aqui a Bíblia une duas coisas que nunca podem ser separadas. O versículo 12 é sobre a doutrina cristã, enquanto o versículo anterior trata da vida cristã (cf. 1Tm 4.16: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina”). Vida e doutrina – elas são como pão com manteiga ou leite com café. Não se pode ter um sem o outro. Doutrina sem vida é ortodoxia morta; vida sem doutrina é fé irresponsável. Porém, juntando vida e doutrina – e acrescente a ética à teologia – você terá luz e o calor do cristianismo autêntico.

No entanto, a sã doutrina não se preserva por si mesma. Ela deve ser defendida. A palavra que Paulo usa para combate é a palavra grega para luta (agōnizō). Ela por vezes se refere a uma competição atlética, tal como uma luta de boxe ou uma luta livre.5 Aqui, ela também pode ser usada num sentido militar, especialmente uma vez que ecoa uma ordem semelhante do início da carta (1Tm 1.18; cf. 2Tm 4.7). O que essa regra significa, de um modo um tanto óbvio, é que há tempos quando os cristãos – especialmente os ministros cristãos – terão de lutar por ela. Não que eles serão agressivos, é claro. Paulo havia acabado de dizer a Timóteo para buscar a "mansidão" (1Tm 6.11). Mas há uma luta a ser lutada, e todo soldado fiel do exército de Cristo deve lutá-la. Como disse Calvino, "Cristo convoca todos os seus servos para a guerra".6

No seu romance Excalibur, Bernard Cornwell escreve que "o homem deve amar a paz, porém se não for capaz de lutar com todo o seu coração, então ele não terá paz".7 Um exército sem coragem de lutar deve se render ou será derrotado. Infelizmente, havia homens sem coragem de lutar pela verdade em Éfeso. Em vez de defender a fé, simplesmente afastaram-se dela (1Tm 6.10, 21).

Evidentemente, lutar nunca é prazeroso, mas há algumas coisas pelas quais vale a pena lutar. O valor do combate está numa boa causa, e o cristão tem a melhor de todas as causas: a honra e a glória de Deus reveladas na verdade de Jesus Cristo. "Escolha as suas batalhas", as pessoas com frequência dizem, e há ocasiões quando esse é um bom conselho. Contudo, esse não é o conselho que Paulo dá a Timóteo. Para o ministro do evangelho, as linhas já estavam traçadas. A batalha já estava em andamento.

O ministro do evangelho deve defender a fé. Ele deve lutar pela infalibilidade, pela inerrância e pela suficiência da Escritura Sagrada, mantendo que a Bíblia é a palavra escrita de Deus. Ele deve defender a divindade de Jesus Cristo, mantendo que Jesus é totalmente Deus e totalmente homem. Deve defender a doutrina da depravação humana, mantendo que todos os seres humanos nascem em pecado e miséria. Deve lutar pela santidade de Deus, mantendo que Deus julgará o mundo com justiça. Deve lutar pela eficácia da expiação substitutiva, mantendo que Cristo morreu na cruz em lugar dos pecadores. Deve lutar pela ressurreição física, mantendo que Jesus Cristo é o Senhor ressurreto. Do início ao fim, ele deve lutar pela graça soberana de Deus, mantendo que a salvação é escolha e dádiva de Deus, para o louvor da sua glória. Lutar por essas verdades é o bom combate da fé.

Buscando a vitória

Imediatamente após traçar a linha de batalha, Paulo passa a contemplar o final da guerra: “Toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado” (1Tm 6.12). Isso dá uma quarta regra de engajamento: busque a vitória, nesse caso descrita como a vida eterna.

Timóteo recebeu a vida eterna quando foi a Jesus Cristo em fé. Isso é o que acontece com todo cristão. A vida eterna é um dom gratuito de Deus a todos que vão a ele pela fé em Jesus Cristo e pedindo pelo perdão dos seus pecados. Como Paulo mencionou no início da carta, quem crê em Jesus Cristo tem “a vida eterna” (1Tm 1.16). Mas Timóteo ainda precisava tomar “posse da vida eterna” (1Tm 6.12). Ou seja, ele precisava se apropriar dela, depender dela para tudo o que ele considerasse valioso. O apóstolo Paulo tentava fazer a mesma coisa. “Não que eu o tenha já recebido”, escreveu aos filipenses, “ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus” (Fp 3.12). O que esses versículos ensinam é que a vida eterna é tanto para agora quanto para mais tarde. Os cristãos não a receberão apenas futuramente; podemos desfrutar parcialmente dela agora mesmo. A vida eterna é “tanto uma posse atual quanto uma esperança futura”.8

Timóteo tinha a esperança da vida eterna por ter sido chamado para recebê-la pelo próprio Espírito de Deus. Isso é conhecido como a doutrina do “chamado eficaz”, que simplesmente significa que o chamado de Deus é efetivo. O chamado de Deus é como um chamado militar: ele é uma influência irresistível e salvadora nas pessoas escolhidas por Deus. Os puritanos definiam o chamado eficaz como “a obra do Espírito de Deus, por meio da qual, convencendo-nos de nosso pecado e miséria, iluminando nossa mente para o conhecimento de Cristo e renovando nossa vontade, ele nos persuade e nos capacita a aceitar Jesus Cristo, oferecido gratuitamente a nós no evangelho”.9

Timóteo respondeu ao chamado de Deus quando fez sua “boa confissão perante muitas testemunhas” (1Tm 6.12). Há muito debate entre os estudiosos a respeito do momento exato no qual Timóteo teria feito essa confissão. Que episódio Paulo tinha em mente? Uma forte possibilidade é a ordenação de Timóteo, que é mencionada mais de uma vez nessas cartas (p. ex., 1Tm 4.14; 2Tm 1.6). Sem dúvida Timóteo confessou sua fé em Jesus Cristo na sua ordenação. Essa prática

continua até hoje. Em muitas igrejas afro-americanas, por exemplo, o ministro dá um testemunho público detalhado da sua fé salvífica em Cristo.

No entanto, o mais provável é que Timóteo tenha feito sua boa confissão no seu batismo. A ordenação é um chamado para o ministério do evangelho. Mas o que é mencionado aqui é chamado para a própria vida eterna, um chamado que vem com o batismo para remissão dos pecados. Como sua ordenação, o batismo de Timóteo deve ter ocorrido na presença de muitas testemunhas, porque o batismo cristão sempre foi parte do culto público da igreja (cf. Rm 10.9-10). Ao mencionar sua confissão dessa maneira, Paulo estava apelando ao senso de honra de Timóteo. Ele havia feito uma confissão pública da sua fé em Jesus Cristo e havia feito um juramento de segui-lo até à morte. Não apenas isso, ele havia feito esse juramento na presença da igreja. Quando Timóteo olhasse para trás, para aquela ocasião importante, e se lembrasse das faces dos amados amigos que haviam testemunhado seu batismo (ou ordenação), ele seria inspirado a obedecer até o final glorioso.

O juramento de Timóteo seria razão suficiente para mantê-lo na luta, mas Paulo dá a ele uma incumbência ainda mais solene: “Exorto-te, perante Deus, que preserva a vida de todas as coisas, e perante Cristo Jesus, que, diante de Pôncio Pilatos, fez a boa confissão, que guardes o mandato imaculado” (1Tm 6.13-14). Paulo talvez fosse o oficial superior de Timóteo, mas, em última análise, suas ordens vinham do Comandante Supremo, que é o criador e preservador de toda vida.

O que Paulo quis dizer por “mandato”? Ele poderia estar se referindo às regras de engajamento dadas nos versículos 11-12, ou aos juramentos que Timóteo fez no seu batismo (ou na sua ordenação). J. N. D. Kelly acredita que a linguagem de Paulo nesses versículos pode até mesmo ter vindo de uma antiga liturgia de batismo. Nesse caso, mandato se refere a “toda lei de Cristo, a regra de fé e vida prescrita no evangelho com a qual Timóteo se comprometeu em seu batismo”.10

Caso houvesse necessidade de incentivo adicional, Paulo lembra Timóteo que seu Comandante Supremo, Jesus Cristo, também fez a boa confissão. Jesus Cristo fez sua confissão perante Pôncio Pilatos, o governador romano da Judeia que ordenou sua execução. Como é dito no Credo apostólico: “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”. O próprio Pilatos não tem nenhuma importância teológica, mas ele tem importânia histórica. Ele é incluído no Credo apostólico para estabelecer a obra de Jesus Cristo num local e ocasião específicos da

história humana. Por muito tempo, os estudiosos bíblicos céticos negaram a existência de Pôncio Pilatos porque seu nome não era mencionado em nenhum documento extrabíblico. Porém, na década de 1960, arqueólogos fizeram uma descoberta que confirmou a narrativa bíblica. Nos degraus do teatro em Cesareia eles escontraram a seguinte inscrição: “Pôncio Pilatos, Prefeito da Judeia, dedicou ao povo de Cesareia um templo em honra a Tibério”.11

Esse é o mesmo Pôncio Pilatos diante de quem Jesus de Nazaré foi julgado e condenado. Jesus compareceu diante dele para testificar que ele era o Messias. Pilatos fez a ele uma simples pergunta: “És tu o rei dos judeus?” (Jo 18.33), e Jesus respondeu dizendo: “Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade” (Jo 18.37; cf. Mt 27.11; Lc 22.70). Essa foi a boa confissão de Jesus. Ele estava confessando a si mesmo como Senhor. Em todo batismo cristão a mesma confissão é feita: Jesus é Senhor.

As palavras “diante de Pôncio Pilatos” também podem ser interpretadas como “nos dias de Pôncio Pilatos”. Então, é possível que esse versículo se refira a algo mais do que Jesus no seu julgamento. Sua boa confissão foi feita tanto em ato quanto como em palavras. Ela incluía sua obra na cruz, o modo em que ele “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”. Assim, Calvino explica que “Cristo fez sua confissão diante de Pilatos não por meio de muitas palavras, mas em fato concreto, isto é, pela sua submissão voluntária à morte. [...] Isso porque ele confirmou [seu testemunho] com seu próprio sangue e com o sacrifício da sua morte, melhor que com palavras”. Se essa é a melhor interpretação de 1Timóteo 6.13 ou não, é certamente verdadeiro que até mesmo na cruz Jesus manteve corajosamente sua ousada confissão. E como Calvino prossegue para dizer, isso dá coragem a Timóteo e para todo soldado da cruz: “Portanto, sempre que nosso coração titubear, que lembremos imediatamente de buscar força na morte de Cristo. Seria muita covardia abandonar um líder que vai à nossa frente para nos mostrar o caminho”.12

A ajuda está a caminho

A quinta e última regra de engajamento abrange todas as demais: continuar lutando até o fim. Reforços estão chegando; a ajuda está a caminho. Portanto, embora Timóteo deva obedecer a essas regras de engajamento, não terá de fazer

isso para sempre. Essas regras permanecerão em vigor apenas “até à manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo; a qual, em suas épocas determinadas, há de ser revelada” (1Tm 6.14-15; cf. 2Tm 4.1,8).

Essa simples e breve frase resume praticamente tudo o que todos precisam saber a respeito da segunda vinda de Jesus Cristo. Primeiro, o retorno de Jesus Cristo é garantido: Deus revelará a “manifestação”, ou epifania (epiphaneia), de nosso Senhor Jesus Cristo. O retorno pessoal, visível e triunfante de Jesus Cristo tem sido uma certeza desde o dia em que ele deixou a terra e subiu para o seu Pai celestial. Depois da partida de Jesus, enquanto os apóstolos, confusos, fitavam o céu, anjos apareceram e proclamaram: “Varões galileus, por que estais olhando para as alturas? Esse Jesus que dentre vós foi assunto ao céu virá do modo como o vistes subir” (At 1.11). Deus assegurou que Jesus Cristo retornará.

Segundo, apenas Deus sabe quando Jesus voltará. Ele fará isso acontecer “em suas épocas determinadas” (1Tm 6.15). Paulo está tão incerto quanto ao tempo quanto ele está certo a respeito do evento em si. Somente Deus sabe quando Jesus retornará, e isso é algo que diz respeito apenas a ele. Repetidas vezes a Bíblia adverte os cristãos a não especularem a respeito da data do retorno de Jesus. Esse era o claro ensino do próprio Jesus; ele disse: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36). “Bem”, algumas pessoas disseram, “talvez não possamos saber o dia ou a hora, mas podemos saber o mês, ou o ano.” Tolice. Quando Jesus disse “dia” e “hora”, ele não estava falando literalmente, mas de modo figurado, e o que ele quis dizer era que de modo algum podemos saber o tempo do seu retorno. Como ele prossegue para dizer: “à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá” (Mt 24.44). Deus revelará a gloriosa manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo no seu próprio momento oportuno.

O tempo oportuno de Deus é sempre perfeito, e quando se trata do glorioso retorno de Jesus Cristo, ele segue rigorosamente seu próprio cronograma. O retorno de Jesus trará total triunfo para o povo de Deus. Não estamos numa missão suicida, condenados à destruição. Pelo contrário, nosso Rei prometeu voltar antes da batalha final, quando ele virá com reforços pesados para varrer os nossos inimigos do campo. Nesse ínterim, cada soldado do exército de Deus deve prosseguir lutando, imaculadamente, o bom combate da fé: “Pois se soldados terrenos não hesitam lutar diante de resultado incerto e risco de morte, quanto mais corajosamente devemos lutar sob a orientação e o estandarte de Cristo, em quem temos certeza antecipada da vitória, e, mais especialmente

tendo em vista o galardão que nos aguarda, muito maior será que a recompensa costumeira de um general a seus soldados: imortalidade gloriosa e bem-aventurança celestial".13

Um canto de vitória

Certo dessa vitória, Paulo encerra sua carta com um breve cântico de vitória: "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!" (1Tm 6.15-16). Essas palavras talvez tenham origem num antigo hino cristão batismal ou talvez num hino da sinagoga. Elas também ecoam a doxologia que Paulo entoou no primeiro capítulo: "Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!" (1Tm 1.17).

Independentemente da sua origem, a doxologia final de Paulo enfatiza a transcendência de Deus. Deus está muito acima e além de todos e de todas as coisas. Ele é invencível, o "bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores" (1Tm 6.15; cf. Dt 10.17; Ap 17.14). Deus é o poder absoluto sobre tudo o que existe, que existiu e que existirá. É o único ser soberano dentro ou fora de todo o universo. Todos os poderes e domínios estão sujeitos a ele. Ele é o Rei dos reis, que governa sobre todos os reis da terra, incluindo tanto os imperadores romanos quanto os poderosos governantes atuais. E ele é o Senhor dos senhores, que governa sobre todas as divindades das religiões do mundo, incluindo Diana dos efésios e quaisquer deuses desta era. Deus deve ser louvado pela invencibilidade do seu poder.

Deus também é imortal. Os imperadores romanos reivindicavam ser imortais, mas Deus é "o único que possui imortalidade" (1Tm 6.16). Certamente isso não significa que nada mais existirá para sempre. Os novos céus e a nova terra permanecerão para sempre. Assim também os abençoados anjos, bem como o corpo e a alma dos seres humanos, que estão destinados ao céu ou ao inferno por toda a eternidade. Porém, somente Deus possui "vida em si mesmo" (Jo 5.26). Somente ele é imortal pela sua própria natureza. Todas as demais criaturas dependem de Deus para sua existência. Mesmo aqueles que têm alma imortal estão vivendo um tempo emprestado, "pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). Portanto, Deus deve ser louvado pela imortalidade da sua

existência.

Por fim, Deus é invisível. Ele habita “em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver” (1Tm 6.16). Aqui a Bíblia fala de radiância ofuscante e luminescente que emana da glória de Deus. No entanto, o próprio Deus permanece invisível. Como ele disse a Moisés: “Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá” (Êx 33.20). Deus deve ser louvado pela invisibilidade da sua essência.

Invencível, imortal, invisível e totalmente inacessível – este é o grande Comandante a quem servimos. O que poderíamos fazer senão confiar nele, servi-lo e adorá-lo? Se a invencibilidade, a imortalidade e a invisibilidade pertencem a ele, então todo louvor e toda adoração também pertencem a ele: “A ele honra e poder eterno. Amém!” (1Tm 6.16).

Notas

1 Consulte o relato completo em Mark Bowden. Black hawk down: A story of modern war (Nova York: Atlantic Monthly Press, 1999). [Esse livro foi bem adaptado para o cinema por Ridley Scott, no longa metragem de mesmo nome, lançado em 2001. No Brasil o filme foi lançado com o título de Falcão negro em perigo. (N. do E.).]

2 Ronald A. Ward. Commentary on 1 and 2 Timothy and Titus (Waco, TX: Word, 1974), p. 103.

3 Jonathan Edwards. Citado in Banner of truth 416 (mai./1998): p. 27.

4 Kenneth MacRae. “Thoughts on preaching from ‘The diary of Kenneth MacRae’”, Banner of

truth 415 (abr./1998): p. 26-32 (p. 27).

5 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New international Biblical commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 149-50.

6 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 276.

7 Bernard Cornwell. Excalibur: A novel of Arthur (Nova York: St. Martin's, 1999), p. 192.

8 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 157.

9 The shorter catechism, in The Westminster Standards (Norcross, GA: Great Commission Publications, 1991), A.31.

10 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper's New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 144.

11 John McRay. Archaeology and the New Testament (Grand Rapids: Baker, 1991), p. 145.

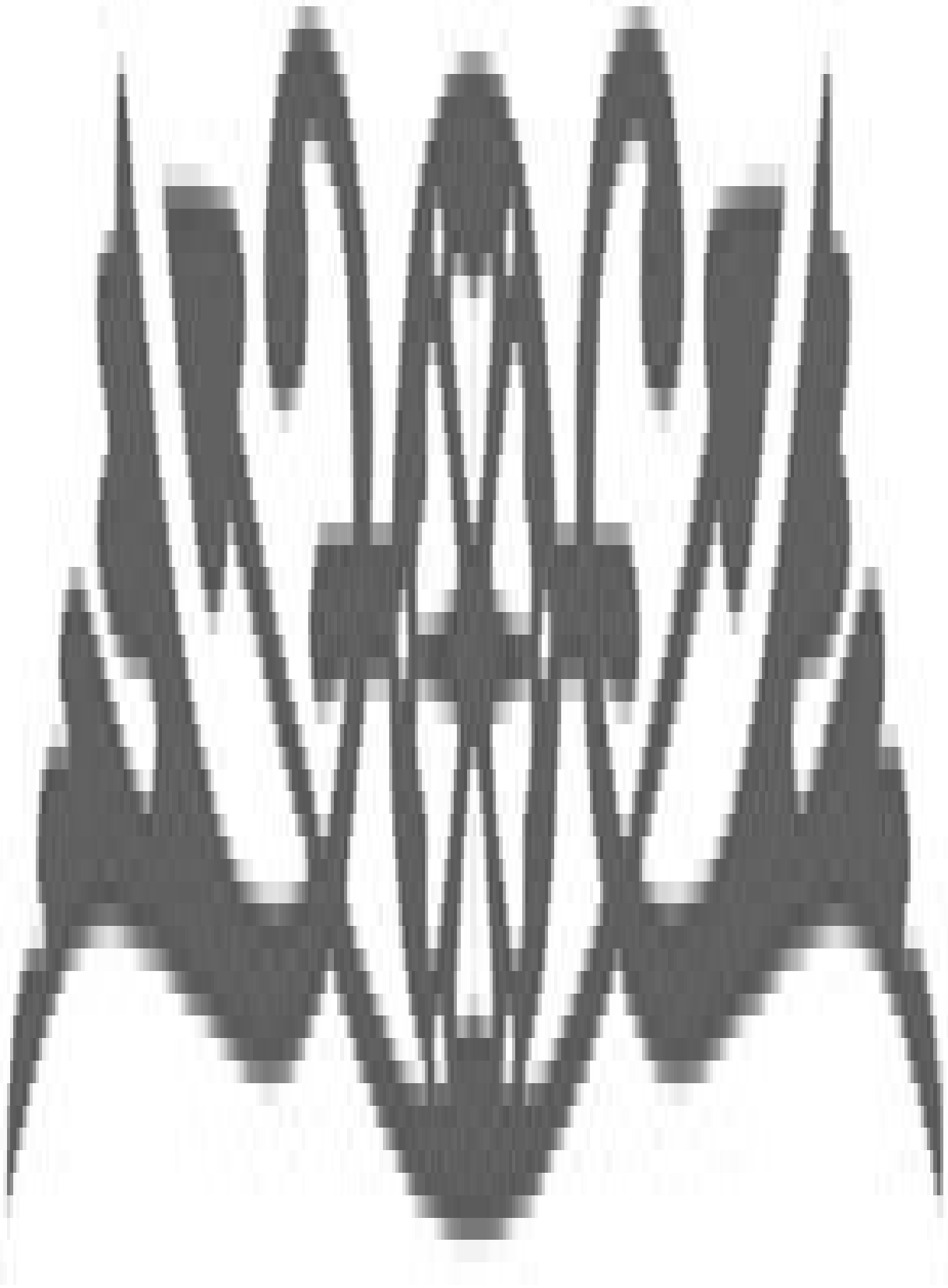
12 Calvino. Second Epistle of Paul, p. 278.

13 Idem, p. 276.

20

O melhor investimento

1Timóteo 6.17-21



Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento; que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida. (1Tm 6.17-19)

No ano de 1923, nove dos homens mais ricos do mundo se reuniram no hotel Edgewater Beach, em Chicago. Entre os presentes estavam os presidentes das maiores empresas de aço, gasolina e energia do mundo, o maior negociador de trigo do mundo, o presidente da Bolsa de Valores de Nova York, um membro do gabinete presidencial, um magnata de Wall Street, o presidente do maior monopólio do mundo e o presidente do Banco de Incorporações Internacionais.

Os homens que se reuniram no Edgewater naquele dia conheciam todos os segredos da manipulação e da geração de capital. Eles poderiam comprar qualquer coisa que o dinheiro pudesse comprar. Havia algo mais que eles tinham em comum; ao longo da década seguinte todos eles perderiam tudo o que tinham:

Charles Schwab, presidente da maior siderúrgica independente, viveu os últimos cinco anos de sua vida com dinheiro emprestado e morreu falido. Howard Hopson, presidente da maior empresa de gasolina, enlouqueceu. Samuel Insull, presidente da maior companhia de eletricidade, morreu no exterior, sem um tostão e como um foragido da justiça. Arthur Cotton, famoso negociador de trigo, também morreu no exterior e falido. Richard Whitney, presidente da Bolsa de Valores de Nova York, foi enviado à infame penitenciária de Sing Sing. Albert Fall, membro do gabinete presidencial, recebeu indulto penitenciário para morrer em casa. Jesse Livermore, magnata de Wall Street, cometeu suicídio. Ivar Kreuger, presidente do maior monopólio mundial, cometeu suicídio. Leon Fraser, presidente do Banco de Compensações Internacionais, cometeu suicídio.1

Embora seja triste e chocante, a história desses homens não deveria nos surpreender, porque a Bíblia adverte os ricos a não colocarem “sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus” (1Tm 6.17).

Um postscriptum para os ricos

Essa palavra para os ricos vem num postscriptum que Paulo acrescentou na sua primeira carta a Timóteo. O corpo principal da carta termina com a doxologia no versículo 16: “A ele honra e poder eterno. Amém!” (1Tm 6.16). Mas, então, ao que parece, o apóstolo releu a carta e, ao terminar a leitura, percebeu que faltava alguma coisa.

Perto do final da sua carta, o apóstolo havia advertido aos “que querem ficar ricos” que eles caminham para a perdição (1Tm 6.9). Essa advertência não era apenas para os pobres; era para todos os que queriam mais dinheiro. No entanto, assim como está pode dar a impressão de que é errado que o cristão seja rico. Essa seria uma impressão incorreta, uma vez que não há nada errado com o dinheiro em si e por si mesmo. O evangelho é tanto para os abastados quanto para os carentes. O reino do céu pertence a todos os pobres de espírito (Mt 5.3), sejam eles economicamente depauperados ou não.

Os efésios precisavam atentar para isso. Embora houvesse muitos cristãos pobres em Éfeso, incluindo escravos (cf. 1Tm 6.1-2), Paulo também conhecia cristãos comprometidos que eram ricos. É com estes em mente que ele disse a Timóteo, “aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1Tm 6.17). Essa palavra aos ricos obviamente assume que alguns cristãos serão já ricos nesta vida. E como se para enfatizar quanto eles são ricos, o vocabulário para rico (plousios) é usado em quatro diferentes modos nesse versículo – como um adjetivo, um substantivo, um advérbio e um verbo.

Pela providência de Deus, alguns cristãos vivem em circunstâncias confortáveis. Têm casa própria. Vestem-se bem. Têm mais do que o suficiente para comer. E os cristãos que são abençoados com tal prosperidade material não precisam sentir-se culpados por isso; nem precisam abdicar da sua riqueza. Eles estão até mesmo autorizados a desfrutar das suas posses. Isso porque tudo o que temos

vem do próprio Deus, “que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1Tm 6.17). Deus não é avarento. Ele provê para o rico e para o pobre, e tudo o que provê é para nosso deleite. Primeiro Paulo apresentou esse princípio no capítulo 4, quando criticou os falsos mestres pelo ascetismo deles. Ali ele disse que Deus criou o bom alimento e o sexo conjugal “para serem recebidos, com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável” (1Tm 4.3-4). A Bíblia celebra as coisas boas da vida.

Isso não significa que devemos viver para o luxo. Paulo já havia advertido contra esse tipo de atitude: a viúva “que se entrega aos prazeres, mesmo viva, está morta” (1Tm 5.6). Os prazeres terrenos não trazem alegria duradoura. A única alegria verdadeira e eterna é o próprio Deus, mas quem encontra alegria no Doador também desfruta das suas dádivas. “Desfrutar”, escreve Gordon Fee, “não significa uma maneira autoindulgente de viver. A razão pela qual é possível desfrutar algo está em reconhecer que tudo, incluindo a própria riqueza da pessoa, é um dom, a expressão da generosidade graciosa de Deus.”2

Esse postscriptum de Paulo a Timóteo vem como um grande alívio para os cristãos do Ocidente. Em comparação com o restante do mundo atual, para não mencionar os antigos efésios, somos muito ricos. Não precisamos nos sentir culpados por isso, mas sermos gratos pelo que Deus nos deu para desfrutar.

Nós confiamos em Deus

No entanto, a Bíblia tem mais a dizer sobre nossa prosperidade do que simplesmente que devemos desfrutá-la. Embora não haja nada errado com o dinheiro em si, a Escritura se apressa a dizer que não devemos confiar nele: “Exorta aos ricos do presente século que não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza” (1Tm 6.17). Esse versículo menciona duas atitudes pecaminosas que são comuns entre pessoas ricas – uma falsa percepção de importância pessoal e uma falsa percepção de segurança.

Primeiro, as pessoas ricas geralmente têm uma falsa percepção de importância pessoal. Alguns ricos sentem-se orgulhosos do que conseguiram acumular, e isso faz com que eles tornem-se um tanto arrogantes. Eles se vangloriam das suas últimas aquisições. Sentem-se tão importantes que esperam ser tratados com

certo grau de deferência. Na igreja, pensam ter direito a algum grau de influência simplesmente por serem ricos. Essas atitudes são muito comuns no mundo empresarial. Na minha própria cidade de adoção, Filadélfia, fica a sede da Wharton School of Business, um dos últimos baluartes do capitalismo. Os estudantes cristãos em Wharton têm muita dificuldade para aprender a viver para Cristo no meio empresarial americano. Um aluno contou-me o que um colega de classe havia dito quando eles começaram a conversar sobre ética nos negócios: "Bem, eu vou para Wall Street, e vivemos segundo um conjunto de padrões diferente". Uma vez que esse tipo de arrogância é um pecado comum entre abastados, Paulo encarregou o jovem pastor Timóteo de dizer às pessoas ricas da sua congregação que não se considerassem superiores aos demais. Ele deveria lembrar a elas de que a única razão pela qual eram prósperas é que Deus as havia feito prosperar.

Outra atitude comum entre os ricos é uma falsa percepção de segurança. Em vez de confiarem em Deus, eles dependem dos seus instintos financeiros e confiam nos seus próprios recursos. Essa é uma atitude comum entre os americanos, em razão dos Estados Unidos da América serem uma nação próspera. Se a economia anda bem, o humor do nosso país é bom, e os políticos permanecem nos seus cargos. Se a economia vai mal, o mau humor é geral no país, e os políticos devem deixar seus cargos. Esse é um sinal seguro de que nossa cultura baseia seu senso de segurança no dinheiro. Essa falsa sensação de segurança até mesmo impregna a igreja. Kenneth Kantzer, ex-editor da revista Christianity today, foi certa vez perguntado qual era, em sua opinião, o maior problema que a a igreja contemporânea enfrentava. "Não é o que você esperaria que eu dissesse", respondeu. "Não é o liberalismo nem a neo-ortodoxia nem visões incorretas da revelação ou da inspiração ou outros pontos de controvérsia na teologia. [...] O problema mais grave que a igreja atual enfrenta é o materialismo – o materialismo não como uma teoria filosófica, mas como estilo de vida."3 O "estilo de vida americana", como é geralmente chamado.

A realidade é que o dinheiro é uma base instável. Ele é muito incerto, como a Escritura diz. Considere os três homens de negócios japoneses, cada um deles à beira da falência, que se encontraram no hotel para uma última rodada de bebidas, e depois foram para seus respectivos quartos para se enforcarem. Eles haviam colocado a confiança nas coisas erradas; haviam edificado a vida sobre o fundamento arenoso das riquezas terrenas (ver Lc 6.48-49).

Ou considere a economia americana na virada do milênio. A década de 1990 foi

uma época de grande expansão econômica, o mais longo período de crescimento em tempos de paz da história ocidental. Investidores surfavam como nunca na onda otimista da Bolsa. Apesar disso, havia contínuos lembretes de instabilidade econômica: o déficit trilionário do orçamento federal; demissões em massa causadas por fusões corporativas; problemas nos mercados asiáticos; temores de uma falha mundial nos computadores; previsões de falta de fundos para o pagamento das aposentadorias. Atualmente, quase todos esses temores continuam à espreita, pois em se tratando de economia, não existem garantias. O escritor de Provérbios colocou isso muito bem: "[...] certamente, a riqueza fará para si asas, como a águia que voa pelos céus" (Pv 23.5). Hoje as riquezas estão aqui; amanhã já terão ido. Hoje rico, amanhã pobre. Não se pode confiar nelas.*

A única maneira de viver seguro é colocando a nossa confiança no próprio Deus. Toda prosperidade vem dele. O alimento de cada dia vem dele, não do nosso salário. O pagamento da faculdade vem dele, não da bolsa de estudos. A segurança para a velhice vem dele, não do plano de previdência privada. Assim, Deus é o único em quem podemos nos apoiar com total confiança, em quem temos tudo de que necessitamos. Aqueles que confiam nele podem dizer: "Senhor, tu tens me abençoado com muito mais do que mereço. Porém, mesmo que me tires tudo amanhã, ainda permanecerei cheio de alegria, pois tenho tudo de que preciso em Jesus Cristo".

Não se pode confiar ao mesmo tempo em Deus e no dinheiro (ver Mt 6.24) – tem de ser um ou outro. Então, qual será? A melhor resposta para essa pergunta pode ser lida nas moedas americanas que podem ser encontradas num bolso cheio de trocados. Todas elas têm gravadas as palavras "In God we trust" ["Nós confiamos em Deus"]. Esse lema é sã teologia, e não há lugar melhor para ela que na moeda americana. Nós confiamos em Deus, não no dinheiro.

Um estilo de vida generoso

Uma das melhores maneiras de aprender a como confiar em Deus em vez de no dinheiro é sermos generosos com ele, que é o que Paulo quer que Timóteo diga às pessoas abastadas da sua congregação para fazer: "que pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir" (1Tm 6.18). Em outras palavras, os cristãos ricos devem ser bons e generosos.

Há várias coisas inesperadas nesse versículo. Uma delas vem da maneira como Paulo brinca com as palavras. De fato, ele diz ao rico para ser rico... de boas obras. Essa frase esplêndida inverte totalmente os valores deste mundo. Todos querem ser ricos, mas quem é rico de boas obras? O problema é que quando se trata de boas obras, a maioria dos cristãos é composta de classe média baixa: nunca aprendemos que o modo de ser verdadeiramente rico é entregar nossa vida por Jesus Cristo. A verdade da riqueza "está em dar, não em ter".4

Outra coisa inesperada é que Deus não mendiga dinheiro. As duas primeiras atitudes que a Bíblia menciona não requerem dinheiro. Uma pessoa pode "fazer o bem" e "ser rico em boas obras" sem gastar nenhum centavo. A primeira coisa que Deus quer do rico não é o dinheiro dele. Acima de tudo, o que Deus valoriza é um coração de servo. Ele quer que o cristão seja "rico para com Deus", como Jesus colocou isso na sua explicação da parábola do rico insensato (Lc 12.21). Isso significa que não basta que o rico faça caridade com seu dinheiro, embora, sem dúvida, isso tenha o seu valor. O que Deus exige em primeiro lugar é serviço ativo. Uma coisa é pagar outros para alimentar famintos ou cuidar de enfermos; outra é você mesmo alimentar um faminto ou limpar a ferida de um doente. Os cristãos ricos são chamados a fazer ambas as coisas e não simplesmente tentar resolver tudo – incluindo a exigência de Deus da misericórdia – gastando mais dinheiro. Não existem ricos ociosos no reino de Deus. Todo cristão é chamado a um envolvimento ativo e pessoal com as obras de misericórdia.

Algumas obras de misericórdia também exigem dinheiro. Nesse caso, outra maneira de os cristãos abastados glorificarem a Deus é pelo uso prudente do dinheiro. Deus conclama todos os seus filhos a serem "generosos em dar e prontos a repartir" (1Tm 6.18), a adotarem um estilo de vida de doação. Em vez de usar a piedade como um meio de lucro (cf. 1Tm 6.5), ele quer que o cristão utilize seus recursos como um meio de piedade. Administrar bem a riqueza pessoal é um aspecto importante do chamado dos cristãos ricos.

Na época da igreja primitiva, era a generosidade, mais que qualquer outra coisa, que diferenciava o cristianismo do paganismo. Os pagãos não se importavam com os pobres porque estes últimos não tinham nada para oferecer em troca. O que tornava os cristãos diferentes é que eles cuidavam dos pobres. "Pois nenhum necessitado havia entre eles" (At 4.34). Além de cuidarem dos seus próprios pobres, eles também auxiliavam pagãos pobres. Os seguidores de Cristo eram aqueles que alimentavam os famintos, cuidavam de leprosos e resgatavam

crianças que haviam sido abandonadas para morrer. Por volta do século 2º, Tertuliano pôde alardear que os cristãos gastavam mais com os pobres nas ruas que os pagãos nos seus templos. O resultado foi a rápida expansão do evangelho pelo mundo.

Hoje, os cristãos generosos podem causar o mesmo impacto mundial. Mais capital está sendo gerado agora do que em qualquer outro período da História humana, mas a disparidade entre ricos e pobres nunca foi tão grande. Ao mesmo tempo, muitos ministérios cristãos importantes são prejudicados pela falta de recursos. O problema não é que não haja muitos cristãos, mas que a maioria dos cristãos não segue o exemplo de Cristo com relação ao dinheiro. Dificilmente percebemos o que a igreja seria capaz de realizar no mundo se entregássemos nosso dinheiro para Jesus com a mesma liberalidade com que Jesus entregou sua vida por nós.

Uma maneira de nos tornarmos mais parecidos com Jesus em nossas contribuições é treinarmos em ser generosos nos pequenos sacrifícios da vida diária. Pegue o menor pedaço de bolo. Deixe que outra pessoa fique com a vaga do estacionamento. Economize água ao tomar banho. Ajude outros em suas tarefas diárias. Empreste suas ferramentas ao vizinho. Passe a bola para outro chutar. Aumente um pouco sua oferta à igreja. Para o cristão, a generosidade deve ser um estilo de vida.

A razão pela qual conseguimos ser generosos é que servimos a um Deus generoso. Deus é mais rico que a pessoa mais rica que jamais viveu. Ele não apenas é dono do gado aos milhares sobre as montanhas (Sl 50.10), é dono também das próprias montanhas. No entanto, Deus não acumula suas riquezas. Como Paulo, de maneira brincalhona, colocou isso, Deus “tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento” (1Tm 6.17). É impossível pensar na generosidade de Deus sem pensar no seu dom mais generoso: “pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2Co 8.9).

Eis a lei fundamental da economia divina: o rico tornou-se pobre para que o pobre pudesse tornar-se rico. Aqueles que se tornaram ricos pela graça de Deus devem, portanto, estar dispostos a enriquecer outros. “No final das contas”, disse Clemente de Alexandria, “rico não é aquele que acumula, mas aquele que doa; e é a doação, não a acumulação, que torna o homem feliz.”5

Poupando para a eternidade

O mandamento para ser generoso e disposto a compartilhar é difícil para algumas pessoas ricas seguirem. Afinal de contas, se um homem rico se desfizer das suas riquezas, ele não mais será rico. Lembre-se de que foi por isso que o jovem rico recusou-se a seguir Jesus: “Se queres ser perfeito”, disse Jesus ao jovem, “vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Mt 19.21). Infelizmente, o jovem não estava preparado para ser tão generoso: “Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades” (Mt 19.22). Enquanto observava o jovem afastar-se lentamente, Jesus disse aos seus discípulos: “Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus” (Mt 19.23).

O apóstolo Paulo também entendia quanto é difícil para os ricos serem piedosos. Assim, para incentivá-los a serem generosos, ele apelou aos instintos comerciais deles. Os indivíduos que são generosos e dispostos a compartilhar são aqueles que estão acumulando “para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, a fim de se apoderarem da verdadeira vida” (1Tm 6.19). Esse versículo apresenta mais uma coisa inesperada da economia divina. Acumular tesouros terrenos na verdade acaba sendo um péssimo investimento. O objetivo de qualquer investidor é obter, em longo prazo, segurança financeira. Porém, ainda que passe a vida inteira tentando acumular uma fortuna, perderá tudo na hora da morte. Como o apóstolo já havia dito: “nada temos trazido para o mundo, nem coisa alguma podemos levar dele” (1Tm 6.7).

Um homem que descobriu isso para sua consternação foi Jay Gould, o gênio financeiro do século 19. O homem valia um milhão de dólares, mas morreu em profundo desespero. Suas últimas palavras foram: “Sou o espertalhão mais miserável do mundo”.6 Embora Gould tivesse feito vários investimentos de longo prazo, nenhum deles era longo o suficiente. E foi apenas quando estava no seu leito de morte que ele percebeu quanto havia sido tolo por ter deixado de investir em algum tipo de seguro eterno.

De acordo com a Bíblia, há realmente dois tipos de riqueza. Paulo aludiu a isso quando se referiu aos “ricos do presente século” (1Tm 6.17). Essa expressão sugere que há também um tempo futuro, e que ser rico lá será muito diferente de ser rico agora. No que diz respeito a riquezas terrenas, o antigo ditado é

verdadeiro: “desta vida nada se leva”. No entanto, quando se trata de riquezas espirituais, é possível levar tudo. Isso explica por que a Bíblia com frequência descreve as bênçãos do céu como tesouros. Esse foi o ensinamento de Jesus Cristo, que disse: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6.19-21; cf. Lc 12.33).

Quando Paulo fala sobre o tipo de tesouro que dará uma base sólida para a era por vir, o que ele tem em mente é o tesouro da vida eterna. Uma coisa que o dinheiro não pode comprar é a vida em si. As riquezas terrenas não têm o poder de vivificar. Mas aquele que entrega suas riquezas por amor a Jesus Cristo já começou a se apoderar “da verdadeira vida” (1Tm 6.19). Esse é o mesmo tipo de vida que foi mencionado anteriormente no versículo 12 – a vida eterna; vida que é de fato vida.

A Bíblia assim nos estimula a acumular uma fortuna celestial e, por meio dela, tomar posse da vida eterna. Isso não é salvação por obras. A passagem não ensina, como alguns pensaram, que a riqueza é “um meio de assegurar a salvação”.7 Não há como uma pessoa comprar uma entrada para o céu. Deus não pode ser subornado. A vida eterna é um dom gratuito. Contudo, toda pessoa que é piedosa e generosa por gratidão a Deus pela salvação em Jesus Cristo já começou a desfrutar da alegria da vida eterna.

Essa perspectiva deve ser um grande incentivo a todos que são dotados de senso comercial. Um investidor engenhoso não se importa de se desfazer de algum ativo, desde que possa obter um retorno melhor. A Bíblia promete que quando o tesouro terreno é entregue em nome de Jesus Cristo, isso equivale a uma troca pelo tesouro celestial. Uma “boa base para o futuro” é o melhor investimento. Diferente do tesouro terreno, o tesouro celestial não pode ser perdido. É um investimento lucrativo porque assegura as riquezas infinitas do céu. É um investimento em longo prazo porque durará por toda a eternidade. É um investimento estável porque é garantido pela plena fé e pelo crédito do Deus Todo-Poderoso. Como Crisóstomo disse sabiamente, no céu “nada é incerto, porque sua fundação, sendo firme, não causa instabilidade, tudo é sólido, estável, imóvel, constante e permanente”.8

Um postscriptum para Timóteo

Há algo mais. No final da sua epístola Paulo repete sua principal mensagem: “E tu, ó Timóteo, guarda o que te foi confiado” (1Tm 6.20). Esse postscriptum é intensamente pessoal. Embora Paulo algumas vezes ditasse suas cartas a um secretário (p. ex., 1Co 16.21), nesse caso ele escreveu de próprio punho. “E tu, ó Timóteo”, ele diz, fazendo um apelo pessoal e sincero, “guarda o que te foi confiado.”

Aqui o apóstolo está usando uma linguagem comercial. Não havia cofres de segurança bancários no mundo antigo. Quando alguém partia em uma viagem longa, entregava seus bens mais valiosos a uma pessoa na qual pudesse confiar. Uma vez que os bens valiosos eram depositados, cabia ao agente mantê-los seguros. Então, o que Paulo confiou a Timóteo? Ele pode estar se referindo à fé pessoal do jovem pastor, ou ao seu ministério na igreja. Mas Timóteo havia recebido algo ainda mais valioso: as doutrinas apostólicas da fé cristã. É provável que Paulo se refira a elas porque no início da carta ele mencionou que também havia sido “encarregado” do evangelho da glória (1Tm 1.11). A mesma ideia reaparece na segunda carta, na qual mais uma vez o apóstolo diz a Timóteo: “Guarda o bom depósito” (2Tm 1.14). Por sua vez, Timóteo deve confiar essas mesmas verdades salvíficas “a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros” (2Tm 2.2).

Em outras palavras, Timóteo era um depositário do evangelho. Como todo ministro do evangelho, ele havia recebido a mensagem da salvação em Jesus Cristo como uma responsabilidade sagrada. De acordo com o sistema legal antigo, um depositário era obrigado a proteger o depósito “incólume e inalterável”.9 Portanto, um ministro não tem liberdade para criar sua própria teologia. Pelo contrário, deve proclamar somente a mesma mensagem que ele mesmo recebeu. Sua tarefa não é inovar, mas preservar. O cristianismo ortodoxo não deve ser reinventado, revisto ou reinterpretado, mas apreciado, conservado e defendido. A sugestão aqui “é que a mensagem cristã não é algo que o ministro da igreja tem de descobrir por si mesmo ou tem autorização para acrescentar algo a ela; é uma revelação divina que lhe foi confiada e a qual é seu dever sagrado repassar intacta a outros”.10 O mundo procura novas ideias doutrinárias ou novas experiências espirituais, mas a igreja oferece o mesmo evangelho de sempre. No seu sermão com base nessa passagem, Leão I, o Grande, perguntou: “Que quer dizer ‘o que te foi confiado’?” Esta foi a resposta que Leão deu: “O que te foi entregue, não aquilo inventado por ti; o que recebestes, não aquilo

imaginado por ti; não de perspicácia, mas de aprendizado; não de suposição própria, mas de tradição pública; o que te foi trazido, não aquilo produzido por ti; do qual tu não deves ser autor, mas defensor; não dirigente, mas seguidor. Guarda o que te foi confiado".11

Parte dessa incumbência sagrada está nessa própria carta. Paulo lembrou Timóteo das verdades mais fundamentais do evangelho. Ele havia afirmado "que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores" (1Tm 1.15). Ele havia afirmado que "há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos" (1Tm 2.5-6). Ele havia revelado o grande mistério da piedade, que Deus "foi manifestado na carne, foi justificado em espírito, contemplado por anjos, pregado entre os gentios, crido no mundo, recebido na glória" (1Tm 3.16). Paulo estava confiando a Timóteo a guarda das preciosas doutrinas da encarnação, da expiação, da redenção, da ressurreição, da proclamação e da glorificação de Jesus Cristo.

O que tornava essa tarefa tão urgente era que havia tantos falsos mestres para oporem-se a Timóteo. Com frequência Paulo o lembrava do perigo da "loquacidade frívola" (1Tm 1.6) ou de "fábulas profanas" (1Tm 4.7). Agora o lembra, mais uma vez, que deve evitar "falatórios inúteis e profanos e as contradições do saber, como falsamente lhe chamam" (1Tm 6.20; cf. 2Tm 2.16). Calvino descreve esse tipo de discurso contra o qual Paulo está advertindo como "discurso pretensioso e verbosidade bombástica daqueles que, não contentes com a simplicidade do evangelho, transformam-no numa filosofia profana".12 O que isso quer dizer é que a igreja de Jesus não é o lugar para as tradições dos homens, do jargão da teologia acadêmica ou das especulações de líderes de seitas.

O resultado desse tipo de ensino só pode ser uma negação da fé cristã. Aparentemente, isso já havia começado a acontecer em Éfeso, uma vez que, por professarem esse assim chamado saber, alguns já haviam se desviado da fé (ver 1Tm 6.21; cf. 1.19b-20; 4.1; 5.15; 6.10). Esses homens deveriam ser evitados. No que parece ter sido uma forma primitiva de gnosticismo, eles afirmavam possuir conhecimentos especiais. Porém, as doutrinas que professavam – literalmente, suas contra-afirmações, eram contrárias ao evangelho. Evidentemente, esses homens não haviam decidido abandonar a fé. Poucas pessoas fazem isso. Eles simplesmente haviam se desviado.

Timóteo havia se comprometido a nunca abandonar a sã doutrina do cristianismo

ortodoxo. Ele guardaria o que o apóstolo lhe havia confiado. No entanto, para defender a fé, ele necessitava de graça de Deus, que é o que Deus havia prometido dar a ele. E, desse modo, a carta se encerra como iniciou. A primeira coisa que Paulo concedeu a Timóteo foi “graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor” (1Tm 1.2). De modo semelhante, sua bênção final é “A graça seja convosco” (1Tm 6.21).

Há algo familiar a respeito dessa bênção, mas há também algo estranho a respeito dela. A carta tinha sido endereçada a Timóteo. Entretanto, o pronome ao final da frase está no plural em vez de no singular. A tradução mais exata seria: “A graça seja com todos vocês”. Esse é um lembrete de que 1Timóteo não era uma simples carta particular endereçada a Timóteo, mas uma carta pública para toda a família cristã em Éfeso. É também para toda a igreja cristã em todas as épocas. Quando defendemos a fé no nosso tempo, o Deus de Paulo e de Timóteo nos dá a promessa da sua bênção: “A graça seja convosco”.

Notas

* Após essa década de acelerado crescimento econômico (1990), os Estados Unidos enfrentaram um período de grandes turbulências em sua economia. A década de 2000 se iniciou com o infame atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, que obviamente trouxe grande instabilidade para os mercados. Em 2008, a economia americana enfrentou uma das maiores crises financeiras da sua história, levando inúmeras pessoas à falência. Trata-se do episódio que ficou conhecido como a crise da "bolha imobiliária". Foi basicamente um colapso do mercado causado por excesso de especulação. Os efeitos dessa crise foram sentidos ao longo de toda a década seguinte. (N. do E.)

1 Patrick Morley. The seven seasons of a man's life (Grand Rapids: Zondervan, 1997), p. 84-85.

2 Gordon D. Fee. 1 and 2 Timothy, Titus, New international Biblical commentary (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), p. 157.

3 Kenneth Kantzer. Citado por J. Robert Vannoy num boletim publicado pelo Biblical theological seminary, Hatfield, PA.

4 Fee. 1 and 2 Timothy, p. 158.

5 Clemente de Alexandria. "True wealth", abreviado de The tutor e reimpresso em Regeneration quarterly 4.4 (1998): p. 14.

6 John Stott. Guard the truth: The message of 1 Timothy and Titus (Downers Grove, IL: InterVarsity, 1996), p. 153.

7 Jouette M. Bassler. 1 Timothy, 2 Timothy, Titus (Nashville: Abingdon, 1996), p. 120.

8 João Crisóstomo. “Homilies on the Epistles of St. Paul the Apostle to Timothy, Titus, and Philemon”, trad. e org. Philip Schaff. Nicene and Post-Nicene Fathers, First series, 14 vols. (Peabody, MA: Hendrickson, 1994), 13:472.

9 Bassler. 1 Timothy, p. 121.

10 J. N. D. Kelly. The Pastoral Epistles: Timothy I and II, Titus, Harper’s New Testament commentaries (São Francisco: Harper and Row, 1960), p. 150.

11 Leão I. Citado in Thomas C. Oden. First and Second Timothy and Titus, Interpretation (Louisville: John Knox, 1989), p. 127.

12 João Calvino. The Second Epistle of Paul the Apostle to the Corinthians and the Epistles to Timothy, Titus and Philemon, trad. T. A. Smail. Calvin’s commentaries (Edimburgo: Oliver & Boyd, 1964), p. 284.